

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
Departamento de Antropologia

A GENTE DO LONDRES

PRIMEIRO VOLUME

Dissertação de Mestrado  
CÉLIA LEITÃO RAMOS

CAMPINAS

1976

- I -

**UNICAMP**  
**BIBLIOTECA CENTRAL**

## AGRADECIMENTOS

Ao Peter, mestre, amigo e orientador. Pessoa generosa que dificilmente acreditaria no quanto lhe devo. Só espero ter tempo e jeito de dizer-lhe.

À Verena, mestre, amiga e quase-orientadora. Mulher notável, a quem mais que estimar, admiro e respeito.

À Anamaria, Metinho e Ecilda, que tiveram paciência, senso crítico e afeto.

Ao Alcides e Renê, pela colaboração.

Ao Chico, João, Maria Elide e Marília, pelo senso de humor.

À Maria e Ricardo, meus amigos.

Ao Sérgio, por razões sem conta.

Ao Fausto, por propiciar encontros.

Ao Everaldo, amigo nas horas difíceis.

Ao Zé Eduardo, com esperança.

À Isa e aos gráficos, pelas sobre-horas.

E a quem dedicaria este trabalho caso pudesse fazê-lo duas vezes: Aecácia, Custódio, Cláudia e Matthieu, a quem tanto quero.

Rio de Janeiro, junho de 1976

# Í N D I C E

	Pág.
Introdução .....	1
PARTE PRIMEIRA: A CIDADE E O BAIRRO .....	10
I. Localização do Bairro .....	11
II. A Zona 14 .....	13
III. O Bairro .....	16
AS CASAS .....	16
OS CAMINHOS E OS VAZIOS .....	23
AS COISAS "DO BAIRRO" .....	24
AS REDES DE ÁGUA, ESGOTO E LUZ .....	26
TRANSPORTE .....	30
O COMÉRCIO .....	32
OUTROS SERVIÇOS .....	38
PASSAR O TEMPO .....	39
IV. O Bairro e a Cidade .....	42
PARTE SEGUNDA: A GENTE DO LONDRES .....	45
I. A "Gente do Londres" .....	46
II. Procedência e Forma de Migração .....	48
III. Idade e Sexo - Momento da Chegada - Composição Residencial .....	55
IV. O Trabalho .....	80
O TRABALHO DOS HOMENS .....	82
O TRABALHO DAS MULHERES .....	96
V. O Nível de Renda e os Gastos.....	105
VI. "Um Cantinho que Seje Meu" .....	117
A PROPRIEDADE DO LOTE .....	123
A COMPRA DO LOTE .....	127
OS ALUGUEIS .....	134

MORADIAS CEDIDAS .....	135
VII. As Moradias .....	137
OS BARRAGOS .....	137
A CONSTRUÇÃO .....	140
AS CASAS DE ALVENARIA .....	143
A CONSTRUÇÃO .....	147
VIII. A Visão do Bairro .....	152
O "ANTES" E O "AGORA" .....	153
"NÓS" E "ELES" .....	154
O LONDRES E OS BAIRROS VIZINHOS .....	157
NO INTERIOR DO BAIRRO .....	157
OS MÉRITOS E A CULPA .....	166
NOTAS DO PRIMEIRO VOLUME .....	168
PARTE TERCEIRA: A CHEGADA	
I. A Chegada .....	189
A HISTÓRIA DE MARIA .....	191
A HISTÓRIA DE ANTONIA E JUAREZ .....	198
A HISTÓRIA DE HELENA E ZÉ .....	202
OS PRIMEIROS EMPREGOS .....	204
OS COMPANHOS DE JAMES .....	209
A HISTÓRIA DE HORÁCIO E LINDAURA .....	214
CHEGA O SOBRIHO DE JUAREZ .....	219
O GRUPO DE LINS: A CHEGADA DE NESTOR .....	220
NOQUINHA E GIÇO .....	224
DONA CÂNDIDA É TRAZIDA .....	232
RECÉM-CHEGADOS .....	233
E AINDA ESPERA MAIS GENTE .....	238

	Pag.
II. Discussão .....	242
"A ROÇA JÁ DAVA MAIS" .....	242
"ÁQUI É MELHOR, NÉ?" .....	246
CHEGAR, VIR E TRAZER, MANDAR BUSCAR, APARECER, ETC., A REDE EM AÇÃO .....	250
A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS MATRILATERAIS .....	267
PARENTES E NÃO PARENTES .....	272
 PARTE QUARTA - A CONSTRUÇÃO	
I. A Construção	
OS QUE ESTAVAM "ADIANTADOS", QUEM "JÁ ERA TEMPO" E "QUEM ES TAVA ATRAZADO" .....	289
"O QUE É MEU, É MEU, NÉ?" .....	299
"FAZER A CASA" .....	313
A REDE EM AÇÃO: A CASA DE MARIA E MARTINHO .....	314
A CASA DE FRANCISCO E ZEPHA; A CASA DE HILDE E ANA .....	317
A CASA DE PEDRO E JOÃO .....	321
A CASA DE ZÉ E HELENA .....	324
A CASA DE TICO E LU .....	328
A CASA DE ORESTES E ALZIRA .....	331
A CASA DE RESTOR E JOSEFA; A CASA DE MONTEIRA; A CASA DE MA RIA E GIÇO; A CASA DE DONA CÂNDIDA .....	334
CONCLUSÃO .....	337
NOTAS DO 2º VOLUME .....	339
BIBLIOGRAFIA .....	351
ANEXOS .....	359

## INTRODUÇÃO

### Natureza do Trabalho

A melhor maneira de introduzir este trabalho é dizer que se trata simplesmente de uma narrativa, a mais fiel possível, de certos aspectos de um bairro periférico da cidade de Campinas ocupado por uma população de baixas rendas: o Jardim Londres.

Quando iniciei o trabalho de campo, que durou de agosto de 1971 a setembro de 1973, estava interessada em investigar as noções de saúde e doença daquela população. À medida que realizava a parte inicial do trabalho, referente ao reconhecimento físico do local, e ia entrando em contato com as primeiras famílias ali residentes, comecei a sentir necessidade de precisar melhor o espaço onde estávamos, assim como verifiquei, quase simultaneamente, que eu mesma teria que efetuar esta tarefa, já que os dados de que dispunha, colhidos junto ao Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal, não davam conta de todos os elementos presentes — ou ausentes — do bairro.

Esta tarefa foi fundamental para as alterações que a partir daí o trabalho sofreu, pois foi uma atividade que me levou a conhecer cada moradia do bairro, a identificar os estágios de construção em que cada uma se encontrava e a ter um tipo de contato com o local que acabou por me convencer que na forma de "estar" das pessoas no Jardim Londres algo havia para ser verificado. Aqui faz-se necessário uma ressalva. Infelizmente não me encontrava, então, a par das preocupações que muitos estudiosos já vinham demonstrando pe

lo assunto "espaço" e, a rigor, muitos dados deixaram de ser aproveitados e outros tantos que poderiam haver sido coletados não o foram.

Durante o tempo que levei fazendo o reconhecimento do bairro e levantando o número de moradias existentes, um fato muito importante ocorreu: o bairro e algumas pessoas se tornaram (fisicamente) muito familiares para mim e vice-versa, pois eu simplesmente me deixava estar por ali, cumprimentava a todos, falava com as crianças, quando indagada explicava o que estava fazendo, atravessava quintais e frequentava algumas casas mais assiduamente que outras. Este frequente contato com o modo de vida das pessoas convenceu-me de que se se quizesse ser totalmente honesta, deveria alterar o rumo de minha pesquisa, ou seja, deixar o tema saúde e doença para mais tarde e ocupar-me, inicialmente, de fazer uma espécie de monografia do bairro, ressaltando alguns aspectos de organização local que, talvez, se bem observados e colhidos, poderiam se constituir numa pequena contribuição aos estudos da chamada população marginal urbana.

### Apresentação dos Dados

Para atingir a forma final do trabalho tentei arranjar os dados da maneira que me pareceu mais adequada para caracterizar o bairro e seus moradores e em que pese a valiosa e afetiva contribuição prestada pelo meu orientador, Professor Peter H. Fry, através de inúmeras sugestões e discussões, o resultado final, como não poderia deixar de ser, é de responsabilidade inteiramente minha.

O trabalho encontra-se dividido em três secções principais:

1ª) que trata exclusivamente do bairro em seus aspectos por as sim dizer espaciais. Constitui uma tentativa de focalizá-lo em sua configuração interna, apresentando o conjunto de elementos que o com põem, bem como tenta situá-lo, ainda sob a ótica espacial, em relação à cidade de Campinas como um todo, ao "centro da cidade" e aos demais bairros que o cercam;

2ª) aqui a discussão centra-se em dados referentes a 93 unidades domésticas e é uma tentativa de caracterizar o tipo de morador que reside no bairro, o que faz, de onde veio, como veio, como vive. Este número de unidades está longe de ser o universo total dos mora dores. Nem mesmo corresponde a uma amostragem feita com rigor. Na verdade cheguei a entrar em contato com 138 unidades domésticas no interior do bairro, mas não possuía o mesmo volume de dados sobre todas, já que algumas eu havia visitado apenas uma vez, outras eram de pessoas que haviam se mudado para fora do Jardim Londres logo nos primeiros três meses de minha estada, ou então para lá se trans ferido nos últimos três meses de minha permanência. E havia ainda aquelas que, embora eu pudesse haver visitado mais de uma vez, eram famílias a respeito das quais me faltavam dados a respeito de algum (ou alguns) membro(s). O número 93 corresponde, portanto, ao conjun to das unidades a respeito das quais eu mais satisfatoriamente domi nava os dados, com informações completas a respeito de seus membros, histórias de migração, situação de trabalho, bens existentes, etc.

Procurei também, nesta seleção de unidades, levar em con ta apenas aquelas que fizessem parte da camada que, no bairro, os próprios moradores consideravam como "remediadas" ou "mais ou menos", ou seja, o conjunto de pessoas que não estavam nem entre os comer ciantes ("melhores de vida", "prontos para roubarem" os demais), nem entre o conjunto dos "coitados", "sem sorte", e "mal de vida", in-

cluindo aqui a população do "terreno da Prefeitura", que era uma favela próxima, uma espécie de "protetorado" do Jardim Londres e que servia como ponto de referência para definir todo e qualquer indivíduo que fosse realmente destituído, "sem nem casa direito prá morar".

3ª) esta é a parte final do trabalho onde terto particularizar, a partir de um grupo de parentesco, duas situações em que a rede de relações sociais das pessoas é posta em ação: a "chegada", ou seja, a ida para a cidade, e a "construção", no caso a construção da casa de alvenaria. A escolha dessas duas situações não se deu por serem elas as únicas que indicavam coesão das pessoas entre si, mas sim por serem aquelas que, ao meu ver, dão relevo a um aspecto que me pareceu muito importante, isto é, ao fato de que os laços de solidariedade mais fortes e atuantes eram aqueles que se baseavam, primeiro, nos laços de parentesco, e segundo, vizinhança. Fui indagada, inúmeras vezes, a respeito de outras possíveis formas de associação dos moradores do Londres, formas essas que fossem mais formalizadas e institucionalizadas, tais como associações de bairro, sindicatos, ou órgãos religiosos, e por isso vale a pena ressaltar que se não as menciono com ênfase no desenrolar do trabalho é porque na verdade eram pouco significativas na vida daquelas pessoas, ou melhor dizendo, constituíam-se em atividades atomizadas, infrequentes, minimizadas pelos próprios indivíduos como formas de associação e cooperação. Quanto às relações existentes no local de trabalho (notadamente em relação aos homens, no setor de construção civil, uma vez que o número de mulheres que trabalhavam "fora" era pequeno), e refiro-me aqui àquelas relações igualmente não institucionalizada, já que as reivindicativas "de classe", vamos dizer, eram inexistentes, delas pouco posso falar, pois limitei a investigação aos limites do bairro. Baseada, porém, em conversas e informações prestadas pelos

homens creio haver aí um fértil campo de investigação. Isto é, se deixarmos um pouco de lado o formalismo acadêmico, sem que se perca o caráter analítico da investigação, inúmeras manifestações de oposição e confronto por parte da população poderão ser então postos à descobertos, manifestações estas que podem não se adequar a modelos teóricos pré-existentes, mas que a nível do real são a expressão mais concreta da forma pela qual as populações de baixas rendas vivem a sua história.

### A Abordagem

Exceto pelos dados colhidos junto ao Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campinas os demais foram, basicamente, obtidos a partir de um intenso trabalho de campo realizado no interior do próprio bairro. O contato com as pessoas, por sua vez, seguiu um padrão que me foi oferecido pela própria dinâmica das relações locais, com caráter acentuadamente pessoal, não sendo feito, portanto, através de uma escolha aleatória, porém sistemática e controlada de moradias ou indivíduos, ou seja, o uso de amostragem por exemplo. O que fiz foi tentar seguir, até onde foi possível, a abordagem a partir da rede de relações sociais das pessoas que conhecia e cujo elemento inicial de contato foi um único morador. Foi através dessa pessoa que penetrei no bairro.

O uso dessa abordagem foi decisivo para estabelecer minha identidade no local (como "conhecida" da família, ou do "pessoal", desse meu primeiro contato), e permitiu que uma familiaridade gradual e crescente fosse se estabelecendo em relação a mim. O que acabou ocorrendo é que sempre que chegava a penetrar numa moradia já pré-existia uma condição que nos tornava, seus ocupantes e eu, conhecidos uns dos outros, fosse de "ouvir falar", de haver se encon-

trado na casa de alguém, ou haver estado juntos em alguma outra circunstância (festa, comício, funeral, dia de ir ver o lote de alguém, etc.). Mais do que essas simples facilidades de contato, o uso da rede permitiu-me conhecer melhor os mecanismos de solidariedade e troca entre as pessoas, bem como verificar quais aspectos eram relevantes em relação a situações e tempos distintos.

Tal abordagem, é claro, também ofereceu certas desvantagens, entre as quais eu citaria as seguintes:

1ª) o ritmo de efetivação dos contatos não foi igual em todo o trabalho, sendo que nos primeiros meses fiquei restrita a poucas pessoas, após o que o leque se abriu de forma mais acelerada chegando a atingir, nos últimos meses, um ritmo de progressão geométrica. Tal circunstância fez com que certas famílias não fossem tão detidamente observadas quanto outras, e o contato muitas vezes se limitou a poucas visitas de cortesia, conversas de quintal, paradas na rua e presença apenas nos acontecimentos mais importantes para as famílias, principalmente enterros e casamentos, que constituíam as ocasiões mais solenes.

2ª) a abordagem através das redes limitou o contato, na maioria das vezes, ao círculo feminino da população, ou então aos homens muito mais velhos ou mais novos, dificultando um pouco a aproximação com aqueles entre 20 e 40 anos. Quero dizer que embora eu haja conseguido excelente "rapport" com homens nesta faixa etária, o relacionamento foi muito mais distante e formal do que nos demais casos citados. Não estou certa, porém, se isto se deveu propriamente a abordagem ou, antes, ao fato de eu ser mulher e, nesse caso, fosse qual fosse a abordagem, este tipo de impasse seria inevitável. Tal situação fazia com que certos assuntos — sexo, por exemplo —

fossem raramente abordados na presença de homens, exceto quando se tratava de alguma piada e assim mesmo nunca "forte" ou "picante". Da mesma forma, certos lugares — bares, principalmente após as 7 horas da noite ou então aos domingos — me eram totalmente vedados, pois eram horas e locais que não comportavam a presença de "mulheres direitas", "de família".

3ª) se por um lado a abordagem através das redes facilitou minha penetração no bairro, ela também apresentou um problema que resolvi da forma que me foi mais conveniente ou, melhor dizendo, possível, e não da forma que metodologicamente poderia ser considerada ideal. O que ocorreu foi que as redes frequentemente conduziram para pessoas residindo fora do bairro (em geral bairros imediatamente próximos), ou então para outras cidades onde viviam parentes e conhecidos, e embora situações assim não fossem tão numerosas a ponto de serem mais representativas do que aquelas que ocorriam envolvendo a vida no interior do bairro, elas, não obstante, aconteceram. Para efetuar um estudo rigoroso das redes eu teria, provavelmente, que ter evidenciado um maior respeito pelas características que viessem a apresentar, porém da forma como efetuei a abordagem apenas os fatos relacionados ao Jardim Londres é que foram focalizados, sendo que aqueles que excediam seus limites foram deixados de lado.

4ª) outra peculiaridade que pode ser encarada como um viés da abordagem é que ele propiciou o estabelecimento de uma identidade entre os moradores "remediados" do bairro e eu, bem como entre os "piores", "mal de vida", e eu, ficando difícil a transposição para cima ("melhor de vida"), que incluía os comerciantes que operavam no bairro. Assim sendo, minhas relações com as famílias destes nunca atingiram o grau ótimo que foi conseguido com os demais moradores.

Sempre que cheguei até eles foi mais por iniciativa própria, artificialmente, e nunca deixei de ser vista com reservas. É interessante notar que os problemas a respeito de minha identidade, que eram rapidamente esclarecidos junto aos "mais ou menos" e "piores", eram mais insistentemente mantidos na opinião dos comerciantes, que costumavam a acreditar que eu não tinha nada a ver com multas, caridade ou vendas, pois não era fiscal, assistente social ou vendedora. O relacionamento com essas pessoas foi sempre muito distante e elas viviam fazendo perguntas para me "pegar" e ver se não caía em contradições.

A rotina seguida para a coleta de dados era mais ou menos a seguinte: como o contato com as pessoas era feito através da rede de relações pessoais existentes, ainda quando centrava minha atenção nas primeiras cinco unidades domésticas, por exemplo, já ia organizando um fichário referente às demais unidades que eram mencionadas, anotando todos os dados que fosse ouvindo a respeito delas. Quando chegava a ir numa determinada casa, portanto, uma infinidade de fatos a seu respeito já eram conhecidos, e mesmo se se levar em conta que nem todos podiam ser exatos nem por isso deixavam de ser valiosos. Muitas informações eram puro "mexerico", outras eram simples referências a partir da opinião de uma vizinha, um parente, ou minha mesmo, tais como, "marido trabalha na BOSCH", "homem e mulher amigados", e assim por diante, mas eram elas que serviam de guia quando me aproximava das pessoas.

### A Reprodução das Entrevistas

Um último ponto que gostaria de tocar ainda na Introdução é aquele referente ao modo pelo qual as entrevistas foram reproduzidas. Na citação dos depoimentos prestados enfrentei certas dificul-

dades de transcrição que sei não haver resolvido satisfatoriamente. Acabei, entretanto, por encaminhar o problema através de uma solução intermediária, ou seja, não reproduzindo exatamente o modo pelo qual as pessoas falavam, mas tentando respeitar o uso de termos e a ordem em que eram empregados. (Agradeço, nesse sentido, às valiosas sugestões dos professores Peter H. Fry e Verena Martinez-Allier reservando-me, porém, a responsabilidade pelas eventuais falhas que a esse respeito sejam apontadas). É verdade que tive um contato bastante íntimo e prolongado com os moradores do bairro, dominando bem a maneira pela qual se expressavam, mas a não utilização do gravador (intencional) e meu total desconhecimento de Linguística constituem, indubitavelmente, fatores que distorcem bastante a transcrição baseada em notas de campo, por mais rigorosas que estas possam ter sido. Nas raras ocasiões em que fiz uso do gravador a situação formalizou-se em demasia, acentuando as posições de "cientista"/"objeto de pesquisa", que acabei por optar pelo bom relacionamento, sacrificando certas sutilezas técnicas. Assim sendo, embora não me sintasse satisfeita pelo modo como realizei a tarefa, estou segura de haver trabalhado sem perder o que durante todo o transcorrer do trabalho foi o aspecto que mais me tocou: a amizade, a confiança e o afeto de pessoas tão formidáveis e dignas quanto aquelas que constituem a "gente do Londres".

PARTE PRIMEIRA  
A CIDADE E O BAIRRO

## I - Localização do Bairro

O Jardim Londres, bairro onde foi realizado o presente estudo, está localizado no perímetro urbano do Município de Campinas, Estado de São Paulo. De acordo com os dados censitários de 1970 a população total do município era de cerca de 358.000 pessoas, sendo que 328.000 habitavam a área urbana <sup>(1)</sup>. A configuração urbana de Campinas caracteriza-se pela presença de um polo centralizado onde se encontram as principais agências administrativas, comerciais e financeiras do município, e os núcleos residenciais (bairros) tenderam, ao longo do tempo, a se distribuírem em torno desse centro.

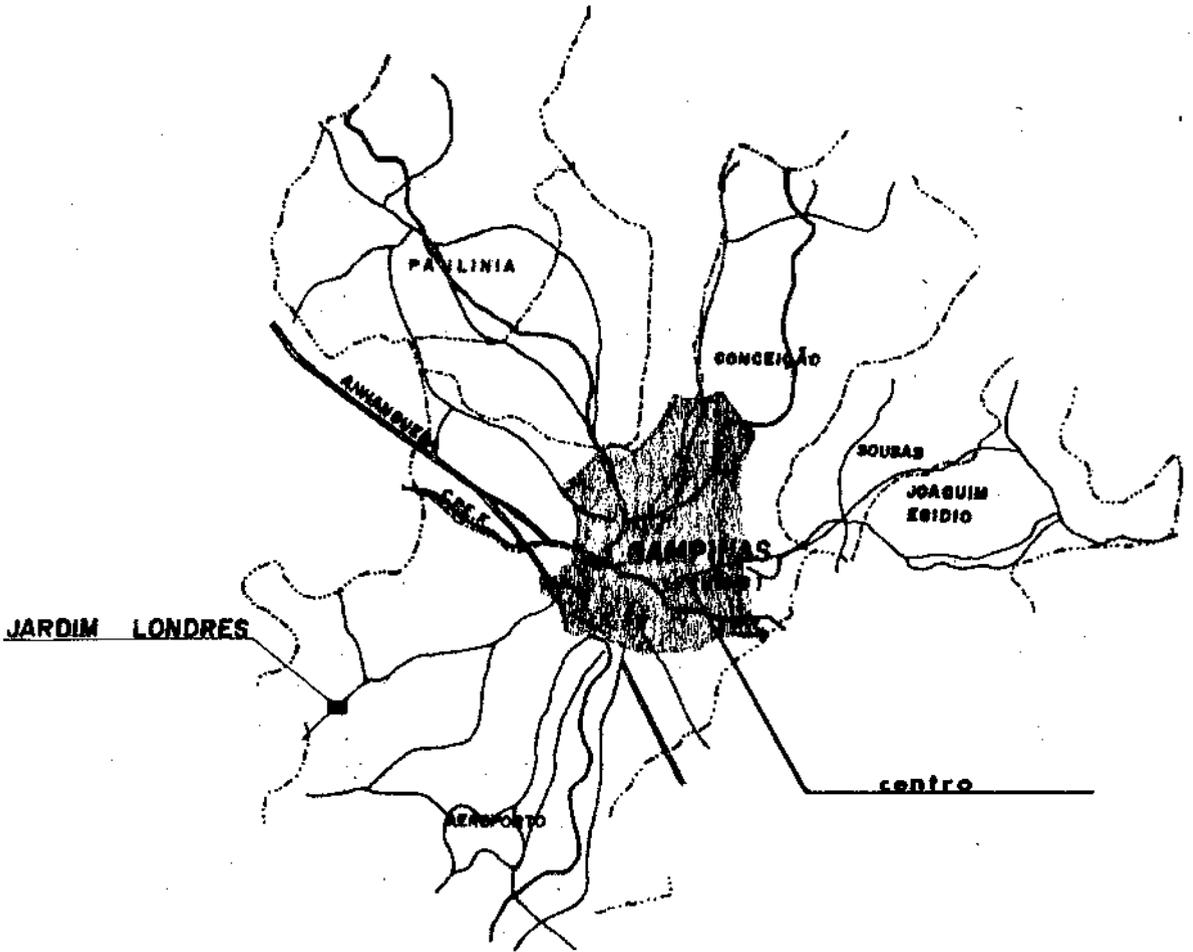
Partindo do centro da cidade, em direção nordeste, existe um eixo onde se localizaram os bairros "melhores" ou "chiques" da cidade (Figura 1), enquanto que a parte sul caracterizou-se como sendo tradicionalmente ocupada por bairros que abrigavam as camadas mais populares. O trecho da Rodovia Anhanguera (\*) que atravessa a região localiza-se no setor sudoeste, bem como é aí que se encontram as unidades fabris que compõem o complexo industrial do município, cuja instalação data do fim da década de 50 em diante.

Conforme se vê na Figura 1, o bairro Jardim Londres situa-se bem a sudoeste na planta da cidade, constituindo um dos limites extremos entre a área urbana e rural do município <sup>(2)</sup>.

---

(\*) A Rodovia Anhanguera é uma das principais estradas de rodagem do País, uma vez que liga a cidade de São Paulo com Brasília, DF.

Figura 1 - Mapa Esquemático da Cidade de Campinas com a Localização do Jardim Londres.



## II - A Zona 14

A Zona 14, onde está situado o Jardim Londres, era, toda ela, reservada para o cultivo agrícola até mais ou menos 30 anos atrás. Com a expansão do perímetro urbano da cidade ela foi incorporada à área urbana através do loteamento e venda dos terrenos, operações que ficaram a cargo de companhias imobiliárias, algumas vezes em comum acordo com companhias construtoras.

Os migrantes, verdadeiros pioneiros urbanos, foram os principais ocupantes desta zona e de outras similares a ela na cidade a partir, principalmente, da década de '50, quando começaram chegar maciçamente à cidade. Foram eles que, com suas próprias mãos, na impossibilidade de contratar serviços de construtoras ou empreiteiros, construíram as primeiras moradias de madeira ou tijolo. Uma vez assegurada a ocupação do solo em pontos mais extremos (ou periféricos) da cidade por parte desta população foi que faixas de terra entre eles e o centro passaram a ser mais intensamente comercializadas. Igualmente recente foi a intervenção do Banco Nacional da Habitação (BNH) que construiu 2 conjuntos residenciais na área.

Embora não se tenha feito um estudo completo sobre a Zona 14, é possível afirmar que existem, pelo menos, 3 tipos diferentes de bairros em sua composição, os quais, grosso modo, correspondem a 3 modos de fixação ou ocupação por parte da população:

- 1 - Bairros que foram loteados a partir de 1950 e cuja ocupação ocorreu de forma gradual, ou seja, as primeiras áreas a serem loteadas e vendidas foram as mais extremas, e em seguida as intermediárias, levando-se em conta a proximidade com o "centro" da cidade. Tanto em relação aos bairros quanto aos mais próximos do "centro" parece haver ocorrido

um fenômeno semelhante: as primeiras iniciativas de construção de moradias — ainda que barracos — ficaram a cargo dos próprios moradores, que adquiriram o lote e nele se fixaram. Esta fixação, via de regra, precedeu a toda e qualquer instalação de serviços básicos por parte da municipalidade. Com o prolongamento da primeira linha de transporte até estes bairros, bem como extensão dos primeiros fios elétricos, e serviço de água, foi que a ação de especuladores imobiliários começou a ser mais notada, principalmente através da comercialização de lotes cuja venda estava imobilizada, bem como a construção de casas para vender ou alugar. O Jardim Londres é um bairro desse tipo. Seus lotes foram postos à venda a partir de 1954, e sua ocupação deu-se de forma lenta até mais ou menos 1968. A partir dessa data sua ocupação acelerou-se e, segundo os próprios moradores, ele "melhorou". Esta melhora, entretanto, não foi fruto de reivindicações locais ou de obras municipais diretamente voltadas para o bairro. Pelo contrário, o que ocorreu foi que ele aproveitou-se, por assim dizer, das franjas de benefícios (luz, água, transporte) que se dirigiam, principalmente, para o Jardim Campos Elíseos (bairro melhor equipado da Zona 14) e para as vilas habitacionais financiadas pelo BNE (Castelo Branco e Jardim Garcia). Isto concorreu para que os lotes alcançassem preços cada vez mais altos no mercado imobiliário a ponto de, de 1974 em diante, ser praticamente impossível que o mesmo tipo de população que caracteristicamente vinha sendo responsável pela ocupação do bairro continuasse adquirindo lotes aí situados;

- 2 - Bairros constituídos por vilas habitacionais construídas pelo sistema do Banco Nacional de Habitação (BNH). Ao passo que os bairros do tipo mencionados no item anterior foram gradualmente sendo ocupados, aqui ocorreu justamente o contrário, ou seja, as moradias foram entregues, todas ao mesmo tempo, aos respectivos moradores. Na Zona 14 existem dois: a Vila Castelo Branco que foi ocupada em 1968, e o Jardim Garcia, em 1972;
  
- 3 - Áreas constituídas por concentrações de moradias em terrenos de propriedade da Prefeitura Municipal, ou de particulares (mais raramente), que constituem as chamadas "favelas". Uma área com estas características existe enrustada no Jardim Londres, denominada "terreno da Prefeitura", embora na Zona 14 existam inúmeras outras. A ocupação dessas áreas tem, em princípio, caráter provisório e é feita por parte de indivíduos que não têm condições de comprar um lote ou pagar aluguel. Conforme me disse um dos moradores do "terreno": "as pessoas vão chegando ... ergue o barraco, vão ficando, ficando ...". Em geral, as permissões para essas fixações são obtidas através da intervenção de vereadores, assistentes sociais, ou outras "pessoas de influência". "Maloqueiros", "malandros", "maconheiros", "bandidos" ou "gente escolada", segundo informações locais, dispensam tais permissões e simplesmente se instalam, sejam em barracos desocupados, seja em barracos construídos da noite para o dia, sem os mesmos cuidados observados na construção dos barracos existentes em bairros como o Jardim Londres.

### III - O Bairro

A primeira visão que tive do Jardim Londres foi desoladora. Poucas casas de tijolos, muitos barracos de tábuas, e terra por todo lado. As moradias, qualquer que fosse o tipo, não davam mostras de nenhuma elaboração arquitetônica seja quanto à forma, o tamanho ou a cor. Os espaços vazios predominavam na paisagem sem a mínima evidência de cuidados urbanísticos. Esta sensação de abandono e isolamento permaneceu intata durante todo o tempo em que lá permaneci, mesmo depois que vim a conhecer várias pessoas e era saudada, a todo instante, por amigos e conhecidos.

#### AS CASAS

Estes eram os elementos dominantes no bairro, havendo total ausência de edifícios (Tabelas 1, 1.1, 1.2). As moradias, fossem elas de alvenaria ou madeira, eram coloquialmente chamadas pelas pessoas de "casas" ("minha casa", "vou prá casa"). A distinção entre as categorias "casas" (de tijolo) e "barraco" (de tábuas) aparecia quando havia necessidade de algum tipo de especificação na conversa, ou em tom de ironia e brincadeira conforme se perceberá pelos depoimentos contidos no trabalho. A ocupação do bairro ocorreu de oeste para leste (ver Figura 2), sendo que os moradores mais antigos do bairro residiam próximo aos limites da Fazenda Roseira, e foi lá que se localizaram as primeiras moradias. Entretanto, as casas presentemente consideradas como sendo as "melhores" do bairro (de tijolo, mais bem acabadas exteriormente, e mais amplas) estavam situadas próximas aos limites como o Jardim Paulicéia e Vila Castelo Branco, ocupadas pelos comerciantes ou moradores mais recentes.

Havia um total de 398 moradias no bairro (Tabela 1.3) ao término do trabalho de campo, e embora fossem feitas de madeira

# JARDIM LONDRES

PROPRIEDADE DA CONSTRUTORA E MOBILIARIA JESUITA LTD  
CAMPINAS.

ARREDORES DE COZINHA E PENTECAS

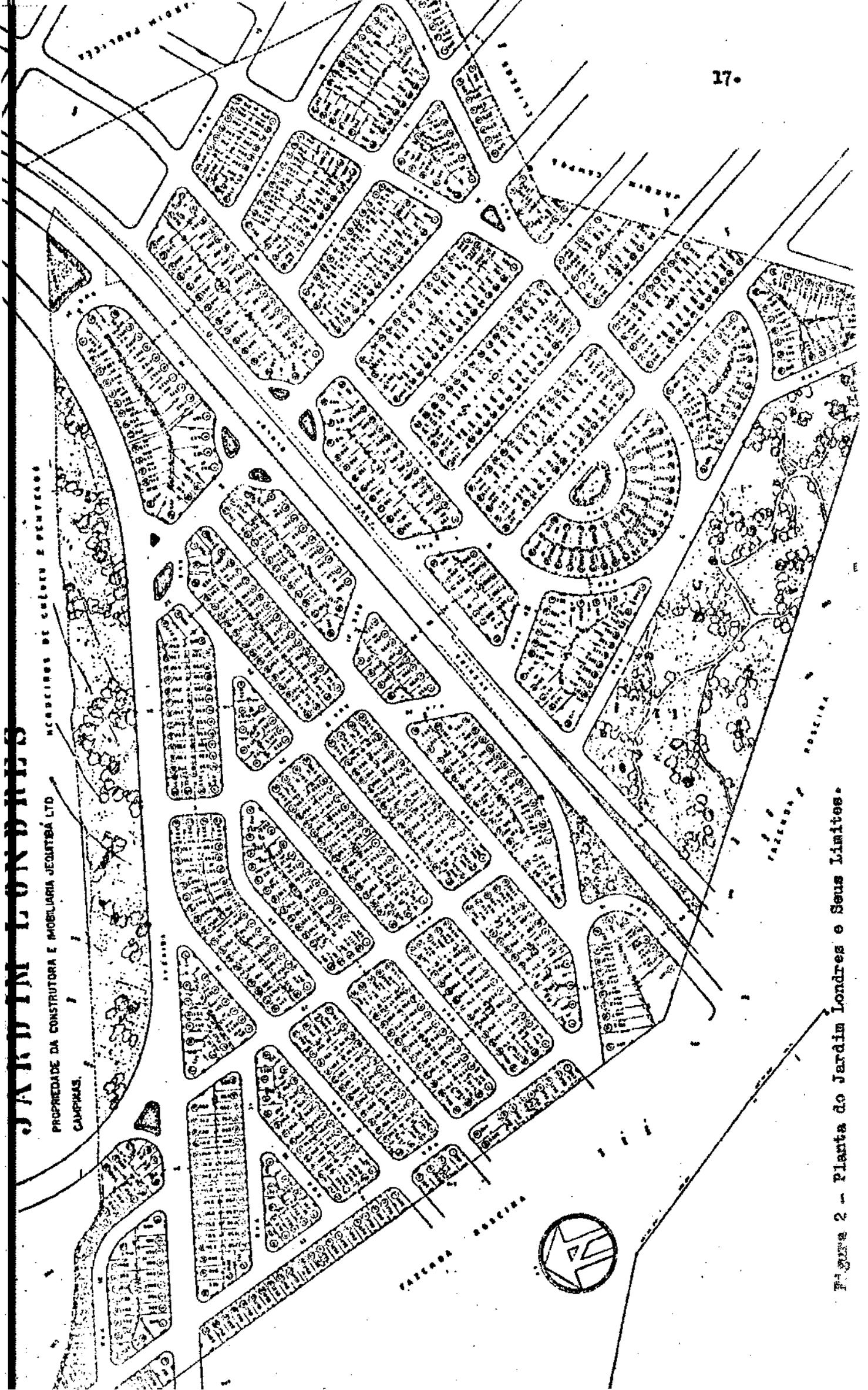


Figure 2 - Planta do Jardim Londres e Seus Limites.

Tabela 1 - Distribuição das Quadras e Lotes do Jardim Londres de  
Acordo com as Formas de Ocupação.

NÚMERO DE QUADRAS EXISTENTES NO BAIRRO = 49 = 100%

NÚMERO DE QUADRAS VAZIAS = 4 = 8%

Formas de Ocupação dos Lotes	Nº	%
Moradias	346	32,0
Moradias construídas junto a locais de comércio, serviços, igrejas, etc.	14	1,5
Comércio, serviços, igrejas	51	4,5
Sub Total	411	38,0
Vazios	655	62,0
TOTAL	1.066	100,0

Tabela 1.1 - Distribuição dos Lotes dos Moradores Locais e dos Lotes Existentes Conforme Sua Extensão.

Área dos Lotes (m <sup>2</sup> )	Lotes dos Moradores		Lotes Existentes	
	Nº	%	Nº	%
200 — 299,99	218	20,00	551	52,50
300 — 399,99	177	16,00	438	41,00
400 — 499,99	15	1,50	50	4,50
500 — 599,99	5	0,45	20	1,60
600 — 699,99	1	0,05	4	0,25
700 — 799,99	-	-	2	0,10
+ 800 (*)	-	-	1	0,05
TOTAL	416	38,00	1.066	100,00

(\*) Trata-se de 1 lote cuja área é igual a 1.300m<sup>2</sup>.

Tabela 1-2 - Distribuição dos Lotes Ocupados de acordo Com a Forma de Ocupação.

Formas de Ocupação	Nº	%
Barracos	142	35,0
Moradias Legais <sup>1/</sup>	64	20,5
Moradias Clandestinas <sup>2/</sup>	18	4,5
Moradias Híbridas (Tipo I) <sup>3/</sup>	16	4,0
Moradias Híbridas (Tipo II) <sup>4/</sup>	48	11,5
2 Moradias <sup>5/</sup>	23	5,5
3 Moradias <sup>6/</sup>	6	2,0
Moradias Desocupadas <sup>7/</sup>	7	1,5
Moradias e Outros <sup>8/</sup>	14	3,5
Comércio e Serviços <sup>9/</sup>	44	10,5
Salões de Comércio e Depósitos Vazios <sup>10/</sup>	7	1,5
<b>TOTAL</b>	<b>411</b>	<b>100,0</b>

<sup>1/</sup> Foram consideradas como LEGAIS (\*) as moradias de alvenaria que estavam, no mínimo, com a licença de construção. Muitas já possuíam também o "habite-se". O fato de serem LEGAIS, porém, não significa que estivessem construídas totalmente de acordo com a planta, ou seja, que modificações ou acréscimos não tenham sido feitos após a obtenção da licença, ou após a ordem do "habite-se".

<sup>2/</sup> Moradias em fase de construção avançada, algumas completas, porém sem que contassem com a devida licença de construção da Prefeitura.

<sup>3/</sup> Foram consideradas como moradias HÍBRIDAS TIPO I aquelas que possuíam alguns cômodos construídos em alvenaria e os demais, variando de 1 a 3 cômodos, em tábuas, contando, porém, com a licença de construção.

<sup>4/</sup> As moradias HÍBRIDAS TIPO II não contavam ainda com licença de construção.

<sup>5/</sup> As combinações encontradas em cada lote foram as seguintes:

barraco	—	barraco	=	16	lotes
clandestina	—	barraco	=	2	lotes
clandestina	—	clandestina	=	2	lotes
legal	—	barraco	=	1	lote
legal	—	clandestina	=	1	lote

<sup>6/</sup> As combinações encontradas em cada lote foram as seguintes:

barraco	—	barraco	—	barraco	=	2	lotes
barraco	—	legal vazia	—	legal vazia	=	1	lote
legal	—	clandestina	—	barraco	=	1	lote
legal	—	clandestina	—	clandestina	=	2	lotes
clandestina	—	clandestina	—	clandestina	=	2	lotes

<sup>7/</sup> Deste número, 4 são legais e 3 são barracos.

<sup>8/</sup> As combinações encontradas foram:

moradias legais	—	comércio	=	6	lotes
clandestinas	—	comércio	=	4	lotes
legais	—	igrejas	=	2	lotes

<sup>9/</sup> Estão incluídos, neste número, os 35 lotes pertencentes ao Departamento de Águas e Esgotos da Prefeitura (DAE), onde se encontrava instalada uma caixa d'água.

<sup>10/</sup> 2 dos salões são legais, e 5 são de construção clandestina.

\* A obtenção dos dados referentes às moradias legais foi possível graças à colaboração que recebi junto à Prefeitura Municipal de Campinas, Seção de Cadastro.

Tabela 1.3 - Distribuição das Moradias Conforme o Seu Tipo.

Tipo de Moradia	Nº	%
Barracos	190	48
Moradias Legais	105	26
Moradias Clandestinas	40	10
Moradias Híbridas (Tipo I)	16	4
Moradias Híbridas (Tipo II)	47	12
TOTAL	398	100

(tábua), ou de alvenaria (tijolo), havia 5 categorias distintas delas:

- Barracos:** eram moradias totalmente feitas de tábua, consideradas ilegais pela Prefeitura Municipal. Se a lei fosse tomada ao pé da letra teriam que ser demolidos, já que são "proibidos", segundo foi-me declarado no Departamento de Urbanismo da Prefeitura;
- Moradias legais:** aquelas totalmente feitas em alvenaria. Por legal deve-se entender, aqui, que possuía, no mínimo, licença de construção. Não implicava, porém na existência do "habite-se", nem que reformas (demolições e acréscimos) houvessem sido feitas com a devida permissão legal;
- Moradias clandestinas:** feitas, também, em alvenaria, com a diferença, em relação às legais, que não existia a licença de construção;
- Moradias híbridas (tipo I):** feitas em alvenaria e madeira. Como, durante o processo de construção, os moradores não deixavam de residir no lote, havia uma fase em que viviam apenas parcialmente em barracos. Foi esse tipo de habitação que denominei híbrida. Tipo I, no caso, é porque os moradores já haviam providenciado as licenças de construção;
- Moradias híbridas (tipo II):** aplica-se o que foi dito para o caso anterior, com a diferença que os moradores destas habitações não haviam dado entrada, no Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal, com o requerimento de licença para construir.

Independentemente, porém, do tipo, todas as moradias apresentavam uma certa uniformidade quanto à posição em que se encontravam dentro do lote, ou seja, embora pudessem estar construídas "no meio", "do lado", "mais para a frente", ou "nos fundos", todas as que se encontravam, vamos dizer, "mais para frente", procuravam manter um alinhamento com outras construídas naquela mesma posição e localizadas na mesma quadra. A orientação das casas era também uniforme, sendo que todas voltadas para a Rua 23, por exemplo, tinham a "frente" voltada para essa direção, ou então a "entrada" ou "saída", caso se tratasse de barracos ou casas construídas lateralmente. Outro fator de homogeneização era a configuração das moradias. Isto porque no caso das casas de tijolo elas eram do tipo "popular", com projetos de plantas fornecidos pela Prefeitura Municipal, e no caso dos barracos eles eram, em geral, da mesma altura, feitos com o mesmo material básico (tábuas), e formando um quadrado ou um retângulo. Tal uniformidade, provavelmente, devia-se em grande parte ao fato das moradias estarem erguidas em locais onde o traçado geral pré-existia, feito durante o loteamento, e o mesmo não era visível no "terreno da Prefeitura", onde os barracos se erguiam de acordo com as facilidades do terreno (solo de terra não planada), e orientavam-se, simplesmente, em direção à mais próxima via de acesso para o exterior.

#### OS CAMINHOS E OS VAZIOS

Para se movimentar no interior do bairro, ou para fora dele, todos os percursos eram feitos sobre terra batida, já que nenhuma das ruas possuía calçamento. Além dos caminhos pré-estabelecidos, traçados durante o loteamento da área, havia dezenas de pequenos caminhos e trilhas feitas pela contínua passagem das pessoas em direção ao ponto de ôni-

bus, à mina de água onde se lavava roupa, ao centro comercial local, e à "saída do bairro", que ficava na confluência da Avenida Dunlop com a Avenida 1 (Figura 2), estas últimas constituindo as únicas vias pavimentadas do bairro. A Avenida Dunlop constitui-se numa via marginal da Rodovia Anhanguera, pré-existindo ao bairro, e seu nome originou-se do fato de haver ligado, um dia, a "cidade" com o local onde encontrava-se estabelecida a Fábrica da DUNLOP DO BRASIL, hoje PIRELLI. A DUNLOP era uma indústria de origem inglesa, e daí, também, a razão do nome Jardim Londres.

Não havia muita diferença entre as ruas oficialmente traçadas e as "picadas" ou trilhas abertas pelos moradores para "encurtar caminho", já que todas encontravam-se igualmente invadidas pelo mato, a poeira, e a lama, quando chovia. Estes caminhos "clandestinos" atravessavam, via de regra, espaços loteados, porém vazios, e tão logo o lote era ocupado por uma família, a trilha era deslocada para mais adiante. Esse tipo de trânsito era facilitado pela ausência de muros e cercas, uma vez que a maioria dos moradores demarcava seus limites com arame, madeira, um sulco na terra, e às vezes nem isso, sem que ninguém perdesse de vista a extensão de terra que lhe cabia. Elementos camuflados aos olhos de estranhos, tais como uma pilha de tijolos, algumas plantas, a fossa ("casinha"), o varal de roupa, serviam de marcos indicadores dos limites de cada lote.

#### AS "COISAS" DO BAIRRO

Os moradores do bairro usavam o termo "coisas" para referirem-se a certos benfícios, tais como, escolas, parques infantis, hospitais, cinemas, telefone, pontos de automóvel, enfim, elementos que em linguagem urbanística podem ser conceituados como equipamentos urbanos (MAGALHÃES et al., s/data). Tais "coisas", infelizmente, encontravam-se

quase todas ausentes do bairro, e para beneficiarem-se de algumas delas as pessoas tinham que recorrer ao que se encontrava disponível em bairros vizinhos. No caso de escolas, as crianças frequentavam as da Vila Castello Branco (1º grau ou curso primário) ou do Jardim Aurélia (1º e 2º grau ou primário e ginásio).

O setor saúde era representado por um Posto de Saúde que havia no Jardim Campos Elíseos e muito procurado pelas mães que queriam receber leite. As mulheres do bairro, entretanto, diziam que ele não servia "nem prá isso" (dar leite) uma vez que elas "não eram de lá" (não residiam no Jardim Campos Elíseos). Existia, também, um ambulatório médico privado situado na Vila Castello Branco, mas era pouco utilizado pelo pessoal do Jardim Londres, que recorria à Santa Casa de Misericórdia, onde funciona o Hospital da Faculdade de Medicina, ou aos ambulatórios do IMPS. Não conheci ninguém que fizesse uso dos serviços médicos fornecidos pelas cooperativas tipo SAMCIL ou UNIMED, mesmo quando trabalhavam em locais que mantinham convênios com uma dessas entidades.

No setor confessional não se pode dizer que havia escassez de oferta, pois o bairro contava com um templo da Congregação Cristã do Brasil, um templo da 1ª Igreja Batista do Jardim Londres e, depois que deixei o local, houve a fundação de um terreiro de Umbanda. Não havia, porém, nenhuma igreja católica, e as pessoas que quisessem frequentar uma tinham que recorrer à da Vila Castello Branco, ou à do Jardim Campos Elíseos. Em virtude da divisão paroquial que existe na cidade os fiéis católicos do Jardim Londres deveriam frequentar a Igreja do Jardim Campos Elíseos, mas nem todos o faziam, fosse pela distância, fosse porque não apreciavam o padre, pois a voz corrente era que o padre da Castello Branco era "mais bonzinho".

Quanto aos demais benefícios, ou "coisas", não só o bairro, mas a própria área, era bastante deficitária.

AS REDES DE ÁGUA, ESGOTO E LUZ Estes serviços encontravam-se precariamente instalados, servindo a 1/3 do bairro e concentrando-se nas proximidades da Quadra DD (Figura 2). A rede de luz servia a toda extensão da Avenida 1, à Rua 26, e à Rua 3. Esta situação só deveria alterar-se a partir de julho de 1974, quando então todo o bairro passaria a contar com instalação elétrica de rua. Quanto às moradias, o fato de terem luz elétrica instalada dependia não apenas de estarem localizadas próximas às ruas por onde passava a rede, mas também das condições financeiras da família, uma vez que "puxar luz" era uma operação que consumia cerca de 4 salários mínimos (\*), sendo deixada para quando o processo de construção da casa já estivesse na fase final.

Quanto à água, apenas a Avenida 1 é que possuía rede instalada. A partir de julho de 1974 a parte do bairro que fica próxima ao Jardim Campos Elíseos e Jardim Paulicéia deveria se beneficiar com a expansão da rede até ela, enquanto que a outra parte do bairro só receberia este benefício em 1975 (\*\*). A "água da caixa" (encanada e ligada à rede externa) custava, em média, Cr\$ 15,00 mensais para as famílias que dispunham dessa forma de obter água. O número dessas famílias, porém, era insignificante.

---

(\*) O salário mínimo para o ano de 1972 era de Cr\$ 268,80.

(\*\*) Através de informações que me foram prestadas, e visitas que realizei ao bairro posteriormente, constatei que as obras municipais referentes aos serviços de luz estavam sendo efetuadas, mas não ocorria o mesmo com a água, que continuava "cada vez pior", segundo os moradores diziam, em julho de 1975.

A forma pela qual os moradores obtinham água era, em geral, através de sua "compra". Explico: originalmente a distribuição de água para o bairro costumava ser feita pela Prefeitura Municipal, e oferecida gratuitamente, embora, muitas vezes, decorressem várias semanas sem que o caminhão aparecesse. Isto durou até mais ou menos meados de 1973. Daí para frente a Prefeitura contratou os serviços de uma empresa transportadora, e a água passou a ser mercadoria paga. A população esperava que com o novo sistema houvesse melhora na distribuição, mas tal não ocorreu, pois os intervalos entre as "vindas" do caminhão eram longos e incertos. Outra dificuldade que se apresentou foi o alto preço que a população teve que pagar pela água fornecida desta maneira, e meus dados mais recentes a respeito do assunto mostram que em janeiro de 1974 (salário mínimo vigente = Cr\$ 312,00) cada 200 litros de água custava Cr\$ 1,50, e o preço médio que as famílias acabavam pagando, por mês, estava em torno de Cr\$ 22,00, enquanto que em bairros mais centralizados de Campinas, e mesmo em casas no "centro", onde a água era encanada e farta, uma família pagava, em média, Cr\$ 17,00.

A água "comprada" pelos moradores do Jardim Londres ficava estocada em caixas de cimento localizadas no lado de fora das moradias, mas sempre em lugar bem visível, de forma que, se o caminhão passasse, e não houvesse ninguém em casa, alguma vizinha estaria em condições de "comprar" a água com dinheiro "deixado" com ela para isso, ou então pagar e ser reembolsada mais tarde. Estas caixas, em geral, eram mal tapadas, e não ofereciam qualquer proteção contra as impurezas do meio ambiente.

Uma outra forma de obter água, muito mais comum até há alguns anos atrás, era "tirar água do poço". Este artifício, em 1972, já era pouco usado, fosse porque a área não era considerada muito

boa para ser cavada e fornecer água, fosse porque muitos preferiam deixar este recurso para uma emergência, quando o caminhão da água deixava de aparecer. Em geral, as mulheres que lavavam muita roupa em casa (remuneradamente ou para a família) gostavam de "ter poço em casa". Nesse caso, a água "comprada" ou "da caixa" era reservada "prá dentro de casa", e a água do poço ficava para lavar a roupa.

Quando havia racionamento de água, ou o caminhão não aparecia, as pessoas costumavam "emprestar" água. Este empréstimo era feito apenas para parentes e vizinhos, ou conhecidos muito próximos, e o que se dava em troca não era água, mas sim toda uma gama de pequenos favores e serviços. "Emprestar água" pressupunha a existência de uma rede de interação entre as pessoas envolvidas na operação, e ninguém que estivesse fora dessa rede ousaria solicitar tal "empréstimo". As poucas tentativas de rompimento desta regra que testemunhei eram logo taxadas de "descaramento" e "esquisitice". Por outro lado, vale a pena dizer, famílias consideradas extremamente necessitadas, com crianças "de colo", ou então com "alguém doente em casa", podiam receber água "emprestada" sem ter que pedir. As pessoas, nesse caso, tomavam a iniciativa de "oferecer" ou "dar" a água "emprestada". (O termo se mantinha, mas o caráter do empréstimo não tinha exatamente o mesmo sentido.

Uma forma bem mais tarde introduzida para a obtenção da água foi sua "venda" clandestina por parte daqueles que já haviam "puxado água" para suas casas. Os "compradores" faziam o seguinte: ligavam uma mangueira de borracha entre suas casas e a casa do "vendedor" até encherem suas caixas de cimento, e efetuavam esta operação à tardinha, ou durante a noite. O número de vezes em que isso era feito, e o número de casas para cada fonte fornecedora variava, mas, conforme me disse um "comprador": "num pode sê demais, senão

num dá, né?". Como esta era uma prática que se estava iniciando, não existia um preço médio estabelecido, e as pessoas diziam pagar "um tanto por mês". Era um número muito pequeno de pessoas que usavam esse expediente, e, assim mesmo, constituía-se num recurso complementar de obtenção da água, reservado para emergências. Ao contrário da água do poço, que era "emprestada", aqui ela era "vendida", e o fato adquiria as feições de uma transação comercial. Embora pudesse haver preferências, era possível, também, efetuar negócios com vizinhos com os quais houvesse um relacionamento bastante superficial.

Quanto aos serviços de esgoto, não havia rede instalada no bairro. As casas que se encontravam na fase final do processo de construção contavam com um cômodo reservado para banheiro, mas eram poucas as que faziam uso dele para esse fim. Os aparelhos sanitários, se e quando existiam, nem sempre encontravam-se instalados, e o banheiro acabava servindo como outro quarto de dormir, para estocar material de construção, ou então para guardar qualquer outra coisa. Todas as moradias possuíam sua "casinha" (pequeno barraco de madeira dentro do qual estava situada a fossa nem sempre séptica). As pessoas mostravam um certo conhecimento a respeito da distância em que se devia cavar a fossa em relação ao poço ou à casa, mas, em geral, ao fazerem os cálculos levavam em consideração as distâncias dentro dos limites do seu lote, mas nem sempre incluíam a situação do lote vizinho, principalmente quando se tratava de um espaço vazio. Quanto à profundidade e capacidade ideais da fossa havia maior desconhecimento, embora todas soubessem que tinha fossa "de todo tamanho" para vender.

Entre a água, a luz e a instalação da rede de esgoto, as preferências dos moradores não variavam muito: a água era vista como sendo muito mais necessária. A luz era considerada como uma des-

pesa a mais, perfeitamente dispensável "dentro de casa", mas não "na rua". Diziam: "De que adianta luz aqui prá esse barraco?" A conta da luz, de fato, constituía uma despesa bastante elevada para aqueles que já haviam completado a instalação, e ficava por volta de Cr\$50,00 mensais, no fim de 1974 (1/6 do salário mínimo).

#### TRANSPORTE

Um dos acontecimentos mais auspiciosos para o bairro ocorreu em 1968, e foi a ampliação da rede de transportes urbanos até ele. Esta era uma aspiração de todos que ali viviam, mas principalmente daqueles que estavam no local "desde seu começo". Muitos moradores viram a chegada da linha do ônibus como um reconhecimento das necessidades locais, após tantas reclamações e dificuldades, enquanto que outros, mais realistas, viram o fato como inevitável "depois que construíram a Castelo Branco".

Recapitulando com os moradores as providências que foram tomadas em relação ao transporte, foi possível verificar que nunca houve qualquer reivindicação de caráter mais oficial ou concreta, tais como petições, abaixo-assinados, e queixas específicas, encaminhadas à Prefeitura, Câmara Municipal, ou mesmo à companhia de ônibus. O que houve foram reclamações difusas, de um indivíduo para outro, assim como ainda hoje ocorre em relação a outros serviços deficitários. O mais próximo que chegavam de uma queixa à companhia de transportes eram as reclamações feitas aos motoristas e cobradores da linha, ou quando muito ao fiscal.

Os primeiros moradores andavam uma distância entre 3 e 4 quilômetros até o ponto de ônibus mais próximo de suas casas, ou então preferiam percorrer toda a distância que os separava do "centro" da cidade (cerca de 10 quilômetros) e aí tomavam, quando necessário,

outra condução para o serviço. Para aqueles cujo local de trabalho estava localizado num raio de distância equivalente, e não tinham que passar pela "cidade", era mais vantagem ir "de a pé". Com o tempo, as linhas de ônibus que serviam o Jardim Aurélio e o Jardim Campos Elíseos encurtaram a distância para alguns em cerca de 1 ou 2 quilômetros. Finalmente, em 1968, o primeiro ponto de ônibus local foi instalado, próximo à Quadra DD. Até 1974 mais quatro pontos haviam sido estabelecidos: mais dois ao longo da Avenida I, um próximo à Rua 16, e outro na Rua 10 (Figura 2). O ponto próximo aos limites do bairro com a Fazenda Roseira, habitado desde antes de 1960, só foi instalado em meados de 1973. Para o entendimento desse aspecto da urbanização é pertinente a discussão efetuada por Cardoso, Caramago e Kowarick (1971) a respeito do problema do sistema de transporte relacionado com a especulação imobiliária surgida em torno de novos bairros durante o crescimento industrial da cidade de São Paulo:

"La propiedad de la casa — primera elección del migrante — llevó a la población a aceptar cualquier condición de ocupación urbana, siempre que contara, naturalmente, con una línea de omnibus — trazo de unión entre el hábitat improvisado y la ciudad —, representada en este caso por el trabajo. (...) Una concentración de pequeñas casas atendidas por una línea de omnibus forman el cuadro completo del modo de vida pionero de la metrópoli.

El sistema de transportes no actuaba solo; por el contrario, era impulsado por la especulación inmobiliaria, que adoptó un método propio para parcelar la tierra de la ciudad. Tal método consistió en lo siguiente: un nuevo loteo era hecho en las cercanías inmediatas del anterior, ya equipado, se dejaba un área de tierra desocupada sin lotear. Completado este nuevo loteo, la línea de omnibus

que lo atendería sería necesariamente una continuación a partir del último centro equipado. Una vez extendida la línea de omnibus, su paso por áreas no loteadas traía inmediata valoración de estas". (pgs. 216-217).

Isto foi justamente o que aconteceu no Jardim Londres e, provavelmente, em outros bairros com características semelhantes a ele. Todos os grandes investimentos da área — DPH, instalação de plantas industriais, novos loteamentos, e estabelecimentos comerciais de grande porte — bem como qualquer melhoria para a população que estava ali desde o fim da década de '50, só ocorreram quando aquela parte da cidade passou a oferecer atrativos e segurança de investimentos no que se refere às especulações imobiliárias.

#### O COMÉRCIO

O comércio local achava-se concentrado na Quadra DD e imediações, segundo se pode ver pela Tabela 14. Era para aí que os caminhos do bairro tendiam a convergir, ponto que também indicava a "saída" ou "entrada" do bairro. A Quadra DD não era um ponto importante apenas para o Jardim Londres, já que se constituía num mini-polo em relação à área que compreendia todo esse setor da Zona 14. Segundo o depoimento dos comerciantes e do próprio corretor da imobiliária responsável pelo loteamento, esta Quadra foi destinada ao comércio durante o traçado do bairro em virtude da posição estratégica que ocupava, ou seja, entre a Avenida I e a Avenida Dunlop, na divisa com três bairros. Existiam estabelecimentos comerciais em outras partes do bairro, mas os próprios comerciantes reconheciam que os "melhores pontos" estavam ao redor da Quadra DD.

O comércio, não sendo variado, não era melhor nem pior que aquele comumente encontrado em bairros periféricos semelhantes

Tabela 1.4 - Distribuição do Comércio Existente no Bairro de Acordo  
Com o Tipo, Localização e Número de Estabelecimentos.\*(\*)

Tipo de Comércio	Nº	QUADRA
Bar	5	F; C; DD; XX
Armazém	2	F; DD
Açougue	2	DD
Padaria	1	DD
Farmácia	1	DD
Cerealista	1	DD
Sapataria	1	DD
Armarinho	1	DD
Barraquinha de Doce	1	ZZ
Barraquinha de Verdura	1	DD
Depósito de Material de Construção	1	E
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	

(\*) Desta relação constam apenas os estabelecimentos em atividade.

ao Jardim Londres. Os comerciantes tinham fama de serem "careiros" e "tubarões", e, de fato, os preços que cobravam eram sempre superiores aos encontrados nos grandes supermercados e lojas do centro da cidade. Apesar disso, a maioria das famílias residentes no bairro fazia o "pedido" nos estabelecimentos locais (\*). Esta preferência era devida à forma de pagamento que podiam efetuar e não porque achassem que as mercadorias fossem melhores ou mais baratas. Isto é, para quem fosse "freguês certo", regular, e fizesse o "pedido" todo mês em dado estabelecimento, o comerciante abria uma caderneta e even dia fiado. Isto facilitava a compra de itens avulsos durante o mês, como um pacote de manteira, uma garraga de vinagre, ou uma lata de óleo. A despesa era "marcada" na caderneta, e o pagamento era feito "ao mês". Isto era conveniente porque dificilmente as pessoas podiam contar com dinheiro para despesas miúdas, e a compra do pão, do leite, e da passagem do ônibus tornavam-se mais difíceis depois do dia 15 de cada mês. A padaria também fazia uso desse sistema. Bares e açougues vendiam fiado muito raramente.

Quanto aos bares, havia dois tipos deles: aquele que era também uma espécie de mercearia, vendendo bebidas, cigarros, doces, mortadela, queijo, pão e leite, que são artigos tradicionalmente encontrados em bares, juntamente com outras mercadorias, como alguns enlatados, artigos escolares, maizena, e miudezas como carretéis de linha, chupetas de criança, papel de seda, etc. O outro tipo de bar vendia estes mesmos artigos tradicionais e apresentava a significante diferença de "ter jogo", que no caso significava a presença de uma ou duas mesas de bilhar (3 bares), pebolim (1) e bocha (1). Em

---

(\*) O "pedido" referia-se às necessidades da família durante um mês, e incluía gêneros alimentícios como arroz, feijão, batata, linguiça, sal, farinha, etc., e artigos de limpeza e uso doméstico.

dois bares era possível "jogar no bicho".

Os bares constituíam pontos de reunião masculina depois das 6 horas da tarde e nos fins de semana, e era difícil o homem que não tomava pelo menos "um reforço" (pinga, aguardente) antes de ir para casa. Era pois com alívio que muitas mulheres comentavam que "graças a Deus" seus maridos e filhos não eram "desses de andar em bar", e diziam que todo dinheiro que ganhavam era "prá casa". "Andar em bares" e "andar com mulheres" era a pior fatalidade que podia ocorrer a uma família, pois isto significava que a renda familiar seria bastante afetada, sem contar o constante risco de "começar beber", "se meter em briga", "ser preso", ou "largar a família".

Quanto às mulheres que frequentavam os bares, elas eram de dois tipos: as que "davam um pulo" durante o dia, compravam alguma coisa que precisavam, e logo saíam, e outras que iam ali para "paquerar" e preferiam as horas de maior movimento. Elas não ficavam exatamente dentro dos bares, mas nas proximidades, em grupos, dando risadinhas. Eram em geral jovens, entre 14 e 20 anos. Algumas pessoas se referiam a estas moças como "biscates" ou "à toas", enquanto que outros diziam que elas eram "bobas". Os homens, segundo me disse um deles, usavam-nas "prá tirar uma casquinha" ou para se "aproveitarem" delas.

Quem atendia a freguesia, tanto nos bares quanto armazéns, eram os membros da família do proprietário que, em geral, moravam no próprio terreno em que se localizava o negócio, ou então numa casa bem próxima. Nas horas que a freguesia ficava "braba", comentou um dos comerciantes, era ele ou os filhos homens que se encarregavam do atendimento.

Nos demais estabelecimentos, exceto a barraquinha de doces e as lojas, o atendimento era feito por homens. A barraquinha

de doce situava-se na frente da casa da proprietária, e vendia pingo-de-leite, maria-mole, passoquinha e balas baratas, e sua principal freguesia eram as crianças que iam ou vinham da escola. O bazar de roupas vendia artigos para crianças, blusas baratas para mulheres, roupas de baixo de algodão, e miudezas tais como botões, fivelas, zíper, linhas, etc.

Apenas um dos depósitos de material de construção encontrava-se funcionando, e os demais estiveram desocupados durante todo o tempo em que permaneci no bairro. Quanto ao cerealista, ele vendia por atacado e varejo e servia de depósito para uma outra loja situada no centro da cidade. Além de cereais ele vendia também ração animal. O posto de gasolina só começou a funcionar em meados de 1974, e deveria atender aos veículos que trafegavam pela Avenida Dunlop, assim como aqueles existentes ali pelas redondezas, que eram, em sua maioria, caminhões, furgões, camionetas e carros usados, quase todos de modelos já antigos. No Jardim Londres, propriamente dito, poucos moradores tinham carro próprio, exceto alguns comerciantes que, assim mesmo, preferiam os veículos de tipo utilitário. A mesma coisa se aplica aos demais bairros vizinhos, sendo que o único local realmente povoado de Volkswagens era o Jardim Garcia (com casas financiadas pelo BNE).

A farmácia constituía o estabelecimento mais próspero do bairro, pois sua freguesia incluía a população do Jardim Londres e também a de mais 4 ou 5 bairros vizinhos. Como o farmacêutico era um dos poucos comerciantes que não moravam no local (\*), isto era motivo de queixa por parte dos moradores, que diziam que "na hora da necessidade nem o farmacêutico a gente encontra". O proprietário da

---

(\*) O proprietário do depósito de material de construção também não residia no bairro.

farmácia era chamado de "farmacêutico" apenas porque possuía o estabelecimento, e não porque possuísse algum título ou habilitação para exercer a profissão. Isto, entretanto, não o impedia de receitar, alterar a terapêutica indicada pelos médicos, e fazer as vezes de enfermeiro. Tinha um empregado que também atuava como "ajudante", desempenhando as mesmas funções que ele.

Os comerciantes mais descontentes eram aqueles que tomavam conta dos negócios de menor monta: a barraquinha de doces e a barraquinha de verdura, e suas queixas voltavam-se quase sempre para a questão dos impostos e sobre o comportamento duvidoso dos fiscais. Diziam que "fiscal num serve prá nada", e prova disso era que logo de manhã, quando os "ambulantes" apareciam por ali de carroça ou de Kombi, ninguém via "nenhum fiscal" para multá-los.

Estes ambulantes passavam de manhã bem cedo pela área toda, e mais cedo ainda quando sabiam que estavam concorrendo com algum dos comerciantes locais. No caso dos armazéns, que vendiam fiado, a concorrência era menor, pois os moradores preferiam este sistema, mas no caso de mercadorias perecíveis, principalmente verdura, a concorrência era maior, pois daí havia os ambulantes, a barraquinha de verdura do bairro, e a feita de domingo realizada na Vila Castello Branco para competirem.

As mulheres gostavam de ir à feira porque lá aproveitavam para comprar "uma porção de coisa que estava faltando", e, segundo elas, algumas mercadorias ainda saiam bem mais barato (o exemplo clássico era o do ovo). Costumavam comprar laranja ou banana, alface, cheiro verde, maxuxo (xuxu), tomate, mandioca e batata; mais raramente adquiriam couve, cenoura, agrião, etc. Durante as conversas notei que havia verduras e frutas que as pessoas nunca haviam provado, e outras que eram até desconhecidas, como por exemplo a alcacho

fra. Em contrapartida, dada a vivência rural que haviam tido, ou então em cidades do "interior", era muito comum ouvir a expressão "às vezes me dá uma vontade de giló", ou "pitanga", ou qualquer outra espécie de alimento ou fruta de horta e pomar que comiam "na roça".

A população não se mostrava totalmente satisfeita com as mercadorias que consumiam e reclamavam tanto do preço quanto da qualidade. Em períodos de escassez de um ou outro artigo, como vi acontecer com a carne, o leite, o açúcar, e o óleo, sucessivamente, o fornecimento para o bairro ia a zero, e para adquirí-los era necessário ir à "cidade" (supermercados) e enfrentar enormes filas, pagando preços muito altos. Nessas ocasiões, o mais comum de acontecer era a mercadoria deixar de ser consumida.

De maneira geral havia um constante clima de animosidade entre a população e os comerciantes locais, e estes, por sua vez, não escondiam o ressentimento que alimentavam contra os comerciantes da "cidade" (que tinham mais "sossego" para trabalhar), e contra a população (o "pessoal", as "mulheres"), que não sabiam reconhecer as dificuldades do comerciante "pequeno". Isto levava a um eterno clima de queixas, tanto de um lado quanto de outro, dirigido contra um vago "eles", a "gente lá em cima", e o "governo", incluindo aqui, os distribuidores de bens, a Prefeitura Municipal, e os níveis governamentais estaduais e federais, que, indistintamente, eram acusados de não quererem "saber de nada".

#### OUTROS SERVIÇOS

Além do comércio tradicional havia ainda dois salões de barbeiro e duas manicures, sendo que estas também "faziam" cabelo. Elas trabalhavam em casa e anunciavam suas atividades através de tabuletas pregadas na porta. Outros serviços eram prestados sem que fossem abertamente a-

nunciados, sendo, porém, do conhecimento geral, e todos sabiam, por exemplo, quem costurava, quem benzia, quem consertava (bicicletas e lambretas, principalmente), quem "arrumava" canos, quem "tinha jeito" com madeira, etc. Algumas dessas pessoas exerciam suas habilidades regularmente, em troca de remuneração, mas outras agiam gratuitamente, como retribuição de favores devidos ou esperados.

#### "PASSAR O TEMPO"

Os jovens costumavam se queixar muito que não tinham o que "fazer" por ali, já que o bairro não contava com cinema, campo de futebol, clubes re-creativos, ou qualquer outro local onde as pessoas pudessem "passar o tempo". Não havia sequer uma praça ou um jardim.

Sendo assim, as romarias para Aparecida do Norte ou Bom Jesus de Pirapora, bem como as excursões para Santos, constituíam eventos importantes nas duas ou três vezes por ano em que ocorriam, e eram objeto de muitos planos feitos com antecedência. As visitas a parentes no "interior" ocorriam com maior ou menor frequência dependendo da distância, e de quem ia ser visitado (pais eram em geral mais assiduamente visitados), mas, em todo caso, eram sempre motivo de inesgotáveis conversas, antes e depois de acontecer. Visitar parentes em outros Estados, fosse qual fosse o grau de proximidade, era bem mais raro. Nesses casos, quando a viagem era possível, o mais comum era que apenas um membro da família se deslocasse, e não todos. Visitar parentes em outros bairros era quase uma rotina, podendo ocorrer semanalmente (quando se tratava de mãe e filha, por exemplo), ou pelo menos uma vez por mês. Aqueles que já haviam morado muito tempo em outros bairros antes de irem para o Jardim Londres, e tinham feito "conhecidos", costumavam, duas ou três vezes por ano, visitá-los ou serem visitados. Ir à casa de parentes ou conhecidos no

interior do próprio bairro não constituia nenhuma atividade extraordinária, ocorrendo sempre que "sobrasse um tempinho", com fins utilitários, ou apenas "prá se distrair um pouco".

Com tão poucos divertimentos disponíveis, a maior atração local, principalmente para os jovens e as crianças, eram os "cirquinhos", denominação dada às pequenas companhias ambulantes que faziam circuito dos bairros periféricos da cidade e pequenas localidades próximas. Os "artistas" eram quase todos locais, e o equilibrista, os palhaços, e o mágico, eram as estrelas máximas. Havia ainda números de dança, e cantores da "troupe" apresentavam os últimos sucessos de cantores nacionais populares. Havia poucos ou nenhum animal, dependendo do "cirquinho". Estas companhias eram o resultado híbrido de circo, parque de diversões e quermesse, e por isso mesmo tinham jogo de tómbola, "stands" de tiro ao alvo, roda-gigante e outras atrações similares. Apenas uma vez, enquanto estive lá, apresentou-se uma companhia maior, com camelos, elefante, pôneis e dois trapezistas.

Uma das cenas mais pitorescas que ocorreram no bairro foi no dia em que este "cirquinho" chegou e enquanto se instalava um furgão saiu pelas ruas anunciando, com um alto falante, o espetáculo que iria apresentar a partir daquela noite: na frente ia o furgão, seguido de um camelo pequeno, seguido por sua vez por três pôneis, aparentemente Shetland, muito sujos e, atrás, todas as crianças e cachorros do bairro e das redondezas.

Estes "cirquinhos" instalavam-se sempre no espaço livre situado entre os três bairros, Castello Branco, Jardim Paulicéia e Jardim Londres, na confluência das Avenidas Dunlop e I, junto à Rua 34, próximo à Quadra DD. Eles apareciam umas duas ou três vezes ao ano, e ficavam cerca de uma ou duas semanas, partindo então para al

gum outro bairro da cidade. Apresentavam três a cinco funções durante a semana toda, e aos sábados e domingos havia matinê. Adultos pagavam Cr\$ 5,00, e mulheres e crianças, Cr\$ 2,50.

Durante a semana o "movimento era fraco", contou-se uma das mais assíduas frequentadoras, e os "cirquinhos" eram "mais gostosos" aos sábados e domingos, que eram dias "prá paquerar". Namoros em andamento, namoros prestes a se iniciarem e até um "trottoir" meio disfarçado podiam ser observados nestas ocasiões. Muitas moças diziam aos pais que iam assistir ao espetáculo, mas muitas vezes nem chegavam a entrar, ficando do lado de fora "paquerando", o que geralmente dava origem a conflitos em casa. O preço, obviamente, era outro fator que impedia que o "cirquinho" fosse frequentado mais de uma vez.

Outra forma de "passar o tempo", e que estava se tornando cada vez mais comum, era "ver televisão" na própria casa, ou então na casa de algum vizinho ou parente. Os programas favoritos eram os de auditório (principalmente "Sílvio Santos") e as novelas entre 7 horas e 9 horas da noite. Os filhos dos vizinhos começavam a aparecer na casa daqueles que tinham aparelho de TV lá pelas 5,30 horas, 6 horas da tarde, para ver "desenho", e os pais, caso fossem "chegados" do proprietário, vinham mais tarde para ver novela. Durante os fins de semana os homens gostavam de ver um "futebolzinho", embora esse pudesse ser preterido pelo "Programa Sílvio Santos". A televisão, geralmente, não ficava ligada muito tempo depois das 9 horas da noite, fosse porque as pessoas tinham que acordar cedo no dia seguinte, fosse porque a TV "puxasse" muita força, aumentando consideravelmente a conta da luz.

#### IV - O Bairro e a Cidade

Com todas as limitações descritas, não é de estranhar-se que o Jardim Londres mantivesse uma estreita relação de dependência da "cidade", ou seja, do centro administrativo e comercial de Campinas. Esta relação, apesar de intensa, expressava uma situação em que os moradores do bairro gozavam de possibilidades mínimas de variação, já que recorriam à "cidade" para fins bem determinados: ir à Prefeitura Municipal "ver negócio" da casa, da água, da planta; ir ao escritório da Imobiliária pagar a prestação do terreno; ir ao "Imps" (ambulatório médico do INPS); ou ir às compras.

As lojas mais procuradas pela população eram aquelas que vendiam roupas, sapatos, móveis, eletro-domésticos e outros artigos para casa. Estes estabelecimentos, em geral, embora localizados na "cidade", encontravam-se "marginalizados" em relação aos "bons pontos" comerciais, isto é, não se encontravam no miolo da cidade, nem em nenhum dos quarteirões da moda. Localizavam-se em áreas comerciais mais antigas da cidade, ou então nos limites do centro comercial com bairros. Toda propaganda ou divulgação de suas mercadorias era feita através do rádio, em programas populares da cidade, e levando em consideração o preço antes da qualidade.

Havia ainda outros locais da cidade que serviam também como "passeio" ou lugares de distração para os moradores do bairro, como era o caso dos supermercados (principalmente o ELDORADO, o maior de todos). As donas-de-casa, principalmente, iam ao ELDORADO "só prá dar uma espiada" e acabavam comprando um ou outro artigo, mas em geral achavam as coisas muito caras. Sua atenção prendia-se não apenas em mercadorias de primeira necessidade, mas, como não podia deixar de ser, nos enlatados, artigos importados, frutas "diferentes"

(como morangos), artigos de cama e mesa e perfumaria. Estas "espia das" não eram frequentes, isto é, não ocorriam toda vez que a pessoa ia à cidade, mas sim quando "sobrava um tempinho".

Os mais jovens, por sua vez, gostavam também de passar pela lanchonete das LOJAS AMERICANAS ou pela do ELIDORADO, mas raramente gastavam muito dinheiro, indo ali "só prá paquerar". "Ficar" nas paradas de ônibus do centro da cidade também se constituía um divertimento para eles, e chegavam a "perder" 5 ou 6 ônibus antes de irem finalmente para casa. Isto era mais facilmente praticado pelas moças que trabalhavam como empregadas domésticas, aqueles que trabalhavam no comércio e jovens que se encontravam desempregados, e os encontros nesses locais era marcado sempre para depois das 5 horas da tarde.

Independente da vontade de quererem ou não passar pelo centro as pessoas, muitas vezes, viam-se obrigadas a isso, já que o acesso ao local de trabalho frequentemente dependia da "cidade" por causa da conexão de transportes. Por isso mesmo, emprego bem localizado era aquele para o qual a pessoa podia ir "de a pé", ou então pegar apenas uma condução. Infelizmente, estes eram muito raros em virtude da localização do bairro. Outra dificuldade era que a maior parte das pessoas tinha ocupações que variavam constantemente (na construção civil e como empregadas domésticas), e nem sempre um planejamento era válido a longo prazo. Além disso, ir "de a pé" acabava sendo melhor, não porque as distâncias fossem pequenas, mas principalmente por causa do preço das passagens de ônibus, que acabariam consumindo 5% do salário mínimo se fossem utilizadas duas vezes por dia, cinco vezes por semana, por pessoa, em 1972.

Durante a noite as pessoas evitavam sair, pois o bairro ficava pouco iluminado em algumas partes e totalmente escuro em ou

tras, e até mais ou menos 11 horas da noite, que era a hora em que os últimos ônibus passavam, ainda havia algum movimento. Era alguns jovens retornando da escola noturna, alguns bandos de moleques nas esquinas e homens voltando tarde do serviço. Mas dessa hora em diante poucos eram os bares que continuavam funcionando pois havia o perigo de "brigas feias" (com armas), ou de pessoas serem levadas pela polícia como "desocupados" e "marginais" durante as "batidas" periódicas. "Vira e mexe vai um em cana", diziam, e como me contou um dos que "foram": "O cara já sabe ... o negócio é manerá, ficá bonzinho ... ou então é bão dá no pé duma vez".

Durante o dia, com a criançada por ali, os cachorros e os veículos passando pela Avenida Dunlop, ainda era possível, para quem estivesse no bairro, se sentir parte da cidade, mas à noite, tudo quieto, e as luzes da cidade brilhando muito longe, era impossível negar a sensação de distância e isolamento que havia, e muitos pensavam como a mulher que me disse certa vez:

"Eu rezo prá nunca acontecer nada de noite aqui em casa c'os meus ... Eu vivo pensando que se alguém ficar doente, Deus que me livre e guarde, acho qu'inté morre ... Capaz mesmo, viu? ... Aqui de noite num tem alma viva, num tem nada ... Se tiver que chamar um carro, chamar a Assistência [Fronto Socorro Municipal] num pode ... Num tem telefone, num tem ônibus, num tem nada prá dar um auxílio... ... Dá até medo ... Eu já falei, parece até que tou morando no sítio outra vez ..."

PARTE SEGUNDA

A GENTE DO LONDRES

## I - A "Gente do Londres" (\*)

O bairro, quando terminei o trabalho de campo, contava com 398 unidades residenciais e cerca de 2.000 habitantes. Nos dois anos que ali permaneci, entrei em contato com mais de uma centena de famílias, mas preferi manter a base quantitativa do presente trabalho sobre apenas 93 domicílios, ou unidades domésticas, a respeito dos quais possuía informações mais completas e com as quais tive uma vivência muito próxima. O conjunto destas pessoas, portanto, não constitui uma amostra representativa da população local, pois a forma pela qual foram incluídas no estudo não obedeceu a qualquer critério estabelecido por métodos estatísticos. Sua inclusão ocorreu, simplesmente, por fazerem parte da rede social (social network) sobre a qual incidi.

Para chegar a esse número foram excluídas as unidades domésticas (a) a respeito das quais minhas informações eram parciais; (b) aquelas que deixaram o bairro até 3 meses depois de iniciado o trabalho de campo; (c) as que passaram a residir no bairro nos últimos 3 meses em que ali estive. A exclusão dessas unidades, entretanto, não se estendeu à discussão que será feita sobre a rede social (social network) de um grupo específico em secções subsequentes (\*\*), pois muitas vezes, apesar de ausentes do bairro, a atuação de certas unidades foi fundamental para a articulação da rede. A não inclusão aqui mencionada diz respeito apenas à demonstração quantitativa de alguns fatos pertinentes a esta secção do trabalho.

---

(\*) Forma pela qual as pessoas se referiam a si próprias, coloquialmente.

(\*\*) Ver A CHEGADA e A CONSTRUÇÃO.

Excluí, também, unidades domésticas representativas de pessoas consideradas, a nível local, diferenciadas, ou seja, os comerciantes ("melhor de vida"), e "gente assim", "esquisita", ou "desse jeito", a saber, um domicílio ocupado por 2 mulheres que "não prestavam", também chamadas "biscates", que "iam por dinheiro", e um outro ocupado por indivíduos do sexo masculino, com permanências infrequentes, considerados "malandros" e muito visitados pela polícia. Foram excluídas, ainda, unidades domésticas referentes a moradias situadas no "terreno da Prefeitura" ou em bairros vizinhos, ainda que a interação com a "gente do Londres" pudesse ser, em alguns casos, realmente intensa.

A representatividade desse grupo de pessoas está garantida, por assim dizer, na medida em que são 93 sólidos casos da "classe média" do bairro, de acordo com a classificação social existente no interior da área, e definida, via de regra, através de 3 categorias amplamente usadas pela população: "melhor de vida", para indicar quem estava financeiramente mais folgado; "mais o menos" ou "assim que nem nós", para indicar o escalão intermediário, e "num está bem" ou "num tem nem onde cair morto" ou ainda, "pior", para denominar os considerados realmente miseráveis. A inserção numa ou noutra categoria dependia, é claro, de que elementos estavam sendo comparados, e por quem, mas a grande maioria das pessoas do bairro dizia que "a gente do Londres" era "tudo mais ou menos igual" (\*).

---

(\*) Por questão de ordem, na enumeração dos dados coloquei, em primeiro lugar, dados quantitativos sobre a população, vindo, em seguida, a discussão sobre a classificação social vigente no bairro.

## II - Procedência e Forma de Migração

Embora o bairro exista desde 1954, foi a partir de 1960 que um fluxo mais constante de pessoas passou a ocupá-lo, até mais ou menos 1968. Dessa data em diante a ocupação ocorreu de forma acelerada, e todos se espantavam de como ele "andava" crescendo "ultimamente". A maior parte das pessoas que ali estava, fossem quais fossem as datas de suas chegadas, havia migrado do campo para a cidade, em busca de "melhoria de vida", e procedia, na maioria das vezes, do próprio Estado de São Paulo (Tabelas 2, 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4).

A mudança, quase sempre, ocorreu envolvendo todo o grupo familiar que residia junto no momento da saída e, às vezes, incluiu também outras unidades da família que residiam próximo, no lugar de origem, e guardavam, também, proximidade de parentesco, tais como, pais e filhos e irmãos entre si. Outros casos eram aqueles em que as pessoas se fizeram acompanhar de conhecidos e "compadres" ou então segmentos de outras unidades do grupo de parentesco, porém, mais distantes, embora estas fossem formas mais raras de acontecer. Rara, também, foi a mudança de indivíduos isolados, notadamente homens, e que sendo casados deixaram mulher e filhos para trás até acertarem algum emprego e arranjar casa para todos. Apesar disso, rapazes e moças solteiras — mas principalmente rapazes — "sobrinhos" e "primos" daqueles que já se encontravam no bairro, "apareciam" de vez em quando, ou eram "mandados" para a cidade. Seu número, entretanto, não era suficiente para alterar a regra da mudança envolvendo todo grupo residencial que era o que imperava na área (Tabela 3).

A tendência para efetuar a mudança em grupo, em oposição a partir de um elemento masculino na frente (ou mais de um), podia depender, segundo a opinião das pessoas, do estado civil:

Tabela 2 - Distribuição das Famílias de acordo com o Local de Procedência e Tempo de Residência no Bairro.

PROCEDÊNCIA	TEMPO DE RESIDÊNCIA (ANOS)									Nº da família	%	
	- de 1	1	2	3	4	5	6 a 10	10 e +	Outros			
<b>ESTADO DE SÃO PAULO:</b>												
• Área Rural	2	7	7	3	4	5	1	3	-	32	34,65	
• Área Urbana: interior	1	3	-	1	-	2	-	1	-	5	5,50	
capital	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1,05	
outros bairros	2	3	6	1	-	5	3	-	-	20	21,50	
• Uniãoes efetuadas quando um dos dos cônjuges ou ambos, já residiam no bairro	-	-	-	-	-	-	-	9	9	9	9,50	
Sub Total	5	11	13	5	4	12	4	4	9	67	72,20	
<b>ESTADO DE MINAS GERAIS:</b>												
• Área Rural	2	-	3	-	4	1	2	1	-	13	14,00	
Sub Total	2	-	3	-	4	1	2	1	-	13	14,00	
<b>ESTADO DE PERNAMBUCO:</b>												
• Área Rural	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1,05	
• Área Urbana: capital	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1,05	
Sub Total	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	2,10	
<b>ESTADO DE ALAGOAS:</b>												
• Área Rural	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1,05	
Sub Total	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1,05	
<b>ESTADO DA BAHIA:</b>												
• Área Rural	-	1	-	1	1	1	-	-	-	4	4,30	
Sub Total	-	1	-	1	1	1	-	-	-	4	4,30	
<b>ESTADO DO RIO:</b>												
• Área Urbana: interior	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1,05	
Sub Total	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1,05	
<b>ESTADO DE MATO GROSSO:</b>												
• Área Rural	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,20	
Sub Total	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,20	
<b>ESTADO DO PARANÁ:</b>												
• Área Rural	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	2,10	
Sub Total	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	2,10	
<b>TOTAL</b>	10	13	17	8	10	15	6	5	9	93		
∑	10,5	14,0	18,0	9,0	10,5	16,0	7,0	5,5	9,5		100,00	

Tabela 2.1 - Distribuição das Famílias de Origem Rural de Acordo Com a Procedência e Tipo de Atividade no Período Imediatamente Anterior à Mudança Para o Jardim Londres. (\*)

PROCEDÊNCIA	ATIVIDADES			TOTAL	
	Assala riado	Meeiro	Siti ante	Nº de famí- lias	%
São Paulo	24	7	1	32	60
Minas Gerais	11	2	-	13	20
Pernambuco	1	-	-	1	2
Alagoas	1	-	-	1	2
Bahia	4	-	-	4	7
Mato Grosso	2	1	-	3	5,5
Paraná	2	-	-	2	3,5
TOTAL	45	10	1	56	
%	48	18	2		100,0

(\*) Levou-se em conta o período imediatamente anterior à mudança para o Jardim Londres, e não o anterior à mudança para Campinas. Por isso mesmo, muitas famílias de origem rural não entraram nesse cálculo dada a vivência urbana que já apresentavam, seja residindo em outros bairros da cidade, seja em cidades do interior dos Estados, ou mesmo nas capitais.

Tabela 2.2 - Distribuição dos Cônjuges Pertencentes às Famílias de Procedência Urbana de Acordo com as Atividades o Período Imediatamente Anterior à Mudança Para o Jardim Londres. <sup>1/</sup>

PROCEDÊNCIA	ATIVIDADES		Nº de famílias	%
	Marido	Mulher		
<b>SÃO PAULO</b>				
• Interior	Mecânico sem especialização	Costureira	1	} 70
	Marceneiro	Dona de casa	1	
	Ferroviário da FEPA SA <sup>2/</sup>	Dona de casa	1	
	Falecido	Faxineira (funcionária pública municipal)	1	
	Falecido	Dependente do INPS	1	
• Capital	Operário braçal (funcionário público estadual)	Faxineira	1	
<b>PERNAMBUCO</b>				
• Capital	Várias ocupações mal definidas	Dona de Casa	1	} 15
<b>RIO</b>				
• Interior	Expedidor da Petrobrás	Dona de Casa	1	} 15
<b>TOTAL</b>			8	
				100

<sup>1/</sup> Não foram levadas em consideração as famílias procedentes de outros bairros da cidade uma vez que a mudança para o Jardim Londres não alterou de maneira digna de registro a ocupação que tinham.

<sup>2/</sup> Rede Ferroviária Estatal.

Tabela 2.3 - Distribuição das Famílias Procedentes de Outros Bairros de Campinas de Acordo com o Número e Tempo de Permanência Neles. (\*)

TEMPO DE PERMANÊNCIA	Nº DE BAIROS			Nº de famílias	%
	1 bairro	2 bairros	3 bairros		
1 ano	2	-	-	2	10
1 — 2 anos	1	-	-	1	5
2 — 3 anos	3	1	-	4	20
3 — 5 anos	1	-	-	1	5
5 — 10 anos	6	1	-	7	35
10 — 15 anos	1	-	-	1	5
15 anos e mais	1	2	1	4	20
TOTAL	15	4	1	20	
%	75	20	5		100

(\*) O tempo de permanência, no caso da família haver residido em 2 ou mais bairros, está dado na íntegra, e não tempo de residência em cada bairro, respectivamente.

Tabela 2-4 - Distribuição das Uniões que se Iniciaram quando um dos Cônjugos, ou ambos, já Residiam no Jardim Londres; Tempo de Duração da União e Local da Residência Imediatamente Anterior.

LOCAL DE RESIDÊNCIA ANTERIOR	TEMPO DE DURAÇÃO DA UNIÃO (ANOS)							Nº de famílias	%
	- de 1	1-2	2-3	3-4	4-5	5-10	10 e +		
Ambs os cônjuges residiam no bairro	1	2	-	1	-	-	-	4	50
Cônjuge masculino no bairro; feminino em área rural do Estado	-	1	-	-	-	-	-	1	10
Cônjuge masculino no bairro; feminino em área rural do Município	-	-	-	-	-	-	1	1	10
Cônjuge masculino no bairro; feminino em outro bairro	1	-	-	-	-	-	-	1	10
Cônjuge feminino no bairro; masculino em outro bairro	-	1	-	-	1	-	-	2	20
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>9</b>	
<b>%</b>	<b>20</b>	<b>50</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>-</b>	<b>10</b>		<b>100</b>

Tabela 3 - Distribuição das Unidades Domésticas de acordo com o Tipo e Forma do Deslocamento, e o Tipo de Contato ou Conhecimento na Cidade. <sup>1/</sup>

TIPO E FORMA DE DESLOCAMENTO	TIPO DE CONTATO NA CIDADE				Nº de famílias	%
	Com Parentes	Com parentes ou conhecidos	Com conhecidos ou outros contatos	Outros		
<b>Grupos Residenciais Isolados:</b>						
• Grupo seguiram todo junto	10	9	-	-	19	20,20
• Pessoas do grupo seguiram na frente "prá ver" <sup>2/</sup>	6	22	2	-	30	32,10
• Ocorreu prévio estabelecimento de algum membro <sup>3/</sup>	3	1	2	-	6	7,00
<b>Sub Total</b>	<b>19</b>	<b>32</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>55</b>	<b>59,30</b>
<b>Mais de um grupo residencial seguindo juntos:</b>						
• Grupos seguiram juntos	-	1	-	-	1	1,05
• Pessoas dos grupos seguiram na frente "prá ver"	8	6	3	-	17	18,30
• Ocorreu prévio estabelecimento de algum membro	2	-	-	-	2	2,15
<b>Sub Total</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>20</b>	<b>21,50</b>
<b>Indivíduos Isolados: <sup>4/</sup></b>						
• Homens	-	2	-	-	2	2,15
• Mulheres	1	-	-	-	1	1,05
<b>Sub Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>3</b>	<b>3,20</b>
<b>Outros:</b>						
• Casamentos efetuados quando ambos os cônjuges, ou pelo menos um deles, já vivia em Campinas	-	-	-	2	2	2,15
• Idas quando ambos já viviam no bairro	-	-	-	9	9	9,60
<b>Grupos Residenciais de Pessoas:</b>						
• Nascidas ou criadas em Campinas	-	-	-	3	3	3,20
• Outros <sup>5/</sup>	-	-	-	1	1	1,05
<b>Sub Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>16,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>41</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>93</b>	
<b>%</b>	<b>32,1</b>	<b>45,9</b>	<b>6,0</b>	<b>16,0</b>		<b>100,00</b>

<sup>1/</sup> O conjunto das 93 unidades em estudo não apresentavam a mesma configuração no momento da chegada à cidade. Muitos indivíduos que chegaram solteiros, com seus pais, casaram-se na cidade e outros chegaram há tanto tempo que não souberam informar com exatidão a forma como ocorreu a mudança. A presente tabela representa apenas um corte no tempo, e daí a dificuldade de enquadrar certos casos, notadamente aqueles que dizem respeito às unidades residenciais constituídas após a chegada de seus principais membros.

<sup>2/</sup> Esta categoria inclui homens e mulheres, indistintamente. Talvez possa se dizer que há uma tendência para que homens venham a fazer estas sondagens com mais frequência que mulheres, principalmente quando não existem parentes e conhecidos na cidade.

<sup>3/</sup> Este estabelecimento prévio significava, em geral, arranjar trabalho a casa, e muitos meses podem se passar até a chegada do resto da família, mas esta categoria envolveu, em todos os casos verificados, a vinda de homens, e nunca de mulheres. Estes homens, por sua vez, não são necessariamente maridos e pais, embora preferencialmente assim fossem, podendo tratar-se também de irmãos.

<sup>4/</sup> A família, ou grupo residencial principal, muitas vezes ficou no lugar da origem, e as pessoas incluídas nesta categoria vieram para viverem só (homens jovens e solteiros, principalmente), ou para se reunirem a algum outro parente que já residia na cidade.

<sup>5/</sup> Trata-se, aqui, de um caso em que um homem, casado, com filhos, mudou-se para Campinas, juntamente com a esposa. Com a morte desta, "mandou buscar" uma irmã, igualmente viúva, com filhos, para que viesse "cuidar da casa". Já estavam residindo na cidade há algum tempo quando se mudaram para o Jardim Londres.

"Prum moço é fácil ... Sai, arranja um emprego, qualquer coisa já tá bom ... Já prum homem que tem família não ... Esse já tem que pensar mais, num pode ir indo assim, sem mais nem menos ... E prá largar tudo e sair tem que ter uma coisa certa, ou então tem que arranjar logo um servi-  
cinho prá fazer, senão quê que a família vai comer? ... Porisso, o melhor mesmo é que nem eu fiz ... Esperei mais um pouco, com paciência, e quando deu, viemos ... Se num desse naquela hora, dava depois, e se daí num desse, então aí arranjava outro jeito ... Porque também nem sempre é que as coisa dão do jeito que a pessoa tá querendo ... (Indivíduo procedente da zona rural de Lins, Micro-Região de Bauru).

Em outros casos podia depender, também, de para onde as pessoas se dirigiam, havendo aqueles que faziam distinção entre ir para a "capital" e ir para o "interior":

"Ele [o marido] falava de ir prá São Paulo ... Era prá lá que a gente era prá ir ... Eu tava meia assim, porque ta va cos filho pequeno, e São Paulo já viu, né? Já é tudo longe, tudo maior, mais difícil mesmo ... Apesar que se fosse, ele [o marido] ia primeiro, prá ver as coisa como que era ... Ia ver se conseguia emprego e arrumar uma ca sinha que o aluguel num fosse muito alto, ia ver tudo di reito primeiro ... Depois é que eu ia co'as orianças ... Saí donde nós tava ia ter que sair mesmo porque lá num dava mais prá ficar, tava cada vez pior ... Mais aí acon teceu tudo junto, uma porção de coisa, e no fim acabou dando tudo certo ... É que meu cunhado, o marido dessa minha irmã que também mora aqui [no Londres] falou que vi nha prá cá [para Campinas] que aqui também era bom de trabalhar ... Tinha um colega dele, um conhecido, nem lem bro mais, que tinha vindo e tinha falado que aqui era bom ... Prá nós era melhor, né? ... Prá mim então nem se fala ... Ia ter minha irmã perto e tudo ... É prá ela também era bom, porque ia ter eu ... Uma ia ter a outra

... Aí meu marido falou: vamos experimentar lá, ué ... Se der certo, ficamos, e se num der eu vou prá São Paulo e cê volta prá cá ou fica lá co'a tua irmã ... Graças a Deus deu tudo certo, tamos aqui até hoje, temos essa casa<sub>u</sub>inha aqui ... Depois disso também já veio mais duas irmãs minha, outro irmão do meu marido, já conseguimos trazer minha mãe, e meu marido e meu cunhado trouxeram a minha sogra ... Tem gente que faz questã de São Paulo, pensa que é só lá que pode trabalhar ... Acho que é até pior ... Se alguém me pergunta, sempre tem uma pessoa ou outra que pergunta, eu falo, eu num troco Campinas por nada ... Mais tem gente que nem conhece, né? ... Mora no sítio, que nem bicho do mato, num tem uma informação, um conhecimento ..." (Membro de um grupo procedente da Micro-Região da Alta Noroeste de Penápolis).

Não existem, entretanto, evidências conclusivas a respeito do padrão diferencial de migração para São Paulo (e talvez Rio de Janeiro) em relação a centros urbanos menores, tipo Campinas. DURHAM (1973), numa das mais valiosas colaborações que existe sobre o assunto de migração, chama a atenção para a migração para São Paulo e aponta para a relevância do fenômeno a partir do envolvimento de famílias, embora o deslocamento ocorra via de regra, a partir de "indivíduos isolados" ou "grupos muito pequenos de 2, ou no máximo de 3 pessoas" (p. 130, p. 235). Assim mesmo, na população por ela estudada, "do total de 107 casos, 54 imigrantes [vieram com] toda a família, em um só tempo (36 casos), ou com intervalo (18 casos)" (p. 235). (3)

No caso do Jardim Londres, mais especificamente falando, um número maior de pessoas havia efetuado o deslocamento ao mesmo tempo, com toda família (grupo residencial), havendo também casos de mudanças em conjunto com outras unidades residenciais do mesmo grupo de parentesco sem necessidade, ou pelo menos sem a ocorrência, da

fixação prévia, ou isolada, de elementos masculinos. Os 93 casos-ba se ilustram bem essa tendência (Tabela 3) e indicam, ainda, uma ou tra modalidade de migrar, que é aquela em que algum elemento masculino, às vezes acompanhado do feminino, ou de outros homens da famí lia, chega "na frente prá ver" como são as condições de vida do lu gar.

Este "vir antes prá ver" podia ocorrer uma ou mais vezes com a mesma pessoa, e ocorreu de forma mais comum do que o deslocamento isolado de um indivíduo, ou então segmentado, envolvendo parte do grupo. Não significou nunca a busca sistemática de emprego ou casa, mas simplesmente uma espécie de missão de reconhecimento. Os indivíduos ficavam na cidade uma semana, ou menos, e quando não tinham parentes hospedavam-se em pensões baradas próximas à Estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Vinham para ver se "valia a pena", se a "cidade era boa mesmo", e ouvir o que as pessoas que já estavam por aqui "falavam". Alguns encontravam conhecidos por acaso, e outros, que possuíam algum endereço vago, muitas vezes nem chegavam a encontrar quem procuravam. Muito comumente, nesses casos, tra tava-se de algum "colega" que havia migrado antes, ou parentes de gente conhecida. Muitas pessoas chegaram ao bairro por acaso, em vir tude desses endereços incertos, como foi o caso deste homem:

"Eu num conhecia nada aqui, né? ... Cheguei sem conhecer nada ... Só sabia que Campinas era uma cidade grande, mais num sabia que tinha tanto lugar assim prá ir ... Antes de eu vim teve uns conhecido nosso lá [zona rural de Palestina] que falou prá eu procurar um parente deles que tava morando aqui [...] Quando voltei lá eu falei: Acho que cês num tavam querendo que eu achasse esse lugar não porque senão tinha de dado uma orientação melhor ... Eu falei brincando, claro ... É porque eles tinha me falado

duma rua de número ... Doze ou treze, nem lembro mais... No bairro industrial ... Cê já entendeu, né, a confusão que deu (\*) ... Cheguei e na Estação mesmo fui perguntando prá um, perguntando prá outro ... Aí tinha uma moça lá, muito educada, ela falou: Acho que é Parque Industrial que tem rua de número ... Ela queria m'ensinar pegar o ônibus e tudo [...] Devia de ter escutado ela ... Mas é que chegou um outro homem e falou que era melhor ir prá cidade [centro] duma vez, que lá tinha uma porção de ônibus e que era mais fácil de eu perguntar, m'informar mais [...] Me atrapalhei todo porque lá na cidade tudo do mundo falava que era na Vila Industrial ... Tem rua de número lá?, eu perguntava prá eles, e eles dizia que tinha [...] Tava atrapalhado, nem sei como que eu peguei então um ônibus e vim vindo, e fui descer só no ponto final [...] Era esse daí da Castelo Branco [...] Um rapaz no ônibus falou prá mim: Esse ônibus num passa na Vila Industrial nem no Parque [...] Mais eu pensei, tou aqui vou é ficar antes que me perca por aí [...] Mas num sei que foi que deu na minha cabeça eu achei o lugar aqui bonito, foi que nem um sentimento, eu só sei que desci do ônibus e fiquei andando por aí tudo, fui até lá os Campos Elíseo ... Entrei num bar prá comprar pão, uma coisa de comer, beber uma água, e fiquei assuntando o pessoal que tava lá ... Foi sorte que tava lá "seu" Arcindo, que é um conhecido (\*\*) que mora na quadra aí de baixo e que me falou que no Londres tavam vendendo lote prá quem quizesse comprar [...] É bom quando alguém pode encontrar uma pessoa assim, que auxilia c'uma informação ... Cê sabe que eu acabei vindo até a casa dele, ele até serviu um café, a patroa dele, esqueço o nome, eu só lembro que viemos ver esse lote aqui ... Era dum rapaz que tava de mudança [...] Ele falou: tem que resolver logo por causa do meu serviço ... Fui transferido e tenho que me desfa-

---

(\*) Campinas possui 2 bairros com nomes mais ou menos parecidos: Parque Industrial e Vila Industrial.

(\*\*) São conhecidos a partir de então, sendo que até hoje "se dão" mas não se conheciam na época em que o fato acima relatado ocorreu.

zer logo disso aqui, tudo ... Num dei resposta, nem podia porque dependia de eu falar co meu genro e co meu filho ... Eu num posso lhe afirmar pelos outros, falei, e por mim também não porque num tenho dinheiro prá lhe oferecer agora [...] Voltei lá prá casa e falei do negócio prá eles lá, falei: Acho que num vai dá porque o rapaz falou que tem pressa [...] Quê que podia fazer ... Dinheiro ninguém acha no chão ... Mas eu falei prá eles que num tinha que se preocupar que a gente achava outra coisa ... Ficar lá [no sítio] num ia ser mesmo, eu já tinha vendido tudo minhas coisas, tava na casa do outro genro, esperando o outro que vinha acertar as coisas dele... Só sei que foi mais de um mês que passou ... Aí viemos [...] A mulher e as filha ficaram numa pensão e os home já fomos vindo prá cá ... Passei no "seu" Arcindo mas ele tava trabalhando ... Vim aqui e num tinha ninguém... Tava só o barraco, parecia abandonado ... Logo soube que ia dá prá fazer negócio [...] A vizinha que morava aí do lado que falou prá ir na casa da mãe do rapaz, do outro lado da estrada [Dunlop] [...] Nisso "seu" Arcindo já vinha vindo ... Fomos todo mundo falar co'a mãe do rapaz e ela falou que dava prá fazer negócio [...] Ficou em nove mil contos [Cr\$ 9.000,00] [...] Demos uma entrada e pagamos o resto em 1 ano ..." (Indivíduo da Micro-Região de Ribeirão Preto).

Como alguns indivíduos chegavam a vir "ver as coisas na frente" mais de uma vez, não era difícil ficarem sabendo, entre outras coisas, que o trabalho em construção não era difícil de conseguir, assim como tentavam localizar, na cidade, pontos onde o preço de lotes, ou aluguéis, estavam ao seu alcance. É importante, porém, ressaltar, que nenhuma das pessoas que recorreu a este artifício considerou tais sondagens como mudanças isoladas, sem o resto da família, sendo que as pessoas distinguiam entre diferentes modalidades de "ida" ou "vinda" para a cidade . (4)

Virem juntos todos os membros de uma família que residissem na mesma casa, por exemplo, era uma forma de deslocar-se, assim como vir alguém isolado, arranjar emprego e moradia e só depois ser seguido dos demais membros da família, era visto como outra. O deslocamento segmentado, por seu lado, constituía uma terceira alternativa. O relato que se segue dá conta de um deslocamento desse último tipo (família de um comerciante; não englobada entre as 93), em que a mulher contou que:

"Só morei junto com os outros uma vez, e assim mesmo foi por pouco tempo ... Foi no tempo que minha sogra e meu sogro moraram comigo ... Eu ainda tava morando em Tupã ... Eles moravam em Herculândia no sítio co'a filha deles ... Mas daí eles resolveram tudo vim prá Campinas ... Veio o marido da minha cunhada e um primo dele, e daí prá trazer os velho eles acharam que num dava [...] Herculândia é grudado com Tupã e meus sogros foram lá prá minha casa junto c'uma outra cunhada minha que era solteira ainda ... Ficaram lá prá mais de uns 7 meses, e quando o marido da minha cunhada acertou tudo aqui ela foi lá em Tupã buscar eles prá vim morar junto outra vez ..." (Micro-Região da Alta Paulista).

No caso do deslocamento da cunhada dessa mulher houve segmentação, uma vez que parte do grupo residencial seguiu para a cidade, e parte ficou "esperando". Mas por outro lado, entre o grupo que seguiu, houve um acréscimo por parte de um "primo do cunhado", não se sabia se solteiro ou casado.

É interessante notar, entretanto, que a maior parte daqueles que declaradamente "vieram na frente", de uma ou outra forma, eram os que não possuíam parentes em Campinas, como indica a Tabela 3. Na verdade, minha impressão é que, quando os parentes já viviam em Campinas esta forma de "vir" também ocorreu, mas de forma disfar

çada, raramente explicitada pelas partes envolvidas. Visitas mútuas entre os que estavam no campo e os que estavam na cidade, bem como cartas, e contato, no sítio, com os familiares mais próximos daqueles que já se encontravam no centro urbano ocorriam, e serviam para fornecer dados sobre a nova vida para todos aqueles que pretendiam se mudar. Presenciei muitas visitas de "parentes do interior" e o que diziam, quando estavam sondando, não variava muito: "tu pensando em sair, em mudar de lá", mas "num é prá já, quê que cê acha?"; ou então: "eu por mim ficava onde tou, mas os filho tão me apertando prá sair", ou ainda: "agora que eu tou com criança pequena eu penso de sair prá um lugar de mais recurso". Os fatos eram sempre colocados através de uma série de descrições e queixas sobre a vida "de lá", sobre os quais baseavam o desejo e a necessidade de saírem. Aquelles que já estavam na cidade, por sua vez, dependendo da situação, e do parente, entendiam ou não as indiretas que eram assim lançadas. Nos casos de parentesco próximo, em que mãe e filha estivessem envolvidas (ver A CHEGADA), havia menos dissimulação para "querer vir" e para "querer trazer". Quando se tratava, por exemplo, da família numerosa de algum irmão, ou mesmo irmã, a situação era mais melindrosa: uma vez que havia o envolvimento de cunhadas e cunhados ("outros" e não parentes), e se requeria então maior diplomacia. Após uma dessas visitas de caráter mais sutil ouvi, certa vez, uma mulher comentar: "acho que meu tio tá querendo mudar prá cá ... Esse ano ele já veio três vezes visitar minha mãe e meu pai".

Além do estado civil do indivíduo, do lugar para onde pretende ir, e do fato de contar ou não com parentes como base de apoio, talvez seja possível dizer que haja também padrões diferenciais de migração de acordo com a procedência. Assim sendo, certos Estados, como São Paulo, ou mesmo Minas Gerais, apresentam, supostamente, um

tipo de mudança cujo deslocamento parece envolver todo o grupo familiar, ao passo que Estados do Nordeste, e mesmo Bahia, parecem apresentar um deslocamento fragmentado da família, com um número maior de indivíduos isolados que "largam tudo", caso sejam solteiros, ou vêm "na frente" para primeiro se estabelecerem, caso sejam casados.

Apesar de relativamente pequeno, o número de famílias que estamos discutindo serve para ilustrar a possibilidade de haver formas diferenciadas de deslocamento de acordo com a procedência. Tomando, em cada família, os elementos acima de 15 anos que não migraram como simples dependentes, mas, pelo contrário, para os quais o fato foi um assunto intensamente discutido e vivido e com cuja mão-de-obra toda a família contava para a sobrevivência na cidade, temos 219 pessoas (\*), distribuídas de acordo com o indicado na Tabela 4. Este número representa 73% da população situada nesta faixa etária, ficando excluídos, portanto, aqueles que eram considerados muito crianças quando a mudança ocorreu, ou então os muito velhos, que foram "levados" ou "trazidos", sem muita voz ativa.

Pois bem, considerando-se não a unidade doméstica completa, mas apenas o elemento masculino, que é aquele a quem mais se possibilita "vir na frente", ou "sozinho", principalmente quando inexistem parentes no ponto para o qual se dirige, temos, para esses casos, as seguintes ocorrências de deslocamento prévio, ou isolado, de acordo com a procedência por Estado: Estado de São Paulo: 3 casos (4% dos homens adultos procedentes desse Estado); Estado de Minas Gerais: 2 casos (14%); Estado da Bahia: 10 casos (100%); Estado do Paraná: 1 caso (25%); Estado de Alagoas: 1 caso (50%); Estado do Rio: 1 caso (100%). Um caso, referente a São Paulo, apresenta a naturalidade baiana; o do Paraná, paulista; e o do Estado do Rio, per

(\*) O total de pessoas nas 93 unidades totalizou 524 indivíduos.

Tabela 4 - Distribuição dos "Não-Dependentes" de acordo com a Relação entre Naturalidade e Local de Procedência Anterior à Mudança Para Campinas. 1/ 2/

LOCALIDADES	Naturalidade				Total Indi- víduos	%	Procedência				Total Indi- víduos	%
	Masc.	%	Fem.	%			Masc.	%	Fem.	%		
ESTADO DE SÃO PAULO												
(225) Alta Araraquarense de Fernandópolis	15		12		27		32		24		56	
(226) Alta Araraquarense de Tutuoranga	3		1		4		-		-		-	
(227) Divisor Turvo-Grande	1		1		2		-		-		-	
(228) Barrotes	-		1		1		-		-		-	
(229) Alta Mogiana	-		-		-		1		1		2	
(231) Alta Noroeste de Aracatuba	-		-		-		-		1		1	
(232) Médio São José dos Dourados	3		-		3		2		1		3	
(234) São José do Rio Preto	7		5		12		5		5		10	
(235) Média Araraquarense	2		5		7		-		-		-	
(237) Ribeirão Preto	2		1		3		-		-		-	
(239) Nova Alta Paulista	1		-		1		6		7		13	
(240) Alta Noroeste de Panópolis	4		5		9		-		-		-	
(241) Moura	7		8		15		9		12		21	
(242) Araraquara	2		1		3		-		-		-	
(243) Depressão Periférica Setentrional	2		3		5		1		1		2	
(244) Encosta Ocidental da Mantiqueira Paul.	3		1		4		3		1		4	
(245) Alta Paulista	4		1		5		-		1		1	
(246) Jaú	-		-		-		-		1		1	
(247) Rio Claro	-		-		-		-		-		-	
(248) Campinas (zona rural)	2		1		3		5		4		9	
(249) Estâncias Hidro-Mineiras Paulistas	1		-		1		-		-		-	
(252) Ourinhos	1		-		1		-		-		-	
(253) Serra de Botucatu	-		1		1		-		-		-	
(254) Açucarreira de Botucatu	2		1		3		4		2		6	
(255) Tutuí	1		1		2		1		1		2	
(256) Sorocaba	1		2		3		-		1		1	
(257) Jundiá	-		-		-		2		1		3	
(258) Bragança Paulista	-		1		1		-		-		-	
(261) Paranapiçaba	1		-		1		1		-		1	
(262) Grande São Paulo	1		1		2		1		1		2	
ESTADO DE SÃO PAULO (TOTAL)	66	29,0	53	23,5	119	32,5	75	34,0	67	29,0	142	63,0
ESTADO DE MINAS GERAIS	21	11,0	27	12,0	48	23,0	14	6,0	15	7,0	29	13,0
ESTADO DA BAHIA	16	7,0	8	4,0	24	11,0	10	5,0	4	2,0	14	7,0
ESTADO DE PERNAMBUCO	8	4,0	7	3,0	15	7,0	6	3,0	6	3,0	12	6,0
ESTADO DO PARANÁ	1	0,5	3	1,5	4	2,0	4	2,0	4	2,0	8	4,0
ESTADO DE MATO GROSSO	-	-	1	0,5	1	0,5	3	1,5	3	1,5	6	3,0
ESTADO DA PARAÍBA	1	0,5	1	0,5	2	1,0	-	-	-	-	-	-
ESTADO DE ALAGOAS	2	1,0	2	1,0	4	2,0	2	1,0	2	1,0	4	2,0
ESTADO DO RIO	-	-	2	1,0	2	1,0	1	0,5	2	1,0	3	1,5
CIDADE DO RIO DE JANEIRO (antiga GR)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,5	1	0,5
TOTAL	115		104		219		115		104		219	
%		53,0		47,0		100,0		53,0		47,0		100,0

1/ N = 219. Este total corresponde a 7% da população acima de 15 anos, e conforme fica melhor esclarecido no texto, inclui apenas aquelas pessoas que atuaram de forma mais ou menos decisiva por ocasião da mudança para Campinas.

2/ A denominação das localidades para o Estado de São Paulo foi dada a partir da classificação por Micro-Regiões existentes na classificação do VIII Recenseamento/1970, e os números antes de cada uma indicam a ordenação dada pelo IBGE.

### III - Idade e Sexo. Momento da Chegada. Composição Residencial

A questão da procedência foi discutida antes dos tópicos anteriores porque a forma pela qual as pessoas chegaram ao bairro e em que medida, é um fator que antecede, por assim dizer, a estrutura populacional do bairro, e ajuda a entendê-la melhor. (\*)

O que era possível perceber no Jardim Londres, mesmo sem fazer nenhum curso, era o predomínio de pessoas na faixa adulta, acima de 15 anos e abaixo de 50, sem que houvesse excesso de homens ou mulheres, especificamente. Conforme a hora do dia havia presença maior de um ou outro, mas de maneira geral nenhum dos sexos predominava. Embora fosse rara a casa em que não houvesse uma criança pequena (abaixo de 2 anos), seu número não era suficiente para impedir que crianças em idade escolar ou aproximada (5 anos e mais) dominassem o cenário das ruas e quintais. Por isso mesmo, durante as férias escolares, aos domingos e nos fins de tarde, o bairro parecia dobrar de população, que era quando a maioria das pessoas se encontrava em casa, e as "rodinhas" nos bares, os "encontros" no quintal e na rua e as brincadeiras dos moleques tinham lugar.

A forma como se apresenta a estrutura populacional do bairro, evidentemente, não surpreende por se diferenciar da estrutura populacional da cidade (Figura 3). Primeiro, em virtude do volume de pessoas contido numa e noutra instância e, segundo, porque o Jardim Londres representa uma situação de caráter bem específico no contexto da cidade, ou seja, a de um bairro relativamente recente, povoado de migrantes recentemente chegados. Zonas antigas e mais di

---

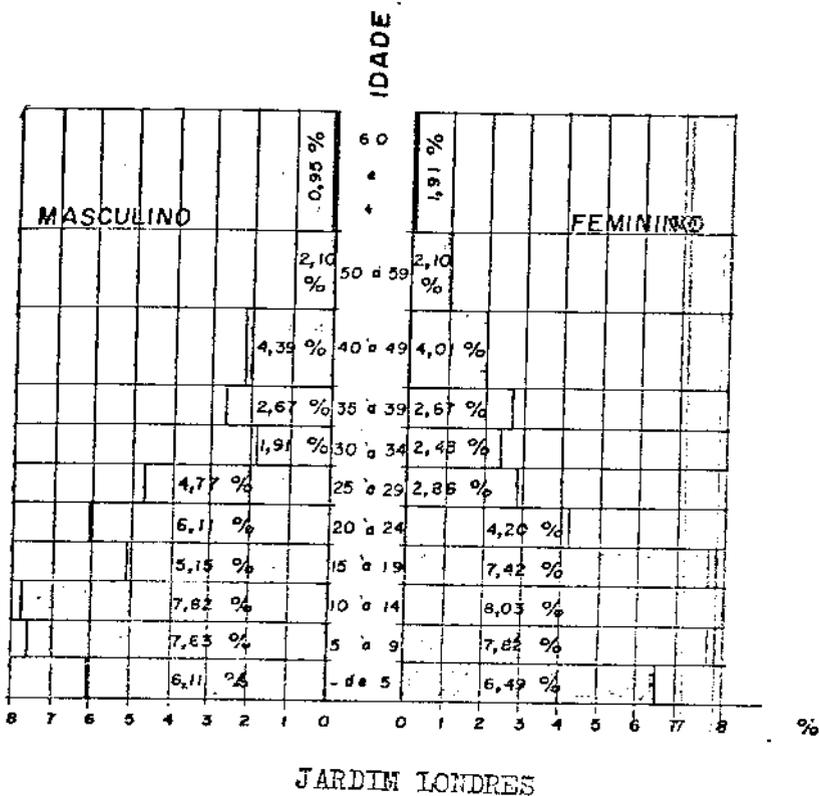
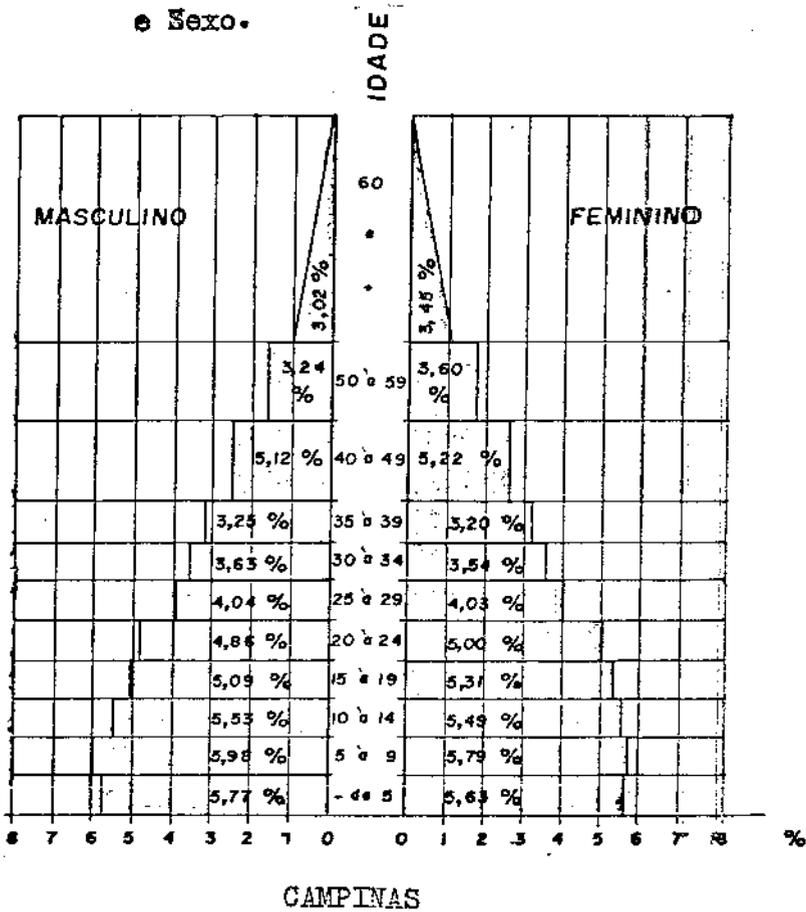
(\*) Gostaria de mencionar e agradecer às valiosas sugestões da Dra. Anamaria Tambollini Arouca, médica-epidemiologista, no que se refere a esta parte do trabalho. Falhas e desacertos, porém, são da minha inteira responsabilidade.

nambucana. Para os outros Estados não se verificou este tipo de deslocamento. (5)

O deslocamento de mulheres, dessa forma isolada, como preferencialmente ocorria com os homens, foi raro verificar, embora se registrassem casos de mulheres que seguiram "na frente prá ver" juntamente com o marido, naquele tipo de incursão preliminar anteriormente descrita. O mais comum era que filhos "mandassem buscar" a mãe, ou que mocinhas ou meninas, menores de idade, fossem "mandadas" para morar com tios e padrinhos, mas este "mandar" era mais comum com relação a velhos e crianças em geral, e não ocorria com mulheres, particularmente.

Entre os 93 casos, por exemplo, apenas em 2 unidades domésticas verificou-se o fato de mulheres adultas efetuarem a mudança (no sentido da tomada de decisão) e o deslocamento (no sentido de viagem, propriamente dita), sozinhas, e assim mesmo, quando o fizeram, foi para chegar ao encontro de parentes que já residiam na cidade. A primeira, natural de Bahia, procedente do Rio de Janeiro, orfã de mãe, foi criada em orfanatos da Igreja Batista e aos 20 anos, entre voltar para o pai na Bahia e morar com a tia, em Campinas, optou pela segunda alternativa. Casou-se posteriormente com um rapaz que conheceu na cidade. Outro caso é de uma moça de 24 anos, solteira, do Estado de São Paulo, que "já que estava solteira mesmo" achou melhor "ir" para algum lugar onde houvessem empregos "que pagassem mais". Assim sendo, seguiu para Campinas onde já morava uma irmã casada e empregou-se em "casa de família".

Figura 3 - Comparação Entre as Pirâmides Populacionais da Cidade de Campinas e das 93 Famílias do Bairro Jardim Londres, de Acordo com Idade e Sexo.



versamente povoadas, apresentarão, provavelmente, uma estrutura que se aproximará mais da estrutura populacional do município como um todo. Conforme se vê pelas Tabelas 5 e 5.1, representadas graficamente na Figura , pessoas adultas sobrepujam as crianças de forma mais significativa no caso do bairro, havendo, entretanto, um afunilamento já a partir da faixa de 5 a 9 anos.

A maior concentração de indivíduos em certas faixas etárias pode ser explicada pela idade vista como ideal para migrar, que em geral enquadra casais jovens, sem filhos ainda, ou com apenas uma criança, ou então casais mais velhos, com filhos adolescentes em idade de trabalhar. A predominância de homens sobre mulheres em certas faixas etárias adultas é imediatamente compensada em outras e pode ser entendida pela idade de entrada em uniões conjugais, circunstância em que o homem tende, mesmo na população geral, a ser ligeiramente mais velho. A predominância do sexo masculino, na faixa etária abaixo de 5 anos, e do sexo feminino na velhice não é uma prerrogativa local, mas também reflete uma tendência da população geral, que registra o nascimento de um número maior de homens do que de mulheres, o um número mais elevado de homens do que de mulheres, bem como um número mais elevado de homens morrendo mais precoceamente que mulheres. Entre 35-60 anos, porém, existe equivalência entre os 2 sexos. De qualquer forma, embora os dados referentes ao bairro sejam relativamente incomparáveis quando vistos diante da população geral, uma suposição simples que poderia assim mesmo ser feita é a da existência de padrões migratórios diferentes no que se refere ao sexo. Isto é, havendo predominância do sexo feminino entre 5 a 19 anos, e entre 35 a 39 anos, e do masculino entre 5 e 14 anos, 20 a 29 anos, e 35 a 39 anos.

Tabela 5 - Distribuição da População das 93 Famílias de Acordo com a Idade e Sexo.

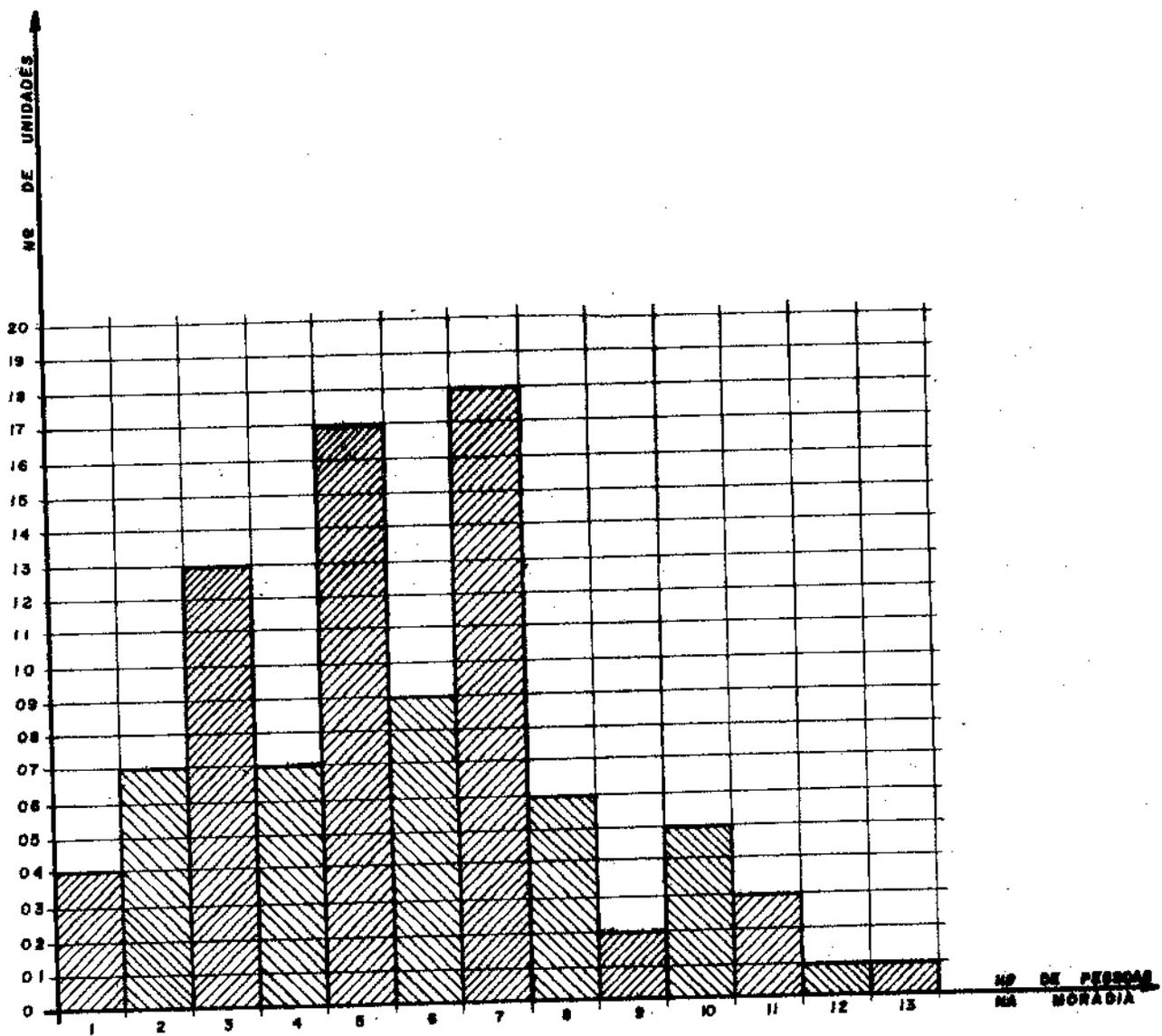
IDADE	S E X O				TOTAL	
	Masculino		Feminino		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
0 - 4 anos	32	6,10	34	6,50	66	12,60
5 - 9	40	7,65	41	7,80	81	15,45
10 - 14	41	7,80	42	8,05	83	15,85
15 - 19	27	5,15	41	7,80	68	12,95
20 - 24	32	6,10	22	4,20	54	10,30
25 - 29	25	4,75	15	2,90	40	7,65
30 - 34	10	1,90	13	2,50	23	4,40
35 - 39	14	2,65	14	2,65	28	5,30
40 - 49	23	4,40	21	4,00	44	8,40
50 - 59	11	2,10	11	2,10	22	4,20
60 anos e +	5	1,00	10	1,90	15	2,90
TOTAL	260	49,60	264	50,40	524	100,00

Tabela 5.1 - Distribuição da População de Campinas de Acordo com a Idade e Sexo.

IDADE	S E X O				TOTAL	
	Masculino		Feminino		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
0 - 4 anos	21.694	5,75	21.121	5,65	42.815	11,40
5 - 9	22.491	6,00	21.735	5,80	44.226	11,80
10 - 14	20.789	5,50	20.648	5,50	41.437	11,00
15 - 19	19.154	5,10	19.975	5,30	39.129	10,40
20 - 24	18.263	4,85	18.786	5,00	37.049	9,85
25 - 29	15.194	4,05	15.168	4,05	30.362	8,10
30 - 34	13.632	3,60	13.295	3,55	26.927	7,15
35 - 39	12.223	3,25	12.033	3,20	24.256	6,45
40 - 49	19.275	5,10	19.662	5,20	38.937	10,30
50 - 59	12.176	3,25	13.499	3,60	25.675	6,85
60 anos e +	11.376	3,00	12.961	3,45	24.337	6,45
Ignorada	368	0,10	396	0,15	764	0,25
TOTAL	186.635	49,55	189.279	50,45	375.914	100,00

Fonte: VIII Recenseamento. IBGE.

Figura 3.1 - Distribuição das 93 Unidades de Acordo Com  
o Número de Pessoas Residentes.



Um outro aspecto referente aos padrões de migração parece ser aquele que indica uma preferência pela mudança em determinados períodos do ciclo de desenvolvimento familiar (<sup>6</sup>), fato este que também foi observado por Durham (op. cit.), para a cidade de São Paulo. Dentro do conjunto das 93 unidades, o total das que se deslocaram para Campinas quando as respectivas famílias estavam na fase inicial do ciclo, ou então de maturidade, é significativa, embora, em termos absolutos, as famílias em fase de expansão alcancem cifras maiores. Pode-se dizer que migrar, no caso do Jardim Londres, raramente é um ato feito por indivíduos isolados e daí ser quase obrigatório tratar o assunto levando-se em consideração o grupo familiar, que, de certa forma, no caso, coincide com a noção de grupo residencial, ou então com o fato de 2 ou mais grupos residenciais deslocarem-se juntos, mantendo, porém uma condição de residência anterior (no campo) e posterior (na cidade) em separado (Tabelas 6 e 6.1).

Talvez seja a condição não-ideal, vamos dizer assim, das famílias em fase de expansão que faz com que seja entre elas que haja a maior ocorrência de homens deslocando-se previamente, ou mesmo indo na "frente prá ver". Já as pessoas cuja mudança havia coincido com a fase inicial do ciclo familiar costumavam dizer que haviam "aproveitado" aquela época porque havia sido "mais fácil", uma vez que não tinham filhos ainda, e encontravam-se "fortes para trabalhar". Os que haviam chegado quando as famílias da qual faziam parte estavam na fase de amadurecimento diziam que haviam preferido aquele momento porque antes "não dava mesmo", com os filhos pequenos, e que quando estes já estavam "criados" tudo havia sido então mais fácil, principalmente no que se referia às expectativas de arranjar emprego.

Tabela 6 - Distribuição das Famílias de Acordo com o Estágio de Desenvolvimento em que se Encontravam por Ocasão da Mudança. 1/ 2/

Estágio do Ciclo Familiar	Nº de Famílias	%
Estágio Inicial (I)	23	31
Estágio de Expansão (E)	28	37
Estágio de Maturidade (M)	24	32
TOTAL	75	100

- 1/ Para essa tabela tomou-se apenas 75 unidades residenciais definidas a partir dos resultados apresentados na Tabela 3. As razões que levaram a que 18 unidades ficassem de fora podem ser melhor vistas na discussão do texto, e na referida tabela.
- 2/ O ciclo de desenvolvimento familiar foi dividido em 3 estágios:
- Inicial (I): composto pelo grupo residencial que na ocasião da mudança fosse constituído de casal jovem, sem filhos, ou então com filhos em idade inferior a 2 anos;
- Em Expansão (E): grupo constituído de casal com filhos pequenos e em idade escolar, com possibilidades ou intenções declaradas de ainda virem a ter mais filhos;
- Estágio de Amadurecimento (M): grupo que já contasse com filhos em idade de trabalhar, bem como aqueles em que alguns dos filhos mais velhos já houvessem saído, fosse para viver separado, fosse para constituir sua própria família.

Tabela 6.1 - Distribuição das Famílias de acordo com o Tipo e Forma da Deslocação, Tipo de Contato ou

TIPO E FORMA DE DESLOCAMENTO	TIPO DE CONTATO OU CONHECIMENTO									Nº de famílias	%
	Com parentes			Sem parentes e outros			Com conhecidos ou contatos				
	Estágio			Estágio			Estágio				
	I	E	M	I	E	M	I	E	M		
<b>Grupos Residenciais Isolados:</b>											
- Grupo seguiu junto	6	2	2	3	2	4	-	-	-	19	24,5
- Pessoas do grupo seguiram na frente "prá ver"	2	3	1	9	8	5	-	1	1	30	40,0
- Prévio estabelecimento de algum membro do grupo	-	2	1	1	-	-	-	-	2	6	8,0
Sub Total	8	7	4	13	10	9	-	1	3	55	
Sub Total (%)	10,5	9,5	5,5	16,5	13,0	12,0	-	1,5	4,0		72,5
<b>Mais de 1 Grupo Residencial Seguindo Juntos:</b>											
- Grupos seguiram juntos	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1,5
- Pessoas seguiram na frente "prá ver"	1	2	5	-	4	2	1	1	1	17	24,0
- Prévio estabelecimento de algum membro	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	3,0
Sub Total	1	4	5	-	5	2	1	1	1	20	
Sub Total (%)	1,5	5,5	6,5	-	6,5	3,0	1,5	1,5	1,5		27,5
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>11</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>75</b>	
<b>%</b>	<b>12,0</b>	<b>15,0</b>	<b>12,0</b>	<b>16,5</b>	<b>19,5</b>	<b>15,0</b>	<b>1,5</b>	<b>3,0</b>	<b>5,5</b>		<b>100,0</b>

No caso das famílias em expansão, pelo contrário, as pessoas costumavam dizer que "não tinha dado" para esperar mais, tendo que vir "logo duma vez". Isto, de certa forma, indicava uma situação maior de privação, em que não estava em mãos das pessoas decidir quando mudar, ou seja, "esperar" pela época ideal. O sentido compulsório da mudança nessa fase pode ser perfeitamente observado no caso das 93 famílias: de 27 casos ocorridos nessa fase, apenas 2 (7%) ocorreram por transferência ordenada pela firma empregadora; 15 (50%) — 5 do Estado de São Paulo, 7 de Minas Gerais e 3 da Bahia — ocorreram porque, segundo depoimentos prestados, se não saíssem "naquela hora" os filhos "iam acabar morrendo de fome". (Em 13 das há casos de morte de crianças com menos de 2 anos, ocorridas em períodos imediatamente anteriores à mudança); 1 caso (3,5%), ocorreu porque o grupo residencial de parentesco mais próximo, composto do pai, mãe e irmãs solteiras havia decidido mudar, e os que iriam ficar, encontrar-se-iam "sem um apoio para contar", as "crianças" [filhos] poderiam "sofrer muito" e assim sendo, foi "melhor mudar todo mundo duma vez". Como já foi mencionado antes, vale a pena notar, nos casos de mudança envolvendo mais de um grupo residencial, que nem sempre havia dependência econômica entre um grupo e outro, muitas vezes nem mesmo viviam juntos, como família composta, no ponto de origem, tratando-se apenas de casos em que um morava "pertinho do outro", proximidade esta que bastante relativa (ouvi mencionar como "pertinho" distâncias que variavam de 5 km a 150 km). O importante no caso era a noção de "poder contar" ou "ver" as pessoas em casos de necessidade, mesmo que nunca ocorresse "nada", isto é, nenhuma "desgraça". Nesse caso, a proximidade continuava sendo ainda uma "coisa boa", facilitando a rotina familiar das pessoas se verem e contarem "as novidades". A ênfase dessas relações, inva-

riavelmente, era dada pelos laços mãe/filha e, como corolário, irmã/irmão, isto é, eram estas as pessoas que mais lamentavam a distância e o afastamento se impunham e as mais citadas quando se falava no passado, ou nos planos de reunião futura.

A noção de distância, na forma como era frequentemente referida, adquiria conotações distintas no campo e na cidade. "No sítio", por maior que ela fosse, situava-se ainda dentro de um mundo conhecido, ao passo que a mudança para a cidade como que aliava à distância espacial uma outra barreira, aquela erguida pelos limites entre 2 contextos diferentes: o da cidade e o da roça. Por isso mesmo, muito frequentemente eu ouvia comentários parecidos com o desta mulher:

"Nós num era prá mudar ... Nós ia esperar mais um pouco ainda ... Mas aí meu pai veio prá Campinas e eu num havia jeito de me acostumar sem minha mãe lá e meus irmão por perto ... Num é que eu via ela todo dia quando eles tavam lá, mas num sei, é diferente [...] Eu podia vim de trem prá Campinas prá ver eles que num era nem 4 horas de viagem [...] Mas assim mesmo tinha outra coisa, num sei explicar ... Cê m'entende, né? ... He dava uma coisa no peito ... Tinha dia qu'eu chorava que nem criança, que nem num chorei nem quase casei ... Enquanto num viemos eu num dei paz ..."

Um único caso, entre as 93, em que as pessoas não conheciam ninguém em Campinas, foi contrabalançado pelas relações que poderiam ser ativadas através da religião, segundo as claras afirmações do chefe da família:

"Nunca nós deixamos de frequentar a casa de Nosso Senhor [frequentadores da Igreja Batista], por isso que quando mudamos para Campinas foi feita questão de ser um bairro

onde tivesse a igreja [...] A gente sabia que aqui no Londres tinha uma [...] Chegamos aqui no Londres falamos com a família que tomava conta [da Igreja] e Deus ajudou que nesse mesmo dia nós conhecemos uma outra família da mesma fé [...] Eles viram que nós era filho de Deus igual que eles e falaram prá ficar na casa deles que dava um jeito [...] Só tinha ainda os dois mais velhos [filhos], um que tava com 4 e outro de 3 anos, e eu e minha patroa pensava de voltar prá casa naquele dia mesmo porque prá casa naquele dia mesmo porque com criança é difícil ficar fora de casa ... Mas esse irmão me recebeu, recebeu minha patroa e meus filhos na casa dele por 2 dias ... Num quiz nem saber da gente voltar prá casa [...] Voltei sozinho prá casa onde nós morava só prá pegar o resto das coisas que não eram muito mesmo e voltei de novo prá cá ... Ficamos uns 3 dias mais na Igreja [...] Foi com autorização e depois já viemos prá esse lote aqui, donde espero nunca mais ter que sair..."

De qualquer maneira, independente da forma como as pessoas chegaram à cidade, uma vez atingido o bairro, havia uma tendência para se estabelecerem em unidades residenciais onde predominavam as famílias do tipo nuclear <sup>(7)</sup>, que foram aquelas que encontrei em maior número (Tabela 7). O que se denomina família NUCLEAR simples é aquela composta pelo homem, a mulher e os filhos, e era justamente esta a forma prevalecente no bairro. Como se tratava, na maioria das vezes da primeira união de ambos os cônjuges, os filhos pertenciam ao casal. Havia pouquíssimos casos de adoção, fosse no sentido legal do termo, de "papel passado", como costumavam dizer ou mesmo no sentido de "pegar para criar" <sup>(8)</sup>.

Quanto à família EXTENSA, a forma mais comum sob a qual era encontrada no bairro era aquela constituída pela família nuclear simples, acrescida de mais um membro, quase sempre ligado ao núcleo

Tabela 7. - Distribuição das Unidades Domésticas Conforme os Tipos de Composição Familiar e Número de Pessoas Existentes em Cada Tipo.

TIPO DE COMPOSIÇÃO FAMILIAR	UNIDADES		PESSOAS	
	Nº	%	Nº	%
<b>NUCLEAR:</b>				
. Simples	60	64,0	328	61,0
. Parcelada (sem pai; sem mãe)	2	2,0	8	2,0
. Parcelada (sem pai)	4	4,5	18	3,5
Sub Total	66	70,5	354	66,5
<b>EXTENSA:</b>				
. Extensa	17	18,5	130	25,0
. Parcelada (*)	4	4,5	16	3,5
Sub Total	21	23,0	146	28,5
<b>COMPOSTA</b>				
	2	2,0	20	4,0
Sub Total	2	2,0	20	4,0
<b>PESSOAS VIVENDO SÓ</b>				
	4	4,5	4	1,0
Sub Total	4	4,5	4	1,0
<b>TOTAL</b>		93	524	
%		100,0		100,0

(\*) Foram consideradas como EXTENSAS PARCELADAS as unidades domésticas que, dada a sua história e seu desenvolvimento no tempo apresentavam, no instante da pesquisa, forma residuais de antigas agrupações familiares extensas (ainda que em outro lugar), ou então tentativas de reagrupamento familiar na cidade. O primeiro caso, ou seja, que compreende tais formas parceladas como residuais, era mais comum. Exemplos disso eram os casos da sobrinha neta que vivia com uma tia-avó, após o casamento de todos os filhos e primos que moravam juntos, ou então do tio e sobrinho que viviam juntos, havendo falecido os pais do sobrinho, irmã do tio e cunhado, respectivamente, sendo que anteriormente haviam vivido todos juntos.

Tabela 7.1 - Distribuição das Famílias de acordo com a Composição Familiar e Tipo de União Vigente Entre os Principais Membros da Residência. (\*)

TIPO DE UNIÃO	TIPO DE COMPOSIÇÃO FAMILIAR					Pessoas vivendo só	TOTAL	%
	Nuclear Simples	Nuclear parcela da	Extensa	Extensa parcela da	Composta			
Casamento Civil e Religioso	39	-	9	-	2	-	50	
%	44,0	-	10,0	-	2,0	-		56,0
Casamento Civil	10	-	3	-	-	-	13	
%	1,0	-	3,0	-	-	-		13,0
Casamento Civil e Religioso (estado atual: viúvas)	-	2	-	3	-	2	7	
%	-	2,0	-	3,0	-	2,0		7,0
Casamento Civil e Religioso (estado atual: separação sem divórcio)	-	2	-	-	-	-	2	
%	-	2,0	-	-	-	-		2,0
"Fuga" e posterior casamento civil	8	-	3	-	-	-	11	
%	9,0	-	3,0	-	-	-		12,0
Consensual	3	-	2	-	-	-	5	
%	3,0	-	2,0	-	-	-		5,0
Solteiros	-	2	-	1	-	2	5	
%	-	2,0	-	1,0	-	2,0		5,0
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>6</b>	<b>17</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>93</b>	
%	<b>66,0</b>	<b>6,0</b>	<b>18,0</b>	<b>4,0</b>	<b>2,0</b>	<b>4,0</b>		<b>100,0</b>

(\*) Membros principais, no caso, foram considerados aqueles que, ou tinham a propriedade do lote, ou eram responsáveis pelo contrato de aluguel da casa. Via de regra, isto concordava com a distribuição de autoridade vigente no interior da moradia, pois estas eram as pessoas com quem os demais diziam "estar morando com". Obviamente estas distinções eram necessárias apenas nas formas extensas e compostas das famílias. No caso de famílias nucleares, embora muitas vezes os pais fossem economicamente dependentes dos filhos solteiros, o lote estava em geral no nome do pai, assim como o contrato de aluguel, e o tipo de dependência criada não era suficiente para abalar a estrutura tradicional de filhos solteiros morando com os pais.

conjugal principal por laço de parentesco. As famílias COMPOSTAS, mais raras que as outras duas, apresentavam em geral o tipo que reúne duas famílias nucleares vivendo juntas, mas apresentando uma economia doméstica separada, ou seja, despesas de aluguel repartidas, cozinha separada, bem como artigos de uso doméstico (sabão, pasta de dente, etc.) adquiridos e usados separadamente.

Havia, além disso, formas parceladas de famílias que anteriormente haviam sido nucleares ou extensas, que resultavam incompletas em virtude da morte de algum dos cônjuges, ou então abandono ou separação por parte do homem ou da mulher. Havia, também, algumas pessoas que moravam sós, mas quase sempre isto implicava na presença, no bairro, de outros parentes. Isto ocorria mais frequentemente com pessoas "mais velhas", viúvas, que não queriam morar "com os outros", no caso, os filhos casados ou então com rapazes solteiros. Tais formas parceladas de família, pessoas morando sozinhas e mesmo as formas compostas totalizavam um número muito pequeno de casos e, além disso, as pessoas que as compunham tendiam a ver esta situação como transitória: uns porque estavam vivendo assim até "arranjar" um pouco melhor a vida, outros porque esperavam casar logo e outros porque diziam que logo Deus os "levariam".

No caso das famílias extensas e compostas, ainda que em número pequeno, havia uma tendência a enfatizar os laços pelo lado materno, ou da mulher, no que se refere à natureza do ele entre o núcleo doméstico principal e as pessoas externas a ele. Por núcleo principal, ou núcleo conjugal principal entende-se, aqui, aquele que era assim considerado pelos próprios moradores da casa e, via de regra, este papel era atribuído ao grupo conjugal (marido e mulher) sobre o qual recaía a responsabilidade do contrato de aluguel, ou a propriedade do lote. Os filhos solteiros, por extensão, eram parte

desse grupo principal, ficando como sendo "de fora" aqueles que moravam juntos com eles, ou seja, mãe de algum dos cônjuges, sobrinhos e irmãos (Tabela 8).

De certa forma, embora a definição de membro, ou parte principal, fosse definida em base da noção de propriedade ou da obrigação contratual, uma certa dose do elemento autoridade, se assim podemos dizer, também atuava. Por exemplo, no caso do lote ser possuído em sociedade com 2 ou 3 segmentos do grupo familiar, ao se fazer referência sobre qual era o núcleo principal a indicação, invariavelmente, dependia de fatores anteriores ao estabelecimento do grupo na cidade, prendendo-se ainda a deveres e obrigações vigentes no "sítio".

#### IV - O Trabalho

Dado o tempo ainda curto que as pessoas tinham de vivência na cidade, e a situação anterior relativamente desvantajosa, não era de se admirar que encontrassem, no meio urbano, poucas oportunidades de empregos bem remunerados e estáveis. Se tivesse que definir, em poucas palavras, a ocupação desta população, eu generalizaria dizendo que os homens eram "pedreiros" e as mulheres, em caso de trabalharem fora, faziam-no geralmente em "casas de família" (\*). No caso dos homens esta generalização se aplica não apenas porque, de fato, a maior parte estava ocupada no setor da construção civil, mas, também, porque mesmo aqueles que no momento presente não estivessem, haviam, em geral, estado no passado, ainda que por pouco tempo e ad

---

(\*) "Pedreiros", latu sensu, definia qualquer função na construção civil, coloquialmente falando. Quanto às mulheres, raramente se diziam "empregadas domésticas", preferindo dizer que trabalhavam em "casas de família".

a 3 - Distribuição das Pessoas que "Moram Junto" nas Famílias Estendidas e Compostas, de Acordo com os Laços Mantidos com o Núcleo Principal da Moradia. 1/

NATUREZA DO LAÇO	S E X O		TOTAL Nº	%
	Masculino	Feminino		
<b>Em relação à esposas:</b>				
. Mãe	-	8	8	
. Pai	1	-	1	
. Filhos 2/	-	1	1	
. Netos	1	-	1	
. Irmãos	1	2	3	
. Filhos de irmãos	-	1	1	
. Filhos de irmãs	1	1	2	
. Irmãos da mãe	2	-	2	
Sub Total	6	13	19	50,0
<b>Em relação ao maridos:</b>				
. Mãe	-	2	2	
Sub Total	-	2	2	6,0
<b>Em relação a ambos:</b>				
. Filhos 3/	-	1	1	
. Marido da filha	2	-	2	
. Netos	2	-	2	
Sub Total	4	1	5	12,0
<b>Em relação aos homens solteiros ou viúvos chefes de casa:</b>				
. Mãe	-	1	1	
. Filhos da irmã	4	1	5	
. Irmãos	1	1	2	
. Esposa do irmão	-	1	1	
Sub total	5	4	9	23,0
<b>Em relação às mulheres solteiras ou viúvas, chefes de casa:</b>				
. Filha da filha da irmã	-	1	1	
Sub total	-	1	1	3,0
<b>Relação de Conhecimento e/ou Amizades:</b>				
. Colega de trabalho do filho	1	-	1	
. Conhecido da família	-	1	1	
Sub total	1	1	2	6,0
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>22</b>	<b>38</b>	
<b>%</b>	<b>42,0</b>	<b>58,0</b>		<b>100,0</b>

1/ Grupo residencial principal foi definido a partir do grupo com o qual as demais pessoas dizem estar morando. Famílias nucleares foram excluídas desse cálculo, pois morar com os pais (mesmo quando existem casos de 2ª união), era visto como o "certo" no decorrer do ciclo familiar, enquanto os filhos ainda eram solteiros. Esta noção se alterava quando os filhos se casavam e permaneciam morando "juntos", quando "voltavam" para casa, em casos de separação e viuvez, ou "vinham morar juntos", em companhia do cônjuge, após um período de vida em separado. O grupo residencial principal, quase sempre, era também, o correspondente ao grupo conjugal, bem como aquele a que pertencia o proprietário do lote ou o responsável pelo contrato de aluguel da moradia.

2/ Trata-se de uma moça, casada, separada do marido, que "voltou" para morar "junto" com a mãe, e marido consensual da mãe, e irmãos solteiros, trazendo com ela o filho.

3/ Filha casada, que mora com o marido e os filhos "junto" com o pai, a mãe, e demais irmãos solteiros. O grupo conjugal dos pais foi considerado principal porque é assim definido no interior da família, sendo, também, o grupo proprietário do lote onde vivem.

mitiam que em caso "de precisão", no futuro, poderiam vir a se empregar em alguma "obra".

#### O TRABALHO DOS HOMENS

Logo que uma família chegava ao bairro, vinda diretamente do meio rural, os homens, principalmente os mais novos, costumavam anunciar a intenção de trabalharem "na fábrica" e passavam, às vezes, quase um mês preenchendo fichas em indústrias locais. Quando verificavam as dificuldades transferiam suas aspirações das indústrias maiores para alguma menor, e quando continuavam desempregados "pegavam" o que aparecia, que quase sempre era o cargo de servente ou ajudante de pedreiro. Os mais velhos, com filhos homens já crescidos, em idade de trabalhar (13 ou 14 anos), aspiravam a trabalhar "por conta", mas a falta de experiência no ramo e a inexistência de uma poupança inicial também conduziam a "pegar" o que aparecia.

A primeira dificuldade que surgia, logo de início, referia-se aos "papéis", ou "papelada", isto é, título de eleitor, cédula de identidade, carteira de trabalho e aposentadoria, de reservista, ou algum documento de quitação com o exército e demais atestados: de saúde, de residência, de antecedentes policiais, além, é claro, de documentos relativos a casamento e nascimento e provas de estar em dia com o imposto de renda. A obtenção de alguns desses papéis apresentava inúmeras dificuldades, fosse por desconhecimento, fosse por custarem dinheiro. Embora possa haver outros dispositivos legais que facilitam a obtenção de documentos para aqueles que chegam às cidades, eles aparentemente funcionam só para quem já se encontra totalmente "assimilado", pois a média de tempo que as pessoas levavam para acertar tudo era de mais ou menos um ano. O que retardava mais ainda a legalização eram as constantes viagens que

as pessoas tinham que fazer para as cidades de origem, ou procedência, em busca de documentos, provas de tempo de serviço, etc.. Como nem sempre havia dinheiro disponível para isso e como raramente haviam trabalhado "legalmente", ficava-se na dependência de algum parente ou conhecido para providenciar o que fosse preciso, à espera que antigos empregadores acertassem tudo, ou então para quando sobrasse um dinheirinho no fim do mês e fosse possível viajar e pagar cópias do que fosse preciso. Enquanto tudo não se arranjasse, e antes que a família morresse de fome, as pessoas se empregavam em lugares e funções que dispensassem tantas formalidades. Assim sendo, para cada faixa etária havia um tipo de ocupação que se encarregava de utilizar a mão-de-obra que se encontrasse a descoberto dos benefícios sociais: para os menores de idade toda uma variedade de tarefas como "ajudantes", notadamente no comércio e construção civil, até que atingissem 'status' seguro de "guardinha", ou "patrulheiro", que recebia meio-salário e era "registrado" ou "fichado", isto é, possuía carteira de trabalho; para aqueles até mais ou menos 50 anos, a construção civil; e depois disso, para alguns, empregos como faxineiros, vigias, e também ajudantes de alguma coisa, ou toda uma gama do que se convencionou chamar de emprego para "agente de confiança" (\*).

"Na construção, fazendo de tudo", era a forma pela qual os homens em geral referiam-se ao seu emprego. Diziam que eram pedreiros, serventes, ou qualquer outra categoria ligada à profissão, apenas quando a conversa se aprofundava um pouco mais e eram interrogados especificamente a respeito. Notava-se, então, o desejo que tinham de ser "pelo menos ajudante", caso fossem serventes, e de ga-

---

(\*) Ver Durham (op. cit.) que também chama a atenção para as especializações de ocupação na população dita "marginal".

nharem como "pedreiro" tão logo "arrumassem a papelada".

Entretanto, o mais comum no Jardim Londres era que os homens fossem em geral serventes, ou então "faziam de tudo", dominando as tarefas de pedreiro, pintor, servente, etc., era para alguma empreitada de pequeno porte. Nesses casos o serviço era "tratado" diretamente com o empreiteiro, sem necessidade de carteira de trabalho, já que quase sempre era por um curto período de tempo (9). Era justamente em relação a estas empreitadas que havia o maior número de dispensas e saídas, provocadas pelas mais diversas razões. Conheci homens que ficaram sem serviço de uma hora para outra porque o "serviço desmanchou", ou seja, a tarefa que estava sendo desempenhada por um empreiteiro passou para outro, ou então parou na metade por falta de dinheiro de quem estava pagando pelo trabalho. Desentendimentos com "colegas da obra", ou com o próprio empreiteiro, também eram comuns, e uma constante fonte de "paradas" e das "coisas não darem certo". Todas estas situações, é claro, eram favorecidas pela total ausência de vínculos legais entre empregado e empregador.

Estes vínculos, entretanto, mesmo quando existem, parecem ser particularmente fracos no setor da construção civil, pois o fato de ser "fichado", ou não, representava muito pouco para assegurar estabilidade e certeza de emprego contínuo. Entre trabalhar "por conta", para algum empreiteiro, ou numa companhia construtora, por menor que esta fosse, a preferência dos homens caía na empresa em virtude das garantias trabalhistas que esperavam auferir. Mas esta ilusão logo desaparecia quando havia o primeiro atraso de salário, quando os acidentes de trabalho se sucediam e o indivíduo começava a perceber a fragilidade da firma que o empregava, ou então a sua própria fragilidade dentro dela. Conforme me disse um dos homens, trabalhando há 11 anos na profissão:

"O negócio é sair de ser servente ... Isso aí é que num dá ... Mas num dá de jeito nenhum mesmo ... Cê pode trabalhar onde que quizer, se for de servente, já viu [...] Num vai prá frente ... Olha só eu ... Faço qualquer coisa numa obra, é só falar, mas se cê vê minha carteira, tá lá escrito o quê? [...] Já trabalhei com engenheiro bom, compreensivo, que nem o doutor N., que pagava melhorzinho um pouco, isso é verdade ... Mas foi tudo arranjado fora da carteira né?"

Ou este outro indivíduo, há 4 anos em Campinas, sempre em construção civil:

"Eu já trabalhei em firma grande, por conta quando tava parado e num arranjava nada, já trabalhei com tudo que foi empreiteiro daqui ... De tudo jeito ... Agora é que tou por conta outra vez [...] Faz 5 meses eu andava c'uma dor nas costas que eu já tinha fazia tempo ... Tava aquela dor, aquela dor que num queria saber de parar ... Faltei do serviço duas vezes prá ir no Impis [INPS] consultar um médico ... Cê sabe como que é, no Impis nunca dá prá ir de uma vez só ... Tem que ir de duas prá mais umas par dela ... Fui atendido lá e o médico me mandou tirar uns dias, e mandou fazer uns exame [...] Eles falaram que era bico de papagaio, que nem ponsliti [espondilite] na espinha, cê sabe [...] Quando voltei prá trabalhar outra vez eles falaram se eu num queria acertar as conta ... Eu falei: acerto ... Num deu muita coisa mas eu tava mesmo precisando de telha prá casa, um pouco de cimento, e co dinheiro deu prá comprar o que faltava [...] Isso vai prá 6 meses agora [...] De lá prá cá já peguei uns serviço numas três obra ... Reforma de casa, uma pinturinha ... Foi c'um colega meu que pegou o serviço e veio oferecer ... O outro eu fiz sozinho [...] Tava de servente numa obra o mês passado e tive que parar outra vez ... Agora tou parado de novo, por causa das costa ... Com espinha num adianta bancar

o valente ... Mas vai ser fogo logo, logo, porque vou ter que ver outro emprego de novo, num perco os direito do Impis ..."

"Trabalhar por conta", ou "estar por conta", nem sempre significava que o indivíduo estava melhor de vida e apto a se tornar independente, "patrão dele mesmo", que era como costumavam dizer. Isto seria assim se ele, além de não ter patrão, pudesse também pagar a "caixa", ou "Impis", que totalizaria cerca de 16% do seu salário. Na maior parte das vezes, entretanto, trabalhar "por conta" significava exatamente o oposto, ou seja, que as pessoas se encontravam desempregadas, aceitando qualquer "servicinho", e totalmente desguarnecidas das proteções mínimas que, por lei, são devidas ao trabalhador.

Outras duas expressões muito comuns entre aqueles que trabalhavam e que servem para caracterizar bem a atividade em construção eram "fazer de tudo", e "estou com isso prá começar", que definiam duas situações de trabalho frequentemente vividas. Na construção, a cada função técnica (\*), dependendo da posição hierárquica do indivíduo (mestre, pintor, ajudante, etc.), corresponde um pagamento mínimo, por hora, ajustado de acordo com leis trabalhistas e acordos sindicais. No caso dos homens do Jardim Londres verifiquei que o que ocorria era que a maioria deles estava empregada em firmas pequenas, ou quando muito, médias, sem contar os inúmeros casos de acertos feitos diretamente com empreiteiros, sem contrato legal. Esta situação contribuía para que numa dada obra o indivíduo desempenhasse várias funções, apesar de não ter grandes qualificações, e por isso mesmo acabava vendo seu salário nivelado por baixo (como

---

(\*) Ver nota 9.

serventes ou ajudantes), e não como trabalhadores altamente qualificados na profissão, apesar de "fazerem de tudo", do encanamento à pintura, mas que no caso significava baixa qualificação e pagamento de acordo.

Quando ao "estar com isso prá começar", o que a expressão revelava, ou ocultava, era outra faceta da instabilidade empregatícia do setor. Quando um serviço "acabava" isto queria dizer, quase sempre, que o emprego também havia acabado e os homens encontravam-se "parados", na contingência de procurar novas colocações. Ora, isto nem sempre era fácil e por isso mesmo eles não hesitavam em se empregar de ajudantes, "meia-colher", ou serventes, "prá começar", embora já tivessem atingido alguma posição melhor em outro lugar de onde haviam se afastado. Isso também acontecia sempre que o indivíduo percebia que não teria, tão logo, aumento de ordenado na "obra" em que estivesse trabalhando na ocasião e assim sendo empregava-se em outra que embora lhe pagasse o mesmo "prá começar" acenava com a promessa de um aumento para breve. Outro osso do ofício com o qual deparava é que, mesmo registrado, ao iniciar o trabalho em uma nova empresa, ou em uma nova "obra", ainda que desempenhando a mesma função que lhe coubera anteriormente em outro serviço ele só poderia obter o lugar se recebesse menos do que constava "em carteira", e daí restava-lhe o brilhante recurso de "perder" a carteira de trabalho, ou então trabalhar algum tempo sem registro, que do ponto de vista legal é como se não tivesse trabalhado. Enfim, devido a características de trabalho desfavoráveis do próprio setor — mais do que falta de trabalho propriamente dita — os indivíduos estavam sempre "começando" e o nível salarial mantinha-se, por isso mesmo, sempre muito baixo.

As demais ocupações masculinas, apesar de estarem ligadas a outros setores, eram tão sem qualificações quanto as da construção civil, e o que se via era uma interminável série de "ajudantes" disto ou daquilo. A grande esperança, em termos de melhores serviços e salários, residia em que pelo menos os filhos conseguissem um "emprego bom e firme".

Para os moradores locais tal estabilidade só era possível de ser encontrada na grande indústria, num "bom trabalho por conta", ou "um negocinho" (entendendo aqui um pequeno estabelecimento, um bar, um armazém), ou então num trabalho "pro Estado". Este último, por pior pago que fosse, era altamente valorizado por ser considerado "seguro", "garantido". Da mesma forma, "ser fichado", ou "trabalhar com carteira", era também sinônimo dessa almejada segurança, e qualquer lugar que não oferecesse tal vantagem era visto como "ruim", e "trabalho prá pouco tempo", provisório, ainda que nele se permanecesse por muitos meses e até anos.

Era compreensível que os mais velhos, que ainda não conheciam direito a cidade, assim como os recém-chegados, que ainda não sabiam "se virar", passassem sem a carteira de trabalho, mas quando os filhos começavam a trabalhar, ou então algum conhecido mais jovem, havia muita preocupação em "arrumar" logo os papéis. Quando se tratava de menores, ou mulheres (\*), dava-se menos importância a este aspecto, mas em se tratando de homens, após os 18 anos, caso o serviço inicial que os aceitasse não os registrasse, isto provocava logo uma enorme pressão grupal para que o rapaz arranjasse logo "uma coisa melhor". Assim sendo, a causa da situação irregular em que as pessoas se encontravam trabalhando devia-se a meu ver, em

---

(\*) Ver discussão mais adiante.

grau apenas muito pequeno à ignorância ou ao pouco valor que pudessem atribuir à carteira de trabalho. Na verdade, a decisão de utilizá-la ou não fugia-lhes totalmente do controle.

Quanto aos menores de idade, do sexo masculino, estes também desempenhavam uma série de funções na categoria "ajudantes", mas isto era compensado pelo fato de se considerar que até serem "de maior" (18 anos), qualquer coisa "servia" como costumavam todos dizer. Havia, entretanto, muita alegria quando algum adolescente conseguia ser aceito na "Guardinha" (10) e transformava-se num "patrulheiro". Para os pais, esta colocação significava um avanço profissional, e certeza que o menino iria ficar o dia inteiro "ocupado", ganharia meio-salário, e estaria "encaminhado". Quanto aos meninos, eles se entusiasmavam muito no início, mas logo começavam a se queixar do horário, da disciplina, dos colegas, e muitos acabavam saindo apesar do desejo em contrário dos pais. Além disso, a maior parte deles, "patrulheiros" ou não, parava de estudar dado o acúmulo de serviço que tinham, mas disso não se queixavam.

Quanto à questão de desemprego, encontrei poucos casos de pessoas cronicamente desempregadas, embora haja inúmeros indivíduos que permaneceram "parados" em mais de uma ocasião, de forma intermitente. Outros, enquanto estive no local, viveram sempre sem "acharem" emprego fixo, dependendo de pequenos serviços avulsos para manterem a família, ou então do trabalho da mulher. Ao invés de desemprego, e as pessoas eram as primeiras a reconhecerem, o que havia antes era uma certa dificuldade de arranjar "bons" empregos. As evidências da instabilidade empregatícia eram constantes, pois ora era um vizinho, ora um colega, estava temporariamente "parado". Além disso, mesmo quando as pessoas encontravam-se ocupadas os chamados "azares" contribuíam para aumentar o clima generalidade de in

segurança, fosse porque alguém houvesse se machucado, pela presença de um patrão implicante, o fato de uma obra ser "desmanchada", os salários atrasarem, etc.. "Azar" era a denominação comum de tais eventos, assim como definia outros casos de fracasso que porventura ocorressem. Casos de sucessos, se bem que fossem extremamente relativos, eram atribuídos à "sorte". A "falta de azar", em muitos casos, já era, em si, um fator de "sorte", e como exemplo muitos citavam com orgulho nunca haverem caído de andaimes mal feitos. Esta maneira de encarar as coisas aparecia retratada em brincadeiras, nos conselhos que os mais velhos ou mais "experientes" davam aos mais jovens, nos planos que elaboravam para o futuro e nos comentários que faziam a respeito de si próprios ou dos parentes e conhecidos, através de expressões como "com pobre é assim mesmo" ou "sempre assim", que era a forma de expressão coletiva mais frequentemente usada, embora as "sortes" e os "azares" caíssem mais na esfera da experiência pessoal de cada um.

Esta maneira um tanto quanto individualizante de ver as coisas estava de certa forma ligada às necessidades anteriores que o grupo havia passado e, como se consideravam em "melhor" situação no presente, era compreensível que as dificuldades na cidade fossem encaradas de forma consideravelmente passiva, pois conforme me disse certa vez um morador:

"De fome meus filho num morre ... Já demos conta do pior, pergunta pr'ela [a esposa]... Mas é que nem o povo fala, pobre é assim mesmo, tendo saúde já tá bom [...] Já perdemos dois filho porque num tinha nem o que dá pr'eles comer ... Foi doença que matou, mas é que eles tava fraco porque se tivesse sadio, bem alimentado, num morria ... O médico mesmo que falou [...] Agora que já tamos aqui posso trabalhar e ela [a esposa] também, vamos vê,

né? [...] Aqui na cidade é outra coisa [...] Aqui já fi quei parado duas vezes, de ficar assim mais de mês ... Mas ela trabalhava de manhã até de noite, lavando roupa [...] Ver uma mulher emagrecer, se cabar, num é bom mas o que que pode fazer? ... Cruzar os braços é que num dá de jeito nenhum [...] Eu fui cavar poço lá pros lado de Americana ... Soube que tavam pegando gente eu fui [...] Fazia outras coisa ... Fazia qualquer coisa ... Um jardim, carregar peso, qualquer coisa [...] É que também num é fácil de arranjar as coisa ... Num sou home de beber, de parar em bar ... Sou de vim reto prá casa porque sou pobre mas tenho amor na família, tenho juízo [...] Se alguma coisa tá dando errado num quer dar certo, eu sempre falo que tem que ter paciência, num pode perder a paciência, ficar com raiva, né? ..." (Indivíduo procedente de Minas Gerais).

Os mais jovens, evidentemente, que haviam nascido ou sido praticamente criados na cidade, tinham outras aspirações e demonstravam menos paciência em relação ao tipo de vida que levavam. Reclamavam constantemente dos "coroas" (pessoas mais velhas), das "gomas" (barracos), dos "fumacinhas" (ônibus) e de não poderem se divertir mais, comprarem mais "coisas" (roupas vistosas e modernas).

O quadro da ocupação masculina pode ser visto na Tabela 9 (para o conjunto das 93 unidades), e pode-se ver que predominam as atividades no setor da construção civil, que absorve 45% do total da força de trabalho aí relacionada. O total de 129 homens ocupados, entre as faixas de 10 a 60 anos e mais, representa cerca de 68% da população contida nestes intervalos, que atinge ao todo 188 indivíduos (\*).

---

(\*) Ver Tabela 5.

Tabela 9 - Distribuição da População Masculina Ocupada de acordo com o Setor, Faixa Etária e Estado Civil. 2/

SETOR DE OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL								TOTAL	
	CASADOS				SOLTEIROS				Nº	%
	10-29 anos	30-44 anos	45-59 anos	60 e mais	de 15 anos	15-17 anos	18-29 anos	30 e mais		
Ocupações Administrativas:										
Datilógrafo	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1,5
Ocupações da Agropecuária e da Produção Extrativa Vegetal e Animal:										
"Ajudante na granja"	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1,5
Ocupações das Indústrias de Transformação:										
Indústria mecânica:										
Não qualificado nas:										
Cia. Singer do Brasil	2	2	-	-	-	-	7	1	12	23,0
Cia. Robert Bosch do Brasil	-	1	-	-	-	-	2	-	3	
Equipamentos Clark	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
Cia. Bendix do Brasil	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
Indústria do Couro:										
Curtidor	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Indústria de Madeira e Móveis:										
"Ajudante"	-	-	-	-	1	1	-	-	2	2
Estofadeiro	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
Instalador	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Indústria de Alcool, Bebida e Alimentação 2/										
"Ajudante de cozeiro"	-	-	-	-	2	1	-	-	3	8,5
"Ajudante de pasteleiro"	-	-	-	-	1	1	-	-	2	
Serveteiro	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
Ocupações da Indústria de Construção Civil:										
Marceneiro	-	1	-	-	-	-	-	-	1	45,0
Pedreiro	4	13	2	-	-	-	-	1	20	
Ajudante de pedreiro	1	4	1	-	-	-	2	-	8	
Servente	7	5	3	1	-	4	11	-	31	
Ocupações do Comércio e Atividades Auxiliares:										
Varezeiro	-	-	-	-	-	-	2	-	2	17,0
Balconista	-	-	-	-	-	1	-	2	3	
"Faz de tudo" (entregas, limpeza) 3/	-	-	-	-	4	8	-	-	12	
Expedidor	-	-	-	-	1	-	3	-	4	
Carregador	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
Ocupações dos Transportes e Comunicações:										
Serviços Públicos:										
Almoxarife da FEPASA 4/	-	1	-	-	-	-	-	-	1	4,0
Mecânico não qualificado na TELESF 5/	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
Serviços Privados:										
Condutor de ônibus	2	1	-	-	-	-	-	-	3	
Ocupações na Prefeitura Municipal de Campinas:										
Operário braçal	-	6	-	-	-	-	-	-	6	5,5
Motorista 6/	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
Outros:										
"Ajudante" em oficina mecânica	1	-	-	-	-	1	-	-	2	4,0
Faxineiro de prédio	-	-	1	1	-	-	-	-	2	
Vigia noturno	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>35</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>17</b>	<b>32</b>	<b>4</b>	<b>129</b>	
<b>%</b>	<b>17,0</b>	<b>27,0</b>	<b>6,0</b>	<b>3,0</b>	<b>7,0</b>	<b>13,0</b>	<b>24,0</b>	<b>3,0</b>	<b>100,0</b>	

A nomenclatura das ocupações, bem como a ordem em que foram colocadas, procurou seguir as especificações contidas nas informações a respeito do mesmo ítem no Censo Demográfico de São Paulo, VIII Recenseamento Geral (1970).

As pessoas incluídas neste ítem não trabalham em estabelecimentos comerciais, mas sim em pequenas indústrias onde "fazem" o produto.

Entre estes adolosccentes que "fazem de tudo", na coluna de idade abaixo de 15 anos existem 3 que são "patrulheiros mirins", e na coluna 15-18 anos, existem 8.

Companhia estatal de estrada de ferro.

Companhia estatal de telefonia.

Este motorista possuía uma pequena propriedade em Santa Fé do Sul, cujo solo era cultivado por um parceiro que plantava as matas. Sua inclusão nesta categoria profissional, e não dentro do setor agrícola, deu-se por ele considerar-se "empregado" na Prefeitura. Além disso, embora o ano de 1971 houvesse sido bom para a agricultura, "dando" mais do que aquilo que recebia na Prefeitura, o ano de 1972 já não estava sendo tão favorável, e por isso mesmo ele sempre dizia que apesar de preferir "o sítio", era da Prefeitura que vinha o dinheiro "certo" todo mês.

A cifra restante não se refere, exatamente, a homens desempregados, podendo ser especificada através de 3 categorias distintas:

a) adolescentes que não entraram ainda no mercado de trabalho, ou pessoas consideradas idosas, sem condições de trabalhar, e sem direito a qualquer tipo de pensão. O total destas pessoas atinge 36 em números absolutos, ou seja, cerca de 19%. O fato da faixa etária que indica entrada no mercado de trabalho haver sido recuada para 10-15 anos, ao invés de se manter na faixa oficialmente estabelecida de 15 anos em diante foi proposital, já que o mais comum, no bairro, era que jovens pertencentes a esta faixa já estivessem trabalhando;

b) indivíduos que recebiam pensões, quaisquer que fossem (ver Tabela 9.1), e que somavam 6 indivíduos, ou seja, 3% da população contida nesta faixa etária;

c) indivíduos que se consideravam realmente desempregados, "parados" ou "procurando" emprego (Tabela 9.1), e que representavam cerca de 10% do total, 16 em números absolutos.

Os números que se seguem mostram, de certa maneira, a instabilidade empregatícia enfrentada por esta população: excetuando-se os casos contidos na Tabela 9.1, e considerando-se apenas os 129 homens regularmente empregados, contidos na Tabela 9, registrei o caso de 12 homens (6%) (\*) que ficaram pelo menos uma vez, em cerca de 18 meses, mais de um mês "parados"; 7 homens (40%) que ficaram 2 vezes nesta situação; e 2 homens (1%) que ficaram 3 vezes por um período superior a um mês sem acharem emprego. Além disso, con-

---

(\*) Porcentagem calculada sobre 188 homens.

Tabela 9.1 - Distribuição da População Masculina Desocupada de acordo com a Condição, Faixa Etária e Estado Civil.

CONDIÇÃO	ESTADO CIVIL								TOTAL	
	CASADOS				SOLTEIROS				Nº	%
	18-29 anos	30-44 anos	45-59 anos	60 e mais	de 15 anos	15-17 anos	18-30 anos	30 e mais		
<b>Recebendo Pensões:</b>										
• Por tempo de serviço <sup>1/</sup>	-	-	2	2	-	-	-	-	4	27,5
• Por invalidez	-	1	-	-	-	-	-	1	1	
• Por estar na condição de orfão	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
<b>Desempregados:</b>										
• Por incapacidade física ou doença	-	1	2	-	-	-	-	-	3	68,0
• Em razão de alcoolismo	1	-	2	-	-	-	-	3	3	
• Em razão de toxicomania	-	-	-	-	-	-	1	1	1	
• "Parados"	2	2	1	-	-	1	-	6	6	
• Procurando emprego pela 1ª vez	-	-	-	-	1	1	-	2	2	
<b>Outros:</b>										
• Membro de uma quadrilha <sup>2/</sup>	-	-	-	-	-	-	1	-	1	4,5
<b>TOTAL <sup>3/</sup></b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>22</b>	
<b>%</b>	<b>13,5</b>	<b>18,0</b>	<b>32,5</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>	<b>-</b>	<b>100,0</b>	

<sup>1/</sup> Na coluna referente à faixa de 60 anos e mais existe um indivíduo que exercia também a profissão de "apanhador de caixas". Sua inclusão nesta tabela e não na Tabela 9 deveu-se a que a "pensão" é que era por ele considerada como o "dinheiro certo" do mês.

<sup>2/</sup> Apesar deste indivíduo fazer parte de uma quadrilha ele foi incluído porque sua família era considerada parte integrante da família tipo "médico" do Jardim Londres e ele residia com os pais e outros irmãos.

<sup>3/</sup> De acordo com a Tabela 7 existem 188 homens entre 10-60 anos e mais (que são os intervalos máximos e mínimos que foram observados no item OCUPAÇÃO), e isto significa que 8% — 15 homens em números absolutos — é que podiam ser considerados realmente "desempregados".

forme indica a Tabela 11, 21 homens (\*) encontram-se trabalhando há menos de um ano sem registro na carteira de trabalho, e 33 homens (\*\*) encontram-se trabalhando há mais de 1 ano sem registro, havendo perdido os "direitos", como diziam. Este dado talvez seja o mais importante para a avaliação da péssima situação empregatícia em que a população local se encontrava, uma vez que o registro de trabalho é a condição mínima, por lei, que um trabalhador pode ter, fato que eles mesmos faziam questão de ressaltar.

Os "direitos" a que se referiam mais especificamente eram: atenção médica e hospitalar para o indivíduo e seus dependentes através da Previdência Social (INPS); pensão de aposentadoria após um certo tempo de trabalho, ou após atingirem certa idade; pensão em casos de invalidez; pensão para a viúva e filhos em casos de morte; fundo de garantia, conforme o contrato de trabalho, ou indenização por tempo de serviço (\*\*); salário mínimo; 13º salário; salário-família; horas regulares de trabalho, com compensação financeira por horas extras e trabalho noturno; proteção contra riscos; férias e gozo de feriados estabelecidos por lei. Alguns indivíduos encontravam-se mais informados que outros, mas em todo caso, tratava-se de um corpo comum de conhecimento e informação que era constantemente repetido. Várias vezes, porém, diziam que tudo isso era apenas "no papel", e diante das violações constantes que ocorriam na prática pouco faziam além de se queixar, sendo que nenhum deles jamais procurou formas legais de resolver qualquer problema, pois diziam que

---

(\*) 21 = 11% em relação a 188 homens.

(\*\*) 33 = 17% em relação a 188 homens.

(\*\*\*) Sem entrar em detalhes, vale a pena mencionar que, em geral, diziam preferir a fórmula da indenização por tempo de serviço, não só porque pareciam ter mais conhecimento dela, mais principalmente porque acreditavam que esta era uma forma de algum dia ter um "dinheirinho" para fazer alguma coisa, "dinheirinho" este que muitas vezes era conseguido através de "acertos" diretos com o empregador.

não "adianta", e que até "resolver tudo", já teriam "morrido de fome".

O TRABALHO DAS MULHERES            A maior parte das mulheres do bairro não trabalhava "prá fora" (remuneradamente), e as que o faziam estavam situadas, quase todas, nas faixas etárias mais jovens da população local. Dada a pouca qualificação que tinham o mercado de trabalho que se encontrava mais disponível para elas era aquele em "casas de família", como empregadas domésticas, ou faxineiras "a dias". Um número bem menor desempenhava as funções de lavadeira, e igualmente pequeno era o número de mulheres dedicadas a outras atividades, fosse em comércio, indústria, ou mesmo outros serviços.

As mulheres podiam passar de um tipo de atividade doméstica remunerada para outro, mas em geral a idade e o estado civil eram fatores importantes na determinação do tipo de tarefa desempenhada. A faxina, por ser considerada um "serviço pesado", assim como lavar roupa, era desempenhada pelas mulheres mais velhas, em geral casadas, e conforme diziam: "isso é serviço prá mulher, e não dá prá mocinha". Além disso, este tipo de tarefa (\*) "prendia menos" as mulheres, acabava pagando mais e ainda fazia "entrar um dinheirinho" no meio do mês, caso fosse necessário, pois havia a possibilidade de receber por tarefa, ou "por dia", como diziam. A faxina, de certo modo, era considerada como um avanço em relação à função de empregada doméstica, pois as mulheres se sentiam mais independentes e algumas se "davam ao luxo" de não "pegar faxina" durante 1 ou 2 dias na semana a fim de "por em dia" o serviço de sua própria

---

(\*) Serviço de faxina, mas não de lavadeira.

casa. Em todo caso, esse avanço só era conseguido depois de algum tempo na cidade, pois no início elas "pegavam" o que aparecia, caso tivessem intenção de trabalhar "fora", e o que aparecia era roupa para lavar e casas precisando de empregadas. Era após certo tempo de permanência na cidade que a mulher começava a "ajeitar" melhor as coisas e ver o que era mais vantajoso para ela e a família. Havia mulheres, por exemplo, que "se quisessem" já estavam em condições de "pegar" faxinas, deixando de ser empregadas domésticas, mas isto não acontecia porque as "patroas" para quem estavam trabalhando ofereciam certas vantagens, e laços de amizade e trocas mútuas entre ambas as partes podiam então existir e elas preferiam continuar como estavam. As mulheres mostravam-se gratas por certos favores tais como, a "patroa" haver ajudado a arranjar emprego para o marido, ou então para algum dos filhos, haver auxiliado em alguma dificuldade financeira enfrentada pela família e fatos similares, e a melhor forma de retribuição que havia era a permanência delas no serviço. Era necessário, entretanto, que um salário adequado fosse pago, pois relações de amizade ou clientela nem sempre eram suficientes para impedir as frequentes mudanças de emprego tão comuns neste setor de atividades.

As mulheres mais jovens, principalmente as solteiras, que haviam sido criadas na cidade, desprezavam bastante o trabalho em "casas de família", pois almejavam trabalhar "numa coisa mais leve", que pagasse melhor, e onde não houvesse tanta gente prá "encher". Referiam-se, como modelo de ocupação, algumas atividades ligadas ao comércio varejista ("uma loja de roupa", "uma farmácia", costumavam dizer). Quanto mais tempo permaneciam na cidade, mais raramente falavam em trabalhar em fábricas, embora ainda pudessem querer tal coisa, mas é que a noção das reais dificuldades tornava-as, com o tem-

po, muito mais realistas. Uma das moças, empregada doméstica, con  
 tou-me que:

"Meu pai falava de vim prá cá, meus irmãos iam trabalhar numa fábrica, minhas irmãs, eu também ... Cê sabe como que é, a gente é boba, num sabe de nada ... Meu irmão que fala! Meu pai pensava que ia chegar e já ia ser fácil de arranjar tudo do jeito que ele queria [...] Eu fiz teste num montão de lugar ... Onde falava que aceitava moça, eu ia ... Mas tinha que ter experiência, ter diploma de ginásio, um montão de coisa que eu num tinha, né? ... Agora é que eu tou terminando o 6º grau, de noite [...] Fiquei lá uns tempo, saí, fui prá outro lugar ... Agora tou parada outra vez ... Eu queria outra coisa ... Tou enjoada de trabalhar assim, em casas ... Queria era trabalhar num serviço melhor, que prendesse menos ... Trabalhar assim num tem futuro ... Se eu arumasse numa loja de roupas, ou outra loja qualquer, daí sim ... Vamos ver, né? ... Quem sabe tenho sorte ..."  
 (Moça de 17 anos).

As mulheres mais velhas acusavam as mais novas de querer "escolher muito" e achavam que isso passaria quando elas se casassem e vissem "a dureza" que é "por filho no mundo" e criá-los "prá não morrer de fome". Embora o número de mulheres que trabalhavam para fora fosse pequeno (relativamente falando), a maior parte havia trabalhado, e muito, antes da mudança para a cidade. Disso elas se lembravam muito bem e diziam esperar nunca mais ter que trabalhar tanto outra vez.

Quando eles descreviam suas atividades passadas usavam termos de comparação tais como haverem trabalhado "igual que homem", ou então que eram verdadeiros "pés de boi". Esse tipo de apreciação era não apenas feito pelas mulheres, mas igualmente compartilhado pelos demais membros do grupo. Em geral, todas as mulheres quanto inter

rogadas costumavam dizer que antes nunca haviam trabalhado, mas logo em seguida, ajuntavam, "quer dizer, trabalhei no sítio", "trabalhava prá nós", "trabalhava na roça que nem todo mundo". Ninguém havia esquecido o passado, o que ocorria, porém, é que o marco de referência para definir o trabalho era a atividade urbana, "prá fora" (não "prá nós"), com suas características de pagamento, horários, contrato, etc., distintas das encontradas no trabalho agrícola.

Uma das noções mais persistentes em relação ao trabalho feminino na cidade, e que aparecia implícita em algumas conversas, é que ele era de certa forma acessório em relação ao trabalho masculino (\*). Isto é, inúmeras mulheres estavam desempenhando uma atividade remunerada, constante, há muitos anos, e embora o que ganhassem fosse indispensável para o equilíbrio da economia doméstica, mesmo assim sempre faziam muita questão de afirmar que o "melhor prá mulher", aquilo para que ela realmente "dava", era o serviço doméstico, a "casa". Outra noção muito comum era que "lá fora" (fora de casa) havia "muita malandragem", "muita desonestidade", "muito desrespeito" em relação às mulheres, e que por isso mesmo era necessário "tomar cuidado". Os homens diziam que sabiam o quanto "ajudava" o dinheiro que a mulher recebia, mas que mesmo assim sairiam mais "sogados" de casa se soubessem que ela havia ficado com os filhos "aqui dentro" (da casa).

Por outro lado, é claro que havia também aquelas mulheres que valorizavam o trabalho que desempenhavam considerando-se a si próprias, abertamente, "mais decididas" que os homens, em geral os maridos. Tais casos, frequentemente, estavam relacionados

---

(\*) Não quero com isto dizer que o trabalho na roça fosse cerca do de maior noção de complementaridade, pois para tanto me faltam dados. Ver, a respeito, o trabalho de MARTINEZ-ALLIER (1975), que trata com maior propriedade do assunto.

a casais em fase de conflito, com ocorrência de abandono, violência, alcoolismo ou doença. O trabalho da mulher, por ser considerado intermitente, como uma atividade que podia ser interrompida a qualquer instante, e suplementar, não recebia muita atenção — ou pressão grupal, como no caso dos homens — para que tivesse seus aspectos legais devidamente encaminhados. Em relação às 93 unidades a Tabela 10 mostra a situação de trabalho em que as mulheres se encontravam. O total obtido (59) representa cerca de 31% de 189, ou seja, do total de mulheres entre 10-60 anos e mais (intervalos mínimo e máximo observados respectivamente) pertencentes ao conjunto dessas unidades (\*). Entre as que trabalham, cerca de 60% compõe-se de mulheres solteiras, e nenhuma disse que gostaria de parar de trabalhar após o casamento, se, e quando, casassem. Das que estavam noivas ou "namorando firme", porém, houve 3 (em 11) que disseram que o noivo já lhes havia dito que não gostaria que continuassem trabalhando após o casamento.

As que se consideravam, e eram consideradas, como estando em melhor situação (não necessariamente pelo salário), eram as que desempenhavam as funções de atendente hospitalar, as duas operárias da EQUIPESCA e a costureira. Tanto as atendentes, quanto a costureira, procediam de áreas urbanas do interior do Estado (Lins, Barreto e Jales, respectivamente), e já praticavam o ofício antes da mudança. As duas operárias, por sua vez, eram as que tinham, entre todas as moças, o nível de educação formal de mais alto nível, havendo ambas terminado o ginário (8º grau) antes de se mudarem para a cidade, menos de 1 ano antes (<sup>11</sup>). Embora trabalhar em comércio fosse considerado como "bom", o caso da balconista que aparece na

---

(\*) Ver Tabela 5.

Tabela 10 - Distribuição da População Feminina Ocupada de acordo com o Setor, Faixa Etária e Estado Civil. 1/

SETOR DE OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL								TOTAL		
	CASADAS				SOLTEIRAS				Nº	%	
	18-29 anos	30-44 anos	45-59 anos	60 e mais	de 15 anos	15-17 anos	18-30 anos	30 e mais			
<b>Ocupações Técnicas:</b>											
• Atendente Hospitalar	-	1	-	-	-	-	1	-	2	4,0	
<b>Operações da Agropecuária e da Produção Extrativa Vegetal:</b>											
• Apanhadora de Café e Algodão	2	1	-	-	-	-	-	-	3	7,0	
• Ajudante na granja	-	-	-	-	-	-	1	-	1		
<b>Ocupações nas Indústrias de Transformação:</b>											
<b>a) Indústria Mecânica:</b>											
Operária não-qualificada na Equipagem do Brasil	-	-	-	-	-	1	1	-	2	12,0	
<b>b) Indústria do Vestuário:</b>											
Costureira	-	1	-	-	-	-	-	-	1		
<b>c) Indústria de Alcool, Bebida e Alimentação: 2/</b>											
"Ajudante" de doceria	-	-	-	-	1	1	-	-	2	2	
"Ajudante" de pastelaria	-	-	-	-	-	-	2	-	2		
<b>Ocupações do Comércio e Atividades Auxiliares:</b>											
• Vendedora ambulante	-	1	-	-	-	-	-	-	1	4,0	
• Balconista	-	-	-	-	-	1	-	-	1		
<b>Ocupações Domésticas Remuneradas:</b>											
• Empregada Doméstica 3/	2	4	1	-	2	15	7	-	31	73,0	
• Faxineira	1	3	-	-	-	-	-	-	4		
• Pagem ou "babá"	-	-	-	-	1	1	-	-	2		
• Lavadeira 4/	-	5	1	1	-	-	-	-	7		
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>16</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>12</b>	<b>-</b>	<b>59</b>		
<b>%</b>	<b>8,0</b>	<b>27,0</b>	<b>4,0</b>	<b>2,0</b>	<b>7,0</b>	<b>32,0</b>	<b>20,0</b>	<b>-</b>		<b>100,0</b>	

1/ A nomenclatura das ocupações procurou seguir, da mesma forma que na Tabela 14, as especificações do VIII Recenseamento Geral (1970).

2/ As pessoas incluídas nesta ítem não trabalham em estabelecimentos comerciais, mas sim em pequenas empresas onde "fazem" o produto.

3/ Uma das mulheres que desempenha a função de empregada doméstica, situada na coluna entre 15-17 anos, recebe também pensão do governo na qualidade de órfã. Esta pensão, cessará de ser dada quando ela completar 18 anos. Mais duas mulheres, também desempenhando estas funções, uma na coluna entre 18-29 anos, outra entre 30-44 anos, casadas ambas, e a segunda separada do marido, são consideradas "biscates" ou "mulheres que vão por dinheiro". Elas entretanto, isolaram-se "empregadas em casa de família", e vivem a maior parte de suas vidas no interior do bairro, junto com as respectivas famílias, que são consideradas por todos como de "gente muito boa", exceto por estas duas mulheres.

4/ Uma das mulheres entre 30-44 anos, lavadeira, trabalha também na colheita de café e algodão, "quando é tempo". Sua inclusão como lavadeira, e não como apanhadora de café, ocorreu em virtude daquela ser considerada como a ocupação principal pela própria informante, em razão de ser a fonte "mais certa" do dinheiro do mês.

Tabela não era assim tão invejável porque ela trabalhava como vendedora de peixes no mercado, o que se afastava bastante do ideal relativo a esse ramo de atividade.

Quanto ao nível de desocupação, ou desemprego, ele atingia cerca de 5% (ver Tabela 10.1) em relação às mulheres entre 10-60 anos e mais, e cerca de 4,5% (8 em números absolutos) é que recebiam pensões. Da mesma forma que ocorria com os homens, as mulheres enfrentavam uma situação instável, com empregos nos quais era mais ou menos fácil entrar, e muito mais fácil sair, fosse por serem "despedidas", ou então por se considerarem "mal pagas". Não existia, propriamente falando, falta de ocupação, mas sim falta de empregos adequados. A Tabela 11 indica como as mulheres estavam em pior situação ainda que os homens (que estavam pessimamente situados) no que dizia respeito a um mínimo de proteção trabalhista. Cerca de 86,0% das mulheres que exerciam atividades "prá fora" (51 em números absolutos) trabalhavam sem registro profissional, e não havia nenhuma sindicalizada. A razão que davam para não se registrarem, quando tinhal tal escolha, era que "isso" ainda iria diminuir mais seus salários, ou então que era "por pouco" (tempo) que estavam trabalhando e que por isso mesmo não adiantava tanta "trabalheira" (para arrumar os papéis).

O restante das mulheres entre 10-60 anos, que atinge mais ou menos 60% (112 em números absolutos) e que não consta em nenhuma das tabelas relativas à ocupação feminina, exerciam atividades domésticas dentro de suas próprias casas, ou então eram orianças e jovens que "ajudavam a mãe". Algumas das mulheres mais velhas também desempenhavam este tipo de ajuda, mas em geral a expressão mais usada para suas atividades, quando eram de muita idade, é que faziam "umas coisinhas".

Tabela 10.1 - Distribuição da População Feminina Desempregada de acordo com a Condição, Faixa Etária e Estado Civil. (\*)

CONDIÇÃO	ESTADO CIVIL								TOTAL	
	CASADAS				SOLTEIRAS				N <sup>o</sup>	%
	18-29 anos	30-44 anos	45-59 anos	60 e mais	15-17 anos	18-29 anos	30 e mais			
<b>Recebendo Pensão:</b>										
. Na condição de viúva	-	1	1	-	-	-	-	-	2	44,5
. Na condição de orfã	-	-	-	-	3	3	-	-	6	
<b>Desempregadas</b>										
. "Paradas"	-	-	-	-	-	2	-	1	3	55,5
. Procurando emprego pela primeira vez	-	-	-	-	2	4	1	-	7	
<b>TOTAL</b>	-	1	1	-	5	9	1	1	18	
<b>%</b>	-	5,5	5,5	-	28,0	50,0	5,5	5,5		100,0

(\*) De acordo com a Tabela 5 existem 189 mulheres entre 10-60 anos e mais (intervalos máximo e mínimo observados), e em relação a esse total 10 mulheres, em números absolutos, encontram-se desempregadas, o que corresponde a cerca de 5%.

Tabela 11 - Distribuição das Pessoas Ocupadas de acordo com o Sexo, Situação Trabalhista e Setor de Ocupação. (\*)

SITUAÇÃO	SETOR DA OCUPAÇÃO										TOTAL	
	Construção Civil Masco.	Ocupações Domésticas Remuneradas Fem.	Indústria em Geral		Comércio		Serviços em Geral		Agricultura		Nº	%
			Masco.	Fem.	Masco.	Fem.	Masco.	Fem.	Masco.	Fem.		
Registrados	21	2	22	3	17	1	15	2	-	-	83	
%	11,0	1,0	12,0	1,5	9,0	0,5	8,0	1,0	-	-		44,0
Menos de um ano decorrido desde o último serviço	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	
%	11,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-		11,0
Não Registrados	18	42	6	4	6	1	2	-	1	4	84	
%	9,5	22,5	3,5	2,0	3,5	0,5	1,0	-	0,5	2,0		45,0
TOTAL GERAL POR SETOR	60	44	28	7	23	2	17	2	1	4	188	
%	31,5	23,5	15,5	3,5	12,5	1,0	9,0	1,0	0,5	2,0		100,0

(\*) Além da carteira de trabalho (ou a ausência dela) as pessoas não contavam com nenhum outro meio de proteção ou reivindicação. Do total de 188 pessoas, apenas 3 é que se encontravam sindicalizadas (1,5%): um ferroviário e dois mecânicos não qualificados.

## V - O Nível de Renda e os Gastos

Não havia no bairro um padrão único, sistematicamente encontrado, em relação às formas de gastar o dinheiro, mas, por outro lado, a própria exiguidade dos salários impedia que houvesse muita variação (Tabela 12). O que havia, isso sim, eram certos padrões que se repetiam para famílias que se encontrassem nesta ou naquela situação (por exemplo, recém-chegados, velhos moradores, casais novos, pessoas solteiras, etc.), e que envolviam ações que eram consideradas como as mais adequadas, as mais "certas", ou, como costumavam dizer, do jeito que "tinha que ser".

Um desses encaminhamentos corretos, por exemplo, aplicável para todos, era que o dinheiro ficasse centralizado, e não cada um com o seu. No começo do mês, ou no fim, o homem chegava em casa com o salário e, juntamente com a mulher, "fazia as contas" para calcular quanto "seria" para pagar o armazém, quanto para a água, quanto para a prestação do lote, etc.. Se alguma coisa tivesse que ser escolhida para "ficar devendo", era também nesse momento que se decidia qual seria, e porque. No caso dos filhos trabalharem havia alguma modificação. Em muitas casas os filhos entregavam o salário inteiro "à mãe", principalmente quando se tratava de adolescentes e crianças. Com rapazes e moças crescidos havia os que entregavam "quase tudo", ficando com uma parte para si, ou então pagavam à família uma espécie de pensão, mantendo para si o resto do que recebiam. Este último artifício era mais comum de ocorrer com rapazes do que com moças, porque se acreditava que sempre precisavam mais do que elas. As moças apenas mantinham parte substancial do dinheiro que recebiam quando estavam para casar, e tinham que "fazer" o enxoval. O fato de entregar o dinheiro "à mãe" não era apenas uma força de ex-

Tabela 12 - Distribuição das Famílias de acordo com a Renda Mensal e Número de Pessoas Remuneradas em Relação ao Número de Pessoas Residentes.

RENDA MENSAL	Nº DE PESSOAS REMUNERADAS									Total de Famílias		Total de Pessoas <sup>2/</sup>	
	Nenhuma	1	2	3	4	5	6	7	8	Nº	%	Nº	%
Nenhuma	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,0	6	1,0
Inferior a Cr\$ 268,00	-	13	2	-	-	-	-	-	-	15	16,0	62	11,0
Cr\$ 268,00 a Cr\$ 400,00	-	9	5	-	-	-	-	-	-	14	15,0	61	11,0
Cr\$ 401,00 a Cr\$ 530,00	-	12	8	4	-	-	-	-	-	24	25,5	134	26,0
Cr\$ 531,00 a Cr\$ 800,00	-	2	8	8	3	4	-	1	-	26	29,0	176	36,0
Cr\$ 801,00 a Cr\$1.100,00	-	-	1	4	1	-	-	-	-	6	6,5	38	7,0
Cr\$1.100,00 a Cr\$1.400,00	-	-	-	-	-	2	-	1	-	3	3,0	28	5,5
Cr\$ 1.610,00 <sup>3/</sup>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1,0	4	0,5
Cr\$ 2-300,00	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1,0	13	2,0
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>37</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>73</b>		<b>224</b>	
<b>%</b>	<b>3,0</b>	<b>41,0</b>	<b>26,0</b>	<b>17,0</b>	<b>4,0</b>	<b>6,0</b>	<b>-</b>	<b>2,0</b>	<b>1,0</b>		<b>100,0</b>		<b>100,0</b>

1/ O salário mínimo, para o ano de 1972, era Cr\$ 268,00.

2/ O total de pessoas nessa coluna não corresponde, portanto, ao total dos que trabalham, mas sim ao total de pessoas contidas nas unidades domésticas referentes a cada faixa salarial.

3/ Tratava-se, aqui, de um indivíduo que tinha interesses num sítio em Santa Fé do Sul, e que se encontrava arrendado a um mesário.

pressão, mas um fato muito concreto e que significava, aqui como em outras circunstâncias, o papel intermediário delas entre os filhos e o pai. Muitas vezes ouvi os pais perguntarem aos filhos se já haviam entregue o dinheiro à mãe, ou então, a esta, se já havia recebido o dinheiro dos filhos. Não se tratava de conversa particular, pois a pergunta podia ser feita em presença de "estranhos" (eu por exemplo), outros parentes e, evidentemente, dos próprios interessados. Este mesmo papel intermediário era visível quando algum filho ou filha desejava fazer, ou comprar, alguma coisa. Em casos de famílias onde o marido era "ruim" para a mulher, não trabalhava, bebia, ou tinha outras mulheres, quer a mulher trabalhasse ou não fora, o mais comum era que o dinheiro dos filhos e o dela, se houvesse algum, fosse mantido o mais possível longe do controle do pai, e não raro omitia-se para ele a real renda individual e familiar e até mesmo a informação sobre quem trabalhava "prá fora". O dinheiro do pai, nesses casos, era exigido pelos filhos e pela mãe para pagar coisas muito específicas, tais como as contas do armazém, bar, padaria, açougue e uma ou outra despesa semelhante. O salário dos homens, em casos assim, era rigidamente controlado pelas mulheres, e muitas delas eram capazes de dizer exatamente quando, onde quanto o marido havia "enfiado o dinheiro", mesmo que não vissem "a cor" da maior parte dele.

Em famílias onde tais conflitos não existiam o salário do marido, em geral, era destinado às despesas com certos artigos de consumo, tais como alimentação, contas de água, imposto, aluguel e remédios. Ao salário das mulheres era atribuído, ainda que incorretamente, um uso um tanto quanto suplementar, embora em certos casos representasse, de fato, a aquisição de coisas além das quais o salário do marido não daria conta de pagar de jeito nenhum: roupas

para os filhos, material escolar, prestação do fogão a gás, prestações do terreno, e uma ou outra "boberinha prá casa". Estes itens eram fáceis de serem identificados porque as próprias mulheres, ou então outros membros da casa, mencionavam com qual dinheiro havia sido comprado isto ou aquilo. O que havia de mais tradicional, se é que esta é a expressão correta, no destino dado ao dinheiro recebido em cada família, era o fato do marido fazer questão de "por a comida em casa". Em casos de conflitos conjugais era muito comum ouvir as mulheres dizerem que "ele" (o marido) podia "fazer" o que quizesse, contanto que não deixasse os filhos "morrerem de fome". Os homens admitiam francamente que as principais responsáveis por "fazer economia" eram as mulheres e que não "adiantava nada", "não dava certo", quando os homens não "entregavam" o dinheiro para elas. Por isso mesmo, mulheres que gastavam muito, ou que não "sabiam fazer economia", eram muito criticadas, e os conselhos que os mais velhos davam às moças é que não fossem "cheias de luxo", "luxentas", ou "gastadeiras" e, aos rapazes, diziam sempre que para casar deviam procurar uma moça que "soubesse economizar".

Era mais fácil um homem desconhecer quanto sua esposa e filhos ganhavam do que a mulher desconhecer o mesmo a respeito dele, pois uma das principais preocupações dela era informar-se cada vez mais sobre o preço de tudo, bem como sobre o salário médio pago no setor de atividades do marido, até dominar uma extensa e variada soma de detalhes dos quais fazia amplo uso na condução da política doméstica. Uma das mulheres disse-me, certa vez, comentando a situação, que ela havia deixado de ser "boba" em relação ao marido, de "acreditar em tudo" que ele "falava", e que "agora" fazia questão de saber "tudo direitinho". Disse ainda que achava que todas as mulheres deviam fazer o mesmo, porque "cidade não é que nem sítio", e

se o marido "falta" a mulher tem que "se virar". O problema, portanto, não se prendia apenas a desconfianças em relação aos maridos, mas também à noção que o papel das mulheres, na cidade, sofre uma alteração em relação ao tipo de vida que levavam "antes".

Em 1972, ocasião em que o salário mínimo para o Estado de São Paulo estava fixado em Cr\$ 268,00, a maior parte das famílias do bairro recebia de 2 salários mínimos para baixo, mesmo quando 2 elementos (adultos) trabalhavam remuneradamente (Tabela 12). Para que este nível fosse ultrapassado era necessário que mais pessoas entrassem no mercado de trabalho, o que, de qualquer forma, não significava melhor pagamento para quem estava trabalhando, mas apenas uma ligeira elevação da renda "per capita" na família, rapidamente absorvida pelas necessidades que o grupo sentia. Algumas ocupações mantinham-se sempre remuneradas abaixo do nível salarial mínimo, tais como a de lavadeira (a mais baixa remuneração existente, em torno de Cr\$ 90,00 por mês), a de empregados de pequenas firmas, as múltiplas ocupações sem especificação no comércio (variando entre entregadores, faxineiros, embaladores, etc.) e os serventes de pedreiro. Em torno ou acima do nível salarial estavam os empregados de médias e grandes empresas, empregados no setor de serviços públicos, empregados das companhias de transporte, os ajudantes-de-pedreiro e os próprios pedreiros, as babás, empregadas domésticas e faxineiras "com experiência", e, enfim, qualquer tipo de ocupação mais qualificada. Além disso, vale a pena lembrar que os salários pagos às mulheres e crianças eram sempre menores que os pagos para os homens, mesmo quando o serviço desempenhado era semelhante.

A renda "per capita" calculada para o conjunto das 93 unidades resultou em US\$ 280 dólares/ano (<sup>12</sup>), obtido através da soma de todos os salários e pensões recebidos, mais a soma de 13<sup>o</sup> sa-

salário(que foram atribuídos a todos que recebem algum tipo de rendimento), mais a soma de um cálculo que atribuiu, para cada unidade doméstica, 2 salários-família. A título de comparação, a renda "per capita" para o Brasil, em 1968, estava calculada em torno de US\$ 350 dólares/ano. (Fonte: Yearbook of National Accounts Statistics, UN).

Ao fazerem as "contas" para determinar como ia ser gasto o dinheiro o homem e a mulher estabeleciam, via de regra, um sistema de prioridades. Isto não quer dizer que havia muita variação no gasto entre um mês e outro, mas sempre havia alguma "coisinha" extra para comprar, já determinada desde o mês anterior, às vezes muito antes, e os cálculos eram apenas para ver se "dava". Dessa forma, a família se impedia de entrar em grandes dívidas, e não ficaria muito "apertada" caso um ou outro membro perdesse o emprego por um curto período de tempo. A principal despesa da família, em termos de tais prioridades, eram as prestações do terreno, caso ele estivesse sendo adquirido. O pagamento mensal desta prestação, conforme muitas vezes ouvi, era "sagrado", isto é, não podia deixar de ser pago, custasse o que custasse. Enquanto ainda estavam na fase de adquirir o terreno as pessoas evitavam qualquer despesa "maior", ou "grande". Caso já estivessem com o terreno pago, começavam a comprar e estocar material de construção, cimento, areia, tijolo, telha e cal, principalmente, mas essas já não eram despesas tão "sagradas", sendo feitas apenas quando as possibilidades de enfrentar o processo de construção da casa tornava-se realmente um projeto viável.

No âmbito doméstico, os gastos prioritários iam para a alimentação ou, melhor dizendo, para determinados tipos de alimentos: arroz, feijão, batata, linguiça, macarrão, fubá, café, sal e açúcar cristal, principalmente. Reservava-se, também, cotidianamente, o dinheiro para o transporte daqueles que dele o necessitassem em fun-

ção do trabalho. Assim mesmo, sempre que fosse possível andar a pé, assim era feito, pois uma pessoa, conforme já foi mencionado em outra parte do trabalho, ganhando o salário mínimo, gastaria cerca de 5% dele só em transporte. Por isso, as empregadas domésticas preferiam "tratar" a condução com as pessoas, de forma que essa despesa não pesasse no orçamento familiar.

Outra despesa extremamente necessária era com a água, para a qual o dinheiro tinha que estar sempre "separado", pois o caminhão não fazia entregas sem pagamento à vista. As despesas com roupas, artigos para a casa (panelas, roupas de cama, etc.), e compra de remédios, eram passadas para segundo plano. Infelizmente, em relação à alimentação, as despesas com ovos, leite e carne adquiriam proporções igualmente secundárias, não porque as pessoas quizessem ou não dessem o devido valor a estes alimentos, mas sim porque eram considerados caros demais. No caso de haver uma criança com menos de 1 ano na casa o leite de vaca era adquirido com mais frequência, mas tão logo ela atingisse essa idade o consumo baixava drasticamente. Em alguns casos esse limite ia até 6 meses, noutros até 9 meses. Até 3 meses, junto com o leite de vaca, ou sem ele, podia ser encontrado o leite em pó, principalmente quando havia alguma forma de recebê-lo junto a postos de saúde do Estado ou agências beneficentes da cidade.

O pagamento do aluguel, para as famílias com tal compromisso, constituía-se numa despesa prioritária, mas não "sagrada", havendo frequentes casos de atraso que podiam ser tratados pacificamente ou litigiosamente, dependendo das partes envolvidas. Como não havia contrato legal de aluguel, tudo dependia do conhecimento anterior entre locatário e locador. Se quem estivesse devendo fosse "boa gente", "trabalhadora", havia muita compreensão e procurava-se acer

tar as coisas "sem barulho". Muitas vezes, quando se tratava de gente idosa, mulheres que haviam ficado viúvas, ou famílias em situação súbita de doença ou desemprego, o proprietário recebia o que a pessoa pudesse pagar e havia, inclusive, casos em que insistia em não receber naquele mês, deixando para quando tudo estivesse acertado. Tais ajustes, é óbvio, só eram possíveis quando o locador também morava "por ali" e era "gente conhecida". Quando, porém, notava-se qualquer "má intenção", havia brigas, discussões e ameaças de "chamar a polícia". Paralelamente a isso, todos os membros da família lesada, assim como os "colegas" e vizinhos, ajudavam a espararrar a notícia que quem estivesse devendo era "malandro", "sem vergonha", "vagabundo", "gente que não presta" ou "caloteiro".

A Tabela 13 indica algumas das comodidades que as famílias em geral possuíam, e além das que constam na relação, o resto do que tinham podia ser considerado como objetos estritamente essenciais, tais como camas, mesas, cadeiras, bancos e armários. Todas as casas, bem ou mal, possuíam tais itens. As famílias que se encontravam em melhores condições de vida possuíam quase todos os móveis, fossem eles comprados feitos, alguns novos ainda, ou de segunda mão. Entretanto, a maior parte das mesas e bancos, quando feitos de madeira, haviam sido construídos pelos próprios moradores, e o que se deixava para comprar em lojas eram em geral os móveis de fórmica, assim como os "móveis de sala" (sofás e poltronas recobertas de plástico), e os de quarto. Assim mesmo, móveis deste tipo só eram adquiridos quando a família já se encontrava residindo numa casa de tijolo, e em condições de "arrumá-la". Quando móveis um pouco "melhores", porém velhos e gastos, eram encontrados entre famílias que viviam em barracos, não raro tratava-se de presente de alguma "patroa", ou de "achados" na rua, depósitos de lixo, ou demolições. É interessante

Tabela 13 - Distribuição das Famílias de Acordo com Algumas Comodidades que Faziam Parte de Suas Posses.

ESPÉCIE	Nº de famílias	%
Geladeira, TV, fogão à gás, rádio portátil e "Sonata" (*)	1	1,0
Geladeira, TV, fogão à gás, rádio portátil	2	2,0
TV, fogão à gás, rádio portátil	12	13,0
Fogão à gás, rádio portátil, "Sonata"	2	2,0
Fogão à gás, rádio portátil	53	57,0
Fogão à gás	12	13,0
Rádio Portátil	2	2,0
Nenhum desses itens	9	10,0
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>100,0</b>

(\*) "Sonata" era a marca de um toca-discos portátil fabricado em Campinas, relativamente barato. Os existentes no bairro eram todos de 2ª mão.

notar que quando alguma pessoa sem condições aparentes começava a adquirir por conta própria tais tipos de móveis, o fato era considerado como extravagância, e delas se dizia que eram "cheias de coisa", que "queriam aparecer", ou que eram "sem juízo", pois se preocupavam com "bobagens" antes de tratarem de ter uma "casa direito". Os colchões das camas eram de palha, e constantemente remendados. Algumas casas possuíam colchões de espuma de borracha, e bem poucas eram as que possuíam "colchão de mola".

Roupas de banho, cama e mesa - tais artigos, evidentemente, eram escassos, e, em geral, as pessoas aproveitavam o pano de estopa dos sacos de feijão, arroz e batata, para serem usados como toalhas e lençóis. O único luxo que quase todas as mulheres se permitiam era comprar colchas de "chenile" baratas, adquiridas na feira, ou de algum dos "ambulantes" que passavam por ali.

Panelas, louças e vidros - todas as casas possuíam recipientes próprios para cozinhar. Tratava-se, na maioria dos casos, de utensílios de alumínio, baratos, de espessura fina, que facilmente se quebravam ou entortavam, e as panelas, em contato com o fogo, logo se deterioravam. Algumas mulheres haviam conservado uma ou outra panela de ferro adquirida "antes" (de virem para a cidade), ou então herdadas da mãe ou da sogra, e mostravam grande apego a elas, pois eram as que "faziam melhor comida", ou a "mais gostosa". Latas de óleo e de banha eram frequentemente aproveitadas para guardar mantimentos (quando tinham tampas), ou para cozinhar.

Os pratos e copos eram de material barato, e como muitas mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas costumavam ganhar "coisas" das patroas, em certas casas podia-se ver vasilhas lacadas de pirex, peças isoladas e esfoladas de louça mais fina, e co

pos de vidro que haviam anteriormente servido para guardar geléias industrializadas.

Eleto-domésticos - Quase nenhuma casa possuía eletro-domésticos (ver Tabela 13), e as exceções referiam-se aqueles que já estavam há muito tempo na cidade, com filhos crescidos e "criados", que podiam ajudar com dinheiro todo mês. O ferro e o chuveiro elétrico eram, também, raramente encontrados, pois mesmo aqueles que possuíam instalação de luz elétrica em casa muitas vezes dispensavam tais facilidades, pois diziam que ferro e chuveiro "puxavam" muita força, ou seja, aumentavam consideravelmente a conta mensal de luz. O tipo de ferro mais utilizado para passar a roupa era "a brasa", ou "de brasa" e, quanto aos banhos, eram tomados frios, ou mornos, utilizando-se bacias e latas. Os homens quando trabalhavam em locais que tinham chuveiro instalado, preferiam chegar em casa de banho tomado ("tomados banho", diziam).

Em relação à aquisição de todos esses bens havia, por assim dizer, um certo padrão, que era que quem possuísse um determinado tipo de artigo mais caro, como geladeira, por exemplo, ou aparelho de TV, é porque já se encontraria vivendo numa casa de tijolo, em fase de acabamento, com água e luz instaladas ou prontas para serem instaladas, e pagando as prestações da copa fórmica, sofás de plástico, e dos móveis "envernizados" (laqueados).

O nível de gastos das famílias, fosse com gêneros de primeira necessidade, fosse com objetos considerados de "luxo", era necessariamente baixo, dado os baixos salários que recebiam. Entretanto, as pessoas tinham noção que certos gastos "grandes", ou "mais pesados", não podiam demorar muito para serem feitos, fossem quais fossem as dificuldades, pois "quanto mais demorasse, pior". Bons exemplos disso eram a própria compra do lote, e do material de cons

trução, pois acreditava-se que se certos sacrifícios não fossem feitos enquanto estavam todos "dispostos", e "de boa vontade", logo começavam a aparecer empecilhos, "uma coisinha prá fazer aqui, outra prá fazer ali", e elas acabariam sem nunca terem nada. Esse era um dos conselhos que os mais velhos davam aos mais jovens, bem como aquilo que os mais experientes, residindo há mais tempo na cidade, davam aos recém-chegados. Tacitamente, é como se concordassem que a cidade impõe necessidades próprias, novas, que implicam num tipo de consumo inevitável, ao qual podem resistir apenas temporariamente, até que acabem por sucumbir (13).

Períodos de desemprego, e gastos inesperados com doenças eram outros problemas aos quais estavam todos sujeitos, e diziam que os períodos livres desses males tinham que ser muito bem aproveitados, comprando-se tudo que era preciso, sem "esbanjar". Algumas épocas do ano exigiam mais despesas do que outras, ou pelo menos exigiam certas despesas específicas. Por exemplo, em fevereiro existiam as despesas com a compra do material escolar para as crianças, que era uma época, conforme me disse uma mãe, que "bagunçava" tudo. Nos meses de maio, junho e julho, meses de frio, havia as despesas com roupas de lã, agasalhos e cobertores, que também eram consideradas "pesadas", e abalavam a rotina doméstica. Na época do Natal, embora muitos recebessem o 13º salário — outros recebiam apenas abonos ou gratificações, em virtude do regime incerto em que trabalhavam — muito pouco, ou nada, absolutamente, era gasto em artigos natalinos, propriamente ditos, pois as pessoas se queixavam que os preços, nessa época do ano, aumentavam muito, o que os obrigava a gastar mais, mesmo que não quizessem. Esse dinheiro, quando "dava", era reservado para comprar material de construção, para a compra do material escolar mais tarde, ou então para pagar algum tratamento de

saúde, médico ou dentário, que vinha sendo adiado. Quando a pessoa se encontrava "mais folgada" era possível que aproveitasse para visitar algum parente que morasse longe e que há muito tempo não via. Na pior das hipóteses, o dinheiro do 13º salário serviria para por em dia algumas contas que estivessem atrasadas.

Quando chegavam os meses de agosto, setembro e outubro, as pessoas já começavam a se queixar que o ano estava demorando para acabar, e que não viam a hora de receber o "13º", ou qualquer outro abono prometido. A situação tornava-se desesperadora quando alguém perdia o emprego nesses meses do ano, pois havia um consenso que era mais fácil conseguir emprego no primeiro semestre, principalmente primeiro trimestre, do que depois disso. Perder emprego no fim do ano era certeza de passar a época do Natal "parado", e muitos temiam ser "mandados embora", principalmente aqueles que não tinham qualquer proteção legal.

#### VI - "Um Cantinho Que Seje Meu"

Um bom emprego para o chefe da família era aquilo que todos mais desejavam, e uma das frases mais ouvidas era que tudo o que queriam era que "Deus ajudasse não deixando faltar saúde", pois com "dois braços fortes", e "sorte" para arranjar um bom emprego, não haveria trabalho que não fizessem. Em seguida à saúde e à sorte no serviço, não como um elemento secundário ou menos importantes, mas justamente como produto dessas duas dádivas combinadas, vinha o desejo de possuírem "um canto" onde pudessem ficar sossegados, cuidar da família, criar os filhos, descansar. O mais importante era que o lugar lhes pertencesse ("cantinho que seje meu", diziam), de modo que pudessem construir "uma casinha", ou mesmo um "barraco de pobre".

É difícil dizer em que momento de sua vinda para a cidade as pessoas se convenciam da extrema necessidade de adquirir um lote. Estou, é claro, referindo-me apenas as que conheci, não sendo este um ponto que possa ser generalizado. A impressão que eu tinha, conversando com recém-chegados, era que a primeira preocupação, ao chegar na cidade, era de se "ajeitar de qualquer jeito" por uns dias, e arranjar logo um serviço. Era só depois de uns 2 ou 3 dias que começavam a falar de comprar um lote, após haverem conversado com parentes, ou com vizinhos. Depois disso passavam a falar no assunto, como se ele nunca tivesse deixado de lhes ocorrer, e tudo era feito e planejado em função de "dar um jeito", ou "fazer sacrifícios" para atingir tal meta. O preenchimento desse ideal tinha seu início oficial quando a primeira prestação do lote era paga, pois daí para diante as pessoas já passavam a se considerar "donas de um pedacinho de chão".

Já foi mencionado, em outra parte desse trabalho, que a casa era o elemento dominante na paisagem do bairro. Mais do que isso, porém, ela constituía, a nível local, um dos indicadores mais precisos para avaliar as condições de vida daqueles que nela viviam. Cada morador, olhando à sua volta, associava o estado de cada casa com o que sabia dos moradores (época da chegada, se contava ou não com parentes no local, se se tratava de gente "boa" ou não), e a partir daí é que dava sua opinião sobre se aquelas pessoas estavam "bem de vida", "passavam mal", ou "iam indo". Frequentemente, quando eu indagava a respeito de como estava fulano ou beltrano, forma polida de dizer "como vai?", ouvia respostas como estas: "vai bem, já acabou de pagar o lote dele"; "num sei não, começou comprar o material prá construir a casa e parou, deixou tudo lá ... acho que num tá fácil"; "teve sorte, viu só qu' instante que construiu a casa dele?".

Residir num barraco de tábuas não era em si "nenhuma vergonha", e era visto como uma contingência pela qual quase todos tinham que fatalmente passar, mas, assim mesmo, não deixava de ser um fato que só era aceito com tranquilidade do início da vida na cidade. O prolongamento dessa situação para além de um tempo razoável — que no bairro estendia-se até mais ou menos 5 anos — constituía já um estigma, uma derrota, e prova de incapacidade da família para enfrentar a nova vida. Aqueles que permaneciam anos e anos vivendo dessa forma, além do tempo médio esperado, eram quase sempre os que haviam enfrentado condições continuamente desastrosas, com ocorrências de crises simultâneas, tais como, constantes doenças, empregos descontínuos por falta de qualificação profissional; alcoolismo; casos de abandono ou falecimento por parte de um dos cônjuges, etc. Relativamente falando, eram apenas os que haviam tido "sorte" que estavam bem, já que podiam levar adiante, mais facilmente, a consecução dos seus projetos de vida. Mas mesmo estes tinham presente que não estavam "livres das desgraças", e por isso mesmo, enquanto tinham saúde e trabalho, sabiam que tinham que aproveitar. A estagnação total, porém, quando admitida, era sempre fruto de crises conjuntas ou acumuladas, diante das quais se diziam "sem coragem" para mais nada.

Simplificando bastante todas as fases pelas quais as pessoas passavam até atingirem a situação de proprietários legítimos do lote e da casa (de alvenaria) em que moravam, e passando por alto os fatores que ora favoreciam, ora serviam como obstáculos a essa marcha, temos o que pode ser considerado como o curso ideal das coisas: primeiramente havia a fixação das pessoas na terra vazia (lote). Em seguida, num tempo quase simultâneo, cuidavam da construção do barraco de tábuas. Viviam dessa forma durante algum tempo e da-

vam continuidade ao processo através da compra e estocagem do material de construção para a casa de tijolo. Construíam um cômodo, outro, e outro, até completarem a planta original, ou um modelo aproximado dela.

A transferência da família para a casa de tijolo ocorria tão logo estivesse terminado o primeiro cômodo, mesmo sem acabamentos. Finalmente, quando todos os cômodos já estavam prontos, é que cuidavam dos detalhes finais. O velho barraco podia então ser mantido ou "desmanchado", e as tábuas re-usadas para outros fins, ou vendidas e cedidas para novos moradores.

Estes passos, por sua vez, tinham que ocorrer num dado espaço de tempo igualmente ideal: 2 anos para "ficar" no barraco (no máximo), e pagar o lote; cerca de 6 meses para adquirir o material suficiente para construir pelo menos um cômodo, e iniciar a construção; menos de um mês para erguer cada cômodo; cerca de 6 meses para equipar a casa toda (com ladrilhos, piso, acessórios); e mais uns 6 meses para "puxar" água, luz, e realizar os trâmites legais junto ao Palácio da Justiça (escritura), INPS (pagamento de encargos sociais), e Prefeitura Municipal (impostos, licença de construção e habite-se). Supondo que se tratasse de uma planta de casa popular de 2 cômodos, e permitindo um intervalo de tempo de 2 meses entre a construção de um cômodo e outro, o processo todo deveria ocorrer num período compreendido entre 4 e 6 anos. Depois disso, conforme diziam eles, estariam "livres", "sossegados pro resto da vida", preocupados em "ver só mais umas coisinhas agora", e enfim "morrer sossegados".

Havia quatro instantes decisivos no decurso desse processo e cuja transposição indicava às pessoas que mais um passo havia sido dado em direção ao que desejavam. O primeiro deles correspondia à passagem do período que ia da chegada à cidade à compra do lote. Nesse instante já se definia aqueles que poderiam dar a "entrada" num lote em pouco tempo, e os que não poderiam, tendo que apelar para outras soluções: ir para o "terreno da Prefeitura" ou outra área semelhante, continuar morando "de favor", ou começar a pagar aluguel.

O segundo instante marcava a passagem do período que começava com a 1ª prestação paga pelo lote ("entrada"), incluía a construção do barraco e o fim das prestações, para o período que se iniciava com a construção da casa de alvenaria. Era justamente essa etapa que todo o peso de fatores estruturais adversos podia ser mais sentido. Muitos eram os que conseguiam completar o ciclo de pagamento do lote e construção do barraco, mas depois disso vários anos podiam se passar, além do esperado, até que enfim tivessem condições de "construir". Indivíduos que haviam ficado constantemente desempregados, casais com muitos filhos pequenos, doenças, enfim, toda uma série de fatos que, isoladamente, haviam sido contornáveis, acabavam, depois de um certo tempo, atuando de forma a prolongar por anos e anos uma condição de morar que, idealmente, já teria que haver sido superada. Algumas famílias deparavam com tantas dificuldades que se viam obrigadas a retroceder, isto é, vendiam o lote e o barraco e passavam a consumir o dinheiro da venda com alimentos e coisas mais imediatas. Estes retrocessos podiam levar as pessoas para bairros mais distantes onde podiam "começar tudo", outra vez, comprando um lote mais barato, ou então fazia com que fossem viver em favelas, ou mesmo "voltassem" para o "sítio", embora esta fosse

uma solução mais difícil de ser seguida (<sup>14</sup>).

O terceiro instante indicava a saída de um período que era, também, relativamente longo, sujeito a demoras e interrupções em virtude dos mesmos fatores anteriormente citados, que ia desde o início da construção do primeiro cômodo de tijolo até o fim da construção da casa, entendendo, aqui, suas partes principais, ou seja, estrutura, paredes, e cobertura. Muitos dos que começavam a construção tinham que parar no meio, depois de um cômodo erguido, ou mesmo antes disso, com apenas parte do material comprado. Embora certas interrupções estivessem previstas entre o início e o fim dessa fase, havia um tempo considerado ideal, ou ótimo, além do qual o material começava a se deteriorar, ou ficava sujeito a ser roubado. Se se tratava de um cômodo já erguido, mas toscamente acabado, a chuva, o vento, e o calor acabavam por prejudicá-lo. Estes acidentes encareciam a "obra", provocavam "desânimo", "desacorçoamento", e fazia com que muitos ficassem anos e anos residindo em formas híbridas, porém quase permanentes, de moradias. Como a mão-de-obra usada na construção da casa era gratuita, os atrasos nessa fase de construção eram invariavelmente provocados pela falta de dinheiro suficiente para comprar o material.

Terminada esta fase havia a passagem para a fase de acabamento: "puxar" a água, a luz, instalar interruptores nas paredes, cimentar a "frente", comprar aparelhos sanitários, equipar a cozinha, ladrilhar paredes, etc. Era ao entrar neste período de atividades que a família podia finalmente se considerar bem sucedida, embora, para muitos, ela "não tivesse mais fim". Entre as casas que estavam sendo construídas pelos próprios moradores não encontrei nenhuma que estivesse totalmente "pronta", apesar de muitas haverem entrado na fase de acabamento há muito tempo atrás.

A PROPRIEDADE DO LOTE                      Todas as moradias do bairro, fossem elas de tijolo ou de tábua, unitárias ou em grupos de duas ou mais, estavam construídas dentro de lotes, e obedecendo aos limites neles estabelecidos. Isto, entretanto, não garantia que a moradia estivesse legalizada, nem que se encontrasse construída rigorosamente de acordo com as leis mínimas estabelecidas pelas normas de construção civil. A existência do lote, entretanto, sobre o qual erguer a moradia, era condição "sine qua non" para que ela existisse, e, por conseguinte, era necessário que alguém possuísse esse lote.

A área da cidade correspondente ao Jardim Londres, após haver sido loteada, teve suas partes postas a venda a partir de 1954. A imobiliária responsável pelas transações estava localizada na cidade de São Paulo, e possuía um escritório de representação em Campinas que continuava funcionando, ao que eu saiba, ainda em 1975. Os lotes a venda mediam, entre  $250m^2$  e  $350m^2$  (Tabela 1.1) e alguns poucos eram maiores ou menores em virtude da localização na quadra (de esquina) ou condições de terreno (por exemplo, situados em locais mais íngremes).

O preço médio do lote variou de acordo com as flutuações do mercado imobiliário, mas em todo caso, dada sua localização o Jardim Londres nunca deixou de ser considerado um bairro "pobre", situado numa "lonjura" em relação ao "centro", e por isso mesmos, seus lotes são considerados "baratos" do ponto de vista da especulação imobiliária. Assim mesmo, conforme se vê na relação a seguir, seus preços aumentaram vertiginosamente a partir do fim da década de 60:

Ano	Preço (*)	Salário Mínimo Nominal (**)
1954	Cr\$ 50,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	
1960	Cr\$ 120,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	Cr\$ 9,44
1965	Cr\$ 900,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	Cr\$ 66,00
1970	Cr\$ 2.600,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	Cr\$ 187,20
1972	Cr\$ 6.000,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	Cr\$ 268,80
1974	Cr\$ 14.000,00 (lote 250m <sup>2</sup> )	Cr\$ 415,20

(\*) Os preços correspondem ao ano em que os contratos de cessão que tive em mãos foram passados.

(\*\*) Fonte: Informes Estatísticos do DIEESE (dez./1974-abril/1975).

A forma de pagamento, invariavelmente, era feita através de uma entrada inicial — quase sempre correspondente à metade do valor do lote — seguida de pagamentos mensais que variavam de acordo com: a) o prazo estabelecido pela imobiliária, em geral entre 1 e 2 anos no máximo; b) possibilidades do comprador, e possíveis acordos entre ele, a imobiliária, e o proprietário. Presenciei duas destas situações, e o que aconteceu foi que a Imobiliária pagou o que o vendedor estava pedindo "in totum", e os adquirentes continuaram pagando as prestações à Imobiliária por um prazo superior a 3 anos; e c) transações diretas entre o proprietário do lote e o adquirente, sem a intervenção da Imobiliária como amiente. Em geral, nesses casos, o proprietário não era estranho ao bairro, podendo se tratar de um morador atual, ou ex-morador. Havia preferência para que o lote fosse pago à vista, o que nem sempre era possível. Nesse tipo de transação cada caso era um caso, e como muitas vezes envolvia parentes, e conhecidos de parentes, a forma de pagamento variava em função da "confiança" que as pessoas depositavam uma nas ou-

tras. Nunca, entretanto, ouvi falar de alguém que tivesse sido lesado, embora atrasos, reclamações, discussões, e desistências de levar certas transações a cabo houvessem ocorrido.

A atuação da Imobiliária nas operações de compra e venda era facilitada, a nível do bairro, pelo controle que os corretores mantinham sobre acontecimentos que ocorriam no local, informados que eram, mensalmente, por aqueles que se dirigiam ao escritório para pagar as prestações. Desta forma eles ficavam sabendo quem queria vender seus lotes, quem queria comprar, se havia pressa, e porque. Não raro as próprias pessoas interessadas em vender procuravam diretamente a Imobiliária. Isto em geral acontecia porque dificilmente os moradores queriam se desfazer de seu lote por simples razões de especulação imobiliária. Pelo contrário, tratava-se quase sempre de casos de emergência: casos de viuvez, transferência para outras localidades em função de serviço, impossibilidade financeira de continuar pagando o lote, etc., e nessa ocasiões havia interesse em receber o dinheiro rapidamente e, se possível, de uma vez só. Assim sendo, a Imobiliária era praticamente o único elemento que se apresentava capaz de desembolsar a quantia desejada ou uma soma aproximada.

A maior parte dos lotes que se encontravam "construídos", isto é, com moradias em seu interior, pertenciam aos próprios ocupantes, e mesmo as moradias alugadas costumavam ser de alguém "dali mesmo" (do Jardim Londres), ou "dali de perto" (bairros vizinhos). Apenas 3 casas foram-me apontadas como pertencendo a "um homem da cidade", sendo que duas ainda estavam sendo construídas.

Já em relação aos lotes vazios o caso era outro. O mais comum era ninguém saber a quem pertenciam, e a sua propriedade era vagamente atribuída à Imobiliária, que por sua vez afirmava, através de seus corretores, não possuir mais nenhum lote para vender. Se

gundo um desses corretores, tão logo a área foi loteada e os terrenos postos a venda, em 1954, "já foi quase tudo vendido", e o papel da Imobiliária, a partir daí, limitou-se mais a atuar como intermediária (anente) entre os compradores originais dos lotes e os moradores, ou então entre aqueles e outros especuladores da praça. De todas as escrituras que os moradores me mostraram, nenhuma trazia impresso o nome do atual proprietário como sendo o comprador original.

O conjunto dos lotes apresentava, portanto, uma clara divisão: por um lado havia os proprietários visíveis, por assim dizer, que moravam no local e faziam uso dele (cerca de 40%; ver Tabela 1 e 1.2), e por outro havia os proprietários ausentes, que provavelmente nunca residiriam no bairro, e estavam apenas à espera que os lotes "pegassem preço" para então efetuarem seus negócios, alguns dos quais já estavam tendo lugar por ocasião do trabalho de campo. Tais negócios ocorriam à margem do conhecimento e dos interesses dos moradores, de tal forma que estes jamais opinavam sobre o destino que certas partes do bairro teriam, ou seja, tanto podiam ser destinadas para a construção de uma fábrica, quanto de casas, ou estabelecimentos comerciais. Assim como podiam permanecer sob a forma de terrenos baldios, descuidados e sujos.

No que tange à valorização dos lotes, os moradores tinham, também uma noção um tanto quanto inexata, pois embora se considerassem "sacrificados" por morarem (alguns deles) durante anos e anos num local tão "mal servido", acreditavam que recentemente ele vinha melhorando mais e mais, bem como faziam questão de mencionar que seus lotes já estavam "valendo mais". Este "valer mais", no entender deles, estava ocorrendo graças à intervenção de elementos externos ao bairro, como os benefícios de água, luz, a construção do

Jardim Garcia (BNE), o serviço de transporte, etc., mas nenhum deles, nenhuma vez, referiu-se à situação inversa, ou seja, o quanto a presença pioneira deles no local havia contribuído para a valorização de toda a área, sem que em troca fosse gasto nada, ou quase nada, por parte da municipalidade, agências corretoras e imobiliárias, ou outra entidade qualquer, no sentido de fornecer pelo menos algumas das facilidades que esperavam obter na cidade quando para ela se transferiram. (\*)

A COMPRA DO LOTE

A prestação mensal, vista isoladamente, não constituía em si o maior obstáculo no esforço que as pessoas faziam para adquirir um lote. Para conseguir isso, mesmo que durante uns 2 anos a metade do ordenado fosse gasto, elas sempre diziam que valia a pena o "sacrifício", pois em breve estariam "livres daquilo" e "donas" de sua própria casa (ainda que fosse um barraco) (15).

Quando pensavam em adquirir um lote costumavam hesitar em virtude de dois fatores, principalmente. O primeiro, que a família teria necessidade, durante o tempo que levasse para pagá-lo, de contar com uma renda mais ou menos fixa, que fosse constante, isto é, que ela existisse todos os meses, de fato. Uma das frases mais ouvidas era que, quem "achasse" que não "ia aguentar", que fosse melhor nem pensar em comprar terreno. Para tanto era necessário uma certa estabilidade empregatícia, ou então a existência, na mesma casa, de mais de uma pessoa trabalhando, pois caso acontecesse de alguém ficar "parado" não haveria a possibilidade da família ficar sem receber nada e as prestações deixarem de ser pagas. As prestações do

---

(\*) O Anexo III trata, mais especificamente, de outros aspectos relativos ao lote, tais como ocupação do espaço interno, externo, distribuição de cômodos, reformas e demolições, etc.

lote, em 1972, estavam em torno de Cr\$ 150,00 para quem já estava acabando de pagá-las, e de Cr\$ 250,00 para quem estava ainda no começo do empreendimento.

O aluguel de casa era visto como verdadeira desgraça porque ele diminuía o quanto a família poderia vir a poupar todo mês, caso quizesse "guardar" para dar uma entrada, e seu custo, relativamente falando, era igual ou superior à quantia fixa que as demais famílias estavam pagando para adquirir seu próprio lote. Por isso mesmo, havia muitas pessoas que diziam preferir morar "no terreno da Prefeitura", ou com algum parente, "de favor", até "ajuntar" um pouco de dinheiro, do que gastar tudo em aluguel, que só servia para lhes dar a constante sensação de estarem sendo privados da oportunidade daquilo que mais queriam, ou seja, terem seu "cantinho".

O segundo fator que atuava como impedimento na compra de um lote era faltar dinheiro para dar uma "boa entrada". Havia, porém, aqueles que já conseguiam chegar ao bairro contando com esse "capital", e ao investigar como haviam conseguido, foi possível estabelecer algumas regularidades, as quais podem ser melhor discutidas com base nas Tabelas 14 e 14.1, que levam em consideração a situação das 93 unidades que vêm sendo estudadas.

É relativamente elevado o número de famílias que ao se mudarem para o bairro tiveram suficiente poder aquisitivo para dar a "entrada" em seu próprio lote (59%), incluindo as de procedência rural e urbana (Tabela 14). A população procedente do meio rural era, em termos absolutos, a mais numerosa, e portanto é natural que ela contivesse, também, o maior número de famílias que adquiriram seus lotes, alugaram suas casas, ou que passaram a residir em locais cedidos. As distinções existentes no interior do grupo de procedência rural no que se refere a sua distribuição nas diferentes categorias

Tabela 14 - Distribuição das Famílias de acordo com a Situação de Moradia no Momento da Mudança para o Bairro em Relação ao Local de Procedência Imediatamente Anterior.

SITUAÇÃO DE MORADIA	LOCAL DE PROCEDÊNCIA							TOTAL	
	ESTADO DE SÃO PAULO					OUTROS ESTADOS		Nº	%
	Rural	Urbana Interior	Urbana Capital	Urbana Outros Bairros de Campinas	Casos à Parte <sup>1/</sup>	Rural	Urbana		
Em Lote Próprio	15	3	1	18	3	14	1	55	
	16,0	3,5	1,0	19,0	3,5	15,0	1,0		59,0
Em Moradia Alugada	14	-	-	3	1	7	1	26	
	15,0	-	-	3,5	1,0	7,5	1,0		28,0
Em Moradia Cedida por Parentes ou Conhecidos <sup>2/</sup>	4	1	-	-	5	2	-	12	
	4,5	1,0	-	-	5,5	2,0	-		13,0
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>21</b>	<b>9</b>	<b>23</b>	<b>2</b>	<b>93</b>	
<b>%</b>	<b>35,5</b>	<b>4,5</b>	<b>1,0</b>	<b>22,5</b>	<b>10,0</b>	<b>24,5</b>	<b>2,0</b>		<b>100,0</b>

<sup>1/</sup> Os casos à parte, conforme definidos anteriormente, referem-se a casos em que um dos cônjuges, ou ambos, já residia no bairro no período anterior à união.

<sup>2/</sup> Incluí nesta categoria as famílias que permaneceram por mais de 3 meses residindo junto com parentes ou conhecidos, ou em locais cedidos por algum deles. No período até 3 meses havia sempre uma certa indefinição para a classificação, e muitos consideravam esse prazo como "pouco tempo", "logo que chegou", "no começo", etc.

Tabela 14.1 - Distribuição das Famílias de Procedência Rural de Acordo com a Situação Anterior e a Relação com a Condição de Moradia no Período Imediato à Mudança para o Jardim Londres.

SITUAÇÃO DE MORADIA	SITUAÇÃO ANTERIOR					TOTAL	
	ESTADO DE SÃO PAULO			OUTROS ESTADOS		Nº	%
	Parceiros	Pequeno Sítio	Assalariados	Parceiros	Assalariados		
Em Lote Próprio	7	1	7	3	11	29	
%	13,0	2,0	13,0	5,5	20,5		54,0
Em Moradia Alugada	-	-	14	-	7	21	
%	-	-	25,5	-	13,0		38,5
Em Moradia Cedida por Parentes ou Conhecidos	-	-	4	-	-	4	
%	-	-	7,5	-	-		7,5
TOTAL	7	1	25	3	18	54	
%	13,0	2,0	46,0	5,5	33,5		100,0

ou formas de morar é melhor vista na Tabela 14.1, que constitui um desdobramento da tabela anterior.

Os parceiros, e o pequeno sitiante, que constitui um caso isolado, encontraram-se, ao atingir o bairro, em posição muito mais vantajosa do que os demais trabalhadores rurais, que exerciam suas atividades sendo remunerados por mês, por dia, ou por tarefa, dependendo do tipo de lavoura em que se encontravam trabalhando, e não é difícil verificar porque isto ocorria. As pessoas de origem rural, incluindo tanto os antigos parceiros quanto os demais assalariados, costumavam dizer que, antes de virem para a cidade, haviam "vendido tudo" o que possuíam, "juntado" com mais um pouco que em geral já tinham, e saído "de lá". Alguns ainda mencionavam que haviam podido contar com o produto de um "ano bom", enquanto que outros queixavam-se que haviam saído com as "mãos abanando", "sem nada", ou mesmo "com a roupa do corpo". De qualquer forma, o "vender tudo que podia", ou "tudo que tinha", era a operação mais comum a todos os grupos, mas a diferença era que o "tudo" de alguns era mais do que de outros, embora, basicamente, se referisse mais ou menos aos mesmos itens, tais como, algum animal, peças de mobília, objetos da casa, etc., cuja venda resultava numa certa quantia em dinheiro que, em si, seria suficiente apenas para os primeiros tempos na cidade, mas raramente para efetuar o pagamento inicial do lote. Não seria exagero dizer que as pessoas vendiam tudo que não podiam carregar, ou cujo transporte representaria um ônus muito grande. Vendiam a mobília, mas não todos os colchões, assim como os "trens" da cozinha, menos as panelas melhores, de ferro e quase nunca o ferro à brasa.

Já no caso dos parceiros, por menor que fosse o tempo que ficassem num dado local, tal situação de trabalho permitia-lhes juntar mais coisas, e dependendo do tempo que ficaram trabalhando pa

ra algum fazendeiro, chegavam até mesmo a "possuir" uma casa, pois muitos mencionaram sua "renda" antes de virem para a cidade. Diziam ser donos da casa porque embora não possuíssem a terra, possuíam o material com que a casa fora construída, e portanto podiam "vendê-la". Estavam, também, em condições de possuir, e por conseguinte, de vender, outros objetos que nem sempre os demais trabalhadores rurais tinham, tais como ferramentas e implementos agrícolas bastante simples (martelos, enxadas) que usavam para "lidar" em casa e na roça. Em relação a estes objetos é interessante notar que o desconhecimento sobre o modo de vida na cidade fazia-os crer que nunca mais iriam precisar de certas coisas, e muitas vezes, na hora de construir a casa no bairro, ouvi muitos dizerem que tinham "saudade daquele martelinho bom" que haviam vendido ou deixado para trás. Havia ainda os animais de "criação", quase sempre porcos e galinhas, que também eram vendidos, enquanto que cachorros e gatos eram "deixados" ou "dados" para alguém, mas nunca vendidos ou trazidos.

Quanto à época em que preferiam efetuar a mudança, mencionavam sempre a ocasião que indicava o fim de alguma colheita, ou então, no caso dos parceiros, a época que marcava o fim do contrato, quando recebiam a paga pelo trabalho desempenhado no ano anterior. Tão logo recebiam o dinheiro, e já com "tudo vendido", faziam o possível para partir o mais breve possível, antes que se acabasse o que haviam conseguido jantar. (\*)

Conversando com indivíduos que eram antigos parceiros e que haviam chegado ao bairro por volta de 1970, fui informada que haviam trazido consigo, em média, Cr\$ 5.000,00. Em 1972, indivíduos na

---

(\*) Muitas vezes o contrato acabava mas a colheita não era vendida, e ficava estocada, esperando "pegar preço". Isso em geral era referido como "azar", e quando o contrário acontecia, era "sorte".

mesma situação estavam "chegando" com Cr\$ 12.000,00, em média. No caso de diaristas, mensalistas, e outros tipos de lavrador, que recebiam por tarefas ou "acertos" feitos com o empregador, a quantia em dinheiro que traziam era bem menor, sendo que em 1972 não atingia Cr\$ 3.000,00, em média (17).

Todas estas pessoas, dada a necessidade de venderem "tudo", acabavam conservando muito pouca coisa do tempo "da roça", ou "do sítio", e o que em geral sobrara eram algumas fotografias, algum enfeite, e um ou outro objeto para a casa, sempre coisas baratas e semi-destruídas. Embora falassem com saudade no passado, não lamentavam as coisas e animais que haviam deixado, e a venda simbolizava, de certo modo, o despojamento de tudo que se relacionasse com o mundo agrícola, do qual estavam fugindo. As coisas mais importantes, quando existiam, eram as fotografias, que eram constantemente exibidas e que, não raro, mostravam uma incrível coleção de crianças.

Independente das condições anteriores em que haviam trabalhado, como parceiros ou não, qualquer que fosse o Estado, era como se a mudança, e os fatores que a provocaram, agissem como elementos niveladores e homogeneizantes, fazendo com que todas as pessoas dissessem sempre as mesmas coisas, como se compusessem praticamente uma única entidade: "a roça num dava mais ... Vendemos tudo e viemos ... A cidade é melhor".

Já quanto àquelas que haviam residido em outros bairros antes de irem para o Jardim Londres, tratava-se, em geral, de famílias que antes haviam estado pagando aluguel, residindo em moradias cedidas, ou em locais tipo "terreno da Prefeitura", até haverem conseguido economizar um pouco de dinheiro, o suficiente para dar a entrada num lote. Dificilmente tratava-se de pessoas que, possuindo

uma casa ou lote, os houvessem vendido e estivessem, agora, vivendo no Jardim Londres. Pelo contrário haviam seguido o mesmo curso progressivo que as demais, aquelas que no presente pagavam aluguel (ou moravam "de favor") no bairro, esperavam poder seguir no futuro. (\*)

#### OS ALUGUEIS

O sistema de alugar casas seguia um padrão que, à primeira vista, até poderia parecer variado, mas que, aos poucos, deixava ver certas características constantes não apenas em relação às moradias do Jardim Londres, mas também às moradias de bairros próximos e semelhantes.

Sua principal característica era que o aluguel era em geral "tratado" diretamente entre as partes interessadas, sem intermediários tipo corretores. Se alguma intervenção havia, e desta havia muita, era por parte de parentes e conhecidos que informavam sobre locais para alugar, pessoas que queriam alugar, etc., atuando como fontes de recomendação sobre os bons e os mais negócios. Apenas uma ou outra casa (principalmente algumas situadas na Quadra DD) é que estava começando a ser alugada através de escritórios imobiliários, mas eram em número insignificante ainda em 1973 (\*\*).

O fator que pesava mais para alterar o valor de um aluguel a ser pago, ou cobrado, era aquele relacionado com o tipo de conhecimento existente entre locador e locatário. Entre parentes e conhecidos o aluguel era "especial", "um precinho bom", ao passo que para os "outros", ou para "estranhos", o aumento era muitas vezes desproporcional. Para o ano de 1972, em média, assinalei a se-

---

(\*) A Tabela 2.3 trata, mais especificamente, do número de bairros por onde haviam passado, e demonstra, no caso das famílias em questão, que o Jardim Londres constituía um bairro de 2ª fixação urbana para a maioria delas (75%).

(\*\*) Na verdade, enquanto estive no bairro, tive notícia de apenas uma.

guinte "bolsa de alugueis" (17):

1 barraco de tábuas, de cerca de 9m <sup>2</sup> .....	Cr\$ 45,00 a Cr\$ 80,00(*)
1 barraco de tábuas com divisões internas, com cerca de 20m <sup>2</sup> .....	Cr\$ 50,00 a Cr\$ 100,00
1 cômodo de tijolo, com cerca de 7,5m <sup>2</sup> ..	Cr\$ 80,00 a Cr\$ 150,00
2 cômodos de tijolo .....	Cr\$ 100,00 a Cr\$ 150,00
1 casa tipo popular, de 3 cômodos .....	Cr\$ 120,00 a Cr\$ 250,00
Casas da Quadra DD .....	Cr\$ 400,00 e mais

#### MORADIAS CEDIDAS

Esta era uma das soluções vista como das mais provisórias para o problema de morar. Parentes vivendo há mais tempo no bairro, com a vida mais "acertada", podiam ceder alguns cômodos de tábuas ou de tijolo (mais raro) para parentes recém-chegados. Ou então, ao invés dos cômodos, podiam ceder uma área do lote para que as barracas fossem erguidas temporariamente. Dos 12 casos contidos na Tabela 14, 5 referem-se a este tipo de arranjo, e a permanência das pessoas na moradia cedida variava de 3 a 5 meses para 4 das famílias, e 16 meses para outra, o que não era usual. A maior parte das pessoas que havia dependido desse tipo de favor não costumava ultrapassar os 3 meses, e quando isto ocorria já começava a haver uma certa angústia tanto por parte de quem estava cedendo a moradia como de quem estava sendo obsequiado. A única exceção é quando se tratava de pessoas idosas ou extremamente doentes, incapazes de trabalhar.

Jovens, ao se casarem, fossem eles homens ou mulheres, podiam recorrer a esta solução, erguendo suas moradias no lote dos pais. Esta era vista como uma excelente forma de economizar para

---

(\*) Tais preços eram aqueles cobrados para "estranhos", e não para conhecidos ou parentes.

mais tarde dar a entrada num lote deles mesmos. Na Tabela 14, sob o título de Casos à Parte, existem 5 casais nessas condições.

Ceder moradias, ou partes do lote, a não-parentes, era uma situação mais difícil de se verificar, embora ocorresse de vez em quando. Dois casos na Tabela 14 referem-se a não-parentes, e em ambos os casos tratava-se de velhos morando em lote de conhecidos. A mudança desses velhos para o local onde residiam a maior parte do ano (\*) deu-se mais ou menos da mesma forma: os velhos procuraram os proprietários dos barracos ("de fundo") e indagaram sobre o aluguel. Os proprietários, porém, já estavam cientes das condições de pauperismo em que aqueles viviam, bem como conheciam a miséria enfrentada por outros membros da família, e acabaram cedendo a moradia de graça, embora aceitassem, em troca, pequenos serviços feitos principalmente pelas velhas, como tomar conta de oriança, "ver" a roupa no varal, etc. Os velhos já esperavam por tal solução, mas perguntar pelo aluguel, e ver o pagamento recusado fazia parte da relação de clientela que se estabeleceu entre eles e os que cederam as moradias. Um desses casais permaneceu cerca de 8 meses residindo desse jeito, ao fim dos quais os filhos, que residiam em outra cidade, tiveram condições de vir buscá-lo. O outro permaneceu por mais de 1 ano no barraco cedido saindo, depois, para residir em companhia de um filho casado que havia "melhorado um pouco de vida" e residia em outro bairro da cidade, próximo ao Londres.

---

(\*) 1972, no caso.

VII - As Moradias

## O BARRACO

O barraco, conforme já foi demonstrado e indicado na Tabela 1.3, era o tipo mais comum de moradia, sendo que seu número atingia cerca de 48% em relação aos demais tipos existentes. (No que diz respeito às 93 unidades, suas condições de habitações podem ser vistas na Tabela 15). Estes barracos ocupavam, em média, de  $9m^2$  a  $25m^2$  num lote de  $250m^2$  e essa variação da área construída devia-se às necessidades dos moradores (número de pessoas residindo na casa, número de barracos no lote, etc.) e, principalmente, às suas possibilidades financeiras. Às vezes havia apenas um barraco construído no lote, às vezes mais, mesmo que o local fosse ocupado por uma única família. A combinação mais usual, no caso de haver mais de um barraco para a mesma família, era aquela em que existia um barraco maior, que constituía o corpo principal da moradia (usado como sala e quarto, com ou sem divisões internas), mais um barraco menor, usado em geral como cozinha. Além disso, havia ainda a "casinha", que era um barraco de tábuas, pequeno, vedado, onde se encontrava instalada ou, em alguns casos, apenas cavada, a fossa.

O intervalo de tempo existente entre a compra do lote e a construção do barraco, pelo menos para aqueles que pretendiam morar no bairro, era praticamente nulo. Ambas as operações eram contínuas, para não dizer simultâneas, pois o contrato de compromisso de compra e venda do lote ainda estava sendo encaminhado, e as pessoas já estavam se instalando.

O material básico utilizado na construção dos barracos eram tábuas de madeira, sendo que as mais procuradas eram as de pinho e peroba. Este material era adquirido não apenas em estabeleci-

Tabela 15 - Distribuição das Famílias de Acordo com o Tipo de Principais Características das Moradias em que Residem. (\*)

TIPO DE MORADIA	Principais Características	Nº de famílias	%
CASAS DE ALVENARIA	Inteiramente legais, (com licença de construção e "habite-se")	10	10,5
	Com licença de construção, sem "habite-se" e com construções clandestinas de tábuas ou tijolo no lote	6	6,0
	Sem licença de construção	17	18,0
	Cômodos de fundo	7	7,5
	Construções clandestinas de fundos	9	8,5
HÍBRIDAS	Parte em alvenaria e parte de tábuas, com a licença de construção	2	2,0
	Idem sem a licença de construção	12	13,0
BARRACOS	Únicos no lote	23	27,0
	De fundos	7	7,5
TOTAL		93	
			100,0

(\*) Existe, de certa forma, uma discrepância entre as proporções do número de barracos e casas de alvenaria nessa tabela com o número de barracos e casas de alvenaria, da Tabela 1.3, sendo que naquela os barracos estão em menor número em termos absolutos. Isto não ocorreria se a Tabela 15 representasse um corte, como é o caso da Tabela 1.3, que é o resultado de um mapeamento feito num dado instante do trabalho de campo. Já aqui, a classificação de tipo de moradia sofreu várias modificações, de acordo com o progresso que as famílias iam realizando na tarefa de construção. Muitas permaneceram sempre na categoria "barracos", enquanto que outras que conheci vivendo em barracos terminaram residindo em casas híbridas ou "de tijolo", ou seja, 35 famílias, para ser mais exata.

mentos comerciais especializados, mas, principalmente, em locais onde estavam ocorrendo demolições ou então junto a proprietários de barracos que estavam sendo "desmanchados". No caso de comprarem o material (não apenas a madeira, mas qualquer outro que fosse preciso), não havia um local fixo, que fosse mais procurado, mas tudo dependia de quem estava oferecendo melhor preço na ocasião. Alguém por ali sempre estava a par desse tipo de informação, e em condições de indicar um ou outro estabelecimento da cidade. (Os descontos mais vantajosos que me foram referidos variavam entre 13% e 20%).

Os barracos menores, que mediam cerca de 3mx3m de área, não possuíam divisões internas, e cada lado, em seu interior, desempenhava a função de um cômodo: a cama, ou camas, ficavam de um lado; de outro ficava o fogão, no caso de ser a gás (\*), uma mesa, e panelas penduradas na "parede" ou colocadas sobre a mesa; cadeiras e bancos ficavam espalhados pelo meio do cômodo, ou, mais frequentemente, encostados num terceiro lado.

Nos barracos um pouco maiores é que se encontravam erguidas as divisões internas. Havia barracos com apenas uma divisão, e outros com duas, sendo que mais do que isso era difícil encontrar. Os barracos com uma divisão interna mediam, em geral, cerca de 5mx3m, e uma parte ficava reservada para cadeiras, armários, sofás ou poltronas, e, também, para utensílios de cozinha. A outra parte ficava reservada para as camas, outra para os "trens de cozinha", e outra para cadeiras, bancos, sofás e armários, ou seja, os "móveis de sala".

---

(\*) Fogão a lenha, ou carvão, ficavam do lado de fora, num rancho, ou então num cômodo pequeno que funcionava como apêndice da mo-  
radia principal, pegado a ela.

Quando o barraco era dividido em 3 partes, duas soluções eram as preferidas para a colocação das divisões internas: ou eram colocadas no sentido paralelo às paredes laterais, deixando sempre uma parte maior que a outra que era utilizada como "quarto" ou "sala", dependendo da conveniência da família, ou então era colocada uma divisão nesse mesmo sentido e outra no sentido do comprimento, criando a idéia de "quarto ao fundo" em oposição à "sala na frente", com a cozinha "do lado".

#### A CONSTRUÇÃO

O sistema construtivo seguido pelos moradores dos barracos era bastante simplificado. O "modelo" seguido obedecia ao padrão indicado pelos barracos já existentes nas proximidades, e seu tamanho e corte, como foi dito acima, variavam de acordo com o número de pessoas que iriam ocupá-lo e com o dinheiro disponível para a compra do material. Esta última condição, infelizmente, frequentemente frustrava as expectativas que haviam sido levantadas em função da primeira, e os riscos e linhas sobre papéis e no próprio chão tinham que ser feitos e refeitos várias vezes, até adequar ambas as duas. O tempo que as pessoas esperavam passar residindo nesse tipo de moradia também era um fator determinante na hora de escolher o material ("melhores um pouco" para quem fosse ficar mais, ou "vagabundos" para quem fosse sair logo), bem como nos cuidados que a construção deveria receber ("de qualquer jeito", "prá quebrar um galho", ou então "com capricho").

A presença de parentes e conhecidos era muito útil nesses momentos, e seus conselhos e "know-how" orientavam a construção. Em linhas gerais, os seguintes passos eram tomados:

a) limpeza do terreno — tarefa usualmente desempenhada pelas mulheres, efetuada enquanto os homens trabalhavam, durante a semana,

e enquanto eles se encarregavam de outras tarefas, tais como a compra do material e atividades "mais pesadas" ligadas à construção do barraco;

b) compra do material básico inicial, que incluía tábuas, ripas, arames, telhas e pregos. Os que já podiam aproveitavam para adquirir, também, a caixa d'água, a fossa séptica, e o tanque de lavar roupa (materiais estes feitos de cimento). Esta era uma tarefa usualmente desempenhada pelos homens. Em 1972 era necessário que a família pudesse dispor de cerca de Cr\$ 300,00 para a compra do material suficiente para a construção de um barraco de mais ou menos 4m x3m, equipado com o material acima descrito (\*);

c) a construção do barraco, propriamente dita, que tanto podia se completar no prazo de um dia (os de "qualquer jeito"), ou mais, chegando até 3 dias (os "mais caprichados"). A construção dos barracos iniciava-se cavando-se suas fundações. Uma vala estreita, entre 20cm e 30cm, era aberta no solo, seguindo um sulco leve que havia sido previamente traçado na superfície, e aí eram fixadas as tábuas, que uma vez colocadas constituíam as paredes. As tábuas tinham seu tamanho melhor ajustados no local, sendo serradas e pregadas de acordo com o lugar em que iam ser colocadas. Isto provocava vários tipos de erros, fosse no cálculo da altura, largura, e mesmo de colocação, principalmente aqueles relativos à posição de portas e janelas, e então era necessário desmanchar o trabalho e fazer aquele determinado lado outra vez. Tábuas estreitas, de cerca de 15cm ou menos, eram colocadas ao longo da largura da parede e pregadas mais que estavam fixadas no solo, para "segurar" melhor.

---

(\*) Cálculo conservador.

Em seguida faziam a cobertura, que podia ser de madeira ou com telhas. Quando feitas de madeira, o material era serrado e disposto sobre as paredes, e em seguida ajustado com pregos, arames, e retalhos de latas, zinco, ou qualquer outro material de sucata que encontrassem por ali. Quando a cobertura era feita de telhas, as mais comuns e baratas eram usadas, se possível adquiridas de segunda mão junto a demolições. Elas eram dispostas sobre uma estrutura feita de vigas estreitas colocadas no sentido do comprimento, que por sua vez se apoiavam sobre uma mais grossa, no sentido da largura, ou sobre várias finas nesse mesmo sentido, acompanhando o teto inclinado, tipo meia-água. Arames e pregos eram então utilizados para "firmar bem" as coisas no lugar.

Os detalhes finais da moradia eram acrescentados logo em seguida: pregar portas e janelas (ambas de uma folha apenas) com pregos e dobradiças, fixar a fechadura (em geral um cadeado passando por um buraco na porta e outro na madeira da parede), a tranca, e o trinco. O cadeado era usado durante a noite, ou quando as pessoas tinham que sair e deixar a casa "sozinha". Possíveis frestas que ficavam entre uma tábuia e outra eram preenchidas da mesma forma que o teto, com jornais bem dobrados ou retalhos de madeira ou lata que eram pregados sobre elas. Com a permanência das pessoas dentro da moradia, eventualmente, outros defeitos acabavam sendo descobertos e consertos e remendos eram feitos com o material que se encontrasse mais à mão no momento. As divisões internas eram feitas de tabiques de madeira, cortinas de plástico ou então com armários estrategicamente colocados.

O chão não era coberto, permanecendo sob a forma de terra batida. O nível do "assoalho" era determinado já durante o "projeto" do barraco (nas conversas e nos desenhos), e os "experts" da

família costumavam observar atentamente o terreno para verificar a exata altura em que ele deveria situar-se. Elementos que facilitavam o acesso para dentro e fora do barraco, ou a ventilação, como portas e janelas, também eram dispostos de forma mais ou menos similar. No caso de haver 2 portas, uma ficava localizada na "sala" e outra na parte do barraco relativa à "cozinha". Muitos barracos, ao serem construídos, possuíam 2 portas, mas era comum que apenas uma acabasse sendo usada, ficando a outra impedida por causa de algum móvel localizado junto a ela. No caso das janelas, elas às vezes chegavam a nem existir nos barracos menores. O mais comum, nos barracos maiores, era fazer uma janela em cada "cômodo", embora a exiguidade do espaço e o acúmulo de coisas que a família ia adquirindo acabassem tornando difícil abrir todas, e, no fim, apenas uma é que ficava sendo a principal.

A tarefa de construir o barraco, propriamente dito, ficava a cargo dos homens, sendo que mulheres e crianças apenas "ajudavam". Caso o marido precisasse, isto é, não contasse com outro homem para colaborar com ele, as mulheres então participavam muito mais ativamente de todo o processo, pregando tábuas, fazendo o teto, cavando o sulco na terra, etc., mas em todo caso a tarefa ainda era considerada essencialmente masculina.

#### A CASA DE ALVENARIA

Conforme foi indicado na primeira parte deste trabalho, as casas de alvenaria ("de tijolo"), além de constituírem minoria no bairro, não eram homogêneas quanto à situação em que encontravam, havendo aquelas que eram legais, e as que denominei híbridas.

Segundo se pode observar na Tabela 13, 26% das moradias aparecem como legais, isto é, encontram-se cadastradas com licença

de construção. Isto, entretanto, não é garantia de que ela estivesse sendo feita, ou houvesse sido concluída, rigidamente de acordo com a planta. Muito comumente, os moradores, após conseguirem o "habite-se" para suas casas, prosseguiram, tão logo podiam, com o processo construtivo, acrescentando ou modificando cômodos no interior da moradia ou então nos fundos do lote (<sup>18</sup>). Além das cadastradas havia ainda as híbridas, que totalizavam outros 26%. Sua própria condição de híbrida colocava este tipo de moradia na categoria de construção irregular, ou melhor dizendo, na categoria de clandestinas. (Quanto às 93 unidades base, sua categorização quanto a estes aspectos pode ser vista na Tabela 15).

As plantas utilizadas pelos moradores locais eram as projetadas pelo Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal, denominadas de Construção de Habitação Econômica (\*). Se, para construir a casa, tudo dependesse apenas das preferências reveladas pelas famílias haveria uma tendência constante pela de maior tamanho, mas a disponibilidade financeira reduzia-as à condição de escolherem, em geral, aquelas cuja licença de construção custasse menos (o preço variava de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 200,00, em 1972), ou então aquelas cujos custos de construção fossem mais baixos. Estou, aqui, falando em termos quase ideais pois levo em consideração apenas os moradores que seguiam com todo rigor as normas de construção previstas em lei. Este rigor, na prática, era constantemente deixado de lado, ou seja, sempre que as normas fossem confrontadas com o número de pessoas que vivia na casa, com o tamanho real do lote, e, mais importante ainda, com o nível de renda das famílias, pois eram tais

---

(\*) Em 1975 a Prefeitura contava com cerca de 17 tipos de plantas assim denominadas, sendo que aquela com menor área construída media 25 m<sup>2</sup> e a maior 50 m<sup>2</sup>. (Ver também o Anexo III, que trata da utilização da área interna e externa da moradia).

discrepâncias que obrigavam as pessoas a viver em moradias híbridas, inacabadas, ou, no caso de serem completamente de alvenaria, em casas que escapavam totalmente ao tamanho e disposição inicialmente projetados.

Outros fatores que contribuía para as modificações eram os de ordem por assim dizer técnica. Em primeiro lugar, muitas pessoas já haviam iniciado a construção da casa quando a licença era obtida, e daí o mais fácil e barato era adquirir uma planta cujo traçado se aproximasse do que já vinha sendo feito, havendo sempre necessidade de ajustes aqui e ali. Em segundo lugar, inúmeros moradores já iam à Prefeitura Municipal com um determinado tipo de planta em mente, conhecida pelas suas características mais significativas: "de 2 quartos", "de 1 quarto", "de 2 cômodos", "com abrigo", "de quarto maior", etc., e tais especificações referiam-se a casas dos parentes, conhecidos, e vizinhos. A opção feita dessa forma nem sempre era adequada à família que deveria residir na casa, e logo já se transformava em outro fator que conduzia a reformas e alterações. Em terceiro lugar, embora pudesse haver mais de uma planta que se adequasse ao modelo desejado pelo morador, as escolhidas, como não podia deixar de ser, eram as de menor custo, já que havia acréscimos monetários quando se tratava de casas maiores, com abrigos, ou com capacidade para futura expansão. Daí se explica que adquirissem a planta mais barata e dessem, eventualmente, prosseguimento à casa de acordo com o que originalmente estavam desejando. De uma forma ou de outra, apesar de todos esses fatores, a configuração final da construção fazia com que não houvesse casas muito diferentes uma das outras, havendo, pelo contrário, muita uniformidade entre elas. As próprias modificações levavam à padronização, já que atendiam a problemas que eram comuns a todos. Diferenças muito par-

ticulares, quando as havia, acabavam deixando de ser traços individualizantes para indicarem um determinado estágio da construção que mais cedo ou mais tarde deveria ser atingido pelos demais moradores, ou seja, o "jardinzinho", a "muretinha", a "frente pintada", etc.

Embora a Prefeitura tendesse a considerar as alterações feitas sobre a planta original como produto da ignorância ou da malandragem dos moradores, estes as consideravam como simples "acertos", "jeitinhos", e "remédio" para as discrepâncias que enfrentavam ao ter que seguir a planta e acomodar a família. Diziam generosamente que a Prefeitura não era "tão culpada", pois ela "lá" onde estava não podia saber o problema de cada um. Por isso mesmo, sentir-se-iam tremendamente injustiçados se algum dia fossem vítimas de multas ou sanções, coisas, aliás, que nunca vi ocorrer, nem ser relatada. Mesmo entre aqueles que adquiriam a licença antes de iniciar a construção, e que "faziam tudo certinho", alguma modificação irregular sempre acabava sendo feita, por mais forte que fosse a intenção de permanecer dentro do estipulado. A própria maneira de construir a moradia, em etapas, tornava isso difícil, já que cada parte que ia sendo construída acabava tendo seu aproveitamento definido pelas necessidades do momento em que ficava pronta. Cômodos destinados a serem originalmente sala, por exemplo, podiam ser repartidos em dois cômodos, aparecendo mais um quarto. Janelas podiam ser deslocadas para o lado que tivesse menos sol. O tamanho de um cômodo podia variar de acordo com o que a família possuísse, e assim por diante.

Havia ainda as alterações provocadas em função de como devia ser a disposição dos cômodos, isto é, de qual era "o certo". Algumas das plantas, por exemplo, tinham o banheiro e a área de serviço projetados na parte anterior da casa, o primeiro situado interna, e o segundo externamente. Isto contrariava a noção que as pes-

soas tinham a respeito de que o cômodo destinado ao banheiro deveria ficar "do lado", "no meio", "no fundo", ou "fora", "atras" da casa. Era permitido que ficasse "na frente", apenas quando se tratasse de barracos, pois aí "tudo" estaria "de qualquer jeito mesmo". A sala, de preferência, deveria localizar-se na parte anterior da casa, com portas e janelas "dando para a rua", ou então para "o abrigo". Plantas que indicassem o contrário tendiam a ser desrespeitadas, o que provocava a alteração, portanto, de paredes, localização de portas, janelas e passagens internas. (\*)

#### A CONSTRUÇÃO

A construção da casa iniciava-se, portanto, após um período médio de 5 anos durante os quais as pessoas haviam, em geral, vivido em barracos. Elas raramente o faziam antes desse tempo, sendo mais frequente que justamente o contrário ocorresse.

Independente de ser legal ou ilegal, o processo de construção das casas de alvenaria seguia um curso mais ou menos semelhante em todos os casos. Em primeiro lugar havia as "conversas". Tais "conversas" não tinham seu início perfeitamente determinado, e provavelmente ocorriam desde a compra do lote, envolvendo pessoas da família, vizinhos, e palpites de "colegas" de trabalho. No decorrer dessas "conversas" é que uma parcela inicial do "know-how" sobre como construir uma casa era passado de um indivíduo para outro, notadamente dos mais "experientes" para os mais "novos". A experiência, aqui, nem sempre era em termos de idade, mas sim, em termos de vivência na cidade, ou seja, um maior domínio sobre formas de "se virar".

---

(\*) O Anexo III descreve, mais detalhadamente, as modificações comumente encontradas de acordo com o tipo de planta, bem como a utilização da área interna e externa da moradia.

Discutia-se, entre outras coisas, a respeito do tempo ideal para construir, sendo que o recomendado era depois que o lote estivesse pago, antes das crianças começarem na escola, logo que os filhos mais velhos comessem a trabalhar, num tempo do ano em que não houvesse chuva, e quando a maior parte das pessoas que fossem "trabalhar nela" (na construção da casa) se encontrasse disponível, a fim de que fosse possível dar um "bom arranque". Também tomavam conhecimento da via burocrática que deviam percorrer, e pesavam as vantagens e desvantagens de efetuar os trâmites legais necessários, tais como "tirar" licença de construção, aprendiam o que era uma planta "popular" (a "mais barata") (19), como conseguir o "habite-se" após a casa estar pronta, e em quanto "tudo ficava". Importante, ainda, eram as "dicas", os "palpites", sobre como agir no caso de algumas dessas obrigações legais terem que ser rompidas, assim como valiosos eram os conselhos muito positivamente dados a respeito dos quais "valia a pena" romper de qualquer jeito (\*). Outros "palpites" frequentemente dados enfatizavam as vantagens de se adquirir, aos poucos, o material de construção necessário para construção de pelo menos um cômodo, indicavam qual a parte da casa (se a fundação, as paredes, a cobertura, as portas e janelas) que deveria ser feita primeiro, apontavam o que deveria ser deixado para mais tarde (pintura, por exemplo), e o que deveria ficar para o fim.

Como "fazer" a casa constituía outro conjunto de informações, bem como as indicações sobre o melhor material a ser usado. Era do conhecimento geral os "melhores" locais da cidade onde o material poderia ser comprado naquele exato momento, e eles eram indi

---

(\*) Uma discussão a respeito dos aspectos legais da construção da casa foi colocado em seguida, separadamente, com o intuito de ordenar melhor os dados. O encaminhamento dos papéis, entretanto, a nível de prática, podia ocorrer antes, durante, ou após a construção.

cados não apenas no bairro, mas também nos locais onde o indivíduo trabalhava e através de parentes e conhecidos residindo em outros bairros. O controle atualizado desses locais abrangia o comércio de madeira, cimento, ou cal; partes da cidade onde estava havendo demolições e era possível comprar tijolos, telhas, portas, janelas, etc. Como grande parte dos homens trabalhava "na construção", era comum que, ao serem despedidos de alguma empreitada, fizessem os "acertos de conta" em dinheiro mas também em espécie, incluindo material para as casas, que variava desde o básico, como tijolo ou telha, até tanques, fossas, peças de cozinha e banheiro, e mesmo canos e ferros.

Os principais elementos que entravam para a construção da casa eram: areia (fina e grossa), cal, cimento, pedra britada, tijolo (tipo "baiano" para as paredes, "comum" para o alicerce), telhas e madeira (caibros, vigas e ripas, de peroba). A isso deve-se adicionar, ainda, outros elementos tais como ferros, canos, fios, pregos, portas, janelas, batentes e as várias ferramentas que eram utilizadas na obra, quais sejam: martelos, fios de prumo, peneiras, enxadas, pás, etc. <sup>(20)</sup>. Junto à primeira fase da construção (que consistia em "erguer" um ou mais cômodos), os que podiam eram aconselhados a incluir o "chão", que era em geral de cimento e coberto de "vermelhão", assim como a confecção do forro de lajota. A maior parte das casas, entretanto, apresentava a cobertura feita de telhas e o chão de terra batida.

Quem "podia" fazia "tudo de uma vez", sem passar por fases situadas muito distantes uma das outras, mas quem "não podia" tinha que "ter paciência", e fazer "aos poucos". A segunda fase, então, tinha prosseguimento envolvendo uma outra série de gastos e operações: instalação da pia, dos interruptores de luz, caiação inter-

na, ou mesmo pintura, e a instalação de portas e batentes no interior da casa, para citar apenas alguns. A tão desejada última fase (que "não acabava nunca", "não tinha mais fim"), incluía equipar o banheiro internamente, ladrilhar a cozinha, cimentar "a frente", murar o quintal, fazer "muretinha", ou "murinho" na frente, etc.

Era quando as coisas já estavam bem encaminhadas, as fases se sucedendo umas às outras sem demoras excessivas, que as pessoas permitiam-se adquirir móveis novos para os quartos, conjuntos de sofás e poltronas de plástico, móveis com revestimento de fórmica, etc. E era por essa ocasião que as pessoas começavam a pensar em elementos positivamente de luxo, tais como pintura com revestimento de látex, aplicação de sinteko, ou portas de vidro "na frente". Nunca, porém, cheguei a encontrar qualquer moradia provida de tais confortos.

Quanto ao tempo que era necessário para construir uma casa de 3 cômodos, ou mesmo um pouco maior, variava em torno de 1 mês, talvez menos, se 3 pessoas trabalhassem constantemente nela. Não me refiro a uma casa perfeitamente acabada, evidentemente, mas apenas ao tempo e mão-de-obra suficientes para a primeira "arrancada", ou seja, fazer as fundações, levantar as paredes, e cobrir os cômodos. Permitia, também, a instalação dos encanamentos, fios elétricos, e dar, pelo menos, uma "mão de pintura" interna e outra externa.

Quando me refiro ao número de pessoas trabalhando na construção da casa inclui também as mulheres. A combinação ideal de mão-de-obra era aquela que contasse, de forma continuada, com 3 adultos, embora alguns deles pudessem ser substituídos em diferentes estágios da construção. A substituição podia ocorrer em função da tarefa que estava sendo executada no momento, de forma que alguém que houvesse ajudado a fazer as paredes fosse, por exemplo, substituído

por alguém que entendesse de encanamento, ou então por um pintor, ou por um eletricitista. Ocorria, também, que aqueles que já tivessem trabalhado alguns dias ("emprestando" ou "pagando" dias que haviam sido emprestados a ele, ou devolvendo algum outro tipo de favor) fossem substituídos por outros indivíduos nas mesmas condições. "Minha parte eu já fiz", disse-me um dos homens, "tava devendo 4 dias, paguei com 5". Esta forma de cooperativa de construir a casa é denominada "por mutirão" e constitui artigo de lei que prevê certas reduções no pagamento de encargos sociais junto ao INPS, quando as pessoas requerem as isenções no tempo e sob a forma devidos.

Esta expressão, entretanto, "mutirão", era pouco utilizada no bairro, e o trabalho em conjunto era descrito através de frases como: "vou ajudar na casa de fulano porque devo alguns dias para ele"; "beltrano emprestou alguns dias para sicrano"; "fulano foi bom prá mim e por isso vou trabalhar na casa dele", "ajudei na casa de fulano"; "fulano me ajudou". A contabilidade dos favores prestados, e das retribuições, era controlada por todo o grupo familiar, bem como pelo grupo de vizinhança que por ventura pertencesse à rede de uma dada unidade doméstica. Nunca houve casos de elementos estranhos a esta rede participar do trabalho relativo à construção, embora o contrário haja ocorrido, isto é, elementos pertencentes à rede ficarem aquém das expectativas ao se furtarem de colaborar num dado momento em que sua ajuda era esperada. Sempre que isto acontecia o grupo tendia a reagir prontamente, criticando e "falando".

VIII - A Visão do Bairro

A "gente do Londres" tinha sua maneira de ver as coisas e as situações, e não se trata, aqui, de dizer ou tentar implicar que esse era um grupo fechado, único, e original. Bairros semelhantes, muito possivelmente, comportam pessoas com modo de vida e opiniões semelhantes, variando apenas certos aspectos circunstanciais. Vou deixar de lado certas minúcias e tentar me fixar na forma como viam sua vinda e fixação "na cidade", particularmente no bairro.

Quatro níveis de comparação eram frequentemente utilizados para as pessoas se definirem, e definirem as coisas a sua volta:

a) comparação entre a vida que levavam antigamente, em geral "na roça" ou "no interior", e a que levavam no presente, "na cidade";

b) comparação entre o tipo de vida que os "pobres" levavam, vivendo em bairros tipo Jardim Londres, e a vida que os "ricos" levavam, vivendo "na cidade", "nos bairros chiques" ou "de mais recursos", fosse em Campinas ou outro lugar qualquer;

c) comparação entre a "gente do Londres" e a gente de bairros igualmente bons ("de gente boa", "de família"), e a de bairros considerados alguns "piores" outros "melhores", todos porém ali das re dondezas;

d) Comparações envolvendo pessoas do próprio bairro, em que do minavam 3 categorias: 1) pessoas que se encontravam "bem de vida", ou "melhores"; 2) pessoas que eram "mais ou menos igual", ou "remediadas"; 3) pessoas que não estavam "bem", estavam "mal de vida", e não tinham "nem onde cair mortas".

O "ANTES" E O "AGORA" Quando comparavam a vida que levavam "antes" com a que tinham "agora" estavam, em geral, comparando o modo de vida "da roça" com o "da cidade", e havia unanimidade quase absoluta na questão, todos achando que agora era "muito melhor". Os poucos casos que discordavam disso referiam-se a pessoas e situações muito específicas: gente idosa, ou acima de idade conveniente de achar emprego imediato; pessoas recém-chegadas à cidade, e que ainda não haviam se "acostumado", queixando-se de saudades das pessoas e lugares que haviam deixado; e, em número menor ainda, aqueles que, embora estando há certo tempo fora do lugar de origem, estavam atravessando períodos de crise e sofrimento: abandono, doença, desemprego, e que diziam que teria sido melhor não haverem saído nunca de onde estavam. Alguns desses casos, entretanto, eram queixas de caráter passageiro e só em casos de continuada e profunda crise é que se justificaria uma "volta".

A melhora a que se referiam dizia respeito, em termos gerais, a uma elevação do nível de consumo da família (aquisição de uma maior variedade de "coisas"), possibilidades de melhores salários (ainda que em termos apenas absolutos), e empregos remunerados para um número maior de pessoas em cada domicílio. A esta opinião aliava-se a convicção de que, embora o "povo da roça" seja paciente e trabalhador ("trabalha mais duro, com enxada"), ele é um setor da população "muito esquecido", e ninguém o "ajuda muito", restando-lhe apenas o recurso de "largar tudo e vim'bora duma vez", pois "na cidade dá prá se virar melhor".

"NÓS" E "ELES"

Era comum que comparasse, também, o estilo de vida que se levava no bairro e aquele da "cidade", sendo que por este último termo englobavam o estilo de vida dos "bairros de mais recursos" da cidade, tanto os mais modernos, elegantes e exteriorizados ("bairros chiques"), ocupados por camadas médias da população. Ao passo que a comparação mencionada no ítem anterior, entre a vida na roça e na cidade, refletia uma comparação no tempo, aqui ela é espacial, deixando entrever mais claramente a noção dicotômica de classe que tinham. Quando diziam "eles" referiam-se a todo um setor da população que tinha um estilo de vida melhor, com "empregos que pagam mais", "mais preparo" (educação formal), que "podem encaminhar melhor os filhos", ou que contavam com "mais facilidade na vida", ao passo que, quando diziam "nós", estavam não apenas se referindo a eles próprios, mas também extrapolando os limites do bairro e referindo-se a uma camada mais ampla da população, pois muito comumente também diziam "pobres", "pessoas como nós", "gente igual que a gente", "o povo assim que nem nós", ou "pessoas assim que nem nós".

Esta comparação podia ser feita em tom conformado, às vezes irônico, mas raramente revoltado, sendo apenas a constatação de um fato. Algumas opiniões a respeito de determinados eventos e situações que ocorriam na área, ou mesmo fora dela, permitem sentir melhor a maneira de pensar das pessoas, como por exemplo em relação à instalação da rede de luz que estava sendo colocada:

"Num sei prá quê ... Só se for prá dar mais despesa ainda ... Ou então vai ver que eles querem mostrar todas essas beleza aqui [referindo aos barracos] ... Acho que eles [da Prefeitura Municipal] pensam que aqui no Londres é igual que no Cambuí, cheio de casona ..." [bairro tradi-

cionalmente ocupado pela camada mais alta da cidade, hoje em dia sendo abandonado por pontos mais exteriorizados e "verdes", mas que conserva, não obstante, sua conotação de bairro aristocrático]. [Depoimento de uma mulher];

ou em relação às condições de saúde:

"As crianças daqui tão sempre doente ... É que é tudo pobre, num se pode dar muito conforto ... Também o povo já num tem nem prá comer direito inda eles [autoridades] num dão as coisa direito pro que é pobre ... Vai tudo de qual quer jeito que nem Deus quer [...]. Filho de pobre tá sempre doente ... Leva pro médico e inda tem vez que é mal atendido [...]. É difícil de ter delicadeza ... Tem médico que acha que a gente deixa os filho ficar tudo doente por querer ... Tem vez que eles fala co'a gente dum jeito que dá até vergonha ... É bom quando dá da gente ir com um médico delicado [esta mulher referia-se ao sistema de atendimento ambulatorial do INPS e Santa Casa de Misericórdia] ... Queria só ver se quando chegasse uma dessas mulher chique, cê sabe, da Nova Campinas [bairro ocupado pela camada mais alta da cidade, mais recente que o Cambuí] aí eu queria só ver ... Era até de passar na frente e tudo ...";

ou em relação à distância entre local de emprego e moradia:

"Se eu trabalho longe? ... Longe é apelido ... Cê então num sabe como é que é com pobre? ... Com pobre é assim, minha filha, acontece de tudo prá ele ... É tudo longe, tudo difícil, num tem moleza ... Vê a questão do horário, do emprego, tem que chegar ali na horinha, num pode se atrasar senão perde o dia ... Num tem conversa ... Ninguém num quer nem saber se tem ônibus se num tem ... Tem que mandar brasa ... Ser folgado é prá rico ... Num é que rico num tem obrigação ... Claro que tem ... É que nemeu falo, obrigação todo mundo tem ... Só que rico, cê sabe,

é sempre mais folgado ... Tem carro, já falta já num tem desconto ... Tem facilidade, cê sabe, mora mais perto, a condução é mais na hora ... Tem menos aperto ... " [Depoimento de um homem];

ou sobre a casa em que viviam:

"Essas pessoa, tou lhe dizendo de gente que mora em bairro de boa localização que nem tem que ser, na Nova Campinas, no Cambuí, nesses assim ... Eles é que pode fazer casas boa, com bom material, bom acabamento ... Tudo do bom e do melhor ... Num é que nem aqui que é tudo contado, porque cê sabe, custa tudo uma nota ... A pessoa quer comprar uma coisa, um material que ele sabe que é melhor mas num dá ... O preço que fica já atrapalha, num deixa ele comprar ... Vê só minha casa ... Fui eu mesmo que fiz ela ... Num preciso nem falar ... Cê mesmo assistiu minha luta prá fazer ela ... Prá chegar onde tou demorou uma coisa que preste ... [mora há cerca de 5 anos no bairro] E cê olha cê vê, ainda tá faltando quase tudo ..." [Tratava-se de uma moradia em que 2 cômodos eram feitos de tijolo e 1 de tábuas, além de 1 rancho de tábuas no quintal]. [Depoimento de um homem];

ou sobre facilidades em geral:

"Proceis [para vocês] que mora na cidade é tudo fácil tem tudo perto ... Aqui nessa lonjura não ... Prá fazer qual quer coisa a pessoa tem que ir até a cidade, gastar dinheiro com condução e daí pronto, já perde um tempão". [Depoimento de uma mulher] (\*).

---

(\*) O fato de eu mesma ser englobada como "vocês" era muito frequente no início da pesquisa, mas à medida que o tempo foi passando, embora persistisse sempre a noção da diferença, os que me eram mais chegados diziam "a gente", e me incluíam, e os que me conheciam menos admitiam que eu era "diferente" das "pessoas ricas" porque era "sem orgulho".

O LONDRES E OS  
BAIRROS VIZINHOS

Esta era uma comparação de caráter bem localizado compartilhado apenas pelos moradores do bairro, e que envolvia quatro categorias: os bairros piores, os bairros iguais, os bairros justamente melhores, e os bairros injustamente melhores. No primeiro caso encontravam-se o "terreno da Prefeitura", sendo que seus moradores eram considerados como estando em piores condições porque, como diziam os do Jardim Londres, quem morava lá morava "assim", "de qualquer jeito", porque tinha "gente boa", mas tinha também muita "gente ruim" ou porque a polícia "vivia indo lá". Considerados igualmente piores eram os bairros situados "prá lá" do Jardim Londres (em relação ao centro da cidade), e essa condição se devia a que neles não "tinha ônibus nenhuma", "a água deles" era "pior" que "pro Londres", e principalmente porque os preços do lote "de lá" valiam menos que "daqui" (do Londres).

Entre os bairros considerados "iguais" estavam os Novos Campos Elíseos e o Jardim Paulicéia, principalmente. Estes bairros nasceram e cresceram mais ou menos junto com o Londres e apresentavam semelhanças também quanto ao tipo de evolução. Entre os bairros considerados justamente "melhores", em relação aos quais não havia grandes ressentimentos (\*) estavam o Jardim Aurélia, os Campos Elíseos e o Jardim Garcia. Os dois primeiros eram bairros antigos e já em fase de interiorização, se para tal classificação levarmos em conta a planta da cidade, e eram considerados "melhores" por que contavam com "mais recursos", ou seja, comércio mais desenvolvido, esco-

---

(\*) Ressentimento, talvez, não seja a expressão mais adequada para definir a sensação de privação, injustiça e mágoa, que os moradores compartilhavam contra as autoridades públicas, entidades privadas (comerciantes ou empresários) ou qualquer outra pessoa, sempre que notavam nelas uma falha na justa apreciação do bairro.

las, melhores serviços de pavimentação, água, esgoto e iluminação, e seus lotes "valiam mais". Entretanto, tudo isto parecia justificado dado o tempo de existência que já tinham. No caso específico do Jardim Garcia a questão era outra. Como foi dito, tratava-se de um bairro projetado pelo Banco Nacional da Habitação, e a população que ali residia era composta, em grande parte, de funcionários públicos médios, escriturários de bancos e indústrias, professoras primárias, pequenos comerciantes e categorias afins. Em parte, a população do Jardim Londres ressentia-se do fato desta população já contar, quando para ali se transferiu, com todos os recursos e benefícios possíveis (inclusive um supermercado), enquanto que eles ainda encontravam-se "mal serviços", apesar de residirem na área há mais tempo. Mas o sentimento aqui era ambíguo, pois por outro lado, dado o tipo de população que ocupava o Jardim Garcia, havia um consenso que a vizinhança ali da área havia "melhorado" e os terrenos haviam se "valorizado mais". "Melhor", porém injustamente, era a Vila Castello Branco, pois ali só "dava maloqueiro", e as pessoas do Jardim Londres diziam, como esta mulher, que era preferível

"... morá no terreno da Prefeitura, até debaixo duma ponte, do que ter morar aí ... Aí é tudo maloqueiro que mora em qualquer lugar que mora aí ... Só prá dá trabalho porque é gente que vive roubando as coisa da gente ... Num pode deixar nada lá fora que o povo daí rouba mesmo ... Principalmente se for material de construção [...] Mas todo lugar que tem Vila da COHAB é assim mesmo [...] Eles pensa que são grande coisa só porque mora numa casa dessa ... Umas porcaria de casa tudo caindo [...] Eles tiveram sorte que quando mudaram tinha de tudo, até escola ... Meus filho estuda lá mas eu num gosto ... É tudo bruto, as professora, o diretor, um jeito que num sei ... Era bom que tivesse escola aqui porque aí já ficava mais fácil e era mais sossegado [...]"

## NO INTERIOR DO BAIRRO

A maior parte dos moradores do bairro referia-se a si própria como sendo "mais ou menos", ou "remediada" e, a bem da verdade, raramente encontrei pessoas que se considerassem situadas para sempre entre os mais pobres, pois sempre que comentavam sua própria situação, mesmo aqueles que estavam vivendo em grandes dificuldades costumavam dizer que havia "mais gente" que estava "pior" ainda. Tal apreciação era feita levando-se em conta que existem pessoas que se encontram "bem de vida" mas não têm saúde, não têm sorte com os filhos, ou então no casamento. Enfim, tentava-se sempre argumentar da forma como me disse um homem certa vez:

"melhor que dinheiro é sossego, sossego e saúde ... Riqueza de pobre é ter uma boa saúde e disposição prá trabalhar ... O resto é com Deus ..."

Estar "mais ou menos" significava um emprego relativamente estável e constante para o chefe da casa, ainda que pagando pouco, e a possibilidade dele "ir se firmando" devagar no serviço até poder "acertar" a vida. Elementos bastante visíveis contribuíam para estabelecer melhor as distinções locais, sendo que a casa, como foi dito, era o indicador mais seguro. Avaliava-se o tipo de casa que a família ocupava, se barraco ou de alvenaria, se se tratava de moradia própria ou em aquisição, alugada, cedida, ou ocupada de forma incerta, o estágio em que se encontrava no processo de construção e a velocidade com que tal processo ocorria. Outros detalhes, quando a construção já estava na fase final, ajudavam na avaliação da situação geral da família, principalmente o tipo de acabamento da casa, tais como a pintura, a "frente", e assim por diante. Atribuía-se também um valor aos eletro-domésticos que a família possuía,

bem como aos cuidados que eram dados à educação e saúde dos filhos, sendo óbvio que crianças que ainda estivessem cursando o "primário" (\*), que tivessem que largar a escola para trabalhar, assim como aquelas que estavam sempre doentes, "fraquinhas", não podiam pertencer a famílias que estivessem "bem". A maneira como as mulheres "andavam" (vestiam-se) e o padrão de consumo que tinham para si e os filhos eram outros indicadores seguros e, muitas vezes, ouvi mulheres comentando a respeito de certas vizinhas que "vira e mexe" estavam na cidade comprando alguma "coisa nova", sendo que não sabiam onde "arrumavam" tanto dinheiro.

Havia consenso entre os moradores que os comerciantes da Quadra DD incluíam-se entre os que estavam "bem de vida", ou "melhores". Os que se viam sistematicamente excluídos dessa condição privilegiada eram a proprietária da barraquinha de doces e uma família proprietária de um bar cujo chefe estava preso, acusado de assassinato, e com muitas dívidas para pagar. A Quadra DD era o símbolo de afluência local, pois era também em suas proximidades que se concentravam as residências mais amplas, melhor acabadas, e pelas quais se pagava um aluguel mais alto, sendo que algumas delas encontravam-se em mãos de imobiliárias, que significava o enquadramento do bairro numa outra categoria do mercado de imóveis, ou seja, não só relativo ao de venda de lotes, mas também ao de transações envolvendo venda e aluguel de casas através de terceiros, fato até então inédito entre aquela população. Já pelo fim de 1973 "gente nova" passou a alugar estas casas (tratava-se de 3 ou 4 casas, não mais), e embora o padrão de vida delas fosse um pouco mais elevado que o da mé-

---

(\*) 1º grau de acordo com a nova terminologia empregada, que compreende 8 anos básicos. O "primário" aqui no caso refere-se apenas aos quatro primeiros anos básicos.

dia das famílias locais, as moradias eram em geral alugadas para 2 famílias, ou para uma família com pensionistas. A respeito dessas pessoas ainda não havia se formado um consenso, sendo consideradas apenas como "novas" (21). A noção portanto, de estar entre os considerados "melhores" nunca incluía estes "novos", sendo reservada para os comerciantes e expressa através de comentários bastante explícitos:

"Eles são diferentes ... Cê sabe, né? eles tão bem ... Po de dar mais conforto pros filho, pode ter um carro, tem tudo ..." [O carro, no caso, era quase sempre uma Kombi ou qualquer outro veículo utilitário].

Ou:

"Aqui no Londres é tudo mais ou menos igual ... Bem, bem mesmo, que tão melhor que o resto do povo daqui acho que são os comerciante [...] O N., aquele que tem o armazém da esquina, é o maior tubarão que tem ... Mas também ele já tá co'a casa dele, que é a grandona da esquina, tem outra quase pegado que também é dele que tá alugada, e ele falou que ele tá comprando outra ... Agora, fala que ele tem uma outra alugada, parece, num sei ... O povo que fala ... Quê que cê quer, né?, cos preço que ele cobra até eu tinha umas dez casa prá alugar ..."

Os que estavam "piores", por outro lado, não eram apenas os que tinham ocupações menos qualificadas ou para quem os serviços eram mais escassos, embora isso também contasse e fossa a causa básica de todos os problemas. A comparação, porém, frequentemente apontava para famílias que "a mais" de já ser pobre, "passar apertado", "por cima" ainda não tinham "sorte". Entre estas estavam aquelas em que o homem (marido) só queria "saber de beber", em que os filhos

eram "tudo vagabundo", em que a mulher (mãe) fosse "relaxada" e "não ligasse" para o marido e os filhos, onde, em geral, houvesse gente que "não prestava". Estas famílias tanto podiam ser lamentadas e consideradas "sem sorte", como se podia ter delas a pior opinião possível, desde que fosse do conhecimento geral que não "faziam esforço" para melhorar.

Havia, de qualquer forma, por parte dos "mais ou menos", em relação aos que estavam "piores" no bairro, uma identificação que não se notava, por exemplo, em relação aos comerciantes ou com "o pessoal do terreno da Prefeitura". Isso decorria, a meu ver, do facto daqueles dois setores possuírem uma história de vida com eventos recentes muito semelhantes, que fazia com que tratassem a situação dos demais como circunstancial e possível, portanto, de acontecer para qualquer um deles. Estar mal ("pior") hoje, podia significar estar bem ("mais ou menos") amanhã, sem que isso implicasse em atingir a condição de pessoas extremamente pobres ("maloqueiros", "ligeiras", "que têm que pedir"), ou "melhores". Havia a firme crença de que "quem quer trabalhar" sempre arranja "alguma coisa", e certa vez um carroceiro que ia de casa em casa comprando ou ganhando jornais, garrafas e latas velhas para serem adquiridos em depósitos, disse-me:

"Hoje em dia o dinheiro tá difícil ... Num tá fácil de ganhar não ... Mas também qualquer coisa vale dinheiro ... Qualquer coisa que cê pega, coisa que cê pensa que num vale nada, cê consegue vender e fazer um dinheirinho ..."

Eventos menos circunstanciais que acabavam por levar as pessoas inevitavelmente à ruína, eram os vícios e a falta de "vergonha". Por isso mesmo, os que se consideravam honestos e trabalhado-

res eram implacáveis na apreciação de "mulheres que não prestam", também chamadas "biscates", dos "maconheros" e dos assassinos e ladrões, que pertenciam a um conjunto de pessoas com o qual não queriam ter nenhum relacionamento nem compreensão. Havia casos de "biscates" e "maconheros" cujas atividades eram apenas presumidas, havendo "fala tório" por parte "do povo" mas a respeito dos quais não havia provas muito concretas. Além disso, muitas dessas pessoas suspeitas faziam parte de famílias "boas", "honestas", de cujos pais (ou filhos pequenos, ou irmãos) os demais "tinham dó", e por isso mesmo faziam de conta que não sabiam dos rumores a fim de não lhes dar mais "dores de cabeça". Mais ainda, uma certa curiosidade levava a que se mantivesse contato com essas pessoas e seus familiares até onde fosse possível (isto é, não serem confundidos com um da mesma espécie), a fim de saber direito das coisas. Quando algum fato sobre a pessoa tornava-se muito evidente, e os fatos começavam a ser falados abertamente, as aparências não eram então mais mantidas e as relações entre as famílias podiam até ser rompidas em virtude de ofensas ("xingos") ou vergonha envolvidas. Isto aconteceu com um rapaz que foi preso várias vezes por roubo e que acabou, inclusive, por não ser mais recebido em sua própria casa, pelos pais e irmãos. Outro caso foi de uma mulher que abandonou o marido e foi "ser uma dessas", e quando vinha em visita à casa dos pais, para ver os filhos, não era cumprimentada na rua, o ex-marido e o pai saíam de casa enquanto ela ali estivesse e, de maneira geral, mesmo durante sua ausência, a família vivia afastada dos mais elementares contatos sociais do bairro, tendo a mãe deixado de conversar "como antigamente" com as vizinhas e de parar em rodinhas de conversa na rua, a caminho de algum lugar. O pai e o irmão, assim como o ex-marido, no ponto de ônibus, por exemplo, evitavam olhar muito para os lados, cumprimentar-

do as pessoas apenas com um aceno da cabeça, e os demais vizinhos, por sua vez, eram conspícuos ao extremo no esforço que faziam para evitar "falar sobre essas coisas" com eles. De acordo com a opinião de todos, "eles" (a família em questão) não eram "assim" antes de "acontecer o que aconteceu" (22).

Para maior precisão pode-se dizer que a situação de trabalho de uma família, bem como suas posses — o lote, estado da moradia, bens variados — eram a base sobre a qual se definia sua condição. Entretanto, o modo pelo qual as pessoas conduziam suas vidas, a "coragem", e o "esforço" que demonstravam, é que serviam como principais indicadores na apreciação final. Era esta forma de pensar, extremamente estereotipada, que emprestava à população local um caráter que poderia ser denominado "ótico-protestante", fazendo também uso de um estereótipo. Tal característica seria grotesca se não fosse vista e entendida como um sinal do constante esforço que as pessoas faziam para "melhorar" em meio a tanta adversidade. Ou como diziam, "não é porque é pobre que a pessoa não deve ter vergonha na cara".

As relações entre as camadas definidas localmente como "mais ou menos" e "piores", respectivamente, ocorriam sem muitas dificuldades, já que todos tinham perfeita noção das semelhanças que ambas as condições mantinham entre si. O simples fato de num mesmo grupo familiar extenso co-existirem exemplos das duas condições, era um fator atenuante das diferenças. Isto não impedia, é óbvio, que se estabelecessem relações de dependência com dívidas e obrigações envolvidas, que eram "pagas" e trocadas durante épocas de necessidade, ou no dia a dia, através de visitas e pequenos favores.

Praticamente inexistentes, entretanto, eram as relações entre a família dos comerciantes, consideradas "melhores" e as de-

mais camadas do bairro. Como estes que estavam "melhores", não contavam, via de regra, com parentes no bairro, a situação de distância se mantinha muito mais facilmente. Além disso, o fato de alguns estabelecimentos ficarem abertos mais de 10 horas por dia, principalmente bares e armazéns, fazia com que toda a família do comerciante ficasse ocupada e, se por um lado, estes eram locais onde havia "conversa fiada" o dia inteiro, por outro "dava muito trabalho" e "tirava a vontade de ficar de conversa no muro", conforme disse a proprietária de um deles. A maior parte dos comerciantes vivia em Campinas há muito tempo, pelo menos mais tempo que os demais moradores, e os parentes, em geral, viviam em outros bairros da cidade. A opção que fizeram ao se estabelecer no Jardim Londres foi decorrência daquilo que foi considerado mais viável caso quizessem ganhar dinheiro. A esse respeito um dos comerciantes relatou certa vez o seguinte:

"Eu tava bem no Bonfim [bairro antigo da cidade, datando de antes de 1940]... Morava lá e trabalhava na 3M [Companhia Manufatureira e Mercantil Ltda.]... Daí eu saí, me mandaram embora, me deram minha indenização, eu pensei: quê que eu vou fazer co'esse dinheiro? Isso já tá fazendo quase 10 anos, repara ... Daí pensei, resolvi que tinha que vim pr'um bairro que tivesse começando ... Eu já tava co'a idéia de ter um negócio assim já fazia tempo que eu falava ... Queria abrir um armazém ou um bar ... Meu cunhado já tinha feito a mesma coisa na Vila Ipê [...] Se tivesse ficado no Bonfim só porque era melhor, mais central, tinha gastado o dinheiro tudo em porcaria e hoje num ia ter nada ... Mas tive idéia, a mulher me ajudou, tou aí ... Deu prá criar os filho e ter tudo que tenho hoje ... Mas a pessoa tem que ter idéia, num querer saber só do bem-bom, que nem muita gente aí ..."

Os comerciantes e suas esposas tinham noção muito clara quanto a serem "melhores" que o resto da população e referiam-se a esta como "essa gente", "esse pessoal", ou "eles", e viviam se queixando de terem que morar naquela "lonjura, onde a pessoa não tinha sossego nem prá criar os filhos".

#### OS MÉRITOS E A CULPA

A Prefeitura Municipal era apontada, quase sempre, como a principal responsável por todos os erros e problemas locais, assim como constituía-se, também, na única entidade pública administrativa cuja identificação era definida mais claramente. Apesar disso era nela, que se depositavam todas as esperanças a respeito de quaisquer progressos e melhoramentos que esperavam pudessem vir a ocorrer no bairro. Ninguém fazia menção de recorrer a vereadores e secretários municipais em relação a qualquer reivindicação que quizessem fazer para o bairro, e mesmo a figura do Prefeito era pouco mencionada, embora ele fosse bastante popular.

A Prefeitura Municipal em si, era vista como um órgão que fazia parte de uma outra entidade mais globalizante e central, o "Governo". Em relação a esta categoria mais ampla, porém, não se fazia muitas distinções entre as esferas estadual e federal. Quando as pessoas estavam tratando de assuntos próximos ao bairro, como o policiamento, a questão do transporte e o calçamento, por exemplo, era a Prefeitura que era mencionada como responsável por tais empreendimentos, e quando diziam que "eles" não "ligavam para o Londres", nestes casos a referência dizia respeito à administração municipal. Já as questões referentes ao custo de vida, aumentos salariais e abandono do "povo da roça", por exemplo, eram da alçada de uma esfera mais ampla, em geral o governo federal. Ao governo esta-

dual se atribuía o papel de executor de ordens federais, existente em cada Estado, sendo que ele não emitia muita luz própria. Havia algumas pessoas, porém, que imbuídas de uma noção demasiadamente "paulista" achavam exatamente o contrário, isto é, que São Paulo é que "dava as ordens", cabendo ao governo central emitilas ao resto do país, que as fazia ser cumpridas. Quanto à figura dos políticos, havia uma certa noção de autoritarismo ascendente cujo escalão menor era o de vereadores, sendo que deputados e senadores seriam apenas formas mais graduadas de políticos, mas todos com funções pouco precisas, tais como "defender quem não precisa em vez de defender pobre", "dar emprego prá quem precisa", "ajudar o Presidente", "fazer leis", "viajar de avião prá cima e prá baixo", ou "brigar na Câmara". O chefe de todos, sem dúvida, seria o Presidente da República, que é quem "manda mais".

Alguns moradores tinham um nível mais preciso de informações, como era o caso de um antigo ferroviário, cerca de três operários em grandes indústrias e um elemento da construção civil, que mostravam conhecimento sobre a obra deste ou daquele político mais importante (Getúlio, "doutor" Ademar de Barros, Lucas Garcez e Juscelino, principalmente), bem como sobre as de certos deputados. Por ocasião das últimas eleições para Prefeito Municipal, assim como para as eleições para Câmara e Senado (1972 e 1974, respectivamente), a maior parte da população local votou pelo Movimento Democrático Nacional (MDB) pois diziam por lá, "ARENA [Aliança Renovadora Nacional] é partido de rico, e MDB é partido de pobre". As mulheres nunca falavam em política, não viam necessidade de votar ("uma amolação") e acompanhavam sempre as idéias e opiniões dos maridos. Por ocasião das eleições, porém, eram elas que mais faziam brincadeiras e contavam o que os maridos haviam dito para elas, ou então que haviam ouvido no rádio, nos ônibus ou na TV.

N O T A S

(<sup>1</sup>) Campinas constitui o polo político-econômico mais importante da chamada 5ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, e os dados que se seguem fornecem um quadro geral sobre a forma pela qual ocorreu o crescimento dessa área do Estado, segundo informes do DIAGNÓSTICO DA 5ª REGIÃO ADMINISTRATIVA - Secretaria de Economia e Planejamento - Coordenadoria de Ação Regional - Governo do Estado de São Paulo (julho/1972; pp. 3/1 a 3/31):

"A ocupação populacional e econômica da Região de Campinas está estreitamente vinculada ao desenvolvimento da agricultura na área e, mais especificamente, à expansão da cultura cafeeira(...). Por volta de 1836 começa a se desenvolver, na área atualmente representada pela região de Campinas, a produção de café que vai alcançar seu auge em fins do século XIX. De início, as plantações se localizam em torno dos núcleos existentes, às margens das poucas vias de comunicação. Quando a cultura cafeeira atingiu a região, esta já era povoada (1836).

Em 1854 a cultura já havia se espalhado pela área, com pontos de concentração maior em Campinas, Bragança Paulista, Itu e Jundiaí. Por volta de 1886 o café atinge seu pleno desenvolvimento (e) ao terminar o século XIX a exportação de São Paulo passa a ocupar o primeiro lugar dentre as exportações nacionais e a província aos poucos substitui as regiões antes mais prósperas na liderança do país.

POPULAÇÃO E ÍNDICE DE VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO  
(Município de Campinas)

1836	1854	1886	1920	1935
6.689	14.201	41.253	115.602	146.181
(4,58)	(9,71)	(28,22)	(79,08)	(100)

Tabela 3.1/(1ª)

Fonte: MILLET, Sérgio - Roteiro do Café BIPA-Editora, 1946.

(...) Apesar da crise de '29 e das repercussões que produziu na cultura cafeeira, a urbanização do Estado deixou de ocorrer em algumas das áreas onde ela se dava. As cidades (por) onde as rodovias e ferrovias passaram, onde as circunstâncias geográficas se mostraram favoráveis, (...) se consolidaram e polarizaram os efeitos da imigração. De centros distribuidores de mercadorias, passaram a centros produtores. Sua sobrevivência à onda cafeeira apresentava-se como elemento de equilíbrio ante a derrocada. Assim, Taubaté, Jundiaí, Campinas, Sorocaba e Bauru asseguram sua posição. (...) Em 1935, Campinas está em pleno progresso, a pequena propriedade e novas culturas aumentam sua riqueza e a floricultura se desenvolve com rapidez. Mesmo a indústria também vai aos poucos penetrando nos centros mais favoráveis ao seu desenvolvimento, operando o fenômeno da redistribuição de terras, com a venda em lotes dos latifúndios que o café não sustenta mais.

Com o advento do processo de substituição de importações e o extraordinário crescimento industrial da Grande São Paulo, a industrialização da região passa a absorver estímulos exógenos para seu crescimento. (...) A urbanização acentua-se principalmente nas áreas mais próximas à Rodovia Anhanguera. Todavia essas transforma-

ções não se fazem sentir por toda a região e algumas áreas apresentam sinais de esvaziamento populacional em virtude de terem uma base econômica menos dinâmica. Verifica-se então transferências de contingentes populacionais intra-regionalmente, em direção às áreas mais desenvolvidas (entre essas Campinas).

(O setor industrial da Região de Campinas passou a ter representatividade dentro do contexto regional), seguindo (...) imediatamente à (região do) Grande São Paulo e, dessa forma, a diversificação agrícola realizada ajustou-se (...) ao novo modelo econômico que se iniciaria na década de '30. Assim sendo, diante da crescente urbanização de São Paulo em virtude da industrialização, e face à abertura de novas fronteiras agrícolas no oeste do Estado, a Região de Campinas pode capacitar-se na produção, beneficiamento e comercialização de produtos agrícolas com uma densidade econômica maior, como também recuperou sua lavoura de café em áreas mais adequadas. Como região intermédia, em relação à capital do Estado, aparelhou-se para o recebimento de matéria prima de regiões mais distantes, criando assim condições para fortalecer sua base industrial e tornando-se uma área imediatamente oportuna à descentralização industrial, aproveitando as brechas inter-complementares em relação à Grande São Paulo. Assim, as alterações na estrutura produtiva da região provocaram sucessivos remanejamentos dos quadros populacionais que, saindo de áreas menos dinâmicas, se dirigem para aquelas onde a atividade produtiva é mais expressiva, ou então para os centros urbanos.

O contingente rural da Região decresce, aumentando a taxa de urbanização, conforme se pode observar pela Tabela que se segue:

TAXAS DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ANUAL  
DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL

	1940/50		1950/60		1960/70	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Índice p/ a Região	2,93	-0,76	5,70	-0,06	5,34	-0,81
Índice p/ o Estado	4,28	-0,90	5,42	-1,01	5,89	-3,01

Font: Dados Brutos - Censos Demográficos - IBGE.

(...) Os municípios que possuem uma maior concentração de atividade industrial e conseqüentemente uma trama urbana mais ampla, acabam por exercer uma polarização sobre municípios vizinhos e menor dinamismo.

(...) O período mais expressivo, em termos de crescimento urbano, foi o decênio 1950/60 quando todo o Estado apresentou uma intensificação em seu ritmo de urbanização, em função de um acentuado crescimento industrial. Nesse processo a região de Campinas teve importante destaque por se constituir uma área próxima ao polo industrial da Grande São Paulo e favorecida por uma infra-estrutura econômica já implantada em importantes áreas da região. Assim as sub-regiões beneficiadas pela pré-existência de condições favoráveis ao desenvolvimento industrial apresentaram notável dinamização em suas atividades ao mesmo tempo em que passaram a ser extremamente atrativas para a população que aí procurou se radicar. (Estas sub-regiões, em sua maioria, estavam todas localizadas ao longo da Via Anhangueira).

(...) De maneira geral, pode-se associar o constante decréscimo da população rural dessas sub-regiões às alterações havi-

das na base agrícola, pela passagem da cultura do café para outros cultivos e para pecuária que empregam proporções menores de mão-de-obra. Assim, grande parte do efetivo populacional excedente, vai se fixar nos centros urbanos favorecendo o surto industrial. (...) (Campinas), o centro industrial mais expressivo da região (...) contava em 1967 com 821 estabelecimentos industriais representando 11,5% do total de estabelecimentos da região e absorvendo 23.998 operários. Apresenta todos os ramos de atividade, predominando a indústria de transformação, destacando-se os gêneros alimentares, mecânica, material elétrico e de comunicações, metalurgia e textil, entre outros. Caracteriza-se também, por uma policultura feita de maneira intensiva, com adoção de técnicas modernas, distinguindo-se o algodão, a cana, fruticultura, milho e tomate (...) Sua posição geográfica de grande nó rodo-ferroviário lhe dá excelentes condições de distribuição de produtos e mercadorias para o interior e vasta área do Sudoeste do País."

(<sup>2</sup>) De acordo com o Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado efetuado pela Prefeitura Municipal em conjunto com a SERETE S/A (1970), o bairro Jardim Londres acha-se situado na Zona 14 do Município, denominada Campos Elíseos. Este plano dividiu a cidade em zonas, e os critérios utilizados tentaram agrupar, dentro de uma mesma área, bairros, jardins e vilas, de acordo com itens tais como, proximidade geográfica, área ocupada, densidade populacional, uso do solo, faixa de renda da população, preço médio do terreno, serviços à disposição da população, investimentos públicos e privados efetuados na área, etc. O estudo em questão obedeceu às regras de trabalhos efetuados a nível de planejamento econômico, e seu objetivo foi o de fornecer à Prefeitura dados para o diagnóstico geral do mu

nicípio de Campinas. A zona recebeu o nome de CAMPOS ELÍSEOS por incluir nele um bairro com este nome, e ser ele, justamente, aquele que apresenta os melhores indicadores de crescimento em toda área.

(Os Anexos I e II indicam, respectivamente, os bairros que compõem a Zona 14, e a lista dos itens levados em consideração na avaliação da área, e os índices aí registrados. Deixamos de discutir aqui cada um desses itens por implicar, praticamente, numa outra pesquisa. Por ora é suficiente dizer que o Jardim Londres era, então, um dos menos favorecidos com serviços e benefícios públicos ou privados).

(<sup>3</sup>) Este trabalho de Durham, muito apropriadamente denominado "A CAMINHO DA CIDADE" (1973), é provavelmente a melhor contribuição até hoje escrita no sentido de uma revisão crítica dos aspectos de migração para a cidade de São Paulo a partir de estudos realizados por vários autores, e sistematizando o material dentro de uma perspectiva de caráter mais antropológico. A autora, além disso, ela própria com vasta experiência nesse campo de trabalho, expande a discussão mais ainda, e através de sua visão crítica indica vários caminhos a serem percorridos por futuros estudos voltados para o fenômeno da migração no país.

(<sup>4</sup>) As expressões "ir", "vir", "mandar buscar", "aparecer", "ser trazido", etc., refletem diferentes situações de deslocamento, e suas conotações serão discutidas mais detalhadamente em A CHEGADA.

(<sup>5</sup>) A descrição detalhada dos deslocamentos prévios ou isolados por parte desses elementos masculinos é a seguinte:

## ESTADO DE SÃO PAULO:

- 1 indivíduo, casado, que foi transferido pelo serviço. Não possuía parentes ou conhecidos na cidade. A mulher e os filhos seguiram cerca de 3 meses depois. (Ano da chegada: 1960; Naturalidade: Bahia; Procedência: Micro-Região de Bauru). Outros grupos de parentes migraram a seguir;
- 1 rapaz, solteiro, que mudou-se para a cidade, onde já se encontrava um tio (lado materno) casado. (1970; Micro-Região de Bauru). Casou-se, eventualmente, com uma moça residente em Campinas;
- 1 rapaz, solteiro, que na época de trabalho do campo vivia como pensionista na casa de "um colega de obra" (construção) "quase desde que chegou" (1971; Micro-Região de Paranapiacaba). Não tinha parentes na cidade, nem pensava que alguém "de lá" pudesse vir. Na casa em que residia era considerado como "se fosse um parente", e era chamado de "tio" pelas crianças.

## ESTADO DE MINAS GERAIS:

- 1 indivíduo, casado, que por ocasião do trabalho de campo vivia na casa do sogro e "mandava dinheiro prá casa" em Minas, há quase 6 meses (1972). Esperava se "firmar" mais no emprego para então "chamar" a mulher e os filhos, e então alugar uma casa;
- 1 indivíduo, solteiro, que havia se mudado para viver junto de um irmão casado (1969). Eventualmente entrou numa união consensual com uma viúva que já residia no bairro.

## ESTADO DA BAHIA:

- 4 indivíduos, casados, que seguiram direto da Bahia para Campinas (1967; 1968; 1968; 1969), e quando tinham emprego e casa alugada, "mandaram buscar" a família. O primeiro não tinha parentes ou co-

nhecidos na cidade. O segundo e o terceiro eram irmãos e possuíam um tio em Campinas. O quarto possuía um cunhado na cidade. Os pais do segundo e terceiro "chegaram" em 1971, assim como a família da irmã da mulher de um deles (1972);

- 4 rapazes (3 irmãos entre si e um tio pelo lado materno, porém de idade aproximada), solteiros, sem parentes ou conhecidos na cidade (1968). Não foram seguidos por mais ninguém da família. Dois deles se casaram com moças do bairro, e 2 ainda continuavam solteiros (o tio e um sobrinho);
- 1 rapaz, solteiro, que "veio" para morar com uma irmã casada (1962). O resto da família mora até hoje na Bahia. Ele se casou com uma moça também natural da Bahia, mas que veio a conhecer em Campinas mesmo;
- 1 rapaz, solteiro, sem parentes ou conhecidos na cidade (1971). Vi via só, na época da pesquisa de campo, e não acreditava que o resto da família pudesse, algum dia, deixar a Bahia.

#### ESTADO DO PARANÁ:

- 1 rapaz solteiro, que "veio" morar com um irmão. Mudou-se deixando no Paraná a mãe e um irmão com quem então residia. Após estabelecer-se, deu entrada num lote, e "mandou buscar" a antiga unidade doméstica, só que então acrescida da mulher do irmão e duas crianças com menos de 18 meses. (Ano: 1967; Naturalidade: Estado de São Paulo).

ESTADO DE ALAGOAS: O único caso registrado para este Estado foi de um indivíduo que migrou para Campinas em 1965 e mais tarde "chamou" a mulher e os filhos. Permaneceram no bairro 3 anos, quando então o homem veio a falecer. A mulher alugou o barraco e voltou para Ala-

goas para "esperar os meninos crescer", voltando a Campinas 3 anos depois, em companhia de um tio viúvo, sem filhos.

ESTADO DO RIO: Tratava-se de um indivíduo casado, que "veio" transferido pelo serviço. (Ano: 1969; Naturalidade: Pernambuco). Após ver "como que eram as coisa por aqui" entendeu "que dava prá trazer" a mulher, os filhos e a sogra. Em 1971, porém, sofreu um acidente e foi aposentado por invalidez. A condição da família começou a piorar, chegando a morrer a filha mais nova em virtude de profundo estado de desnutrição. No início de 1974 a família voltou para Macaé "onde tenho todos os meus" informou a mulher referindo-se aos parentes.

(<sup>6</sup>) O estágio de desenvolvimento da família foi definido a partir do estudo de FORTES (1966), embora não se haja seguido rigidamente o esquema do autor, e os conceitos de estágio inicial, expansão, e maturidade para a família foram utilizados "latu senso".

(<sup>7</sup>) Para a classificação da composição residencial e tipologia familiar utilizei, ainda que de forma bastante livre, o trabalho de CLARKE (1966) realizado na Jamaica, e onde aparece o conceito de "household" — unidade doméstica — que me pareceu extremamente operacional. Como não se trata, aqui, de um estudo específico sobre a família, é óbvio que muitos aspectos importantes do trabalho acima citado não foram sequer mencionados.

(<sup>8</sup>) Os casos de adoção, ou de "pegar para criar", que era a expressão mais comumente ouvida, de que tive notícia no bairro, totalizaram 4 casos: apenas 1 caso de "papel passado", em que a criança adotada,

uma menina, que era filha de uma antiga vizinha do casal (em outro bairro), mãe solteira, que "bebia muito", "andava por aí", e não queria saber da criança. A menina foi inicialmente "pega prá criar", mas quando a mãe concordou, a transferência foi legitimada. O que provocou a legalização foi, segundo a esposa, a mudança de bairro que o casal adotante pretendia efetuar.

Outro caso ocorreu no interior do próprio bairro, e foi de uma família que "pegou" uma criança também do sexo feminino, para a qual a mãe "não ligava" e que só queria "saber de andar com homens". A transferência nunca foi legitimada, e a criança morreu antes dos 2 anos, após haver residido 14 meses com a família de criação.

O terceiro e o quarto casos foram com crianças com as quais as famílias de "criação" tinham laços de parentesco: num deles tratou-se de um casal cuja filha, solteira, engravidou e teve uma criança, do sexo masculino. Neste caso houve a preocupação, mal ocorreu o nascimento, de registrá-la "no nome" do avô e da avó. O outro caso foi de uma menina cuja mãe morreu durante o puerpério, e uma irmã da mãe, casada e com filhos, levou a criança para casa e "começou a criar", não tendo intenção de "devolvê-la" mais, e o próprio pai da criança, vivo ainda, e com outros filhos mais velhos, havia concordado com essa medida.

(<sup>9</sup>) Conforme a interessante discussão levantada por LEMOS (mimeo; pesquisa em andamento; s/ data), o processo de construção civil implica em muitas etapas (trabalho com pá, talhadeira, desempenadeira, varas prumo, enchós, soldaderas, etc.), o que promove uma divisão técnica de trabalho bastante rígida, possível de ser verificada através das funções desempenhadas pelos trabalhadores do setor:

- . Pedreiro: assenta tijolos, reboca, preenche a forma;
- . Ajudante de pedreiro: mistura areia e brita com cal e cimento;
- . Servente: organiza montes de areia e brita; transporta-as para serem misturadas; transporta material de depósito; coloca argamassa em latas ou carrinhos; fica junto ao pedreiro com o vibrador; recolhe excesso do material caído.

Na mesma posição hierárquica dos pedreiros estão carpinteiros, armadores, vidreiros, marceneiros, pintores, eletrecistas, encanadores, impermeabilizadores e taqueiros, acompanhados por sua vez, de ajudantes e serventes. Acima deles está o mestre.

(<sup>10</sup>) Os "patrulheiros", ou "guardinhas", pertenciam à ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO HOMEM DE AMANHÃ, uma entidade mantida em parte pelas associações comerciais e bancárias da cidade, e em parte por fundos públicos, tendo sido criada como organismo de utilidade pública para a proteção do menor, através da regulamentação do seu trabalho. No início de seu funcionamento admitia somente meninos, sendo depois criado um setor feminino. Sem entrar em detalhes, pois me faltam dados, mas encarando a situação apenas pelas informações dos menores com quem conversei, parecia funcionar em grande parte como uma agência monopolizadora de empregos de menores, mais do que como defensora desse tipo de mão-de-obra, em que pesassem as boas intenções com que a Associação fora criada. Digo isto porque, de acordo com informações prestadas pelos "guardinhas", fora da Associação era difícil achar um emprego bom, isto é, num banco, num estabelecimento comercial, ou uma agência governamental, que registrasse o empregado e pagasse um mínimo fixo. Por outro lado, conforme o lugar de trabalho, era exigido desses jovens um trabalho que muitas vezes excedia

8 horas regulamentares, chegando a 10 ou 12 em alguns locais, sem que houvesse compensação financeira em troca disso, e nenhum controle aparente por parte da entidade. Exceções à regra, vale dizer, estavam quase sempre entre os organismos públicos, que pareciam ser os únicos lugares onde horários e salários eram respeitados, estando os maiores abusos junto a estabelecimentos comerciais tipo supermercados e grandes lojas, onde, além de tudo, os meninos faziam esforços além do que provavelmente lhes seriam benéficos.

(<sup>11</sup>) O aspecto da educação formal da população do bairro, homens e mulheres, não foi tratado mais detalhadamente porque tratou-se, quase sempre, de pessoas que não haviam terminado o primário, ou então eram totalmente analfabetas. Era a geração mais jovem, que havia vindo para a cidade com os pais, que estava indo mais adiante neste setor, mas, mesmo assim, o que diziam querer e com o que ficariam satisfeitos, era apenas terminar o 8º grau, ou "fazer o ginásio".

(<sup>12</sup>) A renda "per capita" foi calculada com o dólar cotado a Cr\$4,50.

(<sup>13</sup>) Não se trata, aqui, de tentar discutir certos aspectos já sobrejamente ventilados por outros autores a partir principalmente de SIMMEL (1973) sobre o processo de "sofisticação" ou "cosmopolitização" pelo qual as pessoas supostamente passariam ao se tornarem habitantes da cidade. O que ocorria no bairro era que, para a consecução mais rápida de certas tarefas, as pessoas, na cidade, tinham obrigatoriamente que recorrer a certos meios, ou então correr o risco de não realizar, ou mal realizar, aquilo que pretendiam fazer. Cozinhar num fogão a gás, por exemplo, acabava saindo mais barato e mais fácil do que cozinhar em outro tipo de fogão, a lenha ou car-

vão, dada a dificuldade que existia para conseguir a matéria combustível em preços, quantidades, e distribuição satisfatórias. (Agradeço as sugestões da Dra. Verena Martinez-Allier a respeito desse ponto).

(<sup>14</sup>) A "volta" ao lugar de origem não era comum, e todos os casos que tomei conhecimento — 4 no total — ilustram bem as condições em que ela geralmente ocorreu:

a) A "volta" de Ivonete: Ivonete, o marido, e 2 filhos com idade inferior a 3 anos, mudaram-se de Alagoas para Campinas, e aí viveram por quase 10 anos, sendo que a maior parte do tempo no Jardim Londres, onde haviam adquirido um lote. Ao fim desse tempo o marido de Ivonete morreu, e deixou-as com 4 filhos, a mais velha com 12 anos, sem direito a nenhuma pensão. Diante disso ela "acertou" o aluguel do barraco com outra família, e voltou para Alagoas,

"prá perto dos meu, da minha mãe, meus irmão ... Eu vi que as menina tava pequena ainda prá me ajudá, ele [o menino] inda era moleque de tudo ... Eu falei, vou prá lá depois, se der, volto pr'aquí de novo ..."

O aluguel que recebia pelo barraco era mensalmente enviado "por carta" e "dava prá viver" em Alagoas, e assim sendo Ivonete ficou por lá alguns anos. Quando os filhos mais velhos estavam em "idade de trabalhar" (acima de 13 anos), ela voltou para Campinas e "trouxe" um tio (irmão da mãe) para morar com ela:

"Ele tinha ficado viúvo, num tinha filho, e veio prá fazer companhia prá mim ... Ele é doente, num pode fazer força e fica aqui em casa ... Eu saio prá trabalhar e ele toma conta das coisa prá mim ..."

b) A "volta" de Tamanduá e Cidalina: Tamanduá e Cidalina, sua esposa, mudaram-se direto para o Jardim Londres, vindos de Perdões, MG. Todos os irmãos de Tamanduá já viviam no bairro, assim como sua mãe, ao passo que a família de Cidalina continuou em Perdões. Em Campinas, o casal passou a morar num barraco situado nos fundos da casa de um irmão dele, sem pagar aluguel. Tamanduá, entretanto, ao invés de "progredir" como os outros irmãos e cunhados, "deu prá beber demais" e só "fazia jogar bola" (futebol). Era goleiro de um time de várzea, e daí o apelido Tamanduá, porque "abraçava" a bola "bem forte". Nasceu uma filha e Tamanduá continuou sem emprego, e a menina chegou a ser internada 8 vezes, nos primeiros 15 meses, em virtude de subnutrição e desidratação. Diante disso Cidalina resolveu voltar para a cidade origem, com total aprovação das cunhadas, e uma delas chegou a me dizer que:

"Ela faz bem de voltar prá perto de quem zela por ela ... Lá ela tem a mãe, as irmã, o pessoal todo dela ... Se tiver que acontecer alguma coisa acontece perto da família dela, quem quer ela bem ... É duro prá uma moça ficar longe da mãe desse jeito, ainda mais c'um homem desse ..."

c) A "volta" de Zé e Maria Anita: Zé veio para Campinas para trabalhar na construção da Refinaria do Planalto (REPLAN), em Paulínia. Ele e sua família moravam em Macaé, Estado do Rio, que era também a cidade de origem da família de Maria Anita (Zé era natural de Pernambuco). Estava residindo na cidade (e no bairro) há 2 anos quando ocorreu um acidente na estrada com Zé, que o incapacitou para o trabalho. Como o acidente nada teve a ver com o serviço, foi aposentado com uma quantia que não chegava a 1/3 do que recebia anteriormente, incluindo prêmios e horas extras. Embora o lote em que

viviam já estivesse pago, nunca conseguiram mudar-se do barraco para uma casa de tijolos, e dado o elevado número de filhos que possuíam, todos pequenos ainda, a situação da família agravou-se cada vez mais. Após a morte da mais nova, causada por subnutrição, voltaram para Macaé, onde poderiam contar com "mais auxílio". A mãe de Maria Anita, que vivia com ela no Jardim Londres, foi uma das que mais insistiu para a volta a Macaé, dizendo que "lá é melhor ... todos os meu tão lá".

d) A "volta" de Alaor: Alaor e sua família, composta de mulher e filhos, vieram do interior do Estado de São Paulo, onde Alaor desempenhava as funções de carroceiro, transportando mercadorias de uma fazenda para outra, das fazendas para a cidade, e entre uma cidade e outra. Quando os filhos começaram a "crescer", ou seja, a atingir a idade que podiam trabalhar, começaram também a insistir com o pai para "sair da roça" e mudar para a cidade, onde poderiam ganhar mais dinheiro. A cidade escolhida foi Campinas, e o bairro Jardim Londres, em virtude de conhecidos que aí possuíam. Chegando em Campinas, porém, Alaor viu-se diante de uma situação para a qual não estava preparado: ao passo que seus filhos conseguiram emprego com certa facilidade o mesmo não ocorreu com ele, que se viu na condição de desempregado aos 45 anos de idade. As únicas ocupações que encontrou foi como servente na construção civil, onde iria receber menos que antigamente, e "por cima ainda teria que enfrentar patrão". Diante disso, preferiu voltar para o lugar de origem, levando com ele toda a família, exceto o filho mais velho, que havia arranjado emprego em uma fábrica e preferiu ficar na cidade. A filha mais velha, ainda menor (17 anos), retornou sobre protesto, dizendo que voltaria para morar com o irmão tão logo completasse 18 anos, ou então quando ele se casasse (estava noivo de uma moça na cidade de origem).

(15) Um fato digno de nota era a opinião que os moradores que estavam adquirindo seu lote no Jardim Londres, Novos Campos Elíseos ou Jardim Paulicéia, bairros de características semelhantes que existiam por ali, tinham a respeito da forma de adquirir casas pelo sistema do BNH. A principal crítica que faziam era sobre o tempo que uma pessoa levava para "ficar dona" de sua própria casa. Diziam que do "jeito" deles estariam "livres e sossegados" em 5 ou 6 anos, mas que pelo sistema do BNH "nem em vinte anos" iriam ficar donos da casa. Outra crítica era dirigida ao custo, que no entender deles "comia" cada vez mais o salário do indivíduo, havendo ainda o risco da pessoa ser "posta prá fora sem mais nem menos", caso ficasse algum tempo sem poder trabalhar e ganhar. Um terceiro fator frequentemente mencionado era a qualidade da casa, considerada como sendo "uma porcaria", "caindo à toa", "mal feita", ou feita "sem capricho". Ainda no que se refere à qualidade de construção, faziam distinção entre as casas da Vila Castello Branco e as do Jardim Garcia, sendo que as últimas eram consideradas como sendo "melhores", mas diziam, também, que aí já não se tratava mais de "casa prá pobre", mas sim de casa "prá gente melhor um pouco", "mais remediada".

(16) Aqueles que trabalhavam no campo, em 1970, no Estado de São Paulo, diziam receber cerca de Cr\$ 100,00 por mês, quando não chovia muito. Quando outras pessoas da casa trabalhavam, o rendimento também aumentava, mas não proporcionalmente, pois mulheres e crianças recebiam menores salários. O pagamento diário, independente do tipo da colheita, rendia entre Cr\$ 5,00 e Cr\$ 8,00 naquela época.

Em 1972, num "dia bom" rendia cerca de Cr\$ 25,00 em regiões mais prósperas do Estado (café, algodão, cana, etc.), por 12 horas diárias de trabalho.

(17) As áreas referentes aos barracos de  $9m^2$  e  $20m^2$ , citadas na tabela de preços, bem como a área referente aos cômodos de tijolo de  $7,5m^2$ , correspondem a medidas mais ou menos aproximadas daquelas em torno das quais os moradores erguiam os barracos e casas, que por sua vez existiam em função das plantas emitidas pela Prefeitura Municipal, em que os cômodos (salas e quartos, principalmente) mediam cerca de  $2,5m \times 2m$ ,  $2,5m \times 2,5m$ , e  $2,5m \times 3m$ , dificilmente ultrapassando estas proporções. Os barracos, ao serem construídos, não deixavam de pretender seguir também estes padrões em relação a cada cômodo.

(18) Embora eu haja conseguido, junto à Prefeitura Municipal, o cadastro das casas "legalizadas", isto é, daquelas que contavam com licença de construção, foi impossível detetar, uma por uma, durante o mapeamento, quais as que haviam se mantido inalteradas após o "habite-se", bem como as que haviam sido construídas fora do especificado na planta, e em que, especificamente, consistia a alteração.

Não foi feito, também, um levantamento sobre todos os pareceres de fiscais sobre as irregularidades encontradas no local, nem investiguei os pedidos de reforma ou de outra alteração qualquer que os moradores houvessem porventura encaminhado à Prefeitura Municipal.

(19) O tipo de planta que a Prefeitura fornece já projetada de antemão, padronizada, é aquela que é denominada "popular". No caso de se encomendar o projeto a um arquiteto, para então passá-lo à Prefeitura Municipal onde deverá receber autorização para ser construída, a planta é chamada de "oficial". Casas cuja construção não haja sido autorizada, isto é, que não contem com a devida "licença de cons

trução", são consideradas "clandestinas". No bairro, devido a uma certa confusão com a terminologia de "casa popular" encontrar-se associada às construções do BNH, as pessoas costumavam dizer que suas casas eram "populares", mas "oficiais", ou "populares daquela que a gente tira na Prefeitura", ou ainda, "populares, mas não do BNH".

(<sup>20</sup>) Conversando com pessoas que estavam fazendo suas casas, e indagando sobre o tipo e quantidade de material utilizado na construção de uma casa, obtive respostas que nem sempre se aproximavam entre si, em virtude do espaçamento entre as fases que tinham que superar, ou então em virtude de diferenças no tamanho da moradia. Tomando, porém, como base, um cômodo de cerca de  $7,5m^2$  ( $2,5m \times 3m$ ), que era a área média de um quarto ou sala das casas tipo "popular", foi mais fácil efetuar o cálculo:

Material	Quantidade	Preço Aproximado em 1972
Areia fina	1,50m <sup>3</sup>	Cr\$ 35,00
Areia grossa	0,50m <sup>3</sup>	Cr\$ 15,00
Cal hidratada	5 sacos	Cr\$ 15,00
Cimento	3 sacos	Cr\$ 30,00
Pedra britada	1 m <sup>3</sup>	Cr\$ 30,00
Tijolo "tipo baiano"	1.200 unidades	Cr\$ 90,00
Tijolo "comum" (p/alicerces)	200 unidades	Cr\$ 15,00
Telhas	160 unidades	Cr\$ 60,00
Caibro (peroba)	1 unidade	Cr\$ 25,00
Viga (peroba)	6 unidades	Cr\$ 40,00
Ripas	1 dúzia	Cr\$ 20,00
T o t a l		Cr\$375,00

Além de ser bastante conservador, o presente cálculo não está considerando perdas de material em virtude de exposição à intemperie, demolições e reformas, ou devido à baixa qualidade de alguns.

(<sup>21</sup>) Tais famílias, denominadas "novas", continuaram sendo uma categoria mal definida mesmo 2 anos depois de terminado o trabalho de campo. Seu número continuava insignificante e, em relação a algumas casas, os locatários nem eram os mesmos que eu havia conhecido. A opinião que havia permanecido a respeito dessas moradias é que as pessoas que nelas moravam eram "bobas" por pagarem aluguéis tão caros, sendo que com o dinheiro que gastavam podiam morar "pior" um pouco e logo terem sua própria casa.

(<sup>22</sup>) Incluídas entre as 93 unidades que vimos mais frequentemente citando estão 4 que, a rigor, vistas isoladamente, eram consideradas em "pior" situação do que a média do bairro e deveriam nem constar entre as "médias". Esta situação, porém, em base à discussão apresentada no texto, era relativizada pela história de vida que apresentavam. Havia, por outro lado, um caso que poderia ser incluído como estando "melhor" que a média, mas pelas mesmas razões, foi incluído entre as 93.

Este último caso referia-se à família de um motorista em pregado na Prefeitura Municipal de Campinas (vivendo com a esposa e 2 filhos), que também tinham interesses numa pequena propriedade agrícola em Santa Fé do Sul, arrendada a um meeiro. O ano anterior, 1971, havia sido excepcionalmente bom, e a propriedade havia rendido Cr\$ 15.000,00 de lucro líquido. Este fato, entretanto, não havia ocorrido em 1970, e era duvidoso que se repetisse em 1972, já que

tudo dependia da "sorte" e o ano não estava indo "muito bem". A maneira que os moradores tinham de ver as coisas colocava esta família em pé de igualdade com a "média" dos moradores locais, ou pelo menos mantinha-a neste círculo. Apenas a repetição dos êxitos financeiros por mais 1 ou 2 anos, possibilitando mudanças mais concretas em relação à casa e nível geral de consumo, é que poderia transformá-la numa família "bem de vida".

As famílias "piores" diziam respeito, respectivamente:

1<sup>a</sup>) Ao caso de uma velha viúva e sem pensão que vivia sozinha, sustentada pelos filhos que também residiam no bairro e eram considerados "mais ou menos";

2<sup>a</sup>) Ao caso de uma mulher com filhos que havia sido abandonada pelo marido e estava tentando reorganizar a vida com a ajuda de um cunhado, irmão do marido, cuja família residia no bairro e era considerada "mais ou menos";

3<sup>a</sup>) Ao caso de uma família em que o marido "bebia muito", vivia desempregado, tendo que ser constantemente amparada pelos irmãos dele. A esposa, porém, era considerada "boazinha" e as famílias dos irmãos eram consideradas de "gente honesta e trabalhadora" por todos do bairro, onde também viviam;

4<sup>a</sup>) Ao caso de uma família de gente "mais ou menos" que tinha a má "sorte" de possuir, entre seus membros, um filho que "não prestava", que roubava e era "maconheiro".

PARTE TERCEIRA

A C H E G A D A

I - A Chegada

O estudo de um grupo familiar cuja base de origem — pelo menos da maioria dos seus membros — era a região da Alta Araraquareense e que deslocou-se para Campinas vindo fixar quase todo ele no Jardim Londres, é que vai servir como ilustração para a discussão das terceira e quarta partes do trabalho. Através de sua história poder-se-á ver mais claramente que fatores foram percebidos como havendo atuado para provocar a mudança, escolher o bairro, arrumar trabalho, fazer a casa, etc. Através da palavra de seus membros será possível distinguir os atores mais preeminentes do grupo e o papel de cada um, procurando não perder de vista a divisão de tarefas entre os sexos, diferenças etárias e, principalmente, os mecanismos a que recorreram para enfrentar os problemas que foram aparecendo.

O grupo, que hoje atinge mais de 4 dezenas de pessoas residindo na cidade era, inicialmente, composto por um homem, uma mulher e os filhos do primeiro casamento dele. A chegada de parentes consanguíneos e afins, bem como uniões feitas a nível local — cidade e bairro — fizeram com que o grupo crescesse e 15 anos depois da fixação do primeiro segmento na cidade ele já se encontrava recomposto de forma significativa no meio urbano. (Todas referências às pessoas que fazem parte dele podem ser melhor localizadas na Figura 4).

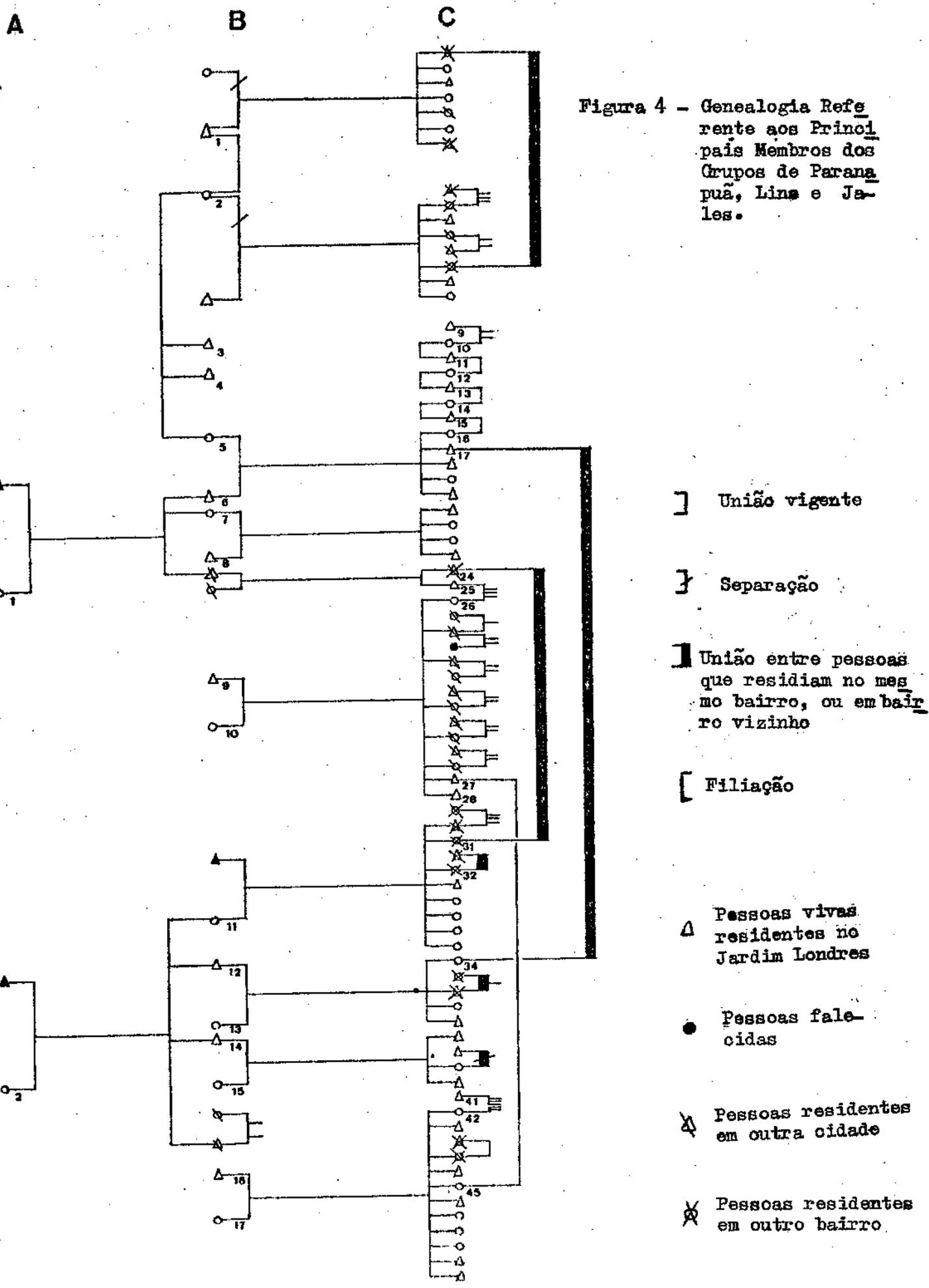


Figura 4 - Genealogia referente aos Principais Membros dos Grupos de Parapuã, Lins e Jales.

- ] União vigente
- } Separação
- ┌ União entre pessoas que residiam no mesmo bairro, ou em bairro vizinho
- [ Filiação
- △ Pessoas vivas residentes no Jardim Londres
- Pessoas falecidas
- ⊘ Pessoas residentes em outra cidade
- ⊗ Pessoas residentes em outro bairro

A HISTÓRIA DE MARIA

Os pais de Maria (B2), Antônia (B5), João (B3) e Pedro (B4) , de origem étnica pouco precisa — "italiano, brasileiro, de tudo, mas mais italiano" — sempre trabalharam na roça "de colono". Havia ainda outros irmãos, sendo que alguns morreram com diferentes idades e três ainda estão vivos, "um em Paranapuã, um em São Paulo, o outro ninguém nunca sabe direito". Antonia é a mais velha, nasceu "lá por 1920" e Pedro o mais novo, havendo entre eles cerca de 15 anos de diferença. Maria nasceu próximo a São João d'Ariranha, onde foi registrada, em 1924. Quando estava com 12 anos a família mudou-se para perto de Catanduva, e foi nessa cidade que a mãe morreu. Pedro tinha então menos de 2 anos de idade, e Antonia, como filha mais velha, assumiu o papel da mãe enquanto que o resto da família trabalhava na roça junto com o pai. Quando este faleceu os filhos mudaram-se para São José do Rio Preto, onde "tinha uns conhecidos". Foi quando Maria conheceu seu primeiro marido, Luís, com quem se casou em 1942, antes de completar 18 anos.

Após a união, o casal mudou-se para Lins, local onde vivia "toda parentada dele". Os parentes de Luís trabalhavam numa fazenda cultivando a terra "as meia". O casal aí permaneceu cerca de 10 anos e nesse período nasceram todos os seus filhos. Não foram, entretanto, tempos felizes segundo Maria:

"Só Deus sabe o que passei naquele lugar ... Sofri que nem que um cachorro ... Meu casamento deu trabalho desde o começo, só vendo ... Ele [o marido] num era bom nem prá mim nem pros filho ... Num tinha amor por nós ... Num tinha juízo, num queria saber de trabalhar, andava só co'egsas mulher e vinha tudo impestiado prá casa, prá dá doen

ça [...] A mãe dele falava prá ele mas num adiantava ... Os irmão também [...] Os outro da família era tudo honesto só ele que era assim, do jeito dele [...] Eu trabalhava na roça de manhã até de noite prá dar de comer pro meus filho ... Coitado, eles vivia tudo doente, o painem se incomodava [...] Eu colhia café, algodão, plantava, fazia qualquer coisa, trabalhava mais que um homem ..."

Os "tempos difíceis", tão comuns "na roça", mais a incapacidade do marido para "tocar trabalho" fizeram com que passagem de meeiros para assalariados numa situação em que apenas Maria trabalhava. Prova dessas dificuldades é que dos 11 filhos do casa, 4 morreram na mais profunda desnutrição, um outro ficou surdo e retardado, e os demais sobreviveram apesar de frequentes males que os assolaram, como o semioto, meningite, desidratação e pneumonia.

Mas a vida no campo não estava ruim apenas para este casal da família. Um outro irmão do marido de Maria, vendo "que cada ano estava pior", e que aquele ano em particular, 1959, "não ia dar mesmo", partiu para São Paulo a fim de ver se conseguia "alguma coisa melhor". Algum tempo depois Luís seguia o irmão, segundo contou Maria:

"Aí um dia ele me largou ... Disse que ia prá São Paulo prá ver se arrumava emprego e disse que depois mandava buscar nós, se arranjasse alguma coisa ... Disse que ia ficar na casa do irmão [...] Mas só que num mandava dinheiro nem nada que nem falou que ia mandar [...] Aí até que teve um dia que o irmão escreveu contando prá mãe que ele [Luís] tava lá levando vida de solteiro, que era melhor que se eu fosse prá lá, prá ver aquilo ... A mãe dele falou prá eu ir [...] Só que eu num ia poder levar as criança porque podia ser que eu tivesse que trabalhar, era uma coisa que ninguém sabia o que que podia aconte-

cer, como é que tinha que fazer, né? [...] Por isso que deixei eles lá ... Tinha uma vizinha, uma mulher muito boa só vendo, que me ajudava muito, e que ia ajudar tomar conta dos meus filho enquanto eu tivesse em São Paulo... Ela num era nada minha, só conhecida, mas foi que nem parente ... Até chamava Antonia, que nem essa que é minha irmã ..."

Enquanto estava em Lins Maria ainda teve alguma notícia dos irmãos. Sabia que Antonia havia se casado, saído de São José do Rio Preto e ido morar "pros lados de Jales" onde vivia o pessoal de Juarez (B6), o marido. Mas nunca se visitavam, e depois que foi para São Paulo perdeu totalmente contato com eles. Tendo acertado a ida para São Paulo, partiu e foi para a casa do cunhado:

"Eles morava numa vila [...] Era prá de Nossa Senhora do Ó [...] Mais longe que aqui só que tinha mais casa ..."

Teve "sorte" e logo arrumou emprego:

"Tinha uma mulher lá, uma vizinha, que conhecia minha cunhada ... Ela trabalhava na Caixa Econômica fazendo faxina [...] Ela sabia que eu tava procurando emprego e avisou eu ... Eu fui lá e consegui ficar de faxineira também [...] Eu tinha encontrado ele [o marido] mas ele num queria saber de nada, continuava igual que antes... Eu comecei trabalhar, aluguei uma casinha lá mesmo, ele resolveu veio morar comigo ... Mas quase que num aparecia nem em casa ... Logo ele tava largando o emprego e só eu é que trabalhava dos dois ... Tinha dia que ele aparecia, mas tinha dia que eu nem punha os olho nele [...]"

Nesse tempo eu já tinha mandado buscar meus filho ... Sem eles eu num podia ficar ... Conforme ia dando já ia mandando buscar eles ... Quando ele viu que eu tava tra

balhando aí que ele parou duma vez de trabalhar e começou viver aquela vida dele outra vez c'um mulher tudo doente ... Era sem vergonha mesmo [...]

Depois que arrumei outro emprego ... Foi de faxineira mesmo só que era um que me pagava mais ... Fazia faxina no Palácio da Justiça [...] Num ano meus filho tava tudo comigo [...] Nesse tempo eu já nem via ele direito [o marido] ... Ele só vinha em casa prá pegar dinheiro prá safadeza dele e sair embora ... Tinha vez que batia em mim, vivia implicando c'os filho ... Só vinha prá casa prá isso mesmo ..."

Maria permaneceu residindo em São Paulo cerca de 10 anos, saindo de lá depois que conheceu Martinho (B1) com quem "fugiu" para Campinas. Como o marido vivia sumindo e aparecendo, ficando, às vezes, meses sem aparecer, Maria passou a considerar-se "largada" dele, e encontrava-se nessa condição quando travou conhecimento mais profundo com aquele que viria ser seu segundo marido (consensual):

"Esse que eu tou agora, eu chama ele de marido, eu falo que é marido, mas só que nós num é casado de papel passado ... Mas vivemos melhor do que com quem nós era casado certo [...] Tem gente que fala, mas a pessoa vivendo bem, sendo honesta, é que vale ... Ele é que foi marido prá mim, que cuidou de mim e dos meu filho, e eu é que fui boa prá ele, porque eu cuidei dos filho dele que nem que se eles fosse meus filho [...]"

Eu conhecia ele de ver, né? Conhecia os filho dele, via eles, eles tava sempre por ali onde eu morava ... Ele trabalhava no armazém do SAPS [Cooperativa dos Servidores Públicos] que era onde que eu comprava ... Ele via tufo que eu passava, ficava com dó de mim e aumentava as coisa que eu comprava [...] Aí começamos conversar ... Eu via ele passando, as vezes via ele no ponto de ônibus, nós se cumprimentava ... Eu via que ele era hones-

to, que era um homem que trabalhava [...] Com ele era o contrário que com eu ... A mulher dele é que num prestava, que andava c'um homem, era dessas mulher, e ele é que cuidava dos filho dele, que nem eu [...] Sempre eu me queixava do meu [marido] e ele se queixava da mulher dele ... Eu até falei: Sua mulher é que tinha que ter casado co meu marido ... Os dois são igual, um que nem o outro... Era mesmo [...]

Aí um dia ele falou se eu num queria vim prá Campinas com ele ... Eu num queria saber disso ... Só queria saber de cuidar dos meus filho e ficar sossegada, num queria mais saber de homem ... Ele que insistiu, insistiu [...] Eu falei prá ele que quem ficasse comigo tinha que ficar c' os meu filho também, que eu num ia largar tudo eles depois de ter tanta trabalheira prá criar eles ... 'Eu também tenho filho', ele falou, 'também num vou largar eles de qualquer jeito aí' [...] Deu certo porque de vez em quando eu já fazia as coisa pros filho dele ... A mãe era de num ligar, eles ficava tudo por ali, largado, dava dó [...] Ele falou que ele via que eu era uma mulher que nem ele gostava, honesta, que eu gostava das coisa certa ... Ele falou que ia cuidar de mim e dos meus filho, que eu podia ficar sossegada"

Martinho, de sua primeira união, tinha 7 filhos e todos vieram para Campinas morar com ele e Maria. Quando foi para Campinas o mais velho estava com 10 anos e o mais novo com 3. Maria não havia tido filhos desde que deixara Lins e tinha 6, sendo que o mais velho estava com 16 anos e o mais novo com 9 (\*), só que nenhum deles veio para Campinas com o casal. Maria disse que isto ocorreu por que:

---

(\*) Maria e Martinho não tiveram filhos de sua união.

"Vim prá Campinas com ele e deixei a filharada tudo lá, me separei deles outra vez ... Os mais grande ficaram olhando os menor ... Eu num podia trazer eles porque se não ele [o 1º marido] ia perceber que eu tinha largado dele e podia vim atrás, num sei, podia fazer alguma coisa ... O melhor era fazer desse jeito [...] Se ele visse os filho lá ia pensar que eu ia voltar logo [...] Combinei co'as vizinha e elas tomava conta prá vê se um num tava doente, se num tava machucado nem nada ... Era só elas que sabia onde que é que eu tava [...]"

Nós já chegamos e viemos reto pro Londres ... O Martinho já tinha tado primeiro em Campinas e tinha escolhido esse lugar aqui prá nós morar [...] Logo que chegamos aqui num tinha ninguém, só tinha umas casa [...] Ônibus era só pros lado da Vila Teixeira ou pro lado do Jardim Aurélia [bairros mais antigos, situados cerca de 8 e 4 quilômetros de distância, respectivamente, em linha reta] ... Era tudo terra ... Água tinha que ir buscar na mina ... Tinha dia de eu carregar num sei quantos balde d'água prá casa [...] Ele [Martinho] arrumou emprego de transferido, ele era do Ministério do Trabalho e eu comecei a fazer faxina em casa de família que nem eu já tava acostuada [...] Ficamos assim um tempão [...] Os lote era bem mais barato naquele tempo ... Deu prá dar entrada num e depois nesse daí pegado [...] Quando eu vi que as coisa tava indo tudo direito comecei trazer meus filho [...] Eu ia prá São Paulo, ficava na casa de alguma vizinha e chamava eles ... Eles vinha e eu roubava eles ... Fiz assim, roubei um por um eles tudo ... Trazia um, daí voltava, roubava outro, voltava outro dia ... Ele, o que era meu marido de verdade, nunca viu eu ir lá e pegar eles ..."

Tanto Maria quanto Martinho não consideravam difíceis os primeiros tempos que passaram em Campinas. Os filhos mais velhos, tanto de um quanto de outro, conseguiram aos poucos ir se empregando e "fome nunca ninguém passou, que nem na roça", afirmava Maria,

constantemente.

Martinho tinha um emprego estável "com o Estado" e em breve Maria arranhou uma boa colocação num restaurante situado na saída da cidade. Maria só lamentava não ter mais notícias da família e foi só por volta de 1965, quando estava há 5 anos na cidade, é que teve oportunidade de rever alguns dos irmãos:

"Fazia tempo que eu num via ninguém dos meu, da minha família ... Nunca mais tinha visto meus irmão e nem minha irmã ... Num sabia nem por onde andavam ... Sabia que tava tudo pros lado de Paranapuã mas num sabia de nada direito [...] Até que um dia resolvi e fui prá lá procurar eles... Eu falei, vou ver se acho eles ... Eu achava que já nem ia achar mais, tanto tempo, né? [...] Cheguei lá e fui perguntando, perguntei prá um, prá outro, mas no dia que eu cheguei num vi ninguém [...] Fiquei eu, meu filho, minha filha, na casa de uma mulher que alugava quarto ... Dormimos lá [...] Valeu esperar porque no dia seguinte achei minha irmã [...] Ela nem me conheceu ... Tanto tempo, né? ... Acho que ela viu aquela mulher chegando e pensou: 'quem será essa mulher aí?' ... Era eu ... Eu falei: 'Num sabe quem sou eu?' ... Ela fez uma cara de quem nem sabia ... 'Sou sua irmã Maria', falei [...] Ela nem queria acreditar ... Foi uma festa ... Aí lá eu vi o João [B3], o Pedro [B4], que é esses dois que tão aqui também, vi o resto do pessoal tudo [...] Depois daquele dia eu vim bora mas voltei um montão de vezes prá visitar eles ... E eles vieram pr'aqui me visitar também [...]

Aí eu ia lá, eu via que eles num tava bem ... Tinha aquela vida de trabalhar na roça, que nem eu tinha antes ... Eles tava lá, num tinha recurso, num podia dar jeito prá nada, quê que ia fazer? [...] Eu que comecei falar prá eles vir prá cá ... Eu falava, 'pode ir que um jeito tem' [...] Eu via do jeito que minha irmã vivia, do jeito que

eles tudo vivia ... E eu falei, 'vem tudo, pode vim tudo' [...] Eu falei com ele [Martinho] ele falou: 'se é prá bem, prá melhorar, traz eles tudo' ... Era melhor vim tudo duma vez ... Eu falei prá eles que podia vim ... Vinha tudo prá morar aqui nesse terreno [...] Eu falei prá eles, 'com cinco homem prá trabalhar, dá folgado, quê que adianta ficar tudo aí? ..."

Os homens referidos por Maria eram Juarez (B6) marido de Antonia (B5), o filho mais velho deles, Neco (C17), Zé (C15), casado com a filha mais velha, Helena (C16) e Pedro e João (B4; B3), irmãos de Antonia e Maria.

A HISTÓRIA DE ANTONIA  
E JUAREZ

Antonia, por volta de 1942, havia se casado com Juarez (B6) e mudado para Cosmorama, onde a família do marido cultivava a terra pelo sistema de parceria. Eles viviam nessa área desde a chegada da Espanha, de onde vieram como "colonos". No período compreendido entre a última vez que Antonia havia visto Maria, por ocasião do casamento, e o momento em que foi visitada em Paranapuã, cerca de 20 anos haviam se passado. Até se casar com Juarez continuava morando com um irmão casado, e quando seguiu para Paranapuã João e Pedro foram juntos, passando a "tocar roça" com Juarez. Desse tempo ela lembrava que:

"O pessoal do Juarez vivia tudo por lá, Cosmorama, Jales, Paranapuã ... É tudo perto ... Ele tem parente por lá até hoje ... Em Cosmorama acho que num tem mais ninguém ... Lá nós trabalhava na roça ... Era mais com café e algodão ... Outras coisa também ... Só eu morei uns 10 ano lá, mas teve 2 ano que ficamos em São Paulo [...] Foi por causa da [filha] mais velha ... Ela ficou doente e o médico falou que era melhor ir prá São Paulo prá tratar nas Clínicas [Hospital das Clínicas/Universidade de São Pau-

lo] ... Fomos porque num quisemos arriscar, ainda mais que já tinha perdido uma [filha]".

O casal mudou-se então para São Paulo e foram viver no bairro Bela Vista. Quanto à criança, não conseguiu sobreviver e morreu logo depois, mas assim mesmo eles ficaram 2 anos na Capital vendo se "dava jeito". Lá nasceram mais 2 filhos, Helena (C16) e Neco (C17). Viram-se entretanto, na contingência de voltar, e Juarez explicou porque:

"Acho que a época não era boa [entre 1944 e 1947] ... Em São Paulo não tinha tanto emprego como teve depois ... Arrumei um servicinho prá fazer, isso sempre tem ... Era tudo coisa pequena que não dava prá quase nada ... Era dum jeito que não dava prá sustentar família [...]. Quando era tempo de colheita eu dava um jeito, voltava prá casa, pro sítio, arrumava um dinheirinho e levava prá São Paulo [...]. Era tudo difícil ... Tem com pessoa que dá certo já tem com outras que não dá [...]. Em Campinas deu certo, viemos prá cá deu mais certo ... Tem vez que é assim, não adianta insistir ... Insistir é bobagem ..."

Assim mesmo, pensavam que apesar das dificuldades eles poderiam ter ficado por lá mesmo, em São Paulo, até "arrumarem um negócio", se não fosse pela doença que afetou Neco. E é Antonia que contou:

"Quando Neco nasceu ele já era muito doente, tinha muita fraqueza ... Teve meningite, intoxicação pneumonia e bronquite ... Só faltou morrer ... Levamos ele pró médico e o médico achou que era melhor voltar pro sítio outra vez, daí voltamos tudo outra vez [...]. O médico falou que o ar do sítio era que nem remédio prá doença dele, era bom, que ia fazer bem [...]. Ele melhorou mesmo

e nunca mais teve nada, só que ficou co'a vista curta e os músculo da perna que ficaram meio encolhido ..."

Foram então para Cosmorama e lá permaneceram cerca de 5 anos, recompondo-se o antigo grupo familiar residencial, com Pedro e João. O casal teve em seguida 2 filhas que morreram: uma aos 3 anos, de congestão cerebral (por haver "misturado carne de porco e ovo"), e outra logo que nasceu, que era "muito miudinha". Quando saíram de Cosmorama foram para Paranapuã onde as condições de trabalhos pareceram melhores, pois passariam a plantar "às quarta" e trabalhar com "um homem muito bom" (o proprietário da fazenda). Ficaram aí 16 anos, até que Maria tornou a encontrá-los. Relatou ainda:

"Lá era bom ... A fazenda era grandona, plantava de tudo, café, arroz, feijão, milho, algodão, amendoim, de tudo ... O cultivo era às quarta ... Um quarto do que plantava era nosso ... O dono só dava leite e veneno, porque isso era que ficava por conta dele [...]. No meu quintal eu engordava porquinho e tinha galinha que dava prá vender se eu quizesse [...]. De plantar plantava mais couve, num plantava outras coisa, que nem tinha outros colono que as mulher plantava bastante coisa ... E as coisa que nem a carne, o sal, as coisa prá casa, o povo comprava na vila, tinha um armazém ... Comprava tudo lá e pagava ao ano... Na roça é assim que o povo tudo faz ... Recebe dinheiro só uma vez, aí já recebe tudo, paga as coisa que comprou e divide o que ficou prá dar o ano inteiro ... Tem que dar ... Acabou, acabou [...]. Porisso que tem pessoal que passa fome ... Porque se o dinheiro deu em ano que as colheita deu boa, tá tudo bom ... Porque também tem ano que a colheita num é boa e daí já viu, né? ... Se o dinheiro num deu, num adianta chorar, é só no outro ano que pode ver se melhora ... Se dá o povo fica, vai ficando porisso, prá ver se dá ... E se vê que num dá mesmo vai embora, vai ficar fazendo o que lá?,

passando fome?, tudo quieto? ... É porisso que o povo da roça larga tudo, vai embora [...] Vê nós, quando viemo tava assim, é que num tava bom mais ... As coisa já num tava dando mais certo ... Inda bem que minha irmã Maria apareceu lá e ajudou a gente vimhora prá cá [...]

[...] A gente gostava de lá ... Morava até numa casinha boa ... Num podia dar muito conforto pros filho porque na roça num tem nada, num tem recurso igual que tem na cidade ... Mas tive meus filho tudo lá, tudo, nunca tive nada".

Juarez ainda ajuntou que:

"Era bom porque o homem, o homem prá quem nós trabalhava era bom ... Nós trabalhava direito ele também não podia se queixar ... O que era por conta dele ele cumpria ... Leite, veneno, ele que dava essas coisa ... O que era de nós cumprir, nós também cumpria [...] Mais pro fim ele chamou eu e falou: 'plantar assim prá mim também num é vantagem [...] Prá plantar assim vou ter que ter mais gasto, vou ter que me apertar, fazer dívida nos banco [...] E se tiver que alterar contrato é pior prá mim e prá vocês ...' Ces que sabe' [...] Prá plantar daquele jeito nem prá ele compensava, cê vê [...] É que é uma vida de dureza ... Ninguém gosta de ajudar a agricultura e acaba num sendo vantagem nem prá grande nem prá pequeno ... Quando eu falei de vimhora que em Campinas eu tinha minha cunhada, mais recurso, ele falou que tava bem, que tava tudo mundo fazendo assim do jeito que eu tava querendo fazer."

Antonia ainda contou que:

"Deu certo que foi que justo quando a gente já tava pensando em sair de lá que minha irmã Maria apareceu lá prá visitar e começou a por na cabeça do Juarez a idéia de

vim prá cá duma vez [...] Prá mim era melhor, né? ... O João e o Pedro, disseram que também vinha ... O Pedro concordou logo, ele queria vim mesmo ... O Zé [C15, marido de Helena] também ... Nesse tempo a Helena tava casada c'ô Zé, já tinha os dois filho e tudo ... Até a velha [Al, Alba, mãe de Juarez] que no começo tava meia assim no fim acabou querendo vim também ... Ela falava que num queria vim por causa do velho que tava enterrado lá ... Mas teve que vim quê que ia fazer? ... Tem dia que ela chora, quando alembra dele, mas é que tá velha, né?, e velho é assim [...]

Quando a Maria minha irmã falou prá gente prá vim nós falamos: 'É, falar é fácil, mas como que vamos fazer? E dinheiro? Como que vamos fazer? ... Cê sabe, falar é fácil de falar, fazer é que é, né? ... Aí que ela falou que pagar aluguel nós num ia de precisar ... Era só nós arrumar as tábuas que dava prá construir no terreno deles, que lugar lá tinha [...] Assim era bem melhor, né? [...] Era prá ficar assim até arrumar tudo, depois arrumava outro jeito ... Os homem arrumava emprego, via como que era tudo, ia vendo, né? [...] Prá esperar mais num tava dando mesmo, daí vendemos tudo e viemos ..."

#### A HISTÓRIA DE HELENA E ZÉ

Helena (C16) quando estava com 19 anos fugiu para se casar com Zé (C15), de 18 anos. A família dele também cultivava a terra de parceria numa fazenda e vivia "ali por perto", sendo que "todo mundo se conhecia já fazia tempo". Foi ela que contou que:

"Fugimos porque assim num ia precisar de festa nem nada ... Prá dar festa num tinha dinheiro, prá esperar ter nunca ia ter mesmo, né? e já tava na hora de casar de uma vez ... A situação num tava boa e tinha um outro moço que vivia me amolando [...] Eu falei pro Zé que num tava dando mais prá continuar desse jeito, acho que só casando é que o outro ia parar de me amolar ... Um

moço sem graça, só vendo ... Aí o Zé falou: 'Então, só se for prá gente fugir, porque como que vai fazer doutro jeito?' ... É, porque de outro jeito, com festa e tudo, num dava de jeito nenhum, podia ficar esperando a vida inteira se quizesse [...] Foi fácil, eu saí de noite, ninguém percebeu [...] Teve uma hora que meu pai disse que escutou um barulho e chamou: 'Lena, Lena', mas eu já tinha fugido ... Diz que ele falou prá minha mãe: 'Tô nha, acho que a Lena morreu' [...] Foram ver eu já tinha fugido ... Eles na hora souberam [...] Fui prá casa dum tio do Zé e no dia seguinte já casamos [...] É assim que o povo na roça tudo faz ... Foge, vai prá casa de algum parente, um conhecido, e depois casa, quê que os pai pode fazer? Vai num querer que a filha num casa? [...] Meu pai ficou brabo, disse que num precisava de fazer daquele jeito, que tinha que dar festa ... É, ia dar muita festa mesmo, até parece ... Com que dinheiro, se num tinha? [...] Depois que casamos fomos morar com meu sogro porque num dava pro Zé largar eles lá sozinho ... A roça era a mesma, tudo junto no começo ... Co<sup>me</sup>çamos roça separada só quando já tava casado de dez meses ..."

Em pouco tempo tiveram 2 filhos, Nonô e Bel, e antes que o primeiro completasse 2 anos, Maria apareceu:

"Um dia a tia Maria apareceu por lá prá visitar minha mãe e falou que era prá gente vim prá Campinas ... Nós ficamos meio assim, apesar que do jeito que ela falou o Zé e meu pai viram que aqui era melhor que lá ... Por causa de emprego, essas coisa [...] Lá já num tava dando prá ficar mesmo, do jeito que tava [...] Já tinha as criança pequena, num tinha um recurso prá elas quando precisava, num tinha nada ... Então o Zé achou que era melhor vim prá cá duma vez ... Ele e meu pai conversaram, conversaram co'a minha tia, vieram aqui umas vezes, vi<sup>ra</sup>m as coisa direito como que era, que que tinha que fa

zer, e o Zé falou: 'Aqui num dá mesmo, é melhor mudar co' a sua tia' [...]. Essa minha tia foi muito boa, muito pregtativa ... Ela é muito boa, nós gosta muito dela... Dela e desse que mora com ela, que é que nem marido, nós fala marido, mas num é o marido de verdade ... O de verdade largou dela ...

[...] Meu pai já tinha resolvido que vinha ... Quem num queria, num tava querendo muito, era os pai do Zé, porque o Zé é que olhava por eles, olhava se precisava duma coisa, de outra, ele é que via ... Eles também tavam pensando em sair de lá, só que era prá ir prá Mato Grosso e queria que o filho fosse junto [...]. Eu falei pro Zé: 'Se sair daqui é prá ir pr'um lugar melhor, de mais recurso' ... Cê acha que ir prá Mato Grosso é sair prá ir prá melhor? ... Num acho não ..."

#### OS PRIMEIROS EMPREGOS

Chegando em Campinas, no fim de 1965,

Juarez e seu grupo foram direto para a casa de Maria, e a primeira providência que tomaram foi comprar as tábuas para os barracos, os quais foram construídos ao lado daquele que já existia no lote, ocupado por Maria e Martinho. Foram erguidos dois barracos, sendo que um abrigava 11 pessoas (Juarez, Antonia, seus 4 filhos solteiros, Zé, Helena, suas 2 crianças, e Alba, a mãe de Juarez), e outro abrigava 2 pessoas (João e Pedro). Por sua vez, o barraco ocupado por Maria e Martinho abrigava 14 pessoas na época (Martinho e seus 7 filhos, Maria e seus 6 filhos), e era o maior de todos, com divisões internas de forma a compor 3 cômodos. Fora, no quintal, funcionavam 2 cozinhas, protegidas por um rancho: uma era dirigida por Maria, para seu pessoal, e outra por Antonia, para o seu.

Naquele ano nenhuma das crianças frequentou escola, e no ano seguinte os 2 meninos, filhos de Juarez, foram matriculados na

escola situada no Jardim Aurélia. Alba, Nené, e as crianças de Zé e Helena ficavam sob a responsabilidade de Antonia, uma vez que Helena também havia arranjado emprego. O terreno comum às 3 unidades residenciais era ocupado, durante o dia, pelas mulheres e crianças, e à tardinha e aos domingos, também pelos homens. Os homens chegavam do trabalho, lavavam-se, jantavam, conversavam um pouco entre si, podiam fazer algum conserto se fosse dia claro, reuniam-se com o resto da família para "uma prosa", e depois ia todo mundo dormir. Mesmo os mais jovens saíam pouco por causa das distâncias, e namoros e encontros ficavam reservados para os fins de semana.

Antonia e Maria diziam que sempre "se deram bem" durante a época em que estavam morando juntas, e ajuntavam que era "graças a Deus", porque reconheciam que duas famílias morando juntas, por mais que as pessoas se dêem bem, constitui sempre fonte de possível conflito, às vezes "por causa das crianças", às vezes porque "tem algum mais nervoso um pouco", mas disso tudo elas ficaram livres. A base para tal harmonia, talvez estivesse na rígida divisão de trabalho doméstico que mantinham, com cozinhas separadas, cada mulher cumprindo as tarefas próprias de seu grupo (lavar roupa, passar, limpeza da casa, dos utensílios, alimentar, punir as crianças, etc.). Como os homens arranjaram emprego logo, Maria diz que não precisou ajudar Antonia em nada "de dinheiro" e tal independência financeira também colaborou para manter a paz. Apenas quando alguma coisa extra era feita (pão, bolo, por exemplo) acontecia de uma ofertar para outra, bem como acontecia, de vez em quando, das crianças menores comerem alguma coisa na casa uma da outra para não ficarem "com lombriga".

O fato dos homens acharem facilmente emprego, assim como Helena, foi um fator de "sorte", pois "hoje parece que num tá assim

tão fácil", disse-me Zé certa vez. Zé, dois dias após a chegada, já estava trabalhando. Na época estava ocorrendo a construção da Vila Castello Branco e ele teve "sorte" de conseguir emprego numa das construtoras do projeto:

"Perguntei por aqui como que era prá arrumar emprego e eles falaram que em construção eu podia arrumar fácil ... Falaram prá eu dar uma olhada nas construção, que tinha que lá que era o mais fácil de achar ... Justo no dia seguinte passei em frente da Benegá (\*) e perguntei se num tavam aceitando, falaram que tavam e desde daí desse dia eu já comecei ... Foi assimzinho [...] Peguei primeiro de servente e depois fui subindo [...] Agora tou de pedreiro mas num é nessa firma mais, é numa outra firma agora ..."

Quanto a Juarez, com o dinheiro que havia trazido pode adquirir uma carrocinha para vender pipoca e "trabalhar por conta", pois estava com mais idade e seria difícil arranjar emprego. Contou ele:

"Eu tinha um dinheiro comigo que não era muito mas que tinha que dar ... Quê que podia ser, uma miséria era ... Era do que nós tinha trazido do sítio, que foi que deu prá começar ... Nós tinha vendido tudo lá, não tinha ficado mais nada [...] O dinheiro era pouco mas deu bem, num podemos queixar [...] Co dinheiro comprei as táboa e comprei a carrocinha ... Comecei co'aquilo que era prá ver se os filho menor podia me ajudar, se dava prá alguma coisa ... Numa construção, num serviço igual que moço não iam me querer, por causa da idade [...] Essa dor eu já tinha, essa minha dor nos rins que piorou depois,

(\*) BHH, que é a sigla de uma das empresas construtoras que participaram na construção das casas do Jardim Garcia, financiadas pelo BNH, e que pela semelhança de nomes é chamada da mesma forma pela qual as pessoas, coloquialmente, chamam o sistema de financiamento de casas, ou seja, BENAGÁ.

piorou mais [...] Fiquei um tempão trabalhando co'a carrocinha, vendia pipoca na rua, olha ela aí, inda taí, no fundo do quintal [referia-se à carrocinha] ... Tou vendendo se vendo ela [...] Esse emprego no prédio [na época "ajudava" o zelador na limpeza de um prédio] que eu tou agora, foi depois que arrumei ele ... Num faz nem três anos ... É mais sossegado, mas com a dor que sempre me dá, atrapalha ...

Quanto a João e Pedro, os irmãos de Antonia e Maria, na mesma semana da chegada procuraram, assim como Juarez, saber como se estabelecer "por conta", porque a condição pessoal de cada um também não permitia uma variação muito grande na escolha de empregos. Foi Pedro quem contou que:

"Nós logo conseguimos uma licença na Prefeitura prá montar essa barraquinha de verdura aqui ... Eu tinha um colega meu que já tinha falado que num era difícil, que era só arrumar bem direito os papel, ver na Prefeitura a questão da licença, e já podia começar [...] Eu mais que vi tudo, o João é mais sossegado, ele num gosta muito de se meter nas coisa [...] Prá nós era isso mesmo que tinha que fazer sem nem discutir ... Nós tinha que trabalhar numa coisa assim, apesar da dor de cabeça que dá [...] É uma coisarada que tem ... Passa nervoso por causa dos fiscal, das multa, dos freguês ... Sabe como que é, né? [...] Quê que cê acha que nós podia fazer prá ganhar dinheiro? O João tava impedido mas por causa da idade, e prá mim num ia ser fácil por causa da minha dificuldade, cê sabe ela ... [Pedro tem um defeito na perna desde criança porque "tomou chuva quando estava de resguardo de sarampo e ela encolheu"] ... Num tenho condição de esforçar muito e daí pensei logo no melhor prá mim e prá ele ..."

Neco, o filho mais velho de Juarez, arrumou emprego junto com Zé, na construção, e mais tarde transferiu-se como cobrador na principal companhia de ônibus da cidade. Helena, por sua vez, também arranhou emprego sem muitas dificuldades:

"Arranhei de faxineira na casa duma família aí ... As mulheres aqui do Londres elas conhecia minha tia e quando elas ficava sabendo duma casa onde a mulher tava precisando elas avisava ... Aí eu ia ver ... Trabalhei assim montão de casa igual que tou agora, só que agora tá bem melhor, né? [...] Teve dumas que eu saí porque era longe, num compensava ... Sempre é assim, tem umas que não dão mesmo ... Fiquei uns tempo parada depois comecei outra vez ... Quando a gente acostuma ter um trabalho é difícil parar, e precisar sempre tá precisando mesmo, inda mais quando foi prá começar c'o negócio da casa [a construção da casa] ... Daí, já viu, né? ..."

O grupo de Juarez deu início, em menos de 3 meses, à compra de um terreno ali mesmo no bairro, na Quadra V. isto foi possível juntando-se 3 fontes de "economias" para o investimento: de Juarez, de Zé, e de Pedro e João. Foram então construídos 3 barracos de táboa e manteve-se a estrutura composta da família, sendo que Madalena "cuidava" do marido e filhos e Antonia de seus filhos, marido e irmãos. Cerca de 2 anos depois João e Pedro venderam sua parte para Juarez e adquiriram outro lote ali mesmo no bairro, em cujo terreno também estabeleceram a barraquinha de verdura. Esta transação de venda entre os cunhados incluía apenas a parte referente ao lote, mas não o material com o qual estave feito um cômodo de tijolo que Pedro e João haviam construído para si e que valia o preço dos tijolos e telhas que haviam sido usados. Este cômodo ficou do jeito que estava no terreno de Juarez até mais ou menos 1973 e che-

gou a ser alugado várias vezes nos últimos anos, durante curtos períodos de tempo, para pessoas que chegavam ao bairro. Esses aluguéis foram sempre tratados diretamente entre as pessoas que ali se fixaram e Pedro, sendo que Juarez nunca recebeu nada, e quando o cômodo foi finalmente "desmanchado" foi porque Pedro estava "precisando de dinheiro". Ele vendeu o material e Juarez nada recebeu, o que causou certo mal estar no grupo, pois como disse Madalena:

"Meu tio sabia que meu pai tava construindo [sua casa], que ele não tinha dinheiro, tava com dificuldade e não ofereceu um tijolo ou uma telha pra ver se meu pai queria ... Nem que não fosse tudo ..."

Tal atitude foi considerada por todos como ingratidão de Pedro em relação a Juarez e Antonia, pois ele agiu como se fosse "um estranho" e isto provocou um estremecimento nas suas relações com o grupo.

Quanto a Zé e Helena, ficaram morando em um barraco no lote original por cerca de mais 4 anos quando então deram a "entrada" num lote "só deles", e onde estão até hoje. Juarez não teve que pagar nada pela parte de Zé quando este saiu porque o genro achou que já havia sido "muito ajudado" pelo sogro.

#### OS COMPADRES DE JALES

Na mesma ocasião em que o grupo de Juarez deixou Paranapuã outro grupo "veio junto" e localizou-se também no Jardim Londres. Tratava-se da família de Francisco (B9) e Zefa (B10). Laços de amizade e parentesco sobrepunham-se para unir estes 2 grupos e suas relações datavam de mais de vinte anos. Uma das filhas de Francisco, Ana (C26) era casada com Mané (C25), filho de um irmão de Juarez, e como indício do

estreitamento entre as duas famílias os velhos se denominavam entre si "compadres" e "comadres", respectivamente.

Embora os "compadres" afirmassem que haviam "vindo juntos", isto não significou, absolutamente, que do ponto de vista financeiro um grupo houvesse dependido do outro para qualquer ajuda de caráter material. O grupo de Francisco, quando chegou, era composto dele, de Zefa, e dois filhos solteiros, Augusto (C27) e Armando (C28). Havia ainda a filha casada, Ana e o marido, Mané. Francisco foi quem relatou que:

"Eu nunca tinha mudado, nunca saí donde eu tava lá em Ja les ... Sou de lá mesmo, lá que eu nasci [...] Eu sou filho de italiano, sou de pai e mãe italiano e ela [a esposa Zefa] também, só que ela só foi prá lá depois que casou [...] Era tudo colono, num tinha diferença [...] Era tudo gente conhecida, fazia tudo a mesma coisa, igual, tudo carpia roça [...] Na cidade num sei o que que é trabalhar ... Por causa da idade, já tava velho ... Deixei pros moço trabalhar que eles que queria vim, eles que tinha que trabalhar prá aguentar co'a a casa [...] Pro que é moço até que é bom ... Que nem prá eles [os filhos] que arrumaram logo um servicinho só prá num ficar parado [...] Acho que foi logo de pedreiro, num sei [...] Os dois hoje tão na Singi [Companhia Singer do Brasil] que eles acham que é um serviço mais descansado ... Deve ser, se trata de fábrica, ela que faz as máquina de costura [...]

Eu num gosto daqui, não costumo, eu por mim voltava de onde eu vim ... Nunca vou ter jeito de me acostumar, que que vou fazer? [...] O povo da roça é melhor, mais direito, são de tratar cos outro com mais sinceridade ... Num vive um só vendo se pode enganar os outro que nem é na cidade [...] Num é de ter maldade ... Tem maldade se eu tenho maldade também, primeiro ... Mas maldade antes, de pensar mal, num pensa ... O povo da roça é bom [...]

Eu vim porque os filho que queria, que queria vim e dizia que eles num era de carpir [...] Minha filha e meu genro dissaram que vinha também ... Eles falaram que era prá nós vim também, que que dois velho ia ficar fazendo sozinho lá? [...] Num volto porisso, que agora num dá mais [...] Lá tem os outro filho, as filha, tá tudo casado, só de vez em quando que aparece um aí, prá visitar [...]

Agora num tenho mais nada de meu lá ... Vendi tudo na hora de vimbora ... Prá voltar co'a mão abanando num quero [...] Aqui é melhor numas coisa, principalmente pros moço, porque a roça é esquecida mesmo ... Ninguém lembra de ir lá ver que o povo lá tá precisando ... É que o povo de lá é calmo, gosta daquilo [...] Na cidade é melhor prá trabalhar ... Hoje em dia todo mundo fala, as pessoa ganham mais do que ia ganhar se tivesse que trabalhar de carpir ..."

Apesar dos grupos de Juarez e Francisco comporem duas unidades bem distintas do ponto de vista financeiro e residencial (tanto "na roça" quanto na cidade), as palavras de Zefa deixam entender claramente que as relações de amizade e parentesco tiveram um papel preponderante no que se refere a virem juntos para a cidade, e, principalmente, na escolha do local de moradia:

"Nós num conhecia ninguém aqui porque nós nunca tinha vindo aqui antes, nem nunca ninguém tinha morado aqui antes ... A Maria, que cê conhece, aquela que é irmã da comadre [Maria (B2) e Antonia (B5)] só ela é que já morava aqui, mas nós nem sabia como que vinha aqui ... Eu até hoje tem lugar aqui [em Campinas] que eu nem sei ir direito [...] Quem que tinha vindo aqui prá ver tudo foi o compadre [Juarez]... Ele que falou daqui prá nós ... Meus filho vieram umas par de vezes aqui ... Veio junto o Mané co tio dele, o compadre ... Viram tudo, viram que

dava ... Inda bem que deu tudo certo, o bairro é bom, os vizinho num tenho queixa deles, deu prá fazer nossa casinha, já tá bom [...] Antigamente que parecia que aqui era uma lonjura ... Num passava os ônibus que nem tem hoje ... E cê pensa que tinha água, luz, que nem tem agora? Tinha nada ... Hoje até que tá bom prá quem já viu daquele jeito como que era [...] Era bom que os lote era tudo mais barato ... Deu prá comprar esse daqui que tamos do dinheiro que trouxemos ... O meu outro filho [Augusto (C27)] quando casou ele quiz morar aqui e já falaram que um lote aqui tá valendo mais de dez milhão ... Cê já imaginou?, prá construir e tudo quanto que num ia de ficar? ... Prá ele num dava [...] Essa daqui que nós mora [casa de alvenaria] foi meus filho que fizeram junto co meu genro que também fez a dele aí no fundo... No começo que nós mudamos era de táboa igual os barraco que tem aí porque num podia ser que nem é hoje ... Depois co tempo é que deu prá ir construindo as outra de vagar [referindo-se também à do genro, construída no mesmo terreno] [...] O Francisco fala de voltar, mas só fala, porque prá voltar num dá mesmo ... Os outro filho tão tudo casado, mora tudo lá [em Paranapuã, local de onde vieram], tá cada um co a sua família ... Tenho neto homem já [...] Prá voltar tinha que ficar c'uma filha ou c'um filho e cê sabe, aí já é difícil [...] Tá tudo difícil, pode dar mais atrapalhação ... Eu por mim gosto de morar aqui, tou sossegada, num dou trabalho prá ninguém ..."

O filho Augusto (C27), cerca de 2 anos após haverem fixado do residência no bairro, voltou para Jales para "buscar" a noiva (Gessee, C45), com a qual "fugiu" para se casar. Gessee era filha de Horácio (B16) e Lindaura (B17), que acabariam se mudando para Campinas, mais exatamente para o "terreno da Prefeitura", 3 anos mais tarde. Foi Gessee quem contou:

"Quando o Gusto teve que vim prá cá eu num gostei não, claro ... Mas ele falou que era prá bem, prá nós, que aqui ia dar prá ele ganhar mais, arrumar uma coisa melhor num lugar que nem aqui [...] Ela falava que era de mim que ele gostava, mas cê sabe, né?, a gente sempre fica meia assim [...] Ele ia lá me ver, teve uma vez que a gente quase terminou, mas um dia a gente conversou e combinou tudo [...] Já fazia tempo que ele tava aqui, prá ir toda hora me visitar num dava, ficava difícil... Eu queria esperar, casar na Igreja e tudo, que moça que num quer isso? ... Mas prá ser desse jeito ia ter que esperar mais ainda, até ter dinheiro [...] Aí que combinamos de fugir e fugimos [...] Eu fui prá casa duns conhecido e no dia seguinte ele ficou esperando meu pai e meus irmão aparecer na casa de um irmão dele [...] Aí teve o casamento, mas ih!, foi uma confusão ... É que meu pai num gostou do jeito que foi, que nem nós fizemos, de fugir ... Minha mãe chorou, teve uma choradeira, eu chorei [...] Depois que acertou tudo, a gente se dá bem hoje graças a Deus [...]"

Depois eu logo já mudei prá cá ... Fiquei lá, morando com meus sogro na casa deles [...] Prá te falar eu num gostava ... Num é que a minha sogra fosse de ser ruim... Ninguém foi de ser ruim prá mim, meu sogro, nem meu cunhado, que eles são muito bom ... Eu sempre fui de me dar bem com eles [...] É que eu sou muito grudada na minha mãe, co'a minha família, e eles tava tudo lá longe ... Eu sentia uma uma falta que só vendo ... Agora que eles já tão aqui é melhor, eu fico mais sossegada [...] Eu saí de morar co'a minha sogra quando minha mãe chegou c! meu pai e cos outro [os irmãos] prá vim morar aqui perto [moram no "terreno da Prefeitura"] [...] Aqui tamos pensando em ir tudo pros Campos Eliseo [Jardim Novos Campos Eliseos] ... O Gusto e meus irmãos diz que lá é que é onde os terreno tão mais barato agora e dá prá comprar um ... Aqui no Londres tá muito caro prá nós ..."

A HISTÓRIA DE HORÁCIO  
E LINDAURA

Horácio e Lindaaura nasceram ambos no Município de Riacho de Santana, Bahia, por volta de 1920. Suas respectivas famílias viviam em área rural e o que plantavam era para subsistência. Quando eles se casaram, em 1939, resolveram que era melhor vir para São Paulo antes que comessem a ter filhos. Mas isto não deu certo porque Lindaaura engravidou e Horácio acabou vindo na frente para já ir "acertando" e "vendo" tudo. Só em 1942, após ele haver se estabelecido em Glicério, Estado de São Paulo, ganhando "ao mês", é que Lindaaura o seguiu, mas veio sem a filha que haviam tido porque esta morrera "de fraqueza". "Na roça" os dois trabalharam sempre como assalariados passando por várias fazendas e havendo residido em inúmeros municípios do Estado. Horácio relatou que:

"Onde mais que ficamos foi em Glicério, ficamos lá bem uns 2 ano [...] Depois inda teve Piacatu, que foi onde ficamos mais ainda [...]. É, então, mais de 10 ano só aí [...]. Os menino nasceram tudo lá, tá tudo com registro de Piacatu [...]. Nem queira saber quanto já andamos nesse mundo de Deus, prá lá e prá cá ... Santópolis, Guaracá, cê nem conhece, conhece?, uma porção de lugar que eu acho que só quem mora que conhece eles [...]."

Trabalhamos sempre ao mês ou então de empreitada ... Eu acertava as empreitada e eles tudo [a família] ajudava ... De às meia eu nunca plantei ... Prá plantar de às meia é um outro tipo de acerto que tem que fazer [...]. Já tomei conta de muita roça [...]. Tinha uns conhecido meu lá que acertou co patrão e falou se eu podia tomar conta daquela prá ele que ele ia acertar outra prá eles ... Eu falei, deixa que essa eu toco [...]. Isso foi antes de ir prá Jales, lá em Paranapuã [...]. Jales é que foi o último lugar antes daqui, de onde viemos para cá [...]."

Em Paranapuã nós também ficamos um tempão, uns 10 ano, a mulher que sabe [...] Que cê acha, eu sou mais de São Paulo que da Bahia, que que cê acha?, que que valemais? [...]

Agora tou aqui no Londres [...] Aqui tinha minha filha ... Tinha uns conhecido que nós conhecia desde que nós morava em Paranapuã [...] O compadre Francisco, a minha família e a família dele é de se conhecer um conhecer o outro já faz tempo [...] Nós tava morando em Jales e o filho dele, o Gusto, ia lá namorar milha filha ... Hoje tão casado, são esses que moram aí, quase junto, aqui [referia-se à proximidade dos barracos]

[...] A Gesse é que foi a primeira que veio prá Campinas ... Ela casou e veio morar prá cá co marido ... Depois disso num tivemos mais sossego ... Ela vivia querendo que a mãe mudasse prá perto dela ... De vez em quando tinha aquela choradeira das duas [...] Por mim eu já tava encostado, num era de fazer muita questã [...] Os meus filho eles falaram que aqui era melhor prá eles nessa questã de serviço, de emprego [...] Os filho era os que mais queria vim ... Pensando bem era vantagem, inda mais eu co meu pulmão meio zangado [Horácio era tuberculoso] [...] Só agora é que tou vendo se arrumo aposentadoria ... Disse que tem jeito ... Tou caminhando meus papel tudo direito sabe?, tudo as coisa que eles pede lá prá Caixa [INPS]..."

Eles chegaram em 1971 à cidade e localizaram-se, desde o início, no "terreno da Prefeitura", num barraco de táboa, porque vieram que poderiam pagar aluguel ou dar entrada num terreno próprio. Moravam, nesse barraco, Horácio, Lindaura e mais 8 filhos cujas idades variavam de 25 a 2 anos. Noutro barraco, situado mais adiante, moravam o genro e a filha (Leôncio, C41 e Auxílio, C42), que também vieram para Campinas na mesma ocasião dos demais, juntamente com seus

cinco filhos, estando o mais velho com 8 anos. Gesse, com a vinda dos pais, insistiu para sair da casa da sogra e Augusto concordou. Ergueram também um barraco no "terreno da Prefeitura" e Gesse se dizia mais sossegada, junto com "os seus", e mais o marido e o filho que haviam tido.

Virgulino (Cl6), um dos filhos de Horácio e Lindaura, de 21 anos, não achava que vir para a cidade haja se constituído numa empresa muito difícil:

"Aqui é uma moleza ... Se soubesse que era assim, desse jeito que é, tinha vindo muito antes [...] Aqui em casa é em dez pessoas, tem só cinco que trabalha, que meu pai está doente, e só com esses 5 já dá pra ganhar mais de um milhão! ... É nunca que a gente ia ganhar isso trabalhando feito bobo no sítio ... Todo mundo que está no sítio devia mudar prá cá [...] Eu já falei prá todos meus colegas lá, quando eu voltei lá prá visitar: 'Larga mão de ser bobo gente, vai prá cidade' [...] Só pode ficar ruim prá quem é vagabundo mesmo, que se esforçando, estudando um pouco, tá na cara que dá pra dar um bom jeito [...]"

Estudar é que é bom ... Em casa todo mundo gosta de estudar [...] Meu pai e minha mãe sempre fizeram muita questão ... Meu pai falava: 'Eu num sei ler, nunca fui na escola, mas vocês vão ... Vocês tem que tirar o diploma, se der tem que fazer o ginásio' ... Isso ele sempre falava prá nós ..."

Esta foi uma das poucas famílias do bairros cujos membros apresentavam um bom nível de escolaridade. Maria, a filha mais velha, casada, que ficou em Jales, Antonio (Cl3), o filho mais velho, Auxílio e Gesse, todos haviam terminado o curso primário. Aparecido (Cl1) e Virgulino já haviam concluído o ginásio e esperavam,

"para o ano" (1973), matricular-se à noite em Campinas e continuar os estudos até onde "desse". Os demais estavam todos no curso primário, exceto uma das meninas mais novas, que já havia tirado o diploma do primário, estava trabalhando como empregada doméstica e deveria continuar os estudos, no próximo ano. Na família diziam que ela estava "esperando" um dos meninos terminar a 5ª série para irem os dois juntos à escola, à noite. De todas as famílias que viviam no bairro, e que cheguei a conhecer, esta foi a que mais dava valor, na prática, à educação formal. Tanto horácio quanto Lindaura diziam que preferiam passar necessidades a tirar um filho da escola porque assim, no futuro, "tudo" poderia ser "melhor". Os irmãos mais velhos diziam a mesma coisa e afirmavam que enquanto eles pudessem trabalhar e ajudar fariam qualquer sacrifício para que os mais novos estudassem. Antonio, o mais velho, dizia frequentemente que ainda queria ver Aguinaldo, o mais novo, na Universidade, "quem sabe até de Medicina ou Engenharia". Virgulino pensava que fora graças ao pouco estudo que tinham que quase todos haviam conseguido emprego em fábricas (Singer e Clarck), ainda que como operários não-qualificados. Com o tempo, e mais alguns anos de escola e cursos de especialização, esperavam melhorar no emprego. Aquela que trabalhava como empregada doméstica era a única que se considerava "azarada", pois apesar de "ter o primário" só havia conseguido aquele emprego, quando o que queria mesmo era "alguma coisa em comércio".

Lindaura, em grande parte, atribuía o sucesso relativo que estavam tendo, bem como o fato de haverem podido reunir a família em Campinas, à fé que eles nunca deixaram de ter:

"Aqui em casa nós sempre fomos muito católico, de ir na Igreja sempre, de respeitar Deus [...] Meus filho eles foram tudo criado dentro da igreja, com muita fé [...]"

Só a Gesse é que na hora que era prá casar é que foi fazer bobagem, num sei prá quê que ela foi fazer aquilo [...] Tudo que nós já passamos na vida foi Deus que ajudou sempre nós, nunca desamparou ... Quando que as coisa parecia tudo ruim, que num ia dar certo, num sei, tudo o contrário que tinha que ser, num sei, parecia que era a mão de Deus que vinha e ajudava na hora que tava precisando de aparecer [...] Eu era mocinha de tudo e larguei mãe, larguei pai, larguei tudo prá vim prá São Paulo ... Cê já imaginou? [...] Nem eu nem ele [referindo-se a Horácio] nunca mais nós vimos os irmão, as irmã ... Uma pessoa assim, como cê acha que ia ficar? Cê acha que podia conseguir fazer as tudo coisa que tinha que fazer se Deus num ajudasse? [...] O sofrimento co'a filha que eu perdi só eu sei ... Tava lá sozinha, o marido prá São Paulo ... Mas Deus levou uma filha, mas depois me deu outros filho ... Deus é justo, faz coisa que parece errada mas num demora ele já faz uma coisa boa praquela mesma pessoa, prá ela ver [...] Até Gesse que casou contrariando o pai, no fim foi prá bem? ... O Gustavo é um moço bom, trabalha, trata ela bem [...] E foi porque ela veio prá Campinas . morar que acabamos vindo duma vez tudo ... E num deu certo? ... Quer mais prova que Deus num esquece o que tem fé nele? ... Agora, se for da vida da pessoa sofrer, ela sofre ... Que que vai fazer? [...] Tem que saber ficar agradecido, num pode ficar só co'as raiva, cos pensamento ruim [...] Meus filho são tudo dessa Telecê [TLC, cursilistas] que tem na Castello Branco, na Vila Bela ... É coisa prá moço, é da Igreja ... Tem uma porção de moço que vai lá ... Eles se encontra, faz jornalzinho deles, tem reunião toda hora, tem até festinha ... É uma coisa boa de moço ir, em vez de ficar tudo na rua, atoa, dando amolação ... Graças a Deus que dos meus filho nenhum foi de me dar amolação..."

CHEGA UM SOBRINHO  
DE JUAREZ

Durante 4 anos — até mais ou menos 1969 — não "chegou" mais ninguém da parte de Juarez. Foi por essa época que um sobrinho dele, Bento (C24), irmão de Maré (C25), resolveu seguir o irmão. Entretanto, como Mané era casado e morava com os sogros, Bento "achou melhor" ir morar numa pensão do bairro Jardim Novos Campos Elíseos, embora frequentasse com assiduidade as casas dos parentes no Jardim Londres, principalmente a de Juarez e Antonia. Bento conseguiu empregar-se como servente logo depois que chegou e depois passou a ajudante de pedreiro, posição em que se encontrava por ocasião do trabalho de campo:

"De vez em quando arranjo coisa melhor e ganho mais ... Mas acho que tou indo bem ... Emprego nunca me faltou, tou pagando meu terreninho e já comecei comprar material prá construir minha casa ... Vou indo devagar ... Logo já vai dar até prá casar, só tá faltando a noiva ..." (Depoimento de agosto/1971).

Na verdade, em meados de 1972 ele veio a se casar com a filha mais velha de Noquinha (B11) indo residir no bairro Jardim Novos Campos Elíseos. Esta aliança foi a primeira feita entre os dois grupos familiares a que pertenciam Juarez e Noquinha, respectivamente, e tratou-se, por assim dizer, da superposição de laços de amizade e vizinhança que já existiam entre eles. Posteriormente, com o casamento de Neco (C17), filho de Juarez, com Lu (C34), filha de um irmão de Noquinha, Ciço (B12), estas relações vieram a estreitar-se ainda mais.

O GRUPO DE LINS: Por volta de 1960, Nestor (B14), que mo  
 A CHEGADA DE NESTOR rava em Lins e trabalhava como ferroviá  
 rio da MOGIANA (Companhia Estatal de Estrada de Ferro), foi transfe  
 rido para Campinas. Ele veio e trouxe consigo a esposa, Joana (B15)  
 e os 2 filhos que o casal então possuía, Nandinho e Vera.

Os pais de Nestor — José, falecido e Cândida (A2) — e  
 ram ambos de lugares próximos ao município de Caculé, Bahia. De acor  
 do com padrões étnicos rígidos seriam todos considerados negros, em  
 bora se referissem a si próprios, e assim eram referidos pelos de  
 mais, como "meio escurinhos", ou "morenos", e proclamavam ser de uma  
 família onde havia existido "uma misturadiada", onde "teve de tudo,  
 preto, branco, vá lá saber". Quando a filha mais velha, Noquinha,  
 estava com quase 12 anos, saíram da Bahia para vir para o Estado de  
 São Paulo. O marido veio na frente e fixou-se em Lins. Cândida se  
 guiu mais tarde com os filhos. Em seguida foram viver algum tempo em  
 Promissão mas logo voltaram para o município de Lins de onde saíram  
 para ir para Campinas.

Ao passo que os irmãos mais velhos sempre trabalharam com  
 a terra, Nestor dizia ter tido mais sorte:

"O mais novo, ou os mais novos, você me entende, sempre é  
 o que tira mais vantagem, com quase tudo [...] Vê só o  
 negócio da escola, como é que foi ... Eu aprendi ler e  
 escrever eu e meu irmão mais novo ... A mana, essa daí  
 [Noquinha] e o meu outro mano [Cigo, B12] prá estes num  
 deu porque as oportunidades foram tudo outra... O mais  
 novo foi mais prá frente ainda e hoje, veja só o que ele  
 é ... Chegou a tirar seu diploma de contador ... Ele tra  
 balha num banco em Lins, está muitíssimo bem de vida ...  
 Ele teve sorte, melhor prá ele [...] A Noquinha, coitada,  
 essa minha irmã é uma santa ... Ela nunca largou a enxa  
 da e num tinha trabalho que essa mulher num fizesse ...

Mas sempre assim desse jeito dela: alegre, com sorriso, aquela calma ... O marido dela, meu falecido cunhado, era um rapaz muito bom, mas morreu moço de tudo [...]

Eu, prá te falar com franqueza, eu fui um que já dei muito duro na vida, já fiz de tudo, mas sempre sem esquecer a obrigação ... Qual é a obrigação dum homem que quer ser de respeito? Cuidar da família ... Nunca abandonei minha mãe que foi uma mulher que ficou viúva com todo os filho prá criar [...] Da minha parte eu sempre cuidei do que era meu, do que era da minha responsabilidade ... Minha mulher, meus filho, cê sabe [...] Na roça, na roça, que nem meus irmãos eu confesso que nunca trabalhei que nem eles ... Mas já tou na FEPASA faz mais de 15 anos [Companhia Estatal que controla a Rede Ferroviária do Estado] ... Agora chama FEPASA, mas era Mogiana, num sei se é do seu tempo ... Estou lá com mais de 15 anos de casa [...] É tempo a dar com pau, pense bem ... Pense só ... Mais de 15 anos ..."

Foi em Lins que Nestor conheceu Joana e foi lá que se casaram. A família dela trabalhava como assalariada em fazendas próximas, ganhando "ao mês". Disse ela:

"Xi, já faz tanto tempo que eu tou aqui que até parece que eu sempre morei aqui em Campinas [...] Minhas irmã tão tudo lá em Lins, mora tudo lá ainda ... Só que eu quase num vejo elas ... Depois que perdi minha mãe foi mais difícil de eu ir lá ... Quando ainda tem a mãe que tá junto parece que tem mais união, os irmão se vê mais ... Quando num tem parece que é mais difícil, num sei [...] Eu casei co Nestor eu era mocinha de tudo e logo já viemos embora prá Campinas [...] Antes de eu casar eu trabalhava na roça, junto com a minha família ... Trabalhei tanto, só vendo ... Às vezes eu vejo os filho reclamar da vida eu penso, 'ah!, é que cês nunca teve que trabalhar que nem que sua mãe teve' ... Num deviam nem de se queixar, né?"

O fato de haver sido transferido para Campinas foi encarado com bons olhos por Nestor, porque apesar de ter que deixar a mãe e os irmãos em Lins, sabia que Campinas era "um lugar maior". Durante 8 anos ele e Joana ficaram morando no Bonfim, um bairro operário antigo da cidade, situado mais ou menos no meio do caminho entre o centro da cidade e o Jardim Londres. A casa em que moravam era alugada e de fundos. Enquanto que ele tinha seu trabalho na companhia de estrada de ferro, Joana trabalhava como faxineira:

"Eu lá em Lins já trabalhava disso [...] Pelo Nestor eu num trabalhava, num saía de casa, ele num gosta ... Ele reclama toda vez quando me vê trabalhando muito ... Mas eu gosto [...] De vez em quando eu gosto de comprar um presentinho pros filho, umas bobaginha ... O Nestor isso ele num entende [...] Em Campinas é mais fácil trabalhar do que lá em Lins ... aqui eu num tive dificuldade ... Onde que eu trabalhei mais tempo foi no Bonfim, com aquela mulher que a gente morou [referindo-se à proprietária da casa que alugavam] ... É uma pessoa muito boa, gosto muito dela ... Era muito prestativa ... Sempre eu vou lá, vejo ela ... Vou de visita e se ela precisa eu ajudo ... É que nem uma amiga que eu tenho ... Prá ela eu num sou capaz de negar nada, nada ... Se cê visse como que ela me ajudou ... Eu tava aqui sozinha morando só com eles pequeno [os filhos] e ela me ajudou tanto, só vendo [...] Eu tinha ficado desamparada se num fosse ela [...] Quando uma pessoa tá num lugar estranho longe da família, dos irmão, se dá prá acontecer alguma coisa, que que vai fazer? ... Eu ficava sozinha na casa que nós morava, de noite e tudo ... O Nestor saía, tinha vez das criança chorar, duma ficar doente, chorando ... Eu ficava sem saber o que fazer ... Se num fosse aquela mulher, nem sei ... Quero um bem a ela que nem se fosse uma irmã minha ..."

Nestor, embora afirmasse haver sido sempre um pai e marido exemplar, não era considerado como tal no bairro. Falava-se que logo que chegou em Campinas ele "arrumou uma mulher" e que "largava" Joana em casa, "sozinha com as crianças". Era fato plenamente conhecido, também, que tinha um filho com essa segunda união e que a mulher morava no bairro Novos Campos Elíseos, sendo que alguns moradores do Londres já a haviam visto algumas vezes. Todos os vizinhos comentavam as brigas e discussões que a filha mais velha vivia tendo com Nestor, ocasiões em que sempre ouviam o pai dizer que o namorado dela "não prestava", ao que ela sempre repetia ("jogava na cara") que o pai não podia criticar ninguém já que tinha "até filho com outra mulher". As brigas entre pai e filha eram muito frequentes e a moça era tida no bairro como "sem juízo". Várias pessoas comentavam que Nestor estava, através dessa filha, "pagando" tudo o que havia feito no passado, pois, se agora, no presente, ele "se dava de bom", as coisas não haviam sido sempre assim.

Oito anos após haver chegado em Campinas, Nestor e Joana haviam, finalmente, conseguido poupar Cr\$ 500,00 para dar a "entrada" num terreno no Jardim Londres. Contou Nestor:

"Demorou prá eu ter o que eu queria ... Quem conhece a história da FEPASA sabe como se ganha mal por lá ... Quando eu vi que já podia enfrentar as despesa, isto é, quando eu vi que a minha mulher nem meus filhos iam ter que ficar prejudicado, ia até ser melhor prá eles, eu vi que era a minha hora de ter alguma coisa de meu [...] Esperei e um dia eu tive [...] Essa coitada [referindo-se à Joana] trabalhou como muito pouca gente trabalha ... E olha que ela ainda não parou, viu? ... Vê como ela ainda magra, fraca, é que tá doente [...] Eu também cumpri co'a minha parte ... E pode se dizer que a recompensa aí está: é esta casa aqui que você pode ver ... Prá

muitos é nada, fala verdade ... Só quem trabalha, só quem se esforça, é que sabe o que uma casa vale [...]

Agora ela ainda tá assim [tipo híbrida], mas faz pouco tempo ainda era de táboa que nem essas outra que tem aí ... Era um barraco limpo porque a Joana sempre foi uma mulher muito caprichosa, e só o zero que tinha que pagar de aluguel já dava prá dormir co'a cabeça mais fria [...]. Eu falo pros meus filho, isso eu sempre digo, trabalho nunca fez mal prá ninguém ... Esta frase que tem por aí, essa tal de 'eu não quero nem saber' não é prá mim, é prá vagabundo ... Infelizmente tem muita gente nesse país nessa de 'eu não quero nem saber' ..."

NOQUINHA E CIÇO

A razão pela qual toda a família de Nestor foi parar no Jardim Londres está ligada à chegada, em Campinas, de dois de seus irmãos 8 anos depois. Noquinha (B11), que havia ficado recentemente viúva, e Ciço (B12) que era casado. Ambos vieram acompanhados de suas respectivas famílias. Foi Joana quem contou que:

"A gente naquele tempo tava procurando um lugar prá comprar um terreninho ... Tinha uns colega do Nestor que tinha falado aqui do Londres, que aqui era um lugar que tinha uns terreno que num era caro, e que era um lugar que num era ruim, tinha uma porção de família, tudo ... Nós viemos ver e gostamos [...]. Outra coisa que foi sorte foi que nós já tinha uns conhecido nosso que tava morando aqui também, uma família lá do norte, Alagoas parece [na verdade era de Pernambuco] ... Gente boa que só vendo [...]. Eles já tinham morado no Bonfim e depois tinham vindo prá cá e eles também que falaram que tavam gostando muito daqui ... As coisa foi tuco dando certo prá nós vim prá cá [...]. Aí tava prá Noquinha vim ... Essa que é irmã do Nestor que também ia chegar [...]. O Nes

tor viu que aqui ia ser melhor prá ela também ... Ela é que nem minha irmã, tem um jeito bom de fazer as coisa, só vendo [...] Ela tava vindo prá Campinas e ia de querer ficar perto de nós ... Foi tudo dando certo, dando certo, que nem nós queria e nós acabamos comprando esse lote aqui, e ela cos filho compraram o dela lá onde ela mora, cê foi lá já [...] Já faz mais de 5 anos ..."

Noquinha seguiu para Campinas acompanhada de seus 9 filhos. O mais velho estava noivo de uma moça em Lins e logo voltou para "buscá-la". Moraram todos, durante algum tempo, no interior do mesmo lote, mas logo que foi possível o filho casado começou a pagar seu próprio terreno no Jardim Novos Campos Elíseos mudando-se para lá em seguida. Irene, a filha mais velha, foi a que se casou com Bento (C24), sobrinho de Juarez, e depois do casamento passou a residir no Jardim Nocos Campos Elíseos, onde o casal adquiriu um lote. Celina (C32) foi a próxima que se casou, e também foi para o Jardim Novos Campos Elíseos. Todos esses novos casais optaram pela solução de dar a "entrada" num lote, viver num barraco enquanto estivessem pagando as prestações e só começar a construir a casa de alvenaria, quando o lote fosse tudo deles. Em 1972, época do trabalho de campo, o filho mais velho de Noquinha já havia conseguido construir a sua, Irene o marido haviam iniciado a construção da deles e apenas Celina é que vivia em barraco. Celina, porém, havia se casado há menos de 1 ano e explicava assim a sua situação:

"Tem gente que fala reclama de ter que morar desse jeito, é cheio de coisa ... Eu não ... Meu noivo perguntou prá mim do que que eu fazia questão ... Se eu fazia questão de morar numa casa melhor, de aparência ... Eu não, eu falei ... Vamos ficar desse jeito mesmo ... Tá muito bom,

prá que mais se agora é só começo? ... Que que adianta esse negócio de casa bonita se é só prá mostrar, prá gastar dinheiro, prá num economizar? ..."

Vir para Campinas, segundo Noquinha, não foi uma decisão que partiu apenas dela, mas o resultado da vontade de seus filhos mais velhos e das circunstâncias que então se apresentavam:

"Ih! Cê quer mesmo saber como que foi? Foi uma coisara-da ... Tem hora que parece que num foi, parece que foi fácil, é que as coisa era tudo diferente, num sei [...]. Só pro cê ver como que as coisa são, como que elas mudam ... Eu sou da Bahia e fui parar em Lins ... Achei que ia morrer lá e acabei vindo prá Campinas, aqui pro Londres onde eu tou ... A pessoa nunca que pode falar que a vida dela vai ser desse jeito ou então daquele jeito ... Só Deus é que sabe [...]."

Eu era menina menina quando casei, num tinha nem 18 ano [...]. Eu vejo as moça hoje como que são, minhas filha, se viram, faz de tudo, parece até que eu que sou mais nova de que elas ... Antigamente então é que as moça era tudo bobinha ... Casava tudo nova, ficava dentro de casa, cuidava dos filho, o marido que tinha que ver tudo quase ... Inda quando tinha sorte no casamento tava bom [...]. Hoje em dia é que é bom, as moça num liga mais pruma porção de coisa que antes ligava ... Ninguém liga mais, a moça pode sair, ver tudo que ela quer, as coisa que é preciso [...]. Eu graças a Deus tive sorte co meu marido ... Era um homem que vivia prá família, trabalhava, era forte que só vendo, ninguém dizia que ele ia de morrer novo daquele jeito ... Mas é assim que as coisa acontece, ele ficou doente de uma hora prá outra e morreu num instante... Fiquei sozinha prá cuidar dos filho tudo e ainda por cima tava esperando a caçula [...]. Antes de casar eu trabalhava na roça, que nem tudo lá trabalhava ... Logo que casei

eu continuei ... Quem nem sabe ler, num sabe escrever, que que vai fazer, acaba trabalhando na roça, tem que pegar na enxada [...]

Quando fiquei viúva tive que me virar pro meus filho num morrer de fome ... Graças a Deus que em casa nós sempre tivemos gente que gostava de nós, conhecido bom, gente que gostava da minha mãe, que conhecia a gente, [a mãe, Cândida (A2) era parteira na área em que residiam e muito bem relacionada] ... Teve uns conhecido que ajudaram muito quando nós precisamos, igual que quando minha mãe ficou viúva do meu pai ... Eles me ajudaram também [...] Ajuda na hora de arrumar a papelada da pensão, ver as coisa que precisou, uma porção de coisa que teve que fazer [...] Eu consegui arrumar emprego na Prefeitura assim desse jeito lá em Lins ... Um conhecido da minha mãe que arrumou prá mim [...]

Eu tinha meu irmão que morava aqui e de vez em quando um visitava ele ... Minha mãe visitava ele, às vezes ele ia lá ver nós ... Eu vim duas vezes aqui ver minha cunhada e meu irmão [...] Os broto [referindo-se aos filhos] num me davam sossego, cê sabe moço como que é, né? ... Só falavam de vimhora [...] Até prá senhora vai ser melhor, eles falava ... Aí então eu falei, tá bom [...] Foi fácil porque o Nestor e a Joana já tavam aqui [...] Quem num queria saber de sair de lá era minha mãe ... Ela é muito agarrada lá, co meu irmão mais novo... Lá ela morava co Ciço [(B11), casado com Maria (B12)] mas eles tavam de mudança também [...] Ela ficou lá co Jair [irmão mais novo], no fim é que ela acabou vindo atrás ... Nesse tempo [quando ela e Ciço chegaram] o Nestor e a Joana inda moravam notro bairro, depois é que eles vieram prá cá pro Londres ...

[...] Os menino arrumaram logo emprego e só sei que foi indo e tamos tudo aqui hoje [...] Eu co dinheirinho que eu tinha deu prá comprar esse lote aqui ... É coisa de pôir mas tá bom, num tá? Cê num acha? ...

[...] Os menino arrumaram trabalho numa construção mas num era serviço que eles queriam, não, era só prá num ficar parado [...] Tem um que agora é pedreiro, tá por conta, o outro, o que é mais novinho, trabalho no comércio ... Ele gosta [...] As menina trabalharam cada uma um pouco em casa de família ... A Irene [casada com o sobrinho de Juarez] até casar tava empregada ... Depois que casou inda trabalhou uns tempos, mas agora tá esperando [criança] então teve que parar, né? [...] A Celi-na depois arrumou um emprego bom no hospital ... Ela casou mas ela diz que num vai parar não [...]

Se eu tivesse que ter ficado em Lins quem sabe nós também num podia tá bem? ... Lá tinha os conhecido nosso, tem meu outro irmão, quem que sabe, né? ... Mas no fim nós viemos prá Campinas mas também foi bom ... Quando a pessoa anda direito os lugar são tudo bom, cê num acha? ... Se der prá trabalhar e de Deus ajudar dá tudo certo [...] Eu rezo muito, sou muito rezadeira ... Eu até que costume levar o santo nas casa daqui, porisso que conheço todo mundo daqui dessas redondeza [...] Pode ser numa casa prá ir rezar eu num digo não, num dou jeito de negar, cê sabe ... As veze é um doente uma pessoa que tá desenganado da vida, é sempre nessas hora que precisa [...]

Eu gosto das coisa do jeito que são hoje, as coisa tudo moderna, até a igreja agora que eles falam que é moderna ... Acho que é bom, é mais gostoso pros moço [...] Eu ben que queria ser mocinha agora viu?, que quando eu era moça num pude fazer nada [...] Tou aprendendo ler esse ano, uma coroa [velha] igual que eu ir prá escola, cê já viu isso? [...] Tou aproveitando um pouco agora que eu posso, né? ... Vou no MOBREAL [programa de alfabetização de adultos] daí da Castello Branco ... É gostoso [...] Tem tanta coisa que eu queria escrever, umas coisa que eu acho que são bonita ... Umas coisa que eu inda lembro de quando eu inda era criança de tudo ... Principalmente numa casa que eu morei uma que tinha uma

árvore bonita, grandona, que eu lembro que ficava lá ... Az veze fico olhando uma plantinha, um passarinho, e me dá uma vontade de escrever uma coisa deles .... É que eu já tou velha, a cabeça num ajuda mais [...] Tem gente que fala que num gosta de morar em cidade ... Eu gosto ... Na roça as pessoa ficam mais ignorante, num sabe as coisa direito, pensa que as coisa é só dum jeito ... Só daquele jeito que eles tão acostumado ... Num é assim que é, né? [...] Cé vê eu, eu nunca que pensei que fosse aprender tanta coisa agora depois de velha ..."

Graças à pensão de viúva que recebia, e com os salários dos filhos, Noquinha podia contar na cidade com uma renda mensal relativamente estável todo mês. O mesmo, entretanto, não ocorria com a família de seu irmão Ciço, casado com Maria, que também haviam se dirigido para Campinas.

Este casal trabalhava como assalariado para uma fazenda em Lins e além de ganharem muito pouco havia, ainda, o agravante de Ciço beber muito, o que tornava sua capacidade de trabalho uma força com a qual nem sempre a família podia contar. A esposa Maria foi quem contou que:

"Aqui [em Campinas] prá nós é melhor, né? Se fosse prá ficar trabalhando co'a enxada acho que hoje num tinha mais nenhum vivo, isso sim [...]. Os filho aqui arrumaram tudo emprego, eu também tenho o meu, deu prá ter até essa casinha aqui, se viramos, né? ... Lá onde que nós tava num tava bom, ia acabar tudo morrendo de fome, de uma doença, antes do tempo [...]. Eu toda vida levei uma vida sacrificada, viu?, num tive sorte nenhuma ... Com 16 anos eu já tava casada e lembro que já tava do primeiro [grávida do 1º filho] e ainda ia prá roça catar algodão ... Trabalhava igual que um homem, de sol a sol [...]. Com

ele [o marido] sempre desse jeito dele, né?, nunca pude contar com ele prá nada que fosse prá contar ... Só trabalho, mais trabalho prá mim, isso sim ... Num adiantava esperar nada que num podia contar com nada mesmo [...]

Num sei, isso é que nem uma doença que dá ... O médico que uma vez que falou prá mim que isso da pessoa beber desse jeito é que nem uma doença da pessoa ... Eu às vezes queria que fosse uma doença de verdade, eu falei, acho que era melhor duma vez [...]

Só sei que já passei muita dificuldade, viu? que inda por cima tinha minha sogra que morava em casa também e ela implicava comigo que só cê vendo ... Ela falava que eu num tinha amor no filho dela, que eu num ligava se ele tava bem, se tava mal, como é que ele tava ... Falava que a bebida dele era por causa disso de mim ... Cé acha que é pra falar uma coisa dessa? ... E cê acha que quando é um homem que bebe desse jeito a pessoa tem vontade de tratar bem ele? [...]

Tem dia que num pode nem olhar pro lado dele, parece um cachorro bravo, nem cachorro num é assim desse jeito, num sei que que parece ... Num trabalha, foi sempre assim desse jeito que cê já tá cansada de ver ele [...]

Ele me tratava mal, me judiou que só vendo... Num sabe nem tratar com os filho ... Foi sempre igual desse jeito ... Quando cismou de vim prá cá eu num queria, num queria mesmo porque tudo meu pessoal da minha família tava tudo lá, a minha mãe, as minhas irmão, tudo eles [...]

Aí foi os filhos que falaram que era melhor aqui, que aqui é que dava prá eles trabalhar mais, que prá eu descansar mais, ter mais sossego, aqui ia ser melhor ... 'O pai já é desse jeito', eles falaram, 'então é melhor ir prá Campinas duma vez, assim a gente tem mais jeito, vai ser melhor prá ajudar a senhora' [...]

[...] Nós viemos mas no começo num ficamos no Londres ... Aqui era difícil prá alugar uma casa, agora é que cê acha casa prá alugar, mas nós num achamos e daí fomos prá uma casa lá do Jardim Campos Elíseo [...]

Aí um dia falaram pro meu filho que o dono desse lote aqui queria vender ele, meu filho foi na mobiliária e acertou tudo

[...] Tinha que dar um milhão e meio de entrada e o resto a pessoa ia pagando ao mês ... Pagamos tudo em 2 ano, num faltou um tostão, tudo eles aqui ajudando, eu trabalhando, demos um jeito [...] Só lá no Campos Elíseo nós ficamos 5 ano, quer dizer, mas nós também já tava co'esse lote aqui comprado ele faz uns 2 anos, é que num dava prá construir e fomos ficando lá onde que nós já tava [...] Prá construir foi outra luta minha ... Inda mais co'esse homem daí [o marido] [...] Por cima ele ainda falava que num queria que eu trabalhasse ... Cê já pensou eu ficar em casa sem trabalhar?, quê que ia acontecer ... Até parece que o dinheiro vai aparecer sem trabalhar [...] Tinha dia de eu sair prá trabalhar escondido prá ele num me ver ... Eu fazia faxina nas casa [...] A pessoa num trabalha de gosto, só porque ela quer, cê acha? [...] O meus filho ficava tudo do meu lado porque também eles via como que ele era [...] Ele tem dia que já levanta e logo de manhã cedo já toma a pinga dele ... Num quer nem saber de café ... É uma coisa que acho que dá nele, num sei, prá beber assim mal já tá acordado ... Tem dia que ele sai prá trabalhar e logo já tá em casa de volta ... Já volta daquele jeito, né? [...] Daí já bebe mais um pouco, reclama com tudo mundo, xinga e volta prá cama prá dormir ... É a única horinha que dá sossego pros outros [...]

Eu só sei que foi com eu trabalhando e co que meus filho ajudaram é que deu prá comprar esse terreno aqui e fazer a casa ... É casa de pobre, num é prá reparar, mas tá bom ... Por pior deque sesse acho que já tá bom [...] Tou perto da Lu [C34], casada com Neco (C17), filho de Juarez] [...] Tem o outro filho que agora tá no Passorama [bairro próximo] [...] Se precisar de qualquer coisa já tá tudo perto ..."

DONA CÂNDIDA É TRAZIDA

Em 1971, quando Nestor, Noquinha e Cigo já estavam estabelecidos de forma mais definitiva no bairro, dona Cândida (A2) resolveu mudar-se para lá também. Diz ela que foi para "variar" um pouco mas todos os demais membros da família principalmente as noras, não faziam segredo de outros fatos referentes à mudança. Diziam que Jair (o filho mais novo, contador em Lins) e sua esposa eram "cheio de coisa" e provavelmente haviam se "enchido da velha", não querendo mais "ficar" com ela. Nestor dizia apenas que os irmãos haviam "achado" que era tempo da mãe ficar um pouco também com os outros filhos.

Durante mais de 1 ano Dona Cândida ficou morando com Noquinha, mas depois Nestor e Joana construíram uma casa no terreno que lhes pertencia e ela foi morar lá. Em várias oportunidades ela fez questão de mostrar-me suas futuras instalações, gabando-se de que o filho estava construindo "os cômodos" para ela (3 cômodos de tijolo, cobertos com telha). Tratava-se, entretanto, da casa que futuramente seria destinada ao próprio Nestor e sua família mas que, quando ficou pronta, em fins de 1973, acabou sendo dividida ao meio: dois cômodos foram alugados para uma família recém-chegada ao bairro, e um cômodo ficou para dona Cândida. Nestor, Joana e os filhos, continuaram na casa que ocupavam anteriormente, construída parte em alvenaria, parte com tábuas.

Apesar da presença de Nestor em Campinas haver se constituído num fator preponderante na decisão tomada por Noquinha e Cigo de se dirigirem para a mesma cidade e área da cidade, não houve, por outro lado, entre eles, qualquer interação financeira, se assim podemos chamar, como houve no caso do grupo de Juarez, em que o lote foi comprado de sociedade pelas partes envolvidas. Mesmo sob o ponto de vista residencial as trocas foram muito mais restritas, não

havendo, salvo no caso de dona Cândida, o caso de pessoas dos núcleos domésticos morarem juntos sob a forma de família extensa ou mesmo composta. Foi o próprio Nestor quem disse certa vez:

"Cê sabe como que é, num sabe? Na vida cada um tem sua família ... Eu tinha de cuidar dos meus ... Tinha três, era quatro se pensar na mulher e nos filho ... Apesar que uma coisa eu digo, essa mulher trabalhou uma coisa que preste [...] Eu falo pro meus filho: 'seu pai fez o que pode, o que deu, deu, o que num deu, num deu' ... Paciência... É chutar a bola prá frente [...] Eu falo prá eles: 'essa casa aqui foi feita com suor de seu pai e de sua mãe'... Eles sabe ... O que dependeu de um e de outro um e outro fez [...] Eu cumpri com que devia e com que podia [...] Se posso ajudar os outro eu ajudo ... A pessoa tem que ser assim ... Se pode ajudar, que nem um colega no serviço, um vizinho, um parente [...] Meus irmão ajudei eles no que pude [...] Dinheiro nunca tiva prá dar [...] Aconselhei muito a Noquinha inda mais que ela tava sem o marido do lado [...] Vi o que era melhor prá ela, falei, ajudei fazer a casa [...] Co Ciço também falei ... Aquele irmão meu é muito bom, tem um coração de ouro ... Só que cê sabe, ele tem aquele problema dele de vez em quando ele abusa co'a bebida um pouco [...] Dinheiro é coisa que pobre nunca tem prá dar ... Num tá sobrando é nunca [...] Tem que ter é brio, vergonha na cara isso sim ... Hoje em dia quem num tem isso tá roubado, num adianta ter dinheiro só, só tem problema ..."

#### RECÉM-CHEGADOS

Mesmo após haver terminado o trabalho de campo e saído do bairro fiquei sabendo, através de visitas de cortesia que continuei efetuando, da "vinda" de novas pessoas pertencentes ao grupo de Paranapuã, ou seja, ligadas por laços de afinidade ou consanguinidade a Juarez.

Tal foi o caso de Alzira (B7), irmã de Juarez, casada com Orestes (B8) que chegou acompanhada do marido e dos filhos no início de 1974. Moravam em Paranapuã, onde possuíam um pequeno estabelecimento comercial, e a razão que deram para a mudança foi que o marido estava "ficando velho" e os filhos "ficando todo moço". Os mais jovens não estavam predispostos a assumirem o pequeno negócio dirigido pelo pai e também não queriam ficar onde estavam pois, segundo eles, lá não "tinha nada para se fazer". Alzira e Orestes logo que chegaram deixaram bem claro que a escolha de Campinas para virem morar, bem como a do bairro, fora única e exclusivamente porque Juarez já aí se encontrava. Foi Alzira quem contou que:

"Nós viemos aqui umas veze mas só de visita pro meu irmão e a Tonha e gostamos muito daqui [...]. A cidade é boa pros moço pra eles arrumarem emprego ... Nós também num tem queixa [...]. Tendo os parente perto é melhor, eu acho, e num caso de precisão já tá perto, um num fica desamparado, já corre prá ver o outro."

Durante algumas semanas Orestes e Alzira ficaram morando no cômodo que Pedro e João haviam construído no lote de Juarez, pagando-lhes, porém, aluguel. Tão logo os dois filhos mais velhos arranjaram emprego (uma moça e um rapaz), a família comprou um lote ali mesmo no bairro e construiu sua casa. Os filhos que estavam em idade de trabalhar queriam empregos em fábricas ou em estabelecimentos comerciais. A moça, por exemplo, dizia convictamente que não queria ser "empregada doméstica" mas foi o que acabou sendo quando o tempo começou a passar e não conseguiu outro tipo de emprego. Helena (C16) certa vez comentou a respeito das ilusões da prima:

"Quem precisa de trabalhar num pode ficar escolhendo muito ... Pensa que chega e já vai falando o que quer, é? [...] Deixa ela ... Eu sabia que ia ser assim, que num ia ser fácil arranjar as coisa do jeito que ela tava pensando que queria que fosse... Se era só querer e as coisa já vinha, já ia pensando já ia tendo, tava bom, até eu já tinha uma porção de coisa que eu queria pra mim ..."

Mais recentemente ainda, no início de 1974, algum tempo após a última visita que Zé havia feito a seus pais em Mato Grosso, "apareceu" em sua casa a irmã, Cida (C14), o marido, Bastião (C13), e um filho de meses. Este casal "tocava roça" "prá lá de Três Lagoas", juntamente com o resto das respectivas famílias, e aparentemente foram até Campinas "atrás de médico", uma vez que a criança apresentava problemas de desenvolvimento psico-motor e estava "precisada" de tratamento "num lugar maior". Bastião, na mesma semana que chegou começou a trabalhar de pedreiro junto com Zé numa "empreitada" que este havia conseguido (\*), e seu grupo doméstico, composto dele, sua mulher e filho, passou a residir em um barraco de tábuas que havia nos fundos da casa de Helena e Zé. Tratava-se do mesmo barraco que estes haviam construído no lote de Juarez quando ainda lá viviam. Por ocasião da mudança, Zé e Helena levaram as tábuas e reconstruíram o barraco no novo lote e residiram nele até o início da construção da casa de alvenaria. Depois disso ele há havia sido temporariamente ocupado por um casal conhecido de velhos, e foi após a saída destes que passou a ser ocupado por Bastião e Cida.

---

(\*) Zé, nesta época, estava trabalhando "por conta". Continuou assim de forma meio incerta, até 1975, quando então "abriu uma firma" juntamente com o cunhado, passando a "autônomo".

Em meados de 1974, uma irmã de Bastião, Luzia (C12), acompanhada do marido, Dito (C11), deixou Mato Grosso e "apareceu" em Campinas, indo residir no Jardim Londres. A razão dada para esta inesperada chegada não fugiu ao habitual "lá num tava dando mais" e a moça declarou que:

"Agora é que era uma hora boa prá nós porque num tamo de filho pequeno que é uma coisa que dificulta [...] Depois que os filho nasce fica tudo mais difícil prá pessoa por isso que já aproveitamos e viemos agora ..."

Zé e Helena, que nessa época já estavam na fase final do processo de construção da casa encarregaram-se, também, de receber este novo casal, colocando-o "no abrigo", ou seja, a parte anterior/externa da moradia e que no futuro, esperava-se, seria equipada de mobília adequada e serviria de "terracinho". Este abrigo já era uma área fechada lateralmente mas foi então completamente murado e transformado em cômodo para os recém-chegados. Helena que estava acostumada a morar "sozinha", expressão que inclui morar apenas com marido e filhos, viu-se, de repente, com o dobro de pessoas à sua volta e comentou certa vez:

"Por pouco tempo até que num faz mal [...] Quando o Zé foi prá Mato Grosso lá eles já tinham falado que tavam pensando de vim prá cá ... O Zé falou que por ele podia, ele até achava que era bom mesmo, era melhor [...] Ele me falou, eu até falei que por mim podia vim ... O que a gente tinha condição de fazer num ia de negar, ia fazer o que podia [...] Lá onde eles tão é ruim, num tem nada [...] Dá dó deles [...] O que implica na gente é o jeito dela [da cunhada (C16)] ... Aquela criança fica lá o dia inteiro, ela num faz nada ... A mãe é ela num é os outro ... Ela num limpa os pano da criança direito,

O menino mijá ela num limpa, ele fica lá mijado ... In-  
 da por cima num lava direito os pano, num sei que jeito  
 que ela faz que eles fica tudo amarelo que parece que  
 nem lavou ... Dá até vergonha na gente se chega pessoa  
 [...] Ela é meia mole, parece que tem preguiça no corpo,  
 dá até nervoso na gente ... Tamanha mulherona daquela pa-  
 rece que num tem sangue no corpo [...] Ela num sabe na-  
 da do que tem que fazer ... Eu que tive que ir junto com  
 ela em todo lugar que tinha que ir [...] Agora parece  
 que já tá aprendendo um pouco ... No começo eu que ia  
 junto pro médico, com ela prá cidade, prá todo canto  
 [...] Num sei, ela parece tonta, cabeluda daquele jeito  
 co cabelo escorrido até a cintura [...] O marido é bon-  
 zinho, tá trabalhando co Zé ... Ela também é boazinha,  
 num é que seje ruim ... É que é o jeito dela, um jeito  
 esquisito, num sei [...] Num gosto de falar porque é tu-  
 do parente do Zé, já viu ... Depois vai falar que a gen-  
 te tá falando, que tá reclamando ... Só que tem que ter  
 mais ânimo, né? ... Cê acha que quando eu tava de novo  
 aqui, tudo do sítio, caipira, nós sabia andar pela cida-  
 de?, que que podia saber?, era tudo que nem tonto...Num  
 sabia fazer nada também ... Tinha tudo tado a vida in-  
 teira na roça, num sabia nada [...] Mas eu num sei, eu  
 fui trabalhar e me virei [...] Tá certo que co aquela  
 criança daquele jeito ela num pode sair prá trabalhar  
 muito, eu acho que num dá prá sair e deixar ela [...] ]  
 Dentro de casa ela podia ser mais limpa um pouco [...] ]  
 Agora chegaram os outro e tão tudo enfiado lá no abri-  
 go lá em casa [...] É por pouco tempo, só até arrumar um  
 lugar prá eles ficar [...] Só que eu já falei pro pes-  
 soal lá [referia-se à família dela e aos conhecidos, co-  
 mo eu, por exemplo] minha casa agora, viu?, tá parecen-  
 do com curtiço ..."

A irmã de Zé permaneceu cerca de 3 meses morando no bar-  
 co dos fundos enquanto que Dito e Luzia ficaram no abrigo por uns  
 dois meses. Assim como Bastião, Dito também foi trabalhar com Zé, fa-

zendo pequenos serviços como servente. Isto significava que nenhum dos três ganhava muito bem, pois Zé estava ainda trabalhando "por conta", isto é, encontrava-se desempregado e nesse meio tempo não estava sequer pagando os encargos do INPS. Foi só mais tarde que começou a trabalhar como "autônomo".

Dito e Bastião planejavam trabalhar com Zé enquanto não "aparecesse" nada para eles, pois assim não ficariam "parados" enquanto arranjavam "os papéis" (documentos). Após este período que residiram com Zé e Helena os dois cunhados se associaram para comprar um lote vizinho que já contava com um barraco de tábuas erguido dentro dele. Pagaram por essa transação Cr\$ 15.000,00 à vista, metade de cada um. Menos de dois meses após a compra Dito e Luzia (C11;C12), que haviam chegado por último, voltaram para Mato Grosso porque o rapaz alegou não haver se "acostumado" na cidade. Bastião comprometeu-se, então, a adquirir a parte do outro no lote.

O dinheiro que Bastião e Cida haviam trazido quando se mudaram para a cidade provinha, principalmente, da venda daquilo que havia sido plantado no ano anterior (eram meeiros), as economias que já tinham e mais o que conseguiram vendendo alguns objetos de casa. Dito, por sua vez, havia tomado dinheiro emprestado do pai, mas quando viu que ficar em Campinas não ia "dar" resolveu voltar para Mato Grosso a fim de participar, juntamente com os demais membros da família, das tarefas de plantio que estavam se iniciando para o ano.

E AINDA SE ESPERA  
MAIS GENTE

Muitas pessoas desse extenso grupo de parentesco ainda não se consideravam satisfeitos com os parentes que já estavam na cidade e frequentemente mencionavam os nomes daqueles que "seria bom que viessem" ou que "estivessem aqui". Entretanto, a possibilidade de "trazer" algumas

dessas pessoas, ou delas "virem", não era a mesma para todos os casos, e por outro lado nem sempre havia coincidência de opiniões sobre quem "vir" ou como "vir".

Por parte do grupo que veio de Lins, principalmente se se levar em conta o que dizia Dona Cândida (A2), seria bom se o filho mais novo, Jair, viesse para Campinas, mas quando se fala nisso não se nota o mesmo entusiasmo por parte dos outros irmãos, nem tampouco das cunhadas. Nestor, mais de uma vez, deixou bem claro que o irmão poderia nem querer "saber" de morar no Jardim Londres já que tem um padrão de vida "muito bom". Certamente, tal atitude não seria de forma alguma conveniente para a imagem daqueles que já residem no bairro e que viviam mencionando o nome de Jair, referindo-se a ele como "o que é contador". Jair, por sua vez, raramente aparecia para visitar os parentes, e quando aparecia era "sozinho" (sem a mulher), o que desestimulava aqueles que estivessem querendo visitá-lo. Seu comparecimento em reuniões familiares mais importantes era igualmente duvidosa, e ele não havia aparecido nos últimos três casamentos de suas sobrinhas em Campinas. Em 2 destes casamentos a que compareci, mesmo durante a festa, havia aqueles que diziam que ele ainda poderia aparecer, opinião essa que não era absolutamente compartilhada pelas cunhadas, alguns sobrinhos e vizinhos mais chegados. Em oral em relação a estas omissões os irmãos e a mãe sempre procuravam dar a desculpa de excesso de trabalho, escola dos filhos, a distância, etc., mas os demais membros da família e amigos eram bem mais contundentes, atribuindo o gesto ao fato de Jair e sua mulher serem "cheios de coisa", agirem pensando que eram "ricos", terem "vergonha dos parentes pobres" e não darem "confiança" para quem pudesse ser considerado "pior". Maria a mulher de Ciço, declarou certa vez:

"A família de Cigo é tudo cheia de coisa ... Eles pensa que são tudo melhor que os outro ... Pensa que são branco [...] E aquele irmão deles então é pior ... Ele é que mais acha que é branco, ele num gosta de ficar perto dos outro irmão que são tudo mais escuro que ele ..."

A impressão que se tinha é que nenhuma das partes, nem a que estava em Lins, teria muita vantagem caso Jair se mudasse para Campinas já que isto poderia transformar em certeza aquilo que era apenas uma suposição e assunto para mexericos, ou seja, a "vergonha" que Jair parecia sentir em relação à família. Quanto a Jair, não é improvável que temesse que uma vez residindo em Campinas, num bairro "melhor", trabalhando num banco, casado com mulher branca, sendo ele próprio mais claro que os irmãos e com filhos que "passavam por brancos" passasse a ser frequentemente assediado de forma indesejável pelos parentes (23).

Já Horácio e Lindaura (B16;B17), procedentes de Jales, gostariam de "trazer" a filha e o genro que ficaram "por lá". Se dependesse só "da vontade", dizia Horácio, não seria difícil, pois quando vieram embora a filha havia ficado chorando "por causa que ia ficar longe da mãe". Os irmãos mais jovens, impregnados de otimismo com o "monte de dinheiro" que estavam ganhando faziam frequentes visitas à casa da irmã e do cunhado tentando convencê-los a "largar a enxada" e do cunhado tentando convencê-los a "largar a enxada" e virem para a cidade.

Entre os que vieram de Paranapuã, no que se refere a Francisco e Zefa (B9;B10), o grupo familiar não estava completo, pois além daqueles que já estavam em Campinas havia ainda uma filha casada, morando em Mato Grosso, e 2 filhas e 2 filhos, todos casados, re

sidindo ainda em Paranapuã. Entretanto, era quase certo que não deveriam deixar "tão já" os lugares em que se encontravam, pois estavam todos "bem", três com sítio deles mesmos e outro "com caminhão". Se alguém tivesse que vir, ponderavam eles, seria alguém da geração mais jovem, talvez alguns dos netos. Ana (C26), assídua visitadora dos irmãos e sobrinhos em Paranapuã dizia que os moçoas "não queriam nem saber" de ficar "no mato", só falando de "vir embora".

Quanto a Juarez, dizia que "de seu lado" (entendendo aqui consanguíneos, principalmente irmãos e irmãs) não havia ninguém para "vir" para Campinas, e Antonia dizia mais ou menos o mesmo quanto aos parentes do "seu lado", afirmando que seus irmãos estavam "contentes" onde estavam, um em Paranapuã, "tomando conta de um sítio", e outro em São Paulo, ela não sabia "fazendo o quê". Apenas Zé, marido de Helena, é que tinha planos para "trazer" pessoas de sua família para Campinas:

"Agora prá vim pr'aquí só falta meu pessoal mesmo que tão em Mato Grosso [...]. É esperar minha irmã casar, que ela casa agora pro ano [1975] e quero ver se os velho vem prá cá, se trago eles prá morar prá cá [...]. Capaz que esse outro irmão meu também teja prá vim, num sei [...]. É que ele casou agora, faz pouco tempo, a família da moça parece que mora lá, ele eu num sei que que vai querer resolver [...]. Quem é bem capaz de vim é essa minha irmã quando casar ... O que vai ser marido dela já falou que achava melhor vim tudo duma vez [...]. Pr' eles num é vantagem ficar lá do jeito que tão [...]. Só sei que os velho quero ver se trago eles ... Vou acabar de fazer essa casa aqui que é prá poder ver se trago eles ... Vou acabar de fazer essa casa aqui que é prá poder eles vim mais folgado [...]. Já tão de idade, pr' eles é difícil ficar desse jeito lá naquela lonjura ..."

Essa forma encadeada de "trazer" e "buscar" parentes, parecia não ter fim no bairro, e uma vez quando conversei com Antonia a respeito ela resumiu as coisas para mim:

"Assim que é bom, né?, o que tá melhor fala pros outro do jeito que é ... Eu falo melhor mas cê sabe, né?, é jeito de falar ... Pobre é tudo igual ... É que o que tá aqui tá melhor um pouco do que uns que tão lá na roça [...] Se um que tá lá chega um que tá aqui já vai lá e ajuda esse... Inda mais se é parente, uma irmã, um irmão [...] A pessoa aí faz o que pode ... Prá ajudar muito num dá, né? ... Já sabe, o que ajuda também vai ver bem que queria que ajudasse ele [...] Quem que é bobo que num gosta de ganhar umas coisa? ... Que que faz é assim, empresta umas tábua, um fala, fica aí no meu quintal ... Já tá bem num tá? [...] Morrer de fome acho que ninguém num morre ... É só repartir o feijão e comer ele ... Num vai de morrer de fome só por causa d'un prato de feijão [...] Às veze tem um que num pode ajudar naquela hora, que vai de fazer? Se num pode num ajuda [...] Mas se vê que é um irmão a pessoa num sei, num tem jeito de não ajudar ... Num vai ir ajudar a mãe, o pai, se vê que eles tão precisando? ... Tem pessoa que fala que num liga, mas também num pode ser assim, cê acha que pode?"

## II - Discussão

"A ROÇA JÁ NUM DAVA  
MAIS"

Como foi visto em outra parte do trabalho, e "antes" e o "depois" constituíam

categorias bem diferenciadas na visão de mundo da população do bairro. Entretanto, ao relatarem suas experiências, embora levassem em conta aqui e ali a atuação de fatores estruturais enfatizam, de forma ainda mais frequente, as condições próximas, muitas vezes pessoais, que fizeram com que abandonassem a "roça" pela "cidade". Isto é com

preensível quando se pondera que raramente as pessoas tiveram em mãos o controle e a informação a respeito dos determinantes que, de fato, atuaram no sentido de colocá-los numa situação em relação à qual seu poder de opção era pouco ou nenhum. Assim sendo, fatos que haviam posto em risco a manutenção de um grupo e até mesmo a sobrevivência individual de cada um de seus membros tendiam a aparecer quase sempre num plano puramente existencial.

Uma das frases mais ouvidas, que tentava dar conta de como a situação de mudança fora provocada num nível situado fora do indivíduo, era que "a roça já num dava mais". Não havia um depoimento e uma história de vida que não contivessem tal expressão. Juarez (B6) que quando vivia "na roça" plantava "de às quartas" definiu assim as razões que levaram ao êxodo geral:

"Num é só por causa dos fazendeiro que tudo quer vim prá cidade [...]. O patrão que nós tinha lá era um homem bom, dele num tenho queixa [...]. Teve um dia que ele chamou tudo nós e falou que prá continuar do jeito que tava num ia mais dar ... Num ia de valer a pena mais, ele ia ter que parar [...]. Era que ia ter só despesa, gasto, ia ter de mexer com banco, levantar dinheiro, já viu, ele viu que num ia ter mais tanta vantagem [...]. Prá ficar por nossa conta sem poder plantar do jeito que nós tava acostumado eu num quiz ... Que garantia que eu ia de ter? ... Meu genro também falou que prá ele num ia de valer a pena [...]. Vimos que tinha um lugar melhor e viemos [...]. Num foi só nós que saímos ... Tava todo mundo vindo embora [...]. Quando a agricultura fica abandonada os patrão, os fazendeiro tudo reclama ... Sai todo mundo ... Falou que depois que saímos que foi que saiu mais gente ainda [...]. Até lá deu prá aguentar, mas depois o povo lá num aguentou mais não ... Largou tudo lá, veio embora ...

No caso de Maria (B2) tudo se deveu à ausência do marido, sem o qual teve que sustentar os filhos sozinha, dependendo de um trabalho agrícola cada vez mais incerto:

"Eu teria aguentado firme se ele [o marido] tivesse ficado ali comigo que nem era a obrigação dele, junto co'a mulher e cos filho [...]. Os outro irmão dele tava tudo lá fazendo o que devia ... Eles cultivava roça deles, eles tinha a deles [...]. Eu ele me deixou lá sozinha, largada, os outro tudo que tinha que me ajudar ... Aí já era difícil ... Eu pegava a enxada e num reclamava [...]. Que nem na colheita era fácil de ganhar um dinheirinho ... Mas e quando cê queria e num aparecia nada? Aí é que era ... Tinha vez dum cunhado meu, uns conhecido, que sabiam da minha situação, eles me chamavam prá carpir ... Quantas vez eu num carpi em troca de um prato de comida pro meus filho [...]. E cê acha que eu podia ficar lá do jeito que eu tava ? ..."

Horácio (B16), que certa vez já havia abandonado a Bahia, atribuía o abandono da lavoura em São Paulo à sua incapacidade física para continuar "pegando a enxada", e a decisão de mudar coube mais a seus filhos que a ele propriamente dito, pois foi a eles que se passou a atribuir a tarefa de prover o dinheiro para a casa. Virgulino (C46) certa vez relatou o seguinte:

"Acho que se fosse esperar pelo meu pai, num sei não, acho que nunca que a gente saía de lá [...]. Ele já andava doente, tava parado, a gente já era tudo moço, então podia vim e trabalhar aqui na cidade em vez de ficar na roça [...]. Aí eu e meus irmãos vimos que as coisa num tava ficando moleza e falamos pro meu pai: olha pai, vamos de uma vez prá Campinas ... É que tinha minha irmã aqui, a Gesse [...]. Minha mãe foi a que ficou mais alegre [...]. Meu pai num queria vim, apesar que agora ele é que ia

ser o último se tivesse que sair daqui ... Nós vivia pon-  
do as coisa na cabeça dele ... Nós falava: "Pai, vamos  
embora velho, aqui na roça já num dá mais nada mesmo" [...]  
Lá na roça a pessoa trabalha o dia inteiro prá no fim  
ganhar nada [...]. Se aqui as coisa num desse certo a gen-  
te falou que voltava [...]. Pior do que tava num ia poder  
ficar de jeito nenhum ..."

Não só para os que trabalhavam na lavoura, mas também pa-  
ra aqueles que já se encontravam residindo em núcleos urbanos, como  
Noquinha (B11), que vivia em Lins, a mudança foi vista como a solu-  
ção mais viável para alguma crise de caráter pessoal ou familiar.

Qualquer que fosse o caso, o fato é que o lugar de ori-  
gem era percebido não oferecendo condições de sobrevivência, e uma  
vez atingida a cidade a forma pela qual as pessoas passavam a rela-  
tar o "como" e o "porque" do deslocamento adquiria uma incrível uni-  
formidade, fosse qual fosse a experiência vivida anteriormente por  
cada um, fosse qual fosse "a roça" que não havia "dado mais". O pe-  
ríodo compreendido entre a primeira vez que a família pensava em  
mudar, a decisão de mudar, e a mudança, propriamente ditas, tendia  
a encurtar-se em todos os casos relatados dando a impressão que tu-  
do não passava de uma instantânea, um movimento único, sem muito pla-  
nejamento nem previsão. À medida que as histórias de vida iam se de-  
senrolando é que se verificava que isso não correspondia absoluta-  
mente à verdade. Percebe-se que a possibilidade de migrar foi se  
tornando cada vez mais real para os indivíduos a partir de um cer-  
to momento de suas vidas, fortalecendo uma idéia que mais tarde veio  
a ser tratada como razão de consenso no meio rural, qual seja, de  
que todos aqueles que vivem no campo "trabalhando co'a enxada" aca-  
bam fatalmente tendo de ir para a cidade, onde as "coisas" são bem  
"melhor".

"AQUI É MELHOR, NÉ?"

O fato do "agora" ser visto como sendo "melhor", dava-se porque as condições gerais de vida eram invariavelmente analisadas pela ótica do consumo, ótica esta que é preciso ser levada em consideração por mais relativa e superficial que a consideremos. As pessoas, fossem quais fossem suas atividades no passado, concordavam todas que "tudo" na cidade era "mais fácil", que nela havia "mais conforto" e os "sacrifícios" que tinham que ser feitos para se obter qualquer coisa eram menores. Poucos eram os pontos que provocavam discórdia e a respeito dos quais encontrei divergências de opiniões. O caso da alimentação, por exemplo, foi o único em relação ao qual foi possível assinalar fortes diferenças dependendo da condição anterior daquele que estivesse falando. Isto é, os meeiros e pequenos sitiantes, em geral, haviam desfrutado no passado de uma dieta mais rica e variada do que aquela dos assalariados rurais, fossem eles mensalistas ou "volantes".

Os primeiros nunca deixavam de relatar que costumavam consumir leite e ovos de maneira frequente e regular, bem como tinham mais acesso à carne, principalmente a de frango e porco. Os outros, vivendo fundamentalmente do que conseguiam ganhar por ocasião das colheitas, quando então um número maior de pessoas da família conseguia ganhar algum dinheiro, alimentavam-se daquilo que fosse básico e tradicional na área onde viviam, e as dietas não variavam muito de local para local, com predomínio de mandioca, milho, arroz e feijão, sendo que linguiça e batata frita eram as "misturas" mais comuns para aqueles de Minas e São Paulo, e carne seca para os dos Estados do Nordeste.

O padrão alimentar para aqueles que estavam acostumados a comer melhor "antes" havia piorado sensivelmente na cidade, pois lei

te, ovos e carne de certa qualidade vieram a se tornar produtos difíceis de serem adquiridos. Para os que estavam acostumados a uma dieta menos rica havia ocorrido uma melhoria, pois diziam quando a vontade de comer alguma coisa "apertava" ou quando era necessário adquirir o leite para algum recém-nascido, havia "mais jeito" de fazê-lo na cidade. Resumidamente falando no caso particular da alimentação, parece ter havido uma nivelção por baixo, em que chegou a piorar a situação daqueles que estavam se alimentando melhor no passado. As pessoas que me fizeram referências mais precisas sobre o fato, entretanto, achavam que este problema era compensado em razão de outras mercadorias que podiam adquirir no meio urbano, em então por outras vantagens, tais como médico, possibilidade de comprar um lote, escola, etc.

Já os pontos a respeito dos quais havia unanimidade quando queriam referir-se à "melhoria" de vida eram sempre aqueles relativos a empregos melhor remunerados, saúde, escola, transporte e comunicações em geral. Facilidade em relação aos serviços de saúde e escola eram sempre alinhados entre aqueles fatores que mais haviam motivado a mudança para a cidade, sendo citados com muita ênfase quando eram as mulheres que conversavam e explicavam as coisas. Os homens acentuavam mais a questão de melhores empregos e maior segurança para criar a família. Embora todos se referissem muito ao transporte (leia-se ônibus), a impressão que se tinha é que a real noção de sua importância e necessidade só havia ocorrido depois que as pessoas já se encontravam na cidade, ou seja, em função do lugar de moradia relacionado ao local de trabalho. Saúde e escola, pelo contrário, já eram facilidades tidas em alto conceito desde o "tempo da roça" por mais imprecisas que fossem tais noções.

Quanto aos meios de informação e comunicação, estes também passaram a ser altamente valorizados a partir de uma vivência urbana, e era a partir de certas noções "modernas", transmitidas incessantemente que as pessoas que já haviam se acostumado na cidade diziam que o "povo da roça" não "sabe de nada", "é tudo ignorante", é "caipira", ao passo que na cidade as pessoas são mais "espertas" e não são tão "tontas", "bobas" ou "gijas", sabendo "se virar" para conseguir aquilo que desejam, bens e produtos em geral de melhor aparência atualizados e diferentes de tudo que alguma vez tiveram. A televisão era o meio mais acatado para impor modas e opiniões, vindo em seguida o rádio e a leitura de revistas "de amor" (fotonovelas). Principalmente entre os mais jovens a modernização ocorria através de um acompanhamento paralelo das modas vigentes, tais como calça boca-sino, vestido mini-saia, blusa frente única, penteado estilo "afro" (\*) e expressões de gíria em geral ultrapassadas. A aquisição de hábitos "moderninhos", como diziam, não se fazia acompanhar pela capacidade satisfatória das pessoas manipularem os fatores que poderiam levar à elevação de sua situação legal de trabalho ou então ao encaminhamento mais adequado das petições que gostariam que as autoridades realizassem em relação ao bairro ou às condições gerais de vida. A própria maneira indistinta com que viam os diferentes níveis de autoridade governamental, que mencionamos anteriormente serve para ilustrar quão deformante era o tipo de informação governamental, que mencionamos anteriormente, serve para ilustrar quão deformante era o tipo de informação que estava sendo passada para estas pessoas, e quão parco, se levarmos em conta algumas já se encontrando há mais de 10 anos na cidade. (24)

---

(\*) Utilizado pelos rapazes não pelas moças, que preferiam "alisar" o cabelo ou então "fazer touca".

Mas era o fator trabalho, ou melhor dizendo, a forma como ele poderia ser encontrado na cidade, que constituía a principal razão de preferirem todos a vida urbana. Era na cidade que se encontravam as melhores oportunidades para que um número maior de pessoas da família trabalhasse, ganhasse mais e desempenhasse tarefas mais fáceis. "É só quem nunca pegou numa enxada que se queixa dessa moleza daqui", disse-me um dos moradores mais idosos, expressando-se a respeito de um fato sobre o qual velhos e moços discutiam muito. Os mais jovens eram os que mais reclamações faziam sobre as condições atuais de vida, e os mais idosos os acusavam de se "queixarem à toa". Tais queixas referiam-se ao bairro, aos barracos, ao transporte, aos salários, às dificuldades que tinham para adquirir o que queriam e divertirem-se do jeito que desejavam.

Em oposição a isto, os pais, ou aqueles das gerações mais antiga, que haviam trabalhado "duro" na agricultura, apelavam para o que acreditavam constituir a evidência mais concreta do sucesso na cidade, ou seja, o lote que estava sendo adquirido ou a casa que estava sendo construída. Mesmo para aqueles que ainda não possuíam nem um nem outro a simples possibilidade de virem a tê-los servia de estímulo. Fundamentavam sua crença na experiência dos outros e no orgulho que nunca teriam isso se não tivessem sido "juízo" e vontade de trabalhar, ao invés de ficar só reclamando. Daí ser muito comum que atribuíssem a falha na obtenção de um "canto prá morar", à preguiça, ao azar, ou qualquer fator de ordem puramente pessoal ou circunstancial.

Resumindo, é possível afirmar que as pessoas não se consideravam apenas em melhor situação do que anteriormente, mas pensavam também que socialmente estavam melhor situados do que aqueles que continuavam sendo "bobos", "ignorantes", "atrasados" e "caipi-

ras", que persistiam a morar na "roça", no "sítio" ou no "meio do mato".

CHEGAR, VIR E TRAZER; MANDAR

BUSCAR, APARECER, ETC.

A REDE EM AÇÃO

Todos consideravam que ter parentes e conhecidos na cidade era uma vantagem que podia ser utiliza-

da não apenas no momento da chegada mas também depois, quando estavam tentando se fixar no meio urbano, "virando-se" para arrumar emprego, moradia e desfrutar de certas facilidades tais como serviços de saúde, comércio, escola para as crianças, etc. Durante o deslocamento, entretanto, e período imediatamente posterior à chegada, a possibilidade de contar ou não com parentes adquiria conotações muito mais significantes, pois implicava tanto em economia de dinheiro, evitando gastos inúteis e excessivos, quanto de tempo, dando às pessoas mais sossego para buscar empregos e locais de moradia. Assim sendo, sempre que aparecia uma situação em que as pessoas podiam contar com parentes para qualquer que fosse o fim, desde uma simples orientação até a oferta de um lugar para ficar, tais laços eram amplamente utilizados no bairro.

A maior parte das pessoas que viviam até havia chegado até a cidade, e principalmente o bairro, por interferência de algum parente, fosse na qualidade de "trazido" ou "mandado buscar", ou então haviam seguido alguma sugestão e simplesmente "aparecido". Quando não, tratava-se de pessoas que estavam pensando em promover a vinda de alguém ou que já haviam concretizado parcial ou totalmente tal aspiração. Embora todos declarassem que ter parentes perto era "melhor" e era "bom" principalmente aqueles ligados por laços mais próximos, e em que pese os esforços que faziam para ajudar no que po-

podiam, não creio que seja possível afirmar que tais manipulações refletissem uma tendência consciente e deliberada de estabelecer na cidade formas tradicionais de associação. Não quero com isto dizer que tais esforços não resultassem em articulações organizadas, extremamente coesas em alguns casos e com profundas implicações para melhor entender as relações vigentes no chamado setor marginal da população.

Creio que as formas de enfrentamento através da cooperação familiar não constituíam tendências para o reestabelecimento de antigas formas de associação porque, em primeiro lugar, quando ainda as pessoas viviam no campo, exercendo atividades rurais, as formas familiares já não eram tão diferentes daquelas que mais tarde se redefiniriam na cidade. Ou seja, as "formas tradicionais" de parentesco, conforme classicamente entendidas, determinadas a partir de certo cooperativismo grupal e familiar, já se encontravam ausentes antes que as pessoas migrassem para a cidade. O que existia era simplesmente um sistema residencial que aproximava grupos domésticos ligados por laços consanguíneos muito próximos, principalmente pais e filhos. Tal aproximação, por sua vez, dava-se quase sempre em função de roças comuns ou próximas que tinham que ser "tocadas". Assim sendo, embora faltar evidências para descrever melhor a organização social no campo, talvez eu não erre muito em dizer que seria um tanto quanto absurdo acreditar que as pessoas estariam tentando reproduzir na cidade modelos de relações com as quais não se encontravam anteriormente familiarizadas.

Em segundo lugar, embora não se possa negar a importância dos laços de parentesco na cidade, sua continuada manipulação se fundamentava em deveres e obrigações que emanavam de situações vividas num contexto urbano, atual, e não a partir de condições exclusi

vamente estipuladas por questões de nascimento, casamento ou qualquer outro fator que não tivesse imediata relação com vivência daqueles que se encontravam diretamente envolvidos numa dada rede de solidariedade. O que vale dizer que nem todo parente, consanguíneo ou afim, apenas por gozar de tal situação tinha garantida a sua participação dentro de uma rede em que estivessem envolvidos pessoas, ou pessoa, da família, assim como o fato de alguém não ser parente não implicava, automaticamente, que estivesse impedido de participar de uma dada rede em que predominassem os laços de parentesco. Muitas uniões conjugais feitas entre pessoas do bairro foram precedidas de boas relações de vizinhança de suas respectivas famílias, que continuaram se vendo, após a aliança, como bons vizinhos, mais do que como parentes.

O mais provável é que, estruturalmente falando, fosse mais viável que as pessoas se tornassem amigas (\*) de parentes do que de não-parentes, e daí ser mais frequente encontrar grupos (redes) compostos sobretudo de pessoas unidas por laços de parentesco. Assim sendo, quando um parente agia de forma considerada incorreta, era imediatamente taxado de "estranho", ("parece um estranho", diziam, em oposição a ser que nem da família), e "estranhos" ou "outros", de "fora", de outra família, passavam imediatamente a ser identificados como "que nem da família" quando boas relações de vizinhança ou trabalho passavam a se estabelecer.

O fato mais notável, porém, era que embora as redes dentro das quais as pessoas se encontrassem envolvidas pudessem conter, tanto no campo quanto na cidade, pessoas "de fora", isto é, não-pa-

---

(\*) Na verdade, estou utilizando a palavra "amiga" a partir de uma categorização alheia aos moradores locais, que pouco ou nenhum uso faziam do termo no sentido aqui empregado. "Gente boa", "prestetiva", gente ou pessoa que nunca "negou nada", eram as expressões mais usadas.

rentes, a manipulação dos laços durante o deslocamento do grupo tendia a ocorrer a partir da ênfase do parentesco, chegando mesmo a reativar relações que não eram assim tão manifestas, como ocorreu entre Antonia e Maria, por exemplo, interrompidas em função do tempo que haviam passado sem se ver, ou então como ocorreu entre Zé e seus parentes afins de Mato Grosso, que até então haviam gozado de pouca familiaridade. Nada disso, entretanto, constituiu-se em barreira quando uns e outros houveram por bem manipular os laços através dos quais encontravam-se unidos. No caso específico do Jardim Londres fica mais ou menos claro que, em dadas situações, ou as pessoas recorriam à rede de parentesco que já existia na cidade, ou então tinham que "se virar" sozinhas, o que poderia significar entrar com desvantagens maiores do que as necessárias no processo de fixação urbana.

Apenas a cuidadosa e detalhada história da migração de vários grupos é que poderia levar ao conhecimento das exatas condições em que o fato ocorreu, dos fatores que mais atuaram para provocá-la e a forma pela qual grupos conjugais, pessoas isoladas, ou grupos mais extensos relacionaram-se durante o decorrer do processo, considerando-se tanto os que partiram quanto os que já estavam localizados na cidade. O presente trabalho, evidentemente, não dá conta disso, pois ele de forma alguma pretendeu ser um estudo exaustivo sobre os processos de migração. Ainda assim, a partir do observado foi possível constatar que certas expressões eram comum e frequentemente empregadas para descrever como as pessoas haviam acabado por estar na cidade. Mais ainda no caso de algumas delas sua utilização sistemática servia para caracterizar a posição das partes (indivíduos ou grupos) envolvidos "vis-a-vis" umas às outras. Entre tais expressões estavam, por exemplo, "chegar", "trazer", "vir", "mandar

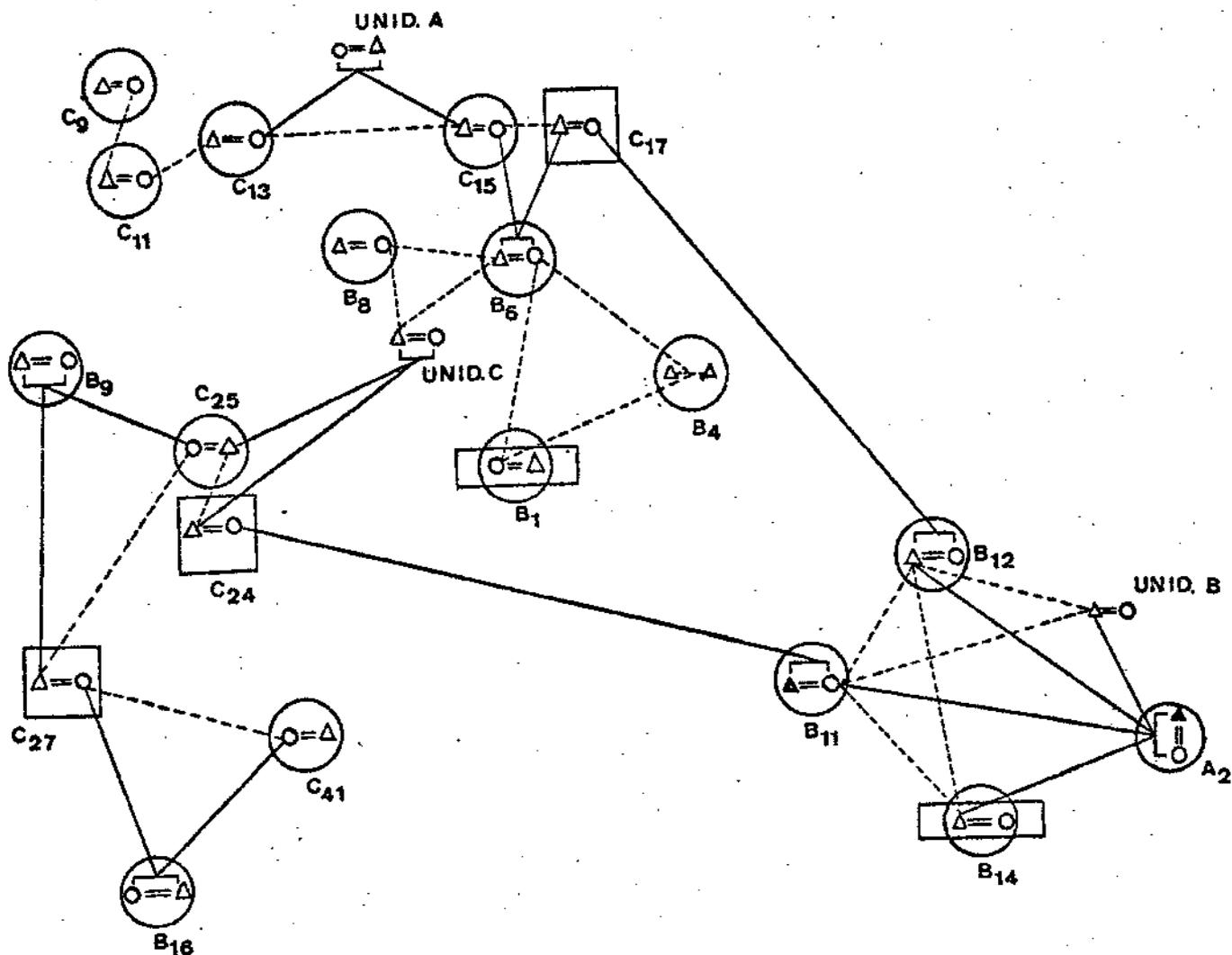
buscar" e "aparecer", que eram as mais utilizadas, e creio que não há nenhuma outra forma que seja mais adequada para definir as eventuais relações de simetria e assimetria verificadas no interior das redes do que aquela que leva em consideração as situações em que tais termos eram utilizados.

O pessoal de Juarez, por exemplo, fazia absoluta questão de dizer que "veio trazido" por Maria, que por sua vez afirmava sempre que os havia "trazido" de onde estavam. Quanto a Maria e Martinho, diziam que haviam "vindo" para Campinas juntamente com os filhos dele, enquanto que os filhos dela foram "buscados" em São Paulo. Entre o grupo de Lins existia consenso que Nestor havia "falado" para os irmãos "virem" para Campinas, enquanto que no caso de Dona Cândida havia sido "mandada buscar" por Nestor e Noêmia.

Baseando a discussão nos relatos apresentados pelas pessoas desse grupo de parentesco vou tentar, nas páginas seguintes, discutir de forma mais esquemática como se articulou a rede da qual faziam parte e quais os elementos que atuaram para que ela apresentasse uma dada configuração. (25)

Sem perder de vista a Figura 4, que mostra detalhadamente o lugar de cada indivíduo na genealogia do grupo estudado, as Figuras 5 e 6 servem para dar idéia mais dinâmica da forma pela qual se articulou a rede durante a mudança de "lá" ("roça", "sítio", "interior") para "cá" ("cidade"). Ao invés de indicar as articulações feitas levando-se em consideração pessoas isoladas, as figuras procuram focalizar a articulação que houve entre os vários grupos domésticos, uns em relação aos outros, mesmo quando o ele que existe entre eles foi determinado exclusivamente pela presença de um indivíduo específico e não da unidade como um todo, rigorosamente falando.

Figura 5 - Articulação da Rede de Acordo com os Laços de Parentesco.



--- Relação de "sibling" entre algum dos membros principais das Unidades

— Relação de filiação

Unidade A

Unidade B Não residem na cidade

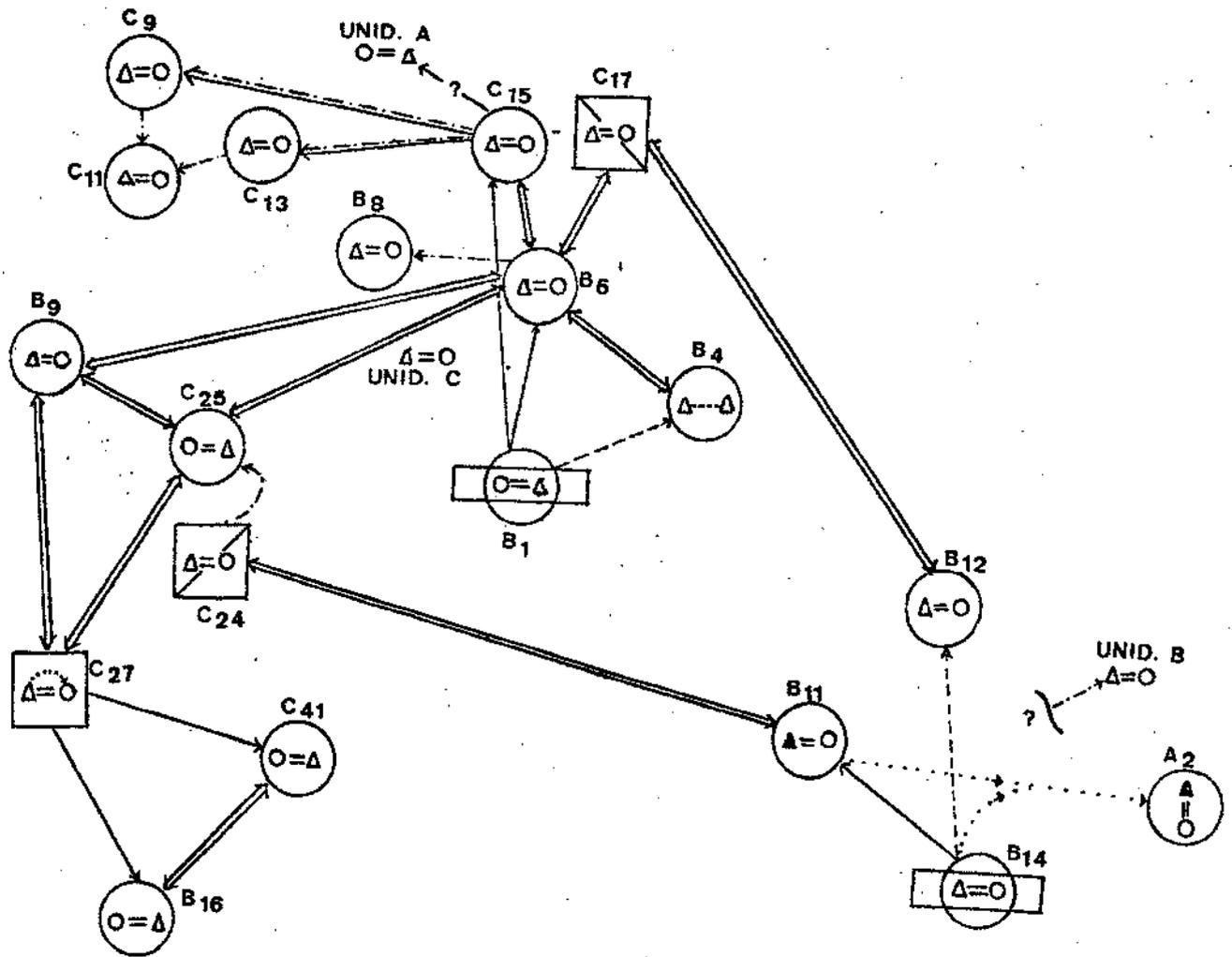
Unidade C

 Uniões efetuadas antes da mudança para Campinas

 Uniões efetuadas após a mudança para Campinas

 Unidades que chegaram "primeiro", propiciando a vinda de outras

Figura 6 - Articulação da Rede de Acordo com a Forma Pela Qual as Pessoas "Chegavam".



—— "Trazer"; "vir trazido"

--- "Trazer"; "vir trazido" (não reconhecido por uma das partes envolvidas)

==== "Vir junto"; "por causa"

..... "Mandar buscar"; "mandar vir"

— · — · — "Aparecer" (em inferioridade de condições)

— · — · — "Aparecer" (em igualdade ou superioridade de condições)

$O=\Delta$  Uniões efetuadas antes da mudança para Campinas

$\Delta=O$  Uniões efetuadas após a mudança para Campinas

$\Delta=O$  Unidades que chegaram "primeiro", propiciando a vinda de outras

De acordo com os depoimentos do grupo familiar estudado a Unidade B1(\*) foi a primeira que "chegou" até Campinas, e após um período de permanência na cidade, quando "achou" que podia, Maria "falou" com o marido a respeito dos irmãos que há anos não via, principalmente sobre a irmã, e da vontade que tinha de visitá-los. A idéia de "trazê-los" para Campinas ocorreu após, ou durante a visita, ocasião em que as condições de vida de ambas as partes foram observadas e discutidas, mas, mesmo assim, cerca de 1 ano se passou entre esta visita e a vinda de Juarez e seu grupo (Unidades B6, B4 e C16).

Tanto a Unidade B6 quando a Unidade C15, reconheciam abertamente que quem as havia "trazido" fora a Unidade B1, embora, no caso da Unidade C15 a razão da vinda estivesse mais diretamente vinculada às razões da Unidade B6, ou seja, Helena e Zé viram-se na contingência de optar entre ir para o Mato Grosso com a família dele, ou para Campinas com Juarez e Antonia. No caso o laço mãe/filha prevaleceu e reforçou a matrilateralidade que já vinha se verificando no empenho que Maria vinha fazendo no sentido de levar Antonia e "seu pessoal" para Campinas. Eventualmente, as falhas em reconhecer esses esforços, ocorreram por parte dos homens, e deu-se quando Pedro (Unidade B4) absteram-se de colaborar de forma satisfatória na construção da casa de Maria e Martino. Pedro, aliás, desde o início havia se recusado a aceitar o fato de haver sido "trazido", preferindo a expressão "ter vindo". O grupo, entretanto, não concordava com esse modo de ver as coisas e rotulava Pedro de ter sido sempre "meio esquisito". Quando longe dos ouvidos dos demais membros da fa

---

(\*) O número de cada unidade corresponde ao número que a pessoa recebeu na Figura 4, levando-se em consideração o número do homem, quando se trata de grupo conjugal, ou do principal elemento presente, quando não se trata de grupo conjugal. As letras A, B, C e D, indicam a geração, também conforme o especificado na Figura 4.

mília, mesmo dos de João, Pedro costumava falar mais livremente de seus planos e neles não se achava incluída nenhuma obrigação por nenhum parente. A respeito de sua "chegada" ele declarou certa vez:

"Essa minha irmã, a Maria, é que foi que ajudou quando nós chegamos aqui [...] Foi bom mais prá Tonha que também é mulher [...] É que fazia tempo que nós num via Maria e irmã sempre gosta de tá perto uma da outra, uma ajuda a outra [...] Ajudou porque a Tonha e o Juarez tinha criança-da, hoje tão tudo grandão [...] A Lena também tinha os de la, já viu, criança-da sempre dá trabalho [...] Co'a Maria aí, prá mulherada ficava mais folgado, podia ter calma prá ver as coisa, num tinha que ter pressa prá arrumar as coisa, cê sabe, né? [...] Por mim eu já tinha pensado até muito antes de largar tudo e vimbora ... Eu é que até já tinha falado prá eles [...] Aquilo lá já num dava mais, era teima de ficar lá trabalhando que nem uns bobo [...] Co negócio da Maria aparecer boi bom porque ela aí começou por coisa na cabeça deles também até que acabou tudo vindo embora duma vez [...] Lá tava tudo acostumado morar perto um do outro [...] O João, esse [irmão] que mora comigo acho que nunca que ele largava da Tonha, num sei [...] Eu por minha parte já tinha até falado com uns colega meu de lá que eu ia largar aquilo tudo de qualquer jeito que eu num queria mais saber [...] Que nem fala aí eu tava mais prá lá do que prá cá ... Só que é o contrário, né?, acho que eu tava era mais prá cá, isso sim ..."

Esta forma de ver as coisas levava-o a agir de forma tal que seu nível de atuação, em que pesem as relações de troca no interior do grupo, estava sempre aquém do que os demais esperava, provocando com isso críticas constantes. Pedro, por seu lado, cada vez afastava-se mais do grupo familiar, e nos últimos tempos em que estive no bairro encontrei-o bem poucas vezes entre os familiares, e quando o encontrava ele sempre dizia que estava querendo se mudar

dali, possibilidade que se tornou muito remota em 1973 em virtude de alguns maus negócios (\*).

Outros elemento desse grupo cuja atuação nunca foi vista como satisfatória era Neco (Unidade C17), filho de Juarez e Antonia, casado com Lurdes. Tal insatisfação não ocorreu logo por ocasião da chegada, pois Neco ainda era solteiro, muito jovem, e sua abstenção de certas tarefas nas quais todo o grupo se empenhava era creditada, vamos assim dizer, pelos serviços prestados por Juarez e Antonia, que eram seus pais. Foi mais tarde, quando ele já era "homem", trabalhava e estava quase para se casar que sua atuação passada e presente começou a ser comentada. Sua fama de "esquisito" começou a se estabelecer de uma vez por todas durante a construção da casa de Maria, e acabou por se firmar nos trabalhos de cooperação para as casas de Zé, Juarez e Nestor (Ver A Construção). Nas vezes em que se manifestou a respeito Neco sempre disse que "achava" que não "de via obrigação" para ninguém, pois ele era bem capaz de se "virar" por si e que teria vindo embora do "sítio" mais cedo ou mais tarde. Considera que no caso de seus pais e de Zé e Helena era tudo diferente, pois tinham família e não poderiam haver se "arrumado" tão facilmente se não fosse por Maria e Claudionor.

Existem ainda outros termos que aparecem ligados à chegada que servem para definir melhor a situação. Tal é o caso do "pessoal" do compadre Francisco (Unidade B9) que "chegou" a Campinas "junto" com o "pessoal" de Juarez e que incluía, além de sua unidade doméstica, a unidade constituída por sua filha Ana e o marido Mané (Unidade C25), e sobrinho de Juarez. Admitia-se que o "pessoal" de

(\*) Pedro e João, como já foi mencionado antes, possuíam uma barracinha de verduras. Embora rendesse pouco era suficiente para que ambos vivessem razoavelmente. As coisas pioraram, porém, quando Pedro "cismou" de comprar uma Kombi de 2ª mão que deu uma série de despesas extras, chegando mesmo a endividá-los.

Francisco não havia sido "trazido" por ninguém, mas, por outro lado, todos concordavam que eles haviam "vindo" para Campinas, e particularmente para o bairro, "por causa" de Juarez e Antonia, porque achavam que seria "melhor" vir juntos e "ficar perto de conhecidos" já que não conheciam ninguém na cidade.

O vínculo da Unidade B9 com as demais (principalmente B6, C15, C27, C11, B16 e C41) eram tão fortes que mesmo quando Ana "virou biscate" e todos no bairro começaram a "falar mal" dela, o elo entre as famílias se manteve, e houve a preocupação conjunta de preservar a noção de honradez dos pais e irmãos dela eximindo-se da conduta da moça. A mesma complacência não foi demonstrada pelo grupo em relação a Mané, o marido, que pouco a pouco deixou de aparecer na casa do tio, do irmão, e dos cunhados para assim não "passar vergonha". Horácio (Unidade B16), resumiu desta forma os laços que uniam Francisco e Zefa aos demais:

"O compadre é gente boa ... Tem muita gente boa que tá morando aqui nesse lado ... Que nem tem lá o pessoal do Juarez também ... Tudo gente pobre mas é tudo honesto, cê sabe ... É gente que se conhece desde que morava tudo no sítio carpindo [...] É tudo gente direita, trabalhadora ... Hoje em dia num é fácil de ver gente boa assim não ... Num tou falando que num tem, mas que num é fácil num é, principalmente num lugar que nem que é na cidade ...

No que se refere a Horácio e Lindaura e a Leôncio e Auxílio (Unidades B16 e C41, respectivamente) foram "trazidos" pela Unidade C27, composta de Augusto e Gesse, e a razão mais frequentemente dada foi que a filha não conseguia ficar longe da mãe. Os filhos de Horácio, porém, embora reconhecessem o papel fundamental desempenhado por Gesse e Augusto, não deixavam de mencionar a vontade

que estavam tendo de "vir" embora. Por ocasião da "chegada" Gesse e Augusto moravam junto com Francisco e Zefa e não havia possibilidade física dos recém-chegados se instalarem no mesmo lote, pois nos fundos já residiam Ana e Mané. Tal medida, aliás, não foi sequer cogitada, já que a amizade que unia estes dois grupos seria suficiente para abrigar o pessoal de Gesse por 1 ou 2 dias, mas não mais do que isto. Tanto Horácio quanto Leôncio estavam sem condições de dar entrada num lote ou de pagar aluguel, e optaram por instalar suas respectivas famílias no "terreno da Prefeitura". Para tanto, foram informados por Augusto, Mané e outros conhecidos que não haveria problemas em morarem ali, que não se preocupassem em pedir autorização a quem quer que fosse. Quanto a Gesse, ela "falou" com Augusto e ele aceitou a idéia de morar no "terreno da Prefeitura", de forma que ela pudesse ficar mais perto dos pais e irmãos e longe de Ana, a irmã com quem Augusto "andava" discutindo muito.

Em todos esses casos predominaram atos de "trazer", "vir", "vir junto", "vir por causa", que parecem apontar para uma relação assimétrica, uma vez que quem "chega" deve obrigações para quem "traz", "recebe na casa", "ajuda" ou "aconselha". A retribuição desse ato podia ser quase imediata, através de pequenos favores cotidianos, mas a dívida só era considerada saldada quando um favor igualmente significativo era prestado e isto podia levar algum tempo, até as pessoas se "firmarem" no emprego e na cidade. Maria e Martinho, por exemplo, só receberam retribuição equivalente anos mais tarde, por ocasião da construção de sua casa de alvenaria.

Já no caso de Gesse que vivia em Campinas com o marido, o deslocamento para a cidade me foi descrito de forma diferente (Unidade C27). Não se dizia que ela havia "vindo", mas sim que ela havia sido "trazida" ou "mandada buscar" pelo então noivo, Augusto.

Como eles haviam "fugido" para casar, diziam que Augusto havia "pegado ela", "fugido com ela" e "trazido ela para Campinas", onde chegaram já casados. Quando a história era contada com menos detalhes dizia-se que Augusto, depois de acertar a vida em Campinas, havia "mandado buscar" a noiva.

A expressão "mandar buscar" era frequentemente usada no bairro quase que para definir apenas a vinda de mulheres, crianças e velhos a partir da iniciativa de indivíduos ou grupos já residentes na cidade. No caso da Unidade A, por exemplo, (pais de Zé, C15, morando ainda em Mato Grosso), falava-se muito em "mandar buscá-los", assim como, no caso de Dona Cândi 1 (Unidade A2), dizia-se que ela havia sido "mandada buscar" por seus filhos Nestor (Unidade B14) e Noquinha (Unidade B11).

Nesses casos, era comum que os eventuais atos de retribuição que fossem prestados, partissem de outros elementos da rede e não propriamente daqueles que estavam recebendo diretamente a obrigação, isto porque, quase sempre, estes não se encontravam em condições materiais para tanto. No caso de velhos e jovens a dívida podia ser paga através de pequenos serviços em casa. Além disso, como ocorreu claramente no caso de Dona Cândida, em oposição a "mandar buscar" existia também a categoria "mandar para" que no caso era Campinas, para a casa de alguém, que livrava quem estava "mandando" dos encargos de "olhar" ou tomar conta de quem estava sendo "mandado". Por exemplo: "mandar buscar" Dona Cândida significou um favor prestado a Jair (Unidade B) que ficou, assim, em dívida para com os irmãos residentes em Campinas, que assumiram a responsabilidade de cuidar da mãe. Enquanto a mãe vivia com Jair em Lins e antes, com Maria e Ciço, os demais é que haviam estado em dívida com eles. Um dos focos da discórdia de Maria (B13), esposa de Ciço (B12), em re-

lação à família do marido, era justamente o fato de seu trabalho nunca haver sido "reconhecido" por ninguém enquanto a sogra esteve com ela. Pelo contrário, havia sido muito criticado e nunca ninguém havia lhe "agradecido" de nada.

O mesmo era esperado que acontecesse no futuro, em relação aos pais de Zé (Unidades A e C15, respectivamente), caso fossem "mandados buscar" pelo filho. A retribuição, quando e se houver, de verá então vir por parte dos outros irmãos, embora ninguém soubesse dizer no presente como ela se daria. O que ficava claro através das palavras de Zé e Helena era a forma como se sentiriam diante da possibilidade de não haver "reconhecimento" por parte dos demais, fosse ele demonstrado por palavras ou ações, pois já na ocasião do casamento de um irmão de Zé, ocorrido em Mato Grosso, e para o qual se calculava que o gasto havia sido superior ao necessário, Helena comentou que:

"Ele fez um casamento que custou um dinherão só prá se mostrar ... Sabe que os velho num tão bem que as coisa tudo num tão bem mas num sei, parece que só pensa em gastar dinheiro [...] Quando nós fomos prá lá os velho se queixaram que até o Zé falou que o melhor jeito era trazer eles prá cá duma vez [...] E que ainda tem essa irmã deles que vai casar, antes tinha esse que casou e o Zé queria terminar de arrumar nossa casa também por que assim dava prá começar a deles aí no fundo ... Por isso que teve que esperar. Aí ainda chegou essa irmã dele, co marido [C13; C14] foi uma bagunça [...] E depois ainda que apareceu a irmã de meu cunhado [C11; C12] que foi que fez mais bagunça ainda lá em casa [...] E cê vê esse irmão dele, em vez de ajudar, de economizar um pouquinho, ainda por cima fica gastando dinheiro no que num tinha que gastar ..."

A roça a que se referiram em Mato Grosso era um sítio de propriedade dos "velhos", mas "trabalhada" também pelo irmão, e por isso seria de se esperar que os gastos de deslocamento dos pais para Campinas fossem pelo menos divididos entre os irmãos. O irmão de Zé, entretanto, dizia estar passando por uma ocasião difícil, havendo se casado recentemente, enquanto que Zé e Helena eram considerados pela família dele como pessoas que já haviam se "ajeitado" na cidade. A dívida da rede — no caso rede parcial compreendida pela família de Zé — aumentou ainda mais em relação à Unidade C15 com o "aparecimento", em Campinas, de sua irmã e do marido (Cida, C14; Bastião, C13) seguidos logo depois pela irmã de Bastião e seu marido (Luzia, C12; Cito, C11) (\*) que compõem, respectivamente, as Unidades C13 e C11.

"Aparecer" constitui outra modalidade, ou outra categoria de "chegar" muito comum no bairro. No caso da irmã de Zé ela rompeu um pouco a regra do jogo, pois o esperado era que viesse com os pais, ou então, só depois deles. A existência da criança doente certamente serviu como fator para justificar tanta pressa e embora tenha sido aceito não deixou de ser visto como um pretexto, pois as pessoas sempre que mencionavam o fato faziam questão de dizer que "eles apareceram aí de repente, diz que foi por causa da criança que não esperaram mais".

Assim como havia ocorrido com Zé e Helena, que por chegarem a Campinas acompanhando Juarez e Antonia, contraíram obrigações para com Maria e Martinho, o mesmo aconteceu para Dito e Luíza, que,

(\*) Luzia e Dito ficaram pouco tempo na cidade, logo retornando para Mato Grosso. Mas em 1975, enquanto viviam no bairro foi que Nei e Lina (C9; C10) "apareceram", sendo que ela era irmã de Dito. Zé e Helena ajudaram-nos também a se instalar e, entre Lina e Helena estabeleceu-se um bom relacionamento, que veio até a afastar a cunhada Cida, irmã de Zé, que passou a não frequentar mais a casa do irmão nem a conversar tanto como costumava com as outras duas.

ao "aparecerem" na cidade, fizeram-no porque Bastião e Cida já aí se encontravam, mas contraíram obrigações para com Zé e Helena, que receberam e orientaram o novo casal no "comecinho".

De maneira geral, "aparecer" ou "chegar", sem ser "traído", parecia justificar-se em duas situações: primeira, quando a pessoa ou o grupo estavam passando por uma crise no lugar de origem e mesmo sem condições de retribuição imediata, ou sem que pré-existissem condições de saldo a seu favor, colocavam-se em situação de dívida, em relação aos demais. O caso da irmã de Zé foi um exemplo típico. Poder-se-ia pensar na recusa da Unidade C15 em ajudar, mas se tal ocorresse haveria com certeza um enfraquecimento entre os laços que uniam estas pessoas e que poderia repercutir em todo o grupo, pois essa atitude não "ficaria bem", implicaria em que Zé e Helena eram "muito orgulhosos", que não "precisavam" mais dos parentes pobres, nem "olhavam" mais para eles (\*). Por outro lado, poderia também implicar que o casal estava recusando o "status" privilegiado de pessoas em condições de ajudar que os demais estavam lhes atribuindo publicamente e do qual tanto Helena quanto Zé se orgulhavam muito, ressaltando-o através de frases como: "agora é que é a vez da gente ajudar eles", ou, "a gente fala deles mas não é por mal, coitados, eles estão pior que nós, não podemos se queixar".

Uma segunda possibilidade que justificaria "aparecer" estava em oposição ao significado dessa primeira, pois podia ser que as pessoas "aparecessem" exatamente pelo contrário, porque estavam bem e em condições mais ou menos iguais aos que já se encontravam residindo no bairro. Teoricamente, vamos dizer, tal circunstância po-

---

(\*) As pessoas, quando se referiam a casos em que isso havia ocorrido costumavam dizer que "tem gente que depois que fica rico pensa que nem precisa mais olhar para quem está pobre". Ficar rico, no caso, significava estar "indo bem na cidade", ou seja, ter um emprego estável, estar pagando o lote ou construindo a casa.

deria chegar a dispensar os aspectos materiais de auxílio que os parentes pudessem oferecer. De fato, porém, tal condição nunca foi suficiente para impedir que outras formas de solidariedade se tornassem manifestas quando as pessoas a isso se predispunham, tais como conselhos sobre preços de aluguel, compra de lote, informações sobre locais de trabalho, documentação e sobre locais de comércio, agências governamentais, hospitalares, etc. Mesmo a permanência na casa de alguém durante um curto período de tempo não estava fora de questão para os que poderiam estar numa situação relativamente folgada.

Isto aconteceu, por exemplo, quando Noquinha (Unidade B11) e Ciço (Unidade B12) "vieram" para Campinas, onde já estava Nestor (Unidade B14) embora sem nenhuma condição material de ajudá-los. Entretanto, como ele e Joana já conheciam a cidade, encontravam-se aptos a "falar" para os outros sobre as questões referentes à moradia, emprego, previdência social, agências de saúde, escolas, hospitais, etc. A própria mudança de Nestor e Joana havia ocorrido de forma muito particular, pois apesar de não contarem com ninguém conhecido na cidade, Nestor tinha emprego garantido, e entre as pessoas que conheci no bairro, raras eram aquelas que haviam feito a mudança do "interior", ou da "roça" para a "cidade" com tanta margem de segurança. Neste aspecto, Nestor era visto como uma pessoa que havia tido muita "sorte".

Uma situação semelhante foi a que ocorreu com Alzira e Orestes (Unidade B8) que se encontravam em situação igual, ou melhor, que os parentes de Campinas, que no caso eram Juarez e Antonia, e os sobrinhos. A família de Orestes, graças ao pequeno estabelecimento comercial que possuíam em Paranapuã, eram tidos e havidos como gozando de boa situação financeira, já que o homem não era empregado de ninguém e nem trabalhava na lavoura. Mas com os filhos

crescendo e "as coisas rendendo muito pouco", resolveram mudar para a cidade e a escolha de Campinas, e do Jardim Londres em particular, havia se dado porque aí "já tinha o irmão" de Alzira e porque sabiam que na cidade haveria facilidade para os filhos arrumarem emprego. Chegaram, e durante um mês, aproximadamente, moraram no cômodo construído no quintal de Juarez "pagando" aluguel a Pedro e João. (Oficialmente aos dois, mas sempre Feiro é que era mencionado como agente de transação). Adquiriram, depois de algum tempo, um lote ali mesmo no bairro e construíram a casa, sendo que Zé foi o pedreiro e Bastião seu ajudante.

Embora se tratasse de uma família relativamente favorecida isto não significou que houve dispensa dos laços de solidariedade fornecidos pela rede de parentesco. Pelo contrário, o que ocorreu foi uma reafirmação deles. É verdade que Orestes e Alzira poderiam haver optado por nem "chegar" ao Jardim Londres (como se temia que Jair, irmão de Nestor, poderia vir a fazer), mas tal atitude implicaria, por outro lado, que também não poderiam contar com nenhuma retaguarda e por um período indeterminado de tempo a família passaria a ser uma unidade isolada na cidade até que formasse novos laços no meio urbano. Esta posição dificilmente era assumida pois, como todos diziam, o "comecinho" é que era sempre "pior".

#### A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS MATRILATERAIS

Os laços de parentesco jogam um papel determinante não só no caso do grupo estudado como eram também evidentes em outras famílias do bairro. Mais, porém do que os laços de parentesco de maneira geral, aqueles que apareciam como relevantes eram os que indicavam bastante proximidade, tais como os de filiação e "sibling", com ênfase nos laços

matrilaterais, isto é, eram eles que quase sempre parecem haver implicado nas manifestações mais intensas e persistentes de solidariedade no interior do grupo. Tal constatação pode ser circunstancial, fruto dos dados se basearem, em grande parte, nas informações fornecidas por mulheres. Não obstante, acredito que razões estruturais encontravam-se subjacentes à configuração que as redes de relações tendiam a assumir, ressaltando as ações contidas na esfera de influência feminina. Tais laços eram os únicos que apresentavam capacidade de manter a coesão grupal em nível mais estreito e, provavelmente, tinham sua significação acentuada na medida em que outros laços de solidariedade e união se encontravam ausentes, laços de natureza mais formal, tais como sindicatos, associações de bairro, religiosos ou outros quaisquer.

Esta peculiaridade dos laços traduzia-se em ações do cotidiano e fazia com que a maior parte das ações de troca tivessem efeito no interior da esfera doméstica, isto é, fossem aí melhor definidas. De acordo com a própria divisão de trabalho local, a casa, a esfera dos negócios domésticos, era domínio feminino por excelência, sendo que o homem dominava os negócios referentes à esfera da "rua", de "fora de casa", e a mulher cuidava dos negócios internos, inclusive a gerência do dinheiro. Apenas em casos de crises familiares, que implicasse na incapacidade física ou mental do marido, e ausência do homem, é que estas determinações eram rompidas ou temporariamente subvertidas. Assim sendo, a regra entre as famílias locais era que a mulher surgia-se como protagonista importante no interior da rede, já que as tarefas mais constantes para sua manutenção (troca de pequenos favores, "fofocas", etc.) caíam dentro de sua esfera específica de ação. Mesmo quando parentes do lado do marido eram mais numerosos do que parentes do lado da mulher, a forma

mais comum de um casal manter atuantes os laços que os uniam aos demais membros da rede era através do bom relacionamento entre as mulheres da família. Quando isso deixava de acontecer a unidade doméstica ficava mais ou menos isolada, tal como sucedera com Maria e Cigo (B12; B13). A atuação de Maria dentro da rede, prestando e recebendo favores, sendo "reconhecida", tornou-se mais evidente quando a filha Lu (C34) casou-se com Neco (C17), filho de Juarez. O último emprego que ela havia arranjado, por exemplo, foram através de Helena, irmã de Neco, e as pessoas com quem ela mais interagira eram a filha, Antonia, que morava no mesmo lote que Lu e Neco e Helena. Apesar de Joana e Nestor morarem pegado ao lote de Juarez e Noquinha um pouco adiante, nenhum deles era visitado regularmente por Maria.

A própria forma de deslocamento já havia posto em ação a rede de parentesco e havia se constituído numa oportunidade para que as mulheres (enquanto esposas e mães) desempenhassem um papel decisivo na escolha do local para onde deveria se dirigir a unidade doméstica da qual faziam parte. Ou seja, é inegável que foram razões estruturais que determinaram a saída do grupo do campo para um centro industrial, mais estável. A nível dessas determinações, a ação da massa migratória surge como um resultado apenas, sem nenhuma possibilidade das pessoas atuarem para alterar o impacto das determinações estruturais sobre suas vidas. Mas, sem negar esse pressuposto fundamental, também é inegável que quando a análise se detém na maneira pela qual as pessoas foram solucionando ("se viraram") as crises é que algumas distinções e particularidades marcantes são encontradas. Tomando as devidas precauções para que tal tarefa não se limite à simples enumeração de casos, cada um mais particularizante que o outro, poder-se-ia, levando-se em conta diferentes tipos de bairro e áreas rurais bem determinadas, estabelecer certas regulari

dades a respeito das formas de organização, da "história" mesmo da classe baixa, em geral apontada como desorganizada e desintegrada.

(26) (27)

Voltando à discussão dos laços de parentesco, com ênfase na matrilateralidade, e tomando o caso específico do Jardim Londres, as relações ainda mais ativas eram aquelas entre mãe /filha e irmã/ /irmã. Além das práticas mais comuns de solidariedade (lavar roupa para a outra pessoa, ir a algum lugar junto, "tomar conta" de alguém ou alguma coisa para a outra, etc.), tais laços entre as mulheres da mesma família eram frequentemente reforçados pela firme crença de que "com os de fora", "com estranhos", "com os outros", jamais encontrariam a mesma abnegação e confiança. As palavras de uma das mulheres do bairro reflete esta forma de ver as coisas:

"Se eu tivesse que sair, de deixar meus filho com alguém, num sei não, acho que num ia de ter coragem ... Apesar de tá cheio de mulher que trabalha e larga os filho tudo em casa ... Quando é caso de precisão, quê que vai fazer, né? [...]. Deus me livre, largar meus filho com estranho ... É bom essas mulher que trabalha e que tem a mãe que pode olhar os filho ... Se minha mãe morasse aqui comigo eu pegava e ia trabalhar ... Eu já falei isso prá ele [o marido] ... Apesar da minha so ra agora tá morando aqui no Londres também, e num caso de precisão já tá tudo perto [...]. Mas nem com ela eu tenho muita coragem de deixar meus filho ... Num é prá dizer que ela num cuida deles ... Mas cê sabe, né?, sogra é parente mas também num é ... Num é que nem a mãe da gente [...]. Se acontece uma coisa a pessoa já pode falar, já fica de ponta, pode intrigar ..."

Tal afirmação revela uma regra preferencial do bairro, que de forma alguma excluía outras alternativas, pois parentes afins e mesmo vizinhos mais chegados, frequentemente se encarregavam de

"tomar conta" de crianças e prestar uma série de outros favores.<sup>(28)</sup>

Outra situação em que a preferência pela presença da mãe ou irmã era expressa pelas mulheres era quando falavam sobre quem gostariam que estivesse ali perto delas, ou de quem sentiam "falta" ou "saúde", quando o grupo encontrava-se ainda separado, apenas com planos de "vir" ou "trazer". Os homens (maridos) diziam ser "claro" que mãe e filha quizessem ficar perto uma da outra, pois "mulher é assim mesmo desse jeito", "mulher gosta disso", "mulher é que liga prá essas coisas". Quando o casal vivia junto com uma das sogras havia menos queixas e conflitos quando se tratava da mãe da mulher. As dificuldades entre sogra e genro, ou sogra e nora, emanavam de "defeitos" atribuídos ao homem ou então à mulher, tais como, o alcoolismo, o fato do homem ser "vagabundo" (não trabalhar), da mulher ser relaxada (não cuidar "direito" dos filhos ou da casa), de um deles não prestar ("andar" com outra mulher ou outro homem). A simples presença da sogra (ou de qualquer outra pessoa que residisse junto com o casal) não poderia ser considerada como principal fonte de disputa, embora muitas vezes ajudasse a alimentá-la ao "tomar partido" de uma das partes.

De maneira geral, as mulheres atribuíam sua preferência por morar junto, próximo, ou "nos fundos" de alguma irmã ou da mãe, ao fato delas não serem "gente estranha", "diferente", "esquisita", ou "com outros jeitos". Segundo elas, pessoas dentro dessas categorias poderiam provocar "confusão", "briga de criança" e haveria o perigo de "uma mulher querer se intrometer na vida da outra". Assim mesmo, a tendência era no sentido de "morar perto" mais do que "morar junto", quando se tratava de outra unidade residencial, havendo preferência pelas fórmulas de nuclearização da família ou da limitadamente extensa, que admitia a inclusão de apenas mais um membro no

grupo nuclear.

A bem da verdade, quando se leva em conta que a maior parte das ações resultantes de morar "junto" ou "com", acabam incidindo no campo doméstico, vale a pena considerar a opinião das mulheres, respeitando na medida do possível as afirmações que por mais de uma vez ouvi expressas, ou seja, que "muita mulher dentro de casa só dá briga", ou então aquilo que disse Helena (C16) certa vez:

"Parente perto é bom, mas não se fica toda hora se metendo ... A pessoa nunca tá contente do jeito que ela quer ... Se a família tá tudo longe, sente falta, tá toda hora falando ... Quando vê eles é aquela festa [..] Se é prá ficar perto é bom porque numa hora que precisa já tá perto, mas já viu, né?, se fica se metendo muito já vai e dá briga".

PARENTES E  
NÃO-PARENTES

Durante o trabalho de campo procurei observar as diferenças que as pessoas do bairro faziam no tratamento dado a parentes e não-parentes e verifiquei que nem sempre o mesmo termo era aplicado a determinada pessoa, sendo que a variação ocorria em função daquilo que estava servindo como ponto de referência para a discussão em que ela era mencionada. Assim sendo, o termo "outros" podia ser aplicado circunstancialmente a parentes, sendo bem raro que o mesmo acontecesse com as expressões "de fora" ou "estranhos". Da mesma forma, as expressões "que nem se fosse da família", ou "que nem se fosse irmã", por exemplo, podiam e eram frequentemente usadas para definir pessoas muito "chegadas" a alguém ou a um grupo familiar.

"Ser da família" indicava, quase sempre, laços consanguíneos e laços de união ou casamento. A mãe, o pai, os irmãos, os tios, maternos e paternos, os filhos, o marido e a mulher, todos eram "da

família". "Minha gente", "meu pessoal", "pessoal" do meu pai ou da minha mãe, era como costumavam referir. "Ser parente", por outro lado, implicava numa gama mais extensa de relações, atingindo as pessoas com as quais determinado indivíduo possuía laços próximos de afinidade, como por exemplo genros, noras e cunhados. Quanto se tratava de laços afins mais distantes dificilmente havia reconhecimento de parentesco por melhores que fossem as relações entre as pessoas. Isso ocorria sem qualquer intenção de hostilidade ou conflito, mas era que a extensão de até onde se reconhecia alguém como parente cessava em dado ponto, não incluindo determinados graus. (\*)

A categoria "outros" nem sempre se referia a "estranhos", podendo ser alguém simplesmente de fora do núcleo conjugal principal. Tomando por exemplo o casal Zé e Helena (C15;C16), é possível ilustrar melhor o ponto em discussão. Quando se referia à questão residencial, ambos admitiam que já haviam morado com "os outros", no caso os pais de Zé, logo no início do casamento, no campo, e depois os pais de Helena, no Jardim Londres. Helena, quando se referia aos pais e irmãos mencionava sempre o grau de parentesco entre eles ("meu pai", "minha mãe", "meu irmão aquele", etc.), e o mesmo fazia Zé ("meu sogro", "meu cunhado"), só que Helena os reconhecia como sendo "tudo minha família", "meu pessoal", e Zé os reconhecia como sendo "tudo parente". Invertendo as posições, o mesmo se dava quando a "gente da família do Zé" era mencionada por Helena.

Helena reconhecia, sem nenhuma dificuldade, o parentesco com os irmãos de seus pais, e referia-se a eles como "tios". O mesmo em relação aos primos, filhos desses tios e tias. Já para referir-se aos maridos e esposas desses tios havia necessidade de melho

---

(\*) Quando se tratava de indicar um parente, ou então "gente da família", a existência de conflito não impedia o reconhecimento do fato.

res explicações. Quando se referia, por exemplo, a Orestes (B8), marido de Alzira, dizia "meu tio", mas sentia imediata necessidade de esclarecer que se tratava de "meu tio casado com a minha tia, irmã do meu pai", ou qualquer outra frase que indicasse tal fato. Zé, por sua vez, não chamava nem Orestes nem Alzira de "tios", preferindo a forma "senhor", "senhora", "vocês", ou então nenhum pronome, quando se dirigia a eles diretamente (\*). Este grau de parentesco entre as pessoas provocava, em geral, incerteza na forma de tratamento entre elas, quando se tratava de laços recém-estabelecidos, ou reestabelecidos, e embora os mais velhos não hesitassem em chamar os mais novos de vocês (você, no singular), já os sobrinhos por afinidade, como Zé em relação a Orestes, variavam muito na forma de tratamento até fixar-se definitivamente em alguma, em geral "senhor" e "senhora". O fator de geração mais velha e mais nova era então considerado, aliando-o ao fator de pouca intimidade (contato pouco frequente). Quando as pessoas eram da mesma geração o tratamento era mais fácil de ser definido.

Quando Cida (C14), irmã de Zé, "apareceu", Helena apresentou-a como "minha cunhada", e ao marido como "meu cunhado" e "marido da minha cunhada". Em relação aos laços de afinidade de Helena com a família de Zé não havia nenhuma dificuldade de tratamento, já que não havia tios ou tias presentes (\*\*).

---

(\*) Caso perguntasse ou dissesse alguma coisa, dizia por exemplo: "Quer isso?", ou então: "Vocês preferem ...?", "Vocês é que sabem", "Vocês trabalham", etc.

(\*\*) O caso de Martinho era aquele cuja forma de tratamento era a mais incerta. Ele era marido consensual de Maria (B2) e isso requeria, por parte de todos, um pouco mais de explicações, já que não era "marido de verdade" dela mas sim o "homem" com quem ela vivia". Imediatamente, porém, era colocado que se tratava de um "homem muito bom", "muito trabalhador", que foi "mais marido" para Maria do que o outro. Os homens, Juarez, Zé e outros, nunca discutiam tal assunto comigo. Outros parentes de Martinho nunca foram citados.

Onde não havia reconhecimento de parentesco, pelo menos em conversas e comentários, era, por exemplo, em relação a Francisco e Josefa (B9;B10) e Cigo e Maria (B16;B17), embora Helena mencionasse que Ana (C26) e Irene (C21) fossem casadas com seus primos e Iu (C34) era referida como sendo sua cunhada. Zé não fazia menção de reconhecer o parentesco entre ele e essas pessoas, exceto por Iu, casada com seu cunhado Neco (C17). As demais pessoas eram referidas pelo casal como sendo "gente tudo amiga", "tudo conhecida". É verdade que quando se tentava demonstrar para qualquer um deles, Helena ou Zé, através de um raciocínio lógico, porque Auxílio e Leôncio (C41;C42), por exemplo, vinham a ser parentes, não havia recusa de nenhum deles em reconhecer tal "lógica" mas isto não implicava em que, de fato, se considerassem "primos". Da mesma forma, por ocasião de casamentos, havia muita brincadeira sobre quem "de agora em diante" havia "entrado para a família" (que no fundo não passava da aplicação do tal raciocínio lógico), mas no dia-a-dia, em seguida às bodas, a forma de tratamento retornava ao padrão usual. Nestor (B14), no casamento de Iu e Neco fez muitas brincadeiras com Maria (B2), Pedro (B4), dona Aurora (A1), Neco (C17) e Antonia (B5) enquanto esteve sentada perto dele a respeito dos novos laços de parentesco que os uniam, mas na verdade, nos meses que se seguiram, apenas Neco era visto como parente ("casado com minha sobrinha"), sendo que o laço reconhecido como mais forte entre ele e o "pessoal de Neco" (e de Juarez, por conseguinte) era o de amizade.

É interessante notar que o elevado número de namoros entre pessoas ali mesmo do bairro, alguns resultando em casamento, não era entendido como alianças que transformassem em parentes os membros de cada uma das famílias envolvidas, mas era antes visto mais como outro sinal de amizade entre as pessoas, caso as famílias já

se dessem bem, ou então como o início de novos relacionamentos com "conhecidos" na cidade. Caso as famílias dos noivos morassem distantes uma das outra, em outro bairro, ou na cidade, tais laços raramente chegavam a se estreitar. É verdade que tais pessoas deixavam de ser totalmente "estranhos" umas para as outras, mas continuavam sendo "os outros", com a diferença de que alguns viravam "parentes" por estarem em graus próximos de parentesco com quem havia se casado e entrado para família, mas assim mesmo o mais frequente era que fossem apontados como "parentes do meu irmão", "parentes do marido da minha tia", e assim por diante.

Tanto "parentes" quanto "da família", assim como "outros" e "estranhos", eram categorias bastante amplas e, dentre elas, as mais categóricas ou talvez mais específicas, fosse "família", de um lado, e "estranhos" de outro, que implicava na presença ou ausência de laços de sangue e nenhum de afinidade. As categorias de "parentes do marido da minha tia", e assim por diante.

Tanto "parentes" quanto "da família", assim como "outros" e "estranhos", eram categorias bastante amplas e, dentre elas, as mais categóricas ou talvez mais específicas, fosse "família", de um lado, e "estranhos" de outro, que implicava na presença ou ausência de laços de sangue e nenhum de afinidade. As categorias de "parentes" e "outros" já eram de certa forma mais indefinidas, não esclarecendo "a priori" se "outros" referia-se a "parentes" (reconhecidos ou não-reconhecidos) ou não, nem se "parentes" eram da "família" (consanguíneos e cônjuge) ou afins. Certa vez, por exemplo, na casa de Nestor saiu uma discussão em que dona Cândida (A2) dizia que "marido não é parente" mas não houve absolutamente maioria para apoiá-la. A certa altura houve confusão em virtude de Joana achar que "só quando não é marido e mulher de verdade", é que as pessoas deixam de ser

parentes, o que levou à enumeração de vários exemplos de casais estáveis, vivendo consensualmente, o que os deixava bastante confusos. Perguntei à Joana se ela considerava Nestor seu parente e ela respondeu:

"Eu acho que ele é ... Ele é meu marido ... Apesar que é de outra família ... Mas é parente, é marido ..."

Perguntei se considerava dona Cândida como parente:

"Ela também é ... Todo mundo que é da família do Nestor é meu parente ..."

Perguntei se achava que seus filhos fossem seus parentes:

"É porque é tudo a mesma família ... É que nem co marido ... É uma família, uma casa ... Filho é mais da família da pessoa, do pai, da mãe ... Num sei ... É difícil de falar ... Acho que é por causa do sangue, tudo igual, dos dois, tem o sangue da mãe e do pai ..."

Perguntei se a mãe dela era parente:

"Mãe então é que é a mais parente da gente ... É que nem as irmãs da gente ... É parente, não é que não seja, só que é mais do que é parente ... É da mesma família, tem tudo o mesmo sangue ... Cê num vê? Família briga mas tá sempre ali ... Já com parente dá mais encrenca ... Um não entende o jeito do outro ..."

Ninguém presente discordou das afirmações de Joana, muito pelo contrário, ela foi ajudada quando tentava se explicar, e estavam presentes dona Cândida (A2), Antonia (B5), Nestor (B14), Joana (B15), Neco (C17), Irene (C31), os filhos de Nestor e Joana, Chi

ção (G24), o irmão de Nestor de Lins (Jair) e a mulher, e uma vizinha ali do bairro, Rute.

O mais comum de ocorrer era que embora muitas pessoas pudessem ser reconhecidas como parentes, a forma de tratamento entre elas variava, podendo ser mais ou menos cerimoniosa dependendo como foi dito anteriormente, dos fatores idade e sexo e, também, do grau de parentesco e tempo de conhecimento. Os mais velhos tratavam os mais novos por "você" quando os conheciam bem ou quanto tinham imediata noção de quem se tratava. No meu caso por exemplo, embora todos acabassem por me chamar de "você", não raro iniciavam o conhecimento dizendo "senhora" ou "senhorita" (este último era um tratamento exclusivamente utilizado pelo sexo masculino). Os mais novos invariavelmente tratavam os mais velhos por "senhor" e "senhora". Em alguns casos onde podia predominar a "joking-relationship" as formas de "senhor" ou "senhora", podiam ser substituídas pelo nome próprio, mas mesmo nessas relações, quando o pronome era usado, o tratamento de "senhor" e "senhora" continuava inalterável.

Havia mais liberdade de tratamento nas relações intra-sexos, mas ela se encontrava praticamente ausente nas relações inter-sexos, pontificando, em ambos os casos, o tratamento por "senhor" e "senhora" e a colocação de "dona" ou "seu", antes do nome, apelido ou sobrenome da pessoa com quem se estivesse falando. Quando se tratava de pessoas aparentadas em geral ocorria o seguinte:

a) Relação entre cunhados e cunhadas: Em geral tratavam-se por você e, caso não existisse nenhum conflito entre as pessoas, tinham muita liberdade ins com os outros nas relações intra-sexos. Com os cunhados e concunhados ocorria o mesmo. Já entre cunhada e cunhado havia bastante cerimônia, embora o tratamento fosse informal (você), predominando a "joking-relationship" quando o relacionamento era ex

tremamente amigável.

b) Irmãos e irmãs: O relacionamento era completamente informal mas havendo, a partir da puberdade, uma separação de sexos que tornava distante os irmãos das irmãs. O irmão assumia o papel de vigiar a irmã, ajudando o pai nessa função. A moça que tivesse um irmão ou um pai que "não ligasse prá nada" era considerada presa fácil de homens sem-vergonha ou mal intencionados. Tal vigilância era fonte de constantes conflitos durante a adolescência e em geral durava até o casamento de um deles. Quando se prolongava para além disso o conflito podia resultar em fissão, com discussões e atos violentos de parte a parte. Era comum que quando adultos, já pais e mães de família, recordassem a severidade ("chatice") deles e das formas que haviam assumido no passado e costumavam rir muito. De qualquer maneira, após a adolescência e durante a idade adulta tendiam a manter distância uns dos outros em tudo que se referisse a "coisas de homem" e "coisas de mulher", e embora houvesse trocas de frases maliciosas e falassem determinados palavrões, o clima vigente era mais de sub-entendidos do que propriamente daquilo que se poderia denominar diálogo irrestrito ou mesmo de confidências.

No que se referia ao sexo, as irmãs trocavam muitas informações entre si, ou então com as "colegas" mais chegadas, e na fase adulta chegavam a descrever várias particularidades das relações sexuais que mantinham com os maridos, bem como outras particularidades destes mesmos maridos. Já os homens, apesar da minha pouca intimidade com eles, parece que tinham grande facilidade em falar com os irmãos ou outros homens a respeito de "biscates" e "dessas mulheres" tanto quando eram solteiros quanto quando eram casados, mas raramente detalhavam aspectos de sua própria esposa ou das

relações que mantinham com elas, preferindo fazer alarde de sua própria masculinidade.

c) Primos e primas: Na infância não havia muita distinção de tratamento entre os que eram primos e os que eram irmãos, mas a partir da adolescência os primeiros passavam a ser encarados como possíveis namorados, fossem eles primos cruzados ou paralelos. Nunca vi nenhuma restrição imposta à força quando namoros entre primos se iniciavam, mas o mais comum, era que parentes, vizinhos e conhecidos comesçassem a prevenir contra casamentos entre primos "muito chegados", "primos carnais", ou "primos-irmãos", dizendo que tais uniões resultavam em "sangue fraco", havendo grande possibilidade dos filhos nascerem "defeituosos", "meio assim", "bobos" e "não regularem da cabeça". Em oposição a tais histórias havia os que se lembravam de outros casos envolvendo uniões semelhantes, mas em relação aos quais nada havia acontecido. (29)

Quando adultos e já casados, primos de ambos os sexos passavam a ser tratados como se fossem cunhados e cunhadas, respectivamente, mantendo uma certa distância mas com grande dose de "joking-relationship" entre si. Estou, é óbvio, referindo-me aos primos que permaneciam dentro de uma rede mais ou menos constantes de relações, pois entre aqueles que ficavam distantes no tempo e no espaço havia muita cerimônia quando eram vistos e visitados.

d) Relação entre tios e sobrinhos e "mais velhos" em geral: O tratamento era em geral respeitoso, havendo menos formalidade quando se tratava de tios e sobrinhos que viviam próximo independente do sexo. Ao contrário do que acontecia entre pessoas que eram primas e cunhadas entre si, cujo tratamento era às vezes incerto, variando do cerimonioso para o informal, isto não acontecia com tios, pais, avós

e "mais velhos" em geral (ou "mais novos"), onde o fator geração auxiliava, ou determinava mesmo, na definição do tratamento. Nesse caso, as mulheres permitiam-se muitas brincadeiras, frases maliciosas e "intrometimento" em relação aos homens mais jovens, e estes com elas. O contrário porém não acontecia quase nunca, isto é, a mesma sem-cerimônia de homens mais velhos com moças mais jovens, e vice-versa.

Faltam-me dados e conhecimentos suficientes para discorrer mais sobre o assunto, mas em todo caso, é possível afirmar que em todas as relações entre sexos diferentes (excetuando crianças) estava subjacente a idéia que havia que "ter respeito" no tratamento entre homens e mulheres, que as mulheres não podiam "dar muita confiança" para os homens, já que todos sabiam "como que os homens são". Diziam que a mulher é que tem que "se dar o respeito" porque assim nenhum homem "se mete" com ela. Assim mesmo, ressaltavam que sempre existem uns "mais confiados". Era preciso "tomar cuidado", porque certos assuntos, muito contato físico e gestos muito exagerados podiam levar a que certos homens "pensassem mal" das mulheres, assim como moças que tinham muita liberdade com moços, mesmo que fossem "colegas", primos ou irmãos, podiam "dar o que pensar" ou "fazer" com que os outros "pensassem mal", caso as pessoas que os observassem não estivessem a par das relações entre eles, ou fosse gente que "gosta de falar". A extrema informalidade que os mais velhos ("coroas") notavam nos jovens "de hoje" era razão de muitas críticas, pois "de primeiro os modos eram outros", sem "essa coisa de muita bracidade" (contato físico) entre eles, conforme me disse uma das mães.

e) Ausência de Parentes: A ausência de parentes na cidade, como já foi anteriormente dito, era considerada um infortúnio, "azar", e uma desvantagem para os que precisassem de alguém "numa necessidade"

ou em "hora de precisão". (30)

Mais importante do que contar com parentes na cidade, porém, era tê-los bem próximo, se possível no próprio bairro, ou então em alguns dos bairros vizinhos, onde o acesso fosse mais fácil e a distância pudesse ser percorrida a pé. Na impossibilidade disso, quando as pessoas moravam distantes e podiam ser vistas apenas de vez em quando, era então comum que bons laços de vizinhança fossem estabelecidos e utilizados, sendo muito frequentes o uso de expressões que definiam certos vizinhos como sendo "de casa", ou "que nem da família", implicando com isso relações muito intensas entre as partes envolvidas.

Não quero com isso dizer que sempre que havia uma ativa e ampla rede de parentesco local (tal qual o grupo que foi particularmente estudado a partir de Maria e Martinho) havia um sistemático fechamento para qualquer outra relação, fosse ela de vizinhança ou de trabalho, mesmo porque, não se viam todos como realmente parentes. Havia, portanto, "gente da família", "parentes", "gente muito amiga", "muito chegada" ou "da casa", e "bons vizinhos", que era a categoria que tanto podia indicar proximidade geográfica em relação à pessoa que estava falando quanto em relação a alguém muito próximo dela, em geral mãe ou irmã.

Uma razão adicional para que tais redes de parentesco não ficassem fechadas para pessoas "de fora", era que todo aquele que não possuía uma rede própria de parentesco a qual pudesse recorrer tendia a se tornar uma espécie de apêndice de alguma pessoa ou unidade familiar local, passando de bom vizinho para a categoria de "gente muito chegada" e acabando por se tornar bem relacionada com vários membros da rede deste outro.

As mulheres, nesse caso, quando mais ou menos da mesma idade, diziam "se dar bem que nem irmãs". Quando mais novas, afirmavam que gostavam das mais velhas "que nem mães" e estas, por sua vez, consideravam as mais jovens "que nem filhas". Os homens se diziam "colegas" entre si, e homens e mulheres mantinham respeitável distância em relação uns aos outros, exceção feita no tratamento entre mulheres mais velhas e homens bem mais novos em que era possível estabelecer-se uma relação filial. Entre mulheres adultas e crianças era frequente que, de acordo com a idade, se estabelecesse uma relação tipo tia/sobrinho, ou avó/neto, mas já a relação tipo avô/neto era bem menos frequente.

Esta forma de "aparentar" as pessoas umas com as outras, levava ao exagero de algumas práticas. Era mais frequente, por exemplo, encontrar certas vizinhas na casa de outra vizinha, "de passagem", do que os próprios parentes da pessoa. Da mesma forma, expressões e falas que indicam formas de "joking-relationship" eram muitas vezes mais frequentes entre pessoas que mantinham esta relação de não-parentesco do que entre membros da mesma família.

A presença de um grupo limitado de pessoas que se valiam entre si, por menor que ele fosse, representava, principalmente, uma espécie de seguro contra riscos menores, ou então um ponto de apoio em momentos bem determinados, de curta duração, mas sem que fosse suficientemente forte para neutralizar outros tipos de problemas. Assim sendo, no momento da chegada à cidade, por ocasião de alguma doença, no momento de erguer a casa, ou no desempenho de pequenas tarefas cotidianas, tal rede era de grande valia. Mas no que se refere a crises contínuas de desemprego, ou maus empregos, incapacidade financeira para adquirir um lote ou construir a casa, educação dos filhos, cuidados com a saúde e aquisição de certos bens, havia consenso que

eram coisas que cada um tem que "ver para os seus" e não ficar esperando que os outros ajudassem. Enfim, quando as pessoas diziam que alguém "tinha sorte" porque tinham os pais, a mãe, os irmãos perto, enquanto que outros tinham "azar" porque não podiam contar com isso, isto não queria dizer que estavam atribuindo o fracasso ou o sucesso de sobrevivência na cidade unicamente a este fator.

Esta noção por outro lado, não era suficiente para que as pessoas partissem para formas alternativas de associações, mas, pelo contrário, fazia com que se tornassem, na prática, ardentes defensores da tese que privilegia o esforço pessoal e o mérito próprio como únicos responsáveis pelas conquistas conseguidas pelos indivíduos. Negavam, sem nunca haver participado de nenhuma dessas experiências, a validade de associações de bairro, religiosas, partidárias legais, sindicais, ou quaisquer outras porque acreditavam que as pessoas que faziam parte delas não "deixam as coisas funcionar direito", "não ligam para quem precisa". Acreditavam, também, que se tratava de locais (ou "coisas", como diziam) que "só quer saber de dinheiro", fazendo as pessoas perder tempo", sem que "adiantem para nada". Isto era o que invariavelmente diziam durante uma conversa informal. Quando questionadas de forma específica sobre tais organismos ou sobre o conhecimento real que tinham sobre eles tendiam a dizer que "seria bom se essas coisas funcionassem direito na prática", pois em si não eram tão ruins. Faziam questão, porém, de afirmar que de nada valia a pessoa ficar esperando por "ajuda de fora" se ela mesma não fosse esforçada e trabalhadora. Levadas por esse raciocínio não chegavam ao ponto de fugir de forma totalmente individualista, mas antes a aprovar formas individualizantes de vida. Valorizavam bastante qualquer traço que indicasse, segundo sua maneira de ver as coisas, sucesso e adaptação à cidade, bem como tudo que fosse "moderno" e o "melhor", tal

como a aquisição da casa própria. Tal fato implicaria que não teriam mais que "viver tudo amontoadó" e poderiam partir para a nuclearização da família, para formas menos controladas de amizades entre mulheres e entre homens e mulheres (principalmente entre os adolescentes). Poderia significar que o marido deixaria a mulher trabalhar fora assim como poderia implicar em coisas bem mais materiais, como a aquisição de certos bens, como televisão (principalmente), móveis, geladeira e fogão à gás.

É importante salientar que não tinham nenhuma idéia pré-concebida de retomar, na cidade, formas tradicionais de vida, pois como foi dito anteriormente, o uso que faziam da rede de parentesco era em função de necessidades urbanas e não de expectativas alimentadas no passado. Por outro lado, falando em sentido amplo, mesmo aqueles que possuíam uma extensa rede de parentesco, como é o caso do grupo que foi discutido, não se encontravam menos disponíveis para aceitar "gente de fora" em seu círculo do que estariam aqueles sem parentes próximos. Assim sendo, no momento da chegada a rede podia envolver um número maior de parentes próximos, mas durante a construção da casa, que ocorria após um certo tempo de permanência na cidade, ela já incluía "colegas" e parentes afins, que nem sempre eram reconhecidos como tal, como se verá em seguida.

PARTE QUARTA

A CONSTRUÇÃO

Ao se tratar dos aspectos referentes à moradia foram descritas as formas mais comuns que as pessoas do bairro encontravam para resolver seu problema de moradia. Há, porém, um aspecto muito significativo que não foi ali discutido, por merecer, em minha opinião, uma discussão à parte. Trata-se do modo como as pessoas efetivamente trabalhavam para erguer a casa, "fazê-la", ou seja, com quem contavam para efetuar a tarefa e como tal recrutamento de pessoal era feito. Assim como foi feito em A CHEGADA tentarei, aqui, focalizar a discussão sobre um grupo em particular, o mesmo que serviu de base para a discussão anterior. Esta pareceu-me ser a melhor forma de discutir um dos pontos básicos desse estudo, isto é, a existência no bairro de uma rede de relações sociais ("social network") muito coesa cuja manipulação se intensifica em determinados instantes e que longe de ser meras manifestações ou prolongamentos da sociedade de "folk" ou tradicional, são, pelo contrário, mecanismos desenvolvidos ou acionados na cidade, para solucionar problemas urbanos <sup>(31)</sup>. É bem possível, portanto, que na cidade não haja um único tipo de rede, isto é, que se adeque apenas a um tipo modelo, em termos de intensidade das relações, composição, tamanho, etc., mas sim vários tipos, de acordo com a forma pela qual o próprio processo de urbanização afetou este ou aquele agrupamento populacional. Penso, por exemplo, que no caso de uma favela o caráter da rede existente deve diferir em muito daquela mais comumente encontrada no Jardim Londres, assim como é provável que em bairros antigos, cuja formação haja precedido o processo de industrialização, vamos encontrar um tipo de rede de relações sociais com características igualmente próprias, embora não se possa negar que certas particularidades comuns possam ocorrer entre

elas.

No caso específico deste trabalho foram privilegiadas duas situações muito específicas da vida dessas pessoas em decorrência de fatos que foram se evidenciando como significativos durante o trabalho de campo, não apenas sob meu ponto de vista mas, principalmente, a partir da visão fornecida pelos atores envolvidos no caso, a "gente do Londres", que foi quem veio para a cidade morar que diariamente mencionavam a chegada e a construção dois eventos em cuja consecução nenhum esforço isolado ou conjunto foi poupado.

Outro fator que levou à escolha dessas duas situações foi que o trabalho foi realizado no interior do bairro e era natural que situações pertinentes a ele e ao modo de vida das pessoas que ali viviam fossem salientadas. Quero com isso dizer que reconheço que houve falhas na apreensão de outras situações em que as mesmas pessoas estiveram envolvidas, como por exemplo no local de trabalho, mas isto se deveu mais a uma impossibilidade minha de deslocamento, e mesmo de manejo dos fatos, do que propriamente por considerar a situação de trabalho pouco importante. Poderia dizer, usando a expressão de GLUCKMAN (1964) que isto se deveu, principalmente, aos meus "limites de ingenuidade".

Também, não foi feita uma análise da rede em toda a sua extensão, compreendendo parentes e conhecidos de outros bairros e cidades, havendo ênfase na rede mais imediata e atuante (\*), constantemente referida e recorrida pelas partes envolvidas. Situações mais episódicas, como casos de coenças, cerimônias de casamento, separações e conflitos localizados, que também envolviam a rede total ou

---

(\*) O autor que tentou sistematizar a questão do envolvimento da rede em termos parciais ou totais foi Mayer (1968), através dos conceitos de "extensive" e "effective network".

parcialmente, também foram preteridos embora mencionados, aqui e ali, como ilustrações.

OS QUE ESTAVAM "ADIANTADOS", QUEM "JÁ ERA TEMPO" E QUEM ESTAVA "ATRASADO" As várias unidades que compõem o grupo de parentesco estudado não ocupavam, em termos residenciais, moradias situadas todas no mesmo estágio de construção, mas as pessoas do grupo, sem nenhuma exceção, almejavam morar no mesmo tipo de casa, ainda que fosse fora do Jardim Londres. Teria que ser uma casa de alvenaria, tipo popular e própria.

Era a seguinte a condição de moradia de cada uma das unidades e o local, de acordo com os principais membros da casa:

#### Habitando em barracos:

Juarez e Antonia	(B6;B5)	Jardim Londres
Augusto e Gesse (*)	(C27;C45)	Terreno da Prefeitura
Chicão e Irene (*)	(C24;C31)	Jardim Novos Campos Elfíseos
Horácio e Lindaura (*)	(B16;B17)	Terreno da Prefeitura
Leôncio e Auxílio	(C41;C42)	Terreno da Prefeitura
Bastião e Cida (*)	(C13;C14)	Jardim Londres
Dito e Luzia (*)	(C11;C12)	Jardim Londres
Nei e Lina (*)	(C9;C10)	Jardim Londres

#### Habitando Casas de Alvenaria:

Martinho e Maria	(B1;B2)	Jardim Londres
Zé e Helena	(C15;C16)	Jardim Londres
Neco e Lurdes	(C17;C34)	Jardim Londres
Pedro e João	(B4;B3)	Jardim Londres
Francisco e Zefa	(B9;B10)	Jardim Londres
Mané e Ana	(C25;C26)	Jardim Londres

(\*) Não constam entre as 93 unidades-base da segunda parte desse estudo.

Ciço e Maria	(B12;B13)	Jardim Londres
Cândida (*)	(A2)	Jardim Londres
Orestes e Alzira (*)	(B8;B7)	Jardim Londres

Habitando Moradias Híbridas:

Nestor e Joana	(B14;B15)	Jardim Londres
Noquinha	(B11)	Jardim Londres

O tempo que cada família, entendendo aqui grupo residencial, permanecia num dado tipo de moradia variava de acordo com as facilidades ("sorte") ou dificuldades ("azar") que as pessoas haviam tido na cidade. Havia os que estavam "adiantados com a casa", ou seja, aqueles que embora "chegados" há pouco tempo (em relação ao tempo médio de permanência no bairro dos demais parentes e vizinhos) já haviam conseguido superar vários estágios no processo de fixação. Havia aqueles que estavam "atrasados", que constituía justamente a situação oposta: pessoas vivendo há anos no bairro (em geral mais de 5 anos) não haviam conseguido, ainda, "sair daquilo", isto é, da situação "parada" em que estavam com a casa, e viviam "marcando passo" (\*\*). Aqueles que se encontravam situados de acordo com o esperado diziam que "estavam no tempo", "na hora", ou então que era "mais do que tempo" para que determinada ação fosse efetuada: a compra do lote, a construção da casa, cimentar "lá fora", "puxar" água ou luz, etc. Viviam de acordo com o esperado aqueles que, sendo "chegados de pouco", ou recém-casados, ocupavam moradias provisórias, e sendo "mais antigos" na área já se encontravam com a casa pronta, ou pelo menos bem encaminhada.

(\*) Não constam entre as 93 unidades-base da segunda parte desse estudo.

(\*\*) O termo "adiantado" era usado, mas "atrasado" não tanto, sendo que as pessoas faziam uso das expressões "sem sair disso", ou "daquilo", "marcar passo" e "não ir prá frente".

Do grupo estudado, entre os que viviam em barracos, apenas Juarez e Antonia estavam atrasados, sendo que os demais se enquadravam dentro do esperado. Dentre os que viviam em casas de alvenaria, Martinho e Maria, e Ciço e Maria, eram considerados como havendo se atrasado em relação ao esperado, sendo que quando conseguiram terminar "o principal da casa" (expressão que indicava que faltavam ainda certos acabamentos) todos comentaram que "já era mais do que tempo" deles morarem "numa casa assim", "em ordem". Orestes e Alzira, Neco e Lu, e dona Cândida, que viviam em casas de alvenaria encontravam-se adiantados em relação ao esperado. Finalmente, dentre os que viviam em casas tipo híbridas, Nestor e Joana encontravam-se atrasados em relação ao estágio que sua moradia já deveria ter alcançado, tanto pelo tempo que tinham na cidade quanto pelo tipo de serviço(es tável) de Nestor.

O atraso de Juarez foi assim explicado por ele:

"Fazer uma casa é difícil ... Até hoje num consegui sair disso [...] Quando a pessoa fica de idade já fica mais difícil de achar um serviço que pague bem ... Esse que eu tou agora num paga nada ... Se fosse mais novo aí já era mais fácil porque nunca fui de enjeitar serviço [...] É bom quando numa casa é mais que um que trabalha ... Aqui era mais eu ... Tinha o Neco mas ele num podia ajudar muito, tinha que ver as coisa dele, também tá pagando um lote dele, tava construindo uma casa aí [referia-se à casa de alvenaria construída no seu lote, e ocupada por Neco e Lu] [...] Agora é que os outros [...] tão começando [a trabalhar] ... Quero ver se aproveito prá construir a casa duma vez ... Os dois menor já tão trabalhando ... Um lá na Bosch, tá co salário e o outro tá ajudando empilhar tijolo numa construção aí, depois ele vai e vende num depósito [...] Tá com meio salário [...] Tou só esperando eles se firmar melhor prá começar aqui ... Aí num instante já acabo, vão ver [...] Quando é tu-

do menor num adianta querer que o dinheiro sobre porque ele num sobra mesmo ... Quando já tá tudo grande, tudo trabalhando, aí já dá mais folga um pouco ..." (\*)

Os demais que viviam em barracos não eram considerados como estando fora do esperado, nem eles mesmos se queixavam do fato. Ou, melhor dizendo, sabiam que em termos absolutos de vida viviam mal e dando pouco conforto aos filhos (este era o ponto mais citado), mas em termos relativos, comparando-se a parentes, vizinhos e conhecidos, não se consideravam nem pior nem melhor do que eles.

Chicão e Irene, e Augusto e Gesse, embora vivessem há mais tempo na cidade, não sentiam que o fato de habitarem barracos significava que estavam sendo mal sucedidos, isto porque eram casais recentemente formados, em fase de "começar a vida", como diziam. Chicão e Irene estavam pagando pelo lote e esperavam, até 1975, estar vivendo numa "boa casa". Augusto e Gesse, embora vivendo no "terreno da Prefeitura", esperavam ter condições para se mudarem para um lote em sociedade com Horácio no início de 1973. Augusto dizia que já havia feito "a parte dele" no que se referia aos seus pais (Francisco e Zefa), e que agora ia "tratar de cuidar da vida dele e da sua família". (Através de visitas posteriores que realizei no bairro pude verificar que ambos os casais conseguiram realizar seu intento).

Como já foi visto em outra parte deste trabalho (\*\*), havia diferenças fundamentais entre os que viviam no bairro e no "Terreno da Prefeitura", sendo que os primeiros se consideravam em muito melhor situação que os outros. Apesar de atribuírem aos moradores do

---

(\*) A casa de Juarez e Antonia, em 1975, ainda se encontrava sem acabamentos mínimos, tais como caliação nas paredes ou "vermelhão" no chão de todos os cômodos.

(\*\*) Ver Parte Segunda: No Interior do Bairro.

"Terreno da Prefeitura" em geral certas características desagradáveis, e dizerem que "lá só tinha dessas mulher", "maconheiros", "gente que a polícia anda sempre atrás", "maloqueiros", "ligeiras" (mendigos) e "miséria", faziam questão de ressaltar certas exceções à regra, que eram a "gente boa", "gente honesta", "trabalhadora", que "tinha" que viver ali por força das circunstâncias. O caso de Horácio e seu pessoal é bem típico dessa posição. O fato de haverem optado por residir algum tempo no "Terreno da Prefeitura" foi visto como prova de bom senso, como desejo de não esbanjar dinheiro e não como sinal de degradação. Todos os conhecidos lamentavam que gente tão boa tivesse que viver nessas condições, no meio de "maloqueiros", mas por outro lado concordavam que era para o próprio bem deles. Leoncio (041) explicou certa vez:

"Nós tamos pensando em comprar um lote, tudo mundo junto ... Tamos vendo uns lá nos Campos Elíseos [Jardim Novos Campos Elíseos] [...] Num é aqui perto [do Jardim Londres] é mais lá pro fim dos Campos Elíseos, mas num faz mal ... Já daí num vamos ter que pagar aluguel, só a prestação, quer dizer que já vale [...]"

Tem gente que fala de morar aqui [no Terreno da Prefeitura] mas é bobagem ... É gente que tem orgulho ... A pessoa num pode ser assim, ter esse orgulho ... Você acha que adianta num querer morar aqui e no final passar a vida inteira sem poder ter uma coisa melhor pros filho, prá família? É que nem nós, eu e meu sogro ali [referindo-se a Horácio que vivia num barraco quase pegado], se nós já tivesse querido chegar e já ir morando noutra lugar só prá num morar aqui, agora nós num ia ter dinheiro prá dar a entrada num lote ... Desse jeito não ... Do jeito que nós fizemos deu certo ... Num ano que tamos aqui deu prá economizar, ninguém passou fome e já dá prá ir pr'uma coisa melhor [...]. O mês passado fez um ano que nós chegamos [...]. Vamos comprar o lote

lá em três ... Eu, meu sogro e meu outro cunhado, marido da Gesse ... Vamos tudo morar junto no começo ... Depois conforme der cada um vai dando o jeito que pode, cada um no seu canto ... Vamos ver ..." (\*)

Quanto a Maria e Martinho, a demora para construírem sua casa se deveu a vários fatores, dentre os quais citavam o número elevado de crianças que tinham em casa e o pouco dinheiro que recebiam porque ninguém tinha idade para trabalhar ainda. À medida que os mais velhos começaram a trabalhar tudo ficou mais fácil. Maria declarou o seguinte certa vez:

"Tem uns que tem sorte ... Logo que vem, já chega, já vai mudando pr'uma casa boa ... Quem que tá bem, que pode dar um conforto prá família faz assim, né? ... Tem outros que já num dá ... Cê sabe, tem uma filharada as vezes, tem um que num pode trabalhar, é doente ... Cê sabe, pobre sempre tem uma coisa prá atrapalhar [...] Filho, principalmente, num é de brincadeira ... Inda mais que nem eu que criei os meus e o dos outro ... É, porque fui eu que criei tudo os filho dele [de Martinho] ... Eles tudo fala que eu é que sou a mãe deles [...] Sempre que quando a gente pensava que ia dar prá começar a casa, num ia e dava [...] Tinha vez que era ele que falava prá mim ter paciência, tinha vez que era eu ... Um falava pro outro ter paciência, assim que era [...] Aí então foi bom, porque minha irmã Antonia veio prá cá [para Campinas] e aí o Juarez, o pessoal dele, o Zé, tudo ajudaram prá quando foi fazer essa casa aqui ... A criançada já tava tudo grande também, tudo trabalhando, aí deu prá pensar na casa mais sossegado [...] Daí foi num instantinho ...

---

(\*) Na verdade, apenas Horácio (através de seus filhos) e Augusto, o genio, compraram o lote em sociedade. Horácio e Leonor, que tinham 6 filhos em idade de crescimento ainda residiam no "terreno da Prefeitura em 1975, tendo adiado a mudança para "quando desse mais certo".

Quer dizer, inda falta uma porção de coisa prá fazer, até hoje tem umas coisa prá arrumar aí ... Mas também depois de esperar tanto tempo, lutar tanto, até que foi parece que depressa [...] Cê tendo o material tudo, tendo umas pessoa que pega firme, até que construir uma casa num é tão difícil [...] Até eu trabalhei duro nela ... É sim ... A mulherada tudo aqui trabalha, cê num sabia? ... Pega no pesado igual que homem ... Tem que ser assim, né? ... Se quizer ter alguma coisa a pessoa num tem que ser mole ..."

Já Maria e Ciço, que foram também um daqueles que demoraram muito até poderem ter sua casa, enfrentaram problemas de outra ordem, a se acreditar em Maria e nos filhos, que foi o problema alcoolismo de Ciço. Foi só quando os filhos ficaram maiores, em condições de "defendê-la" perante o marido, bem como de trabalharem, foi que Maria conseguiu levar adiante o projeto de comprar um lote e fazer a casa.

Entre aqueles que tiveram "sorte" de construir logo suas casas estavam Neco e Lu, dona Cândida, e Orestes e Alzira. O caso de Neco era em grande parte atribuído ao seu caráter "proveitador" em relação principalmente ao pai, e Helena, sua irmã quando o irmão estava construindo a casa no lote do pai fez a seguinte observação:

"Lá em casa tá demorando pro meu pai arrumar a casa porque o que ele recebe de ordenado é pouco ... Agora é que meus irmão menor vão começar trabalhar direito [...] Quando era só meu pai num dava mesmo ... Tinha o Neco, mas o Neco já viu, né?, ele num é desses que ajuda muito mesmo ... Ele tem aquele jeito dele lá, num sei [...] Antes falava que num podia ajudar porque ia casar, agora que o casamento tá perto ele fala que tem que aprontar logo a casa [...] No fim meu pai que inda tá ajudando ele ... Co Neco num sei, é sempre assim mesmo [...] Nessa casa que ele tá fa-

zendo agora todo mundo ajudou ele ... O Zé [marido de Helena] foi lá, todo mundo [...] Mas por cima ele [Neco] fica reclamando que ninguém ajuda ele ... Num sei quê mais que ele quer [...] Ele é que num gosta de ajudar ninguém, tá sempre nervoso, num sei ... O Neco é esquisito ... Em casa o povo sempre fala que num sabe porque que ele é desse jeito dele [...] Só tá contente quando é as coisa dele que tá fazendo do jeito dele, tudo que nem ele quer, que tá todo mundo ajudando ... Se é prá pensar um nos outro ele num pensa mesmo, pode até ser meu pai e minha mãe ..."

Após o casamento de Neco, quando ele e Lu já se encontravam instalados, vários vizinhas e pessoas da família comentavam comigo que ele "vivia assim", bem instalado, "às custas do pai".

A "sorte" de dona Cândida por seu lado, estava em que embora fosse uma "mulher de idade", contava com filhos para "olhar" por ela. Apesar dela referir-se indistintamente à ajuda dos filhos, a casa que estava sendo construída era fruto apenas dos esforços de Nestor e Noquinha. O lote, porém, onde estava a casa, era dela e havia sido comprado com as economias que fizera durante anos e anos, da pensão de viúva que recebia. Pagou de uma só vez quase 2/3 do valor do terreno e o resto em prestações mensais. Os custos da construção da casa é que ficaram a cargo dos filhos, mas assim mesmo mais de Nestor (\*).

Quanto a Orestes e Alzira, "chegados de pouco", é que constituíram talvez o mais claro exemplo do que era realmente ter "sorte", e Juarez, irmão de Alzira, assim explicou a situação deles:

---

(\*) A casa da qual ela se gabava tanto e que exibia como estando sendo feita para ela resultou, ao fim e ao cabo, em 1974, numa casa de três cômodos em que apenas um foi lhe dado ocupar. Os outros dois foram alugados para uma família "estranha", e Nestor é que recebia o aluguel para a mãe.

"Minha irmã é que tá bem, o meu cunhado lá [...] Eles num precisava nem de sair de onde tava [...] Saíram mais por causa dos filho ... Por eles num precisavam nem de sair [...] Meu cunhado tinha uma venda [pequeno armazém] lá onde que eles morava ... Prá eles viver dava [...] Mas daí ele falou que os filho começaram tudo insistir que queria mudar, que queria mudar, que no fim acabaram vindo prá cá ... Meu cunhado ele já falou que prá ele aqui tá ruim, tá meio difícil de acostumar ... Tá mesmo ... Lá ele era patrão dele ... Ele falava: 'Tem que fazê isso', ele mesmo já pegava, fazia ... Se num queria fazer num fazia ... Agora não ... Aqui tem que esperar prá ver se dá, num pode ir fazendo tudo do jeito que quer ... A pessoa estranha mesmo [...] Num é, é que lá eles tavam mais ou menos ... Tinha uma casa boa, tavam sossegado ... Mudou, muda tudo [...]"

Apesar que tiveram sorte ... Co negócio dele que ele vendeu, o armazém lá, deu pro meu cunhado fazer um bom dinheiro e se arrumar aqui [...] Essa casa que o Zé [o genro] pegou prá fazer agora é deles, é da minha irmã ... Foi de empreitada [...] Eles compraram o lote, pagaram à vista e o Zé já tá lá trabalhando na casa ... Logo que ficar pronta eles já muda ... Enquanto isso tão aí [...] O Pedro alugou os cômodo daí prá eles [referia-se ao cômodo de cerca de 9m<sup>2</sup>, de tijolo, situado no lote do Juarez e que havia servido, no passado, como moradia de Pedro e João] [...] Se a pessoa já tem um dinheirinho é bom por causa disso [...] Em três meses já tá com tudo em ordem, num tem que ficar a vida inteira esperando prá fazer as coisa, que nem que eu tive ... Tendo quinze, vinte milhão prá gastar, que taí prá isso, que num vai fazer falta, já dá ..."

Quanto a Nestor, que vivia com sua família numa moradia tipo híbrida, e estava "atrasado", queixava-se muito das dificuldades que havia enfrentado, do custo de vida, e dos baixos "salários"

que recebia. As razões, porém, que ele dava para não haver ainda conseguido construir sua casa não estavam bem de acordo com o que os vizinhos e certos parentes diziam. Para eles Nestor poderia estar muito "melhor de vida" se não fosse o fato de ter "duas famílias para sustentar", principalmente levando-se em conta que ele nunca havia ficado desempregado ("parado") e tinha a vantagem de trabalhar "para o Estado". Além disso, ele e Joana não tinham muitos filhos, apenas três, e ela sempre havia trabalhado para fora, o que "ajudava bastante". Tais circunstâncias faziam com que todos dissessem, com certo exagero, que Nestor poderia ser a "pessoa melhor do bairro", entendendo-se aqui que poderia estar melhor estabelecido e sem muitas preocupações financeiras, e achavam que só não o era por causa do "jeito" dele, da "falta de juízo" que havia demonstrado para com Joana e a família, relegando-a para segundo plano. Dificilmente, porém, encontrei no bairro pessoas que se encontrassem envolvidas com tais tipos de problemas familiares e que admitissem os fatos francamente, sendo que apenas em uma ou outra ocasião Joana chegou a mencional alguma coisa, dizendo simplesmente que Nestor "nem sempre teve juízo" e nem sempre havia sido "bom assim que nem hoje". (\*)

Noquinha, finalmente, que também vivia numa moradia tipo híbrida e que rigorosamente falando estava "atrasada", tinha tal fato relevado em razão de ser viúva, ter filhos em idade de crescimento e só recentemente estar podendo "se virar melhor", conforme ela mesmo declarava. Sua casa era composta de 3 cômodos de tijolos e 2 de 2 tábuas.

---

(\*) Joana exprimia mais as suas queixas quando havia um aguçamento das violentas crises familiares envolvendo Nestor e Cida, a filha adolescente do casal, que acabou por sair de casa e ir viver com um rapaz numa das favelas situadas um pouco além do Jardim Novos Campos Elíseos, notória por "coitar bandidos" (palavras de Nestor).

"O QUE É MEU,  
É MEU, NÉ?"

Um tópico bastante pertinente à ques-  
tão da moradia é a questão da proprie-

dade do lote ou da casa segundo a visão das pessoas do bairro. Para elas, independente do estágio em que se encontrasse a moradia, o mais importante era que o lote sobre o qual ela estivesse sendo construída fosse próprio. (\*)

O aspecto mais relevante desse assunto era que a noção de propriedade do lote, não necessariamente precisava estar juridicamente sustentada para que as pessoas passassem a referir-se a algo que era delas. A forma jurídica estabelece, resumidamente falando, que os seguintes passos sejam tomados:

- 1) Que se lavre um contrato de compra, venda ou transferência, chamado contrato de cessão, entre a pessoa que está comprando e o legítimo, atual proprietário;
- 2) Que se atualize a escritura da propriedade em Cartório de Justiça, passando do nome do antigo proprietário para o novo;
- 3) Que o novo proprietário ponha-se devidamente em dia com os impostos territoriais taxados sobre a propriedade, de acordo com o cadastramento da Prefeitura Municipal.

Estas medidas são rotineiramente tomadas para "acertar" tão somente a situação do lote e necessárias quando a licença de construção da moradia foi requerida. Evidentemente, o proprietário que não estiver em dia com este encaminhamento das coisas não poderá obter tal licença. Já em relação à construção da casa, propriamente dita, é necessário um outro conjunto de ações, também do ponto de vis-

---

(\*) Na Parte Terceira deste trabalho a questão da propriedade do lote foi tratada, porém de forma bastante geral. Nesta seção, o que pretendo é focalizar mais de perto a forma pela qual as pessoas "se viraram" para atingir seus objetivos.

ta legal:

1) Dar entrada ao pedido de licença na Prefeitura Municipal, mais exatamente junto ao Departamento de Urbanismo, através de 3 vias de memoriais e pagamento de uma taxa que varia de acordo com o valor atribuído à casa (valor esse extremamente variável, calculado sobre o tamanho e localização da moradia) (\*). Uma parcela dessa taxa, cerca de 1/4 mais ou menos, cabe à Prefeitura Municipal, sendo que o restante é encaminhado ao INPS que arrecada este dinheiro de acordo com o especificado no item genericamente intitulado Custos Sociais de Construção

2) Uma vez aprovado o pedido e expedida a licença, a obra pode ser iniciada. Neste período, de acordo com a rotina estabelecida pela Prefeitura, a construção pode vir a ser vistoriada pelos fiscais encarregados do controle da obediência às normas técnicas estabelecidas na autorização concedida.

3) Qualquer demolição, alteração, ou reforma, deve ser feita de acordo com a devida autorização da Prefeitura Municipal e implica, evidentemente, no encaminhamento de um processo complementar ao primeiro. Os casos de irregularidades mais graves, ou demolição e eventual pré-construção, implicam na abertura de um novo processo de obtenção de licença.

4) Uma vez acabada a casa é necessário, antes que seja habitada, que o proprietário obtenha uma Licença de Moradia, emitida pela Prefeitura Municipal, comumente denominada "habite-se". Ela só é dada após uma vistoria e a devida aprovação por parte de um fiscal. Tal

(\*) As 3 vias são assim distribuídas: uma via para a Prefeitura Municipal (Seção de Cadastros, Departamento de Urbanismo), outra para o proprietário e outra segue para o Centro de Saúde, órgão da Secretaria Estadual de Saúde, responsável pela fiscalização da higiene e serviços sanitários básicos fornecidos à população.

procedimento é efetuado após um pedido encaminhado à Prefeitura no sentido de que este controle seja feito. Após a emissão do "habite-se" a casa pode ser ocupada.

5) A propriedade passa, então, a estar também cadastrada na Seção de Impostos e uma taxaçoão de impostos predial incide sobre ela, cabendo ao proprietário o seu pagamento anual.

6) Quaisquer alterações feitas eventualmente na casa deverão ser devidamente autorizadas pela Prefeitura Municipal através de licenças específicas conforme acontece no ítem 3.

Ora, conforme foi visto nas Tabelas 1 e seguintes, na primeira parte deste trabalho, a maior parte das moradias existentes no Jardim Londres eram constituídas não apenas de casas ilegais (construções clandestinas, sem licença de construção), como também de moradias feitas de tábuas (barracos), tipo de construção esse que é terminantemente proibido de existir de acordo com a legislação habitacional. Simplesmente, isto quer dizer que se a lei fosse tomada ao pé da letra, todos os barracos teriam que ser demolido pelas prefeituras. As evidências colhidas no bairro revelam, que a maioria dos moradores não estavam, portanto, em dia com os aspectos legais do lote ou da moradia sendo passíveis de penalidades e multas. Tal circunstância, entretanto, não os fazia sentir menos donos dos lotes e preocupava-os apenas as formas de evaçáo que poderiam articular para não pagarem as multas que certamente incidiria sobre eles quando quisessem "acertar tudo".

É interessante notar que a maior parte dos funcionários da Prefeitura Municipal com quem vim a conversar sobre a forma "legal" das pessoas morarem viam nisso uma prova da incapacidade e inadequação dos moradores ao sistema legal e burocrático e a expressão mais

frequentemente ouvida era que "essa gente nunca aprende". Alguns mais compreensivos diziam que as pessoas eram "umas coitadas", vindas do "meio do mato", não sabiam "ler nem escrever" direito" e, portanto, não podiam mesmo "fazer as coisas direito" na cidade. Apesar da veracidade de alguns desses fatos (procedência rural, falta de esclarecimento sobre certos trâmites e pouca escolaridade das pessoas, é incorreto pensar que tudo que faziam, era, por sua vez, fruto da incapacidade e ignorância que se lhes atribuiam como inatas. Martinho, que residia com Maria num lote cuja escritura ainda não havia sido passada, disse-me o seguinte sobre sua situação:

"A escritura é uma coisa que é preciso ... Já falei prá ela [Maria], a hora que acabar o que ainda falta fazer aqui [referia-se ao acabamento da casa], acabar de pagar umas coisa, pagar a geladeira, o que temos que fazer é arrumar os papel tudo da casa, tudo direitinho [...]. É mais difícil ter de construir do que de comprar terreno, cê sabe? [...] Mas nós tinha que dar um jeito e fazer essa casa aqui, senão onde que nós ia tudo morar?

[...] A pessoa é assim mesmo ... Vai deixando, vai deixando, mas um dia tem que pegar e acertar tudo, num pode deixar mais tudo prá trás ... Tem que tomar ânimo, ir na Prefeitura, ver tudo que tem que ver, fazer tudo logo de uma vez [...] Ver negócio de escritura, do imposto, ver tudo que tem de ver [...] O certo era já tudo isso em ordem, mas cê sabe, pobre é relaxado mesmo ... Num é, é que tem de ver uma coisa hoje, outra amanhã e depois aparece outra coisa e num fica nada barato ... Se você vai e quer explicar já vai tudo pensar que é porque cê num quer fazer, cê que enganar, passar a perna, cê sabe [...]

Uma escritura, que nem que eu tava te falando, é uma coisa que a pessoa precisa de ter ... É uma coisa da lei, tá ali, é a lei [...] Agora nós vamos ter de dar um jeito, a casa já tá de pé, temos que ver tudo isso... Pode ter até

que pagar multa ... O azar vai ser deles [da Prefeitura Municipal] ... Se tiver que dar muita grana eu deixo como tá ... O lote é meu, isso eu posso provar, é o que interessa, essa casa aqui tá construída melhor que muitas aí que tá co'a papelada tudo direito [...] Essa aqui foi feita com planta ... Cê pode ver, cê pega aí uma planta cê vê ... Os quarto, as medida, o material, tá tudo certo ... Num tem nem o que falar [...] Quer dizer que se eu passar a escritura e der um jeito na Prefeitura fica tudo em ordem ... Vamos ver ... Vou ter que ter aí um milhão [Cr\$ 1.000,00] mais ou menos prá cobrir tudo [...] É tudo isso porque tem uma parte que fica mais caro que eles fala que a parte que tem que pagar pro Impis [INPS] ... Isso daí é uma comilança [...] Eles falam que é um dinheiro que é que nem se fosse prá pagar aposentadoria ... Isso quero ver se num pago ... Eu ainda tou vendo... Parece que tem um jeito de num pagar tudo ... Que quando é a pessoa mesmo que faz a casa, que nem aqui que foi parente, fui eu, foi o Zé, foi tudo nós, daí falaram que tem um jeito de num pagar ... Tou vendo isso agora nesses dias ..."

Nestor, por exemplo, que no bairro era um dos poucos que sabia ler e escrever bem, que lia jornais todos os dias, acompanhava os noticiários da Agência Nacional pelo rádio e era um dos poucos indivíduos sindicalizados, morava, não obstante, num lote que só recentemente havia se preocupado em legalizar ("passar a escritura") e sua moradia, tipo híbrida, era uma construção clandestina. A respeito de sua situação ele declarou:

"Tou trabalhando em três acasas agora ... Tou fazendo a minha que quero ver se acabo ela logo ... Tou dando uma mão lá prá Noquinha também ... Minha mana agora resolveu começar a casa nova dela ... Então tenho que tá lá também [...] Apesar que o Zé tá indo lá, ele tá ajudando ela bem ... Tem meu sobrinho que ajuda também ... Mas tem dia

que eu deixo a Joana aqui sozinha, fazendo força, e vou lá e dou uma mão prá minha irmã ...

[...] É muito trabalho prum homem só, cê num tá achando não? ... Era bom se nunca mais tivesse aborrecimento ne-num ... Quem me dera, minha filha, quem me dera ... Trabalho e amolação, é que num me falta ... Dinheiro, coisa boa, isso tá sempre curto, mas amolação não, isso a pessoa tem sempre sobrando ... Tou lhe dizendo isso porque tou lembrando duma coisa que tenho que ver agora, num posso mais deixar prá trás ... Já deixei até demais, acho que vou ter mais uma dor de cabeça por causa disso... É os papéis aqui da casa que eu tenho que ver ... Já fui na Prefeitura, fui ver quanto que ia ficar, já vi que vai ficar numa nota ... Vai ficar mais caro que se eu tivesse que comprar tudo os tijolos que comprei prá fazer essa casa ... Cê já viu a nota que vai me ficar, né [...]

Outro dia mesmo já gastei um dinheirão prá passar a escritura ... Ficou em mais de duzentos cruzeiros, duzentos contos do outro dinheiro [antigo] ... Agora vem mais isso ... Quero ver se acerto tudo logo, mas num sei como que vai ser ... Eu já falei prá Joana: 'Quero fazer as coisa tudo direito, ter minha casa em ordem, cos papéis e tudo, mas também minha filha, se deu, deu, se num deu, que que vamos fazer?' ... Vou é tratar de fazer minha casa primeiro, arrumar minha família, aí eu vejo o resto ... O pior é se tem uma multa pesada, mas acho que num tem não ... Já sem multa é uma nota, que dirá se a pessoa tivesse que dar mais um tanto [...] Prá ver tudo pronto prá mim num ter mais amolação nenhuma, prá deixar essa casa eum brinco, eu tinha que por aí nela uns 3 milhão ... Cê tem 3 milhão? ... Nem eu, minha filha, muito menos eu [...] Isso é se fosse prá pensar em tudo que falta fazer nela [...] Só essa parte da Prefeitura, do IMPS, só isso já fica uns Cr\$ 800,00 [...] Eu falei prá pessoa que me atendeu lá na Prefeitura: 'O rapaz, cê tá pensando que eu vou construir a casa outra vez? Com esse dinheiro tudo eu faço minha casa de novo [...] Cê vê, se eu ti

ver que pagar isso eu vou ter que esperar mais um pouco ... Agora num dá de jeito nenhum ... Mas de jeito nenhum mesmo ... Mas também eu num vou parar a casa por causa disso [...] Se for prá multar todo mundo que tem um probleminha eles lá em cima [a Prefeitura] vão acabar tudo ficando louco ... Só aqui no Londres tá assim de gente que ainda num acertou as conta direito [...] Se você for ver bem tá cheio de gente que tá que nem eu [...]

Mas cê sabe o quê que encarece acertar direito uma casa? ... É o tal do INPS ... É esse ... É um desconto que eles falam que tem prá previdência [...] Pense bem ... Entende só o raciocínio, vê só o que que é isso ... Cê que é moça instruída, inteligente, que sabe ver as coisa ... Vê se tá certo ... Porque eu num acho que tá certo não [...] Fui eu que fiz a minha casa, eu e essa coitada [a esposa Joana] ... Foi meus colega que trabalhamos, que nem o Zé, que cê conhece, foi ele que me ajudou ... Cê vê, agora eles vem com essa de desconto que é prá pagar que nem se eu tivesse dado a empreitada prá outro ... Que é que num faz quem pode ... Quem pode vai e paga a empreitada ... Daí sim tinha cabimento eu ir e pagar o que era da empreitada [...] O empreiteiro já inclui esse desconto no preço que ele cobra prá te fazer a casa [...] Então nesse caso eu é que tinha que receber deles, não eu dar prá eles, que que cê acha? ... Cê num acha que eu que tou certo? ... A pessoa prá fazer a casa tira dia de descanso, num tem sábado, num tem domingo, e no fim ela tem que pagar por cima [...] Tá certo se su fosse um empreiteiro ... Hum fico aí de sábado e domingo porque quero ... Mais de domingo, porque de sábado eu tenho ponto na FEPASA, num tenho essa tal de semana inglesa ... A minha é prá inglês ver, isso sim [...] E o pior é que tinha uma lei que falava que quem faz a casa que nem eu fiz a minha, a pessoa mesmo, num tem que pagar INPS ... Mas tiraram essa lei ... Em vez de por lei eles tiram e quem gostou gostou, quem num gostou, azar ... (\*)

(\*) Conforme fui informada no escritório local do INPS, providenciando um requerimento com data anterior ao início da construção, junta-

Inúmeros outros moradores, utilizando argumentos semelhantes, também deixavam para "mais tarde" a legalização da propriedade, fosse ela o lote, especificamente, ou a casa. Longe de indicar ignorância e atraso por parte da população, tal negligência parece conter uma dose significativa de racionalidade, apontando para soluções e artifícios amplamente usados e difundidos entre as pessoas, que por sua vez os usam dentro de uma situação dentro da qual têm pouco espaço para se exprimir. O fato mais óbvio é que era realmente difícil poupar dinheiro tendo-se em vista os rendimentos que auferiam em confronto com o nível de gastos. Quando sobrava algum dinheirinho no fim do mês logo surgiam os projetos que exigiam prioridade: por um lado gastos com a construção da casa, gastos os mais variados com as necessidades da família (médico, escola, roupas, fogão à gás) e por outro as tais despesas com a "papelada". Assim sendo, não é tão difícil entender porque o último item era em geral deixado para "depois". Não se pode esquecer também que se tratava de uma população trabalhando, total ou parcialmente, dependendo do setor, a descoberto de proteções trabalhistas mínimas, em condições pouco satisfatórias de trabalho, e seria de causar admiração que na hora de gastar o seu dinheiro o fizesse em direção de uma área em relação a qual se encontrava completamente afastada.

Quando as coisas corriam bem, tudo mais ou menos dentro de um prazo satisfatório, a lei era então observada, mas em caso de dificuldades, as pessoas sabiam que o importante era ir fazendo a casa, deixando o resto para dar um jeito mais tarde. Horácio (B16), que havia chegado há menos de 1 ano, e morava no "terreno da Prefeitura", já se encontrava devidamente instruído:

---

mente com a licença, onde se estabeleça que a casa vai ser construída pelo Sistema de Mutirão, há isenção quanto ao pagamento da taxa. Se isto for encaminhado posteriormente não é válido.

"Prá gente que veio sem nada prá cá, que nem nós viemos, tem hora que dá prá ir pensando em ter um lote, num ter que pagar aluguel nem nada ... Já tá bom, que que cê acha? [...] Eu já falei pros filho aí, vão ver se dá prá gente fazer a casa, aprontar tudo direitinho, comprar logo um lote, e tratar de passar ele logo pro nome da gente prá ficar tudo certo [...] Os filhos que fala que eu e ela [Lindauro, a esposa] tamos que nem barata tonta que nunca comeu melado ... O Virgulino [C44, filho mais velho] já avisou: 'Pai, o senhor fica gastando o dinheiro antes de ter' [...] Eu brinco com eles mas sei que no começo tem que ter paciência, ter juízo [...] O que interessa é ter o lote, é isso que interessa ... Comprar o lote, pagar ele [...] Meu genro [referia-se a Augusto, C27, casado com Gesse] que já faz tempo que mora em Campinas ele sabe tudo como que tem que fazer ... Ele co meu filho já foram na Prefeitura prá ver como que tem que fazer ... Tem que ver tudo antes prá num ter dor de cabeça depois [...] Meu genro já falou que o povo daqui num é de ligar muito prá isso não, que num precisa ficar dando muita bola prá Prefeitura ... Quer dizer, ter tem ... Sempre tem, cê sabe, num é assim desse jeito [...] O povo daqui faz a casa, depois é que se vira prá arrumar tudo que tem que ver na Prefeitura [...] Eu por mim prefiro ter minhas coisas sempre em ordem prá ninguém poder falar, cê sabe ... Pode vim um e falar, e daí dá confusão [...] O que é meu, é meu, né?, ninguém pode me tirar, claro, mas se num tiver tudo em ordem pode dar dor de cabeça ... Mas eu num falo nada, é eles que sabe [referindo-se aos filhos e genro] que que tem que fazer prá coisas, como que é tudo, num sou eu ..."

As pessoas não apenas deixavam de lado o sistema legal institucional no que dizia respeito ao presente (legitimação da propriedade), como também não tomavam conhecimento do que isto poderia significar no futuro, no instante em que o lote ou a casa se trans-

formassem concretamente em bens a serem divididos entre herdeiros. Isto porque a este respeito tinham também sua maneira própria de agir, ou seja, a partilha de bens se dava, em geral, de acordo com o que era considerado "o direito", "o certo", ou "o justo", conforme diziam por lá. Perguntei muitas vezes a vários indivíduos como ficariam as coisas quando morressem, isto é, como que os filhos, ou o cônjuge (mulher especificamente) fariam para dividir a propriedade, e as respostas eram muito elucidativas. O compadre Francisco, por exemplo, afirmou que:

"Quem que tá morto é porque já cumpriu sua obrigação ... O que tá vivo é que tem que continuar pelejando [...] Eu só sei que trabalhei a minha vida inteira, cuidei direito ... Agora já tou velho é a vez dos moço [...] Se eu tiver que deixar alguma coisa num tenho nada ... Tenho essa casa aqui, tem o lote [...] Pobre que morre num deixa herança, num deixa nada, quem que é rico que tem coisa prá deixar, pobre que que tem? [...] Essa casa aqui, o que tem direito nela é o Armando, é mais dele a casa [...] A que tem aí atrás é do meu genro, ele que fez ela [...] O lote nós compramos em dois ... Eu dei uma parte, meu genro deu a outra [...] Depois que cada um fez sua casa [...] Meu filho Armando fez essa casa aqui, ele que tava indo melhor, já tava ganhando mais [...] O Gusto ajudou nós, num é falar que num ajudou... Ele ajudou fazer a casa, ele trabalhou quando tava fazendo ela ... Mas o que tem é que quem fez mais foi o outro, foi meu filho Armando, que cê conhece ele, num conhece? [...] O Gusto mudou daqui faz pouco tempo ... Ele mudou depois que o compadre chegou, o pai da mulher dele [Gesse, C45] [...] Quando eles vieram a Gesse quiz ir morar lá perto deles, da mãe ... Moça gosta [...] Agora ele [Augusto] vai ter a casa dele ... O pessoal lá do compadre tá prá comprar um lote, ele vai comprar junto ..."

Havia uma inabalável confiança de que "quem ficasse" (so brevivesse) saberia, de direito, o que fazer com o que por ventura houvesse para repartir. Entre Zé e Helena (B15;B16), que constituíam um casal que se dava muito bem, havia uma brincadeira muito significativa que era constantemente repetida a respeito das economias conjuntas de Zé e Helena, isto é, fruto dos salários que ambos recebiam, mas já as prestações mensais haviam sido pagas apenas por Helena do dinheiro que recebia como faxineira "a dias". Por outro lado, todo o material de construção, bem como o recrutamento de pessoal para o trabalho de "fazer a casa" havia sido tarefa de Zé. Assim sendo, em várias ocasiões, quando se discutia os direitos de propriedade, Helena costumava dizer em tom de troça que se um dia Zé "largasse" dela, ou vice-versa, ele poderia levar a casa, enquanto que ela ficaria "bem contente" com o lote. Invariavelmente Zé respondia que ela era boba", pois uma casa nada vale sem um lote. (32)

Mesmo no caso de transações efetuadas a nível local, envolvendo não só parentes, como também conhecidos, vizinhos e às vezes até "gente meio estranha" (desconhecidos ou "novos"), as regras seguidas não dependiam necessariamente, ou pelo menos de forma imediata, de contratos e acordos legais. Em caso de desavenças, que ocorriam principalmente por causa de aluguéis atrasados, ou então acordos feitos de um jeito e cumpridos de outro, o mais comum era que as pessoas discutissem, brigassem muitas vezes violentamente e houvesse, então, necessidade da lei, só que no caso recorria-se à polícia e não a qualquer outro agente legal.

Vale a pena mencionar, em relação ao compadre Francisco, citado dois parágrafos atrás, que no início de 1975, quando o trabalho de campo já havia terminado, voltei ao bairro para uma visita de

cortesia e soube então de sua morte e da "ida" (\*) de Zefa para Jales, onde fora morar com uma das filhas casadas. Armando havia se casado e vivia na mesma casa em que os pais viviam antigamente, e Mané e Ana viviam ainda na casa dos fundos. Ao falar sobre o estado atual das coisas disse Armando:

"Eu vou ficar aqui mesmo ... Este lote metade é meu, metade do meu cunhado, nisso eu tou sossegado [...] Por enquanto vamos ficar assim mesmo ... Se um dia eu resolver sair daqui prá outro lugar ou se for meu cunhado que resolver sair, a gente fala, vê como que fica [...] As vezes aparece uma coisa boa, um emprego prá ganhar mais, aí faz a pessoa ter de mudar ..."

Apesar do contrato de compra do lote haver sido feito em nome de Francisco, tanto Armando quanto Mané consideravam-se e eram considerados, com direitos à propriedade. Quando indaguei a respeito dos direitos dos demais irmãos Armando explicou-me o seguinte:

"Foi dois que compraram o lote ... Duas pessoas [...] Meu pai deu um tanto da parte dele e o Mané meu cunhado, marido aí da Ana, deu outro tanto [...] Quem que tava aqui de filho era só eu e o Gusto ... O Gusto nem era casado ainda [...] Aí fizemos essa casa aqui ... Fiz essa e meu cunhado fez a dele aí, essa dali [...] Minha mãe se quizesse podia ter ficado aqui depois que meu pai morreu ... Mas daí ela achou melhor ir ficar c'uma irmã, lá em Jales, onde que tão minhas outras irmã também ..."

Outras pessoas, porém, como Antonia (B5), Helena (B16) e algumas vizinhas com quem cheguei a conversar, disseram que Zefa havia preferido ir para Jales porque "não se dava" com a esposa de Armando e porque vinha brigando muito com a filha Ana, a que tinha "má

(\*) Ou da "volta", como também diziam.

fama" no bairro, como "biscate". A respeito da mudança da mãe, Armando adiantou que:

"Prá ela é melhor lá, mais sossegado ... Ela aqui podia escolher de ficar aqui ou podia ficar co Gusto, mas ela achou que seria melhor não [...] Ele tá morando co'a família de Gesse, lá já tem uma gentarada ... Ela achou melhor não..."

Armando e Mané, indagados como fariam com o lote casa um deles quizesse se mudar, responderam o seguinte:

"Um compra a parte do outro ... É assim que o povo daqui faz ... Tá cheio de gente que compra o lote junto [...] Tem vez que a pessoa fica bem, resolve mudar, fazer outra coisa, daí venda a parte que é dele e vai morar sozinho [...] Se o sócio pode o sócio compra [...] É sempre mais vantagem fazer assim [...] Tem que ser assim se não num dá ..."

Mané foi ainda mais didático:

"Num tem problema ... Tem é que combinar tudo direito primeiro prá depois num ter problema, né? [...] Que nem aqui que tem duas casas ... Se for ver o lote é dos dois ... É metade meu e metade do meu falecido sogro [...] Ficou pro Armando porque foi ele que tava aí, que veio, que ajudou fazer a casa, que viu as coisas quase tudo [...] Os outros irmãos nem quase vem ... Cada um tem sua casa, suas coisa prá olhar [...] Nem eu nem ele [referindo-se a Armando] tamos pensando em sair daqui tão já ... Nem que eu quizesse num dava ... Ir prá onde? [...] Mas se tivesse que sair num ia ter dificuldade [...] Se o Armando quizesse sair eu comprava a parte dele hoje ... Tem aí um dinheiro que eu tou guardando prá se der eu comprar um lote separado ... Quer dizer que se ele saísse eu pegava esse dinheiro e pagava ela [...] Se é eu que falo que

vou sair meu cunhado é que compra de mim, claro ... Num vou vender pr'um estranho [...] Co'a casa também ... Aque-la lá é dele, meu cunhado que fez ela ... Meu sogro ainda tava vivo ... Cê conheceu ele num conheceu? ... O material é cada um que comprou ... Se for prá eu sair daque pr'um outro lote, e num quiser levar nada eu vendo tudo ... Desmancho e vendo tudo ... Se eu tiver dinheiro prá comprar tudo de novo eu compro [...] Se eu quiser eu posso alugar ... Alugo ela bem se cê quer saber ... Tiro mais de Cr\$ 500,00 por mês só de aluguel [...] Outro jeito que tem, outro dia eu tava falando co meu cunhado é de se um sair e o outro quiser ficar, o outro compra e desconta o tanto que é da casa, o tanto que ela vale [...] Cada um sabe o que que gastou prá fazer a casa [...] O tanto do lote é que vareia [...] O que carece o preço duma casa é o lote que vareia de preço ... Tá sempre subindo ... Por menos de vinte milhão eu num vendo ... Vinte tudo, né, pros dois [...] Meio a meio [...] Mas tão já nem um nem outro tão pensando em sair, nem eu nem ele ...

Outros negócios muito comuns no bairro eram os vários tipos de trocas e cessões: portas eram trocadas por pedaços de cano, folhas de madeira por certa quantidade de tijolos, telhas em troca de pias, e em nenhum caso havia necessidade de documentos e contratos, sendo que o valor de cada coisa era acertado entre as partes que estavam negociando. Acredito que um estudo inteiramente dedicado às noções próprias de direito entre a classe baixa seria bastante pertinente, pois este é um aspecto que poderia revelar muito sobre a visão de mundo das pessoas que a compõem. O presente estudo, evidentemente, não tratou este assunto da forma mais adequada, e as observações que foram feitas servem apenas apenas para ilustrar um ponto em particular em toda a questão, ou seja, o lugar que a posse do lote, a nível institucional, ocupa em relação à noção de propriedade a par-

tir das prioridades estabelecidas pela população local.

Resumindo, é importante ressaltar mais uma vez que existia a perfeita noção, entre todos, que não era "assim desse jeito" que as coisas deveriam ser feitas, mas em contraposição, havia também uma noção muito clara que o que deveria ser feito não se aplicava a pessoas como elas, que tinham poucos recursos e viviam precisando "de se virar". Não eram propriamente voltados contra leis e regulamentos, principalmente porque os desconheciam na maior parte das vezes, mas também não eram totalmente passivos. Tendiam a atribuir algumas medidas que lhes pareciam descabidas à falta de conhecimento que "eles lá em cima" (governo em geral) tinha sobre "os pobres", que estão "aqui em baixo", e isto, como se vê, é exatamente o argumento da ignorância aplicado em sentido inverso.

#### "FAZER A CASA"

Esta era uma das expressões mais frequentes ouvidas no bairro e servia para indicar uma ação bem específica, relativa ao processo de construção da moradia. Melhor dizendo, indicava um determinado tempo no processo de construção e qualificava o tipo de moradia que estava sendo feita. No caso do Jardim Londres, pelo menos, aplicava-se sempre à construção da casa de alvenaria. Quando mencionavam as moradias de tábuas diziam "barraco", "fazer o barraco", "desmanchar o barraco".

O fato de haver uma discussão à parte a respeito de "fazer a casa" mas não sobre "fazer o barraco" deveu-se, como já foi exposto em outras partes deste trabalho, a que se tratava de uma atividade que dependeu, em quase todos os casos observados, do trabalho cooperativo, mas não se tratava, a meu ver, de ocorrências da mesma magnitude. Embora fossem empreendimentos comparáveis não podem ser

vistos igualmente ou reduzidos um ao outro. Explicando melhor: a construção do barraco era um fato que, em geral, ocorria no início da estadia da pessoa no bairro e os esforços empreendidos em sua construção faziam, por assim dizer, parte dos mesmos mecanismos que haviam sido acionados para "trazer" ou "fazer chegar" os indivíduos ao bairro. Além disso, a técnica empregada era extremamente simplificada em relação à construção da casa, o que contribuía para limitar tanto o tempo que se levava para "fazer o barraco" quanto o número de pessoas necessárias para "fazê-lo", incluindo as que colaboravam com palpites e sugestões. Não registrei nenhum caso de pessoas que "chegavam" com a casa já construída (casa própria, bem entendido), ou mesmo iniciada. Havia sempre aquele período intermediário, que as pessoas passavam residindo em casas de parentes, alugando casas, ou então cômodos, isto sem contar o tempo que a maioria passava depois morando em barracos.

Havia aspectos comuns entre "fazer o barraco" e "fazer a casa", e entre eles o mais significativo talvez fosse a parte referente ao "know-how" que era transmitido pelos mais experientes. A experiência, nesse caso, não era dada pela idade, mas sim pelo tempo de permanência que o indivíduo tinha na cidade, e por isso muitas vezes os mais jovens eram apontados como mais capazes de se "virar" do que os mais velhos. (33)

No caso específico da construção da casa, além do "know-how" e outras sugestões profusamente oferecidas, era também necessário que determinadas pessoas, durante um período maior de tempo, se comprometessem entre si a levar a tarefa adiante. Tal tarefa é que podia, de fato, ser considerada como a ação de "fazer a casa". Consistia, em linhas gerais, em cavar os alicerces, assentar tijolos, rebocar, cobrir com telhas, fazer encanamentos, colocar fios, pintar

e fixar portas e janelas. Mais do que pessoas fornecendo sugestões e palpites, era preciso que houvesse, aqui, braços e uma certa continuidade no trabalho.

Esse trabalho não era remunerado, mas sim feito na base da cooperação e amizade entre as pessoas. As tarefas "piores", "mais pesadas" a serem realizadas na casa eram feitas de acordo com um "trato feito de antemão entre 2 ou 3 homens, no máximo. Quando alguém se propunha a fazer a casa deveria já saber com quem iria contar, quando podia dar início ao serviço e esperava apenas uma época que fosse oportuna para todos. Havia também aqueles que prestavam serviços avulsos (instalar canos, colocar fios elétricos, etc.), e isto também era feito como pagamento de um débito, como um favor a ser futuramente resgatado, ou então em troca de algum material que a pessoa estivesse precisando em pouca quantidade, tal como telhas ou tijolos. Estes serviços avulsos eram muitas vezes perfunctórios e serviam para que certas pessoas reafirmassem que embora não estivessem colaborando "no pior da casa" elas estavam por ali, prontas a auxiliar, e não podiam ser acusadas de estar "fazendo corpo mole".

Tanto no que diz respeito ao desempenho de tarefas mais contínuas da construção quanto no de tarefas avulsas, as pessoas encarregadas do serviço eram sempre parte de uma rede conhecida, podendo variar apenas a intensidade e o tipo de laços que uniam uns aos outros. Esse tipo de cooperação, essa maneira de "fazer a casa", conhecida como "trabalho de mutirão", era conhecida de forma diferente no Jardim Londres. Lá as pessoas diziam que iam "fazer a casa com" fulano, "fazer para", ou "ajudar a fazer". Outra maneira que tinham de se referir a este tipo de trabalho era que iam "emprestar dias" para alguém, ou "pagar dias" que alguém anteriormente lhes havia emprestado. Conversando com pessoas de fora do bairro, entre elas pessoas do

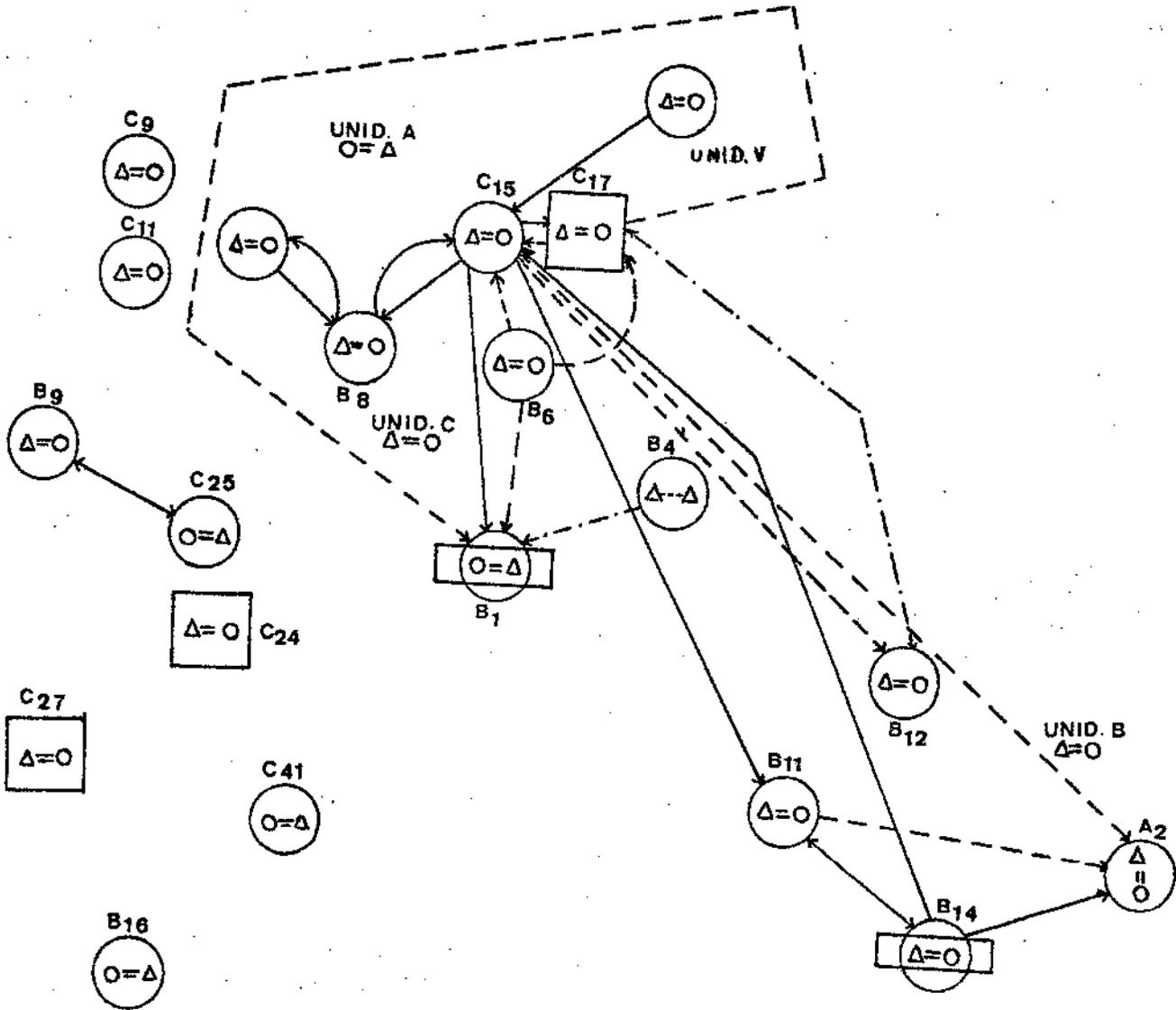
INPS e Prefeitura Municipal, percebi que partilhavam de uma noção to-  
talmente errônea do que é este trabalho cooperativo. Embora se refe-  
riam a ele pelo termo "mutirão", que é como aparece em artigos de lei,  
têm é que o recrutamento das pessoas ocorria de forma aleatória, co-  
mo uma espécie de convocação geral, apresentando-se aqueles que esti-  
vessem disponíveis entre vizinhos, conhecidos e parentes. É verdade  
que vizinhos, conhecidos e parentes, realmente colaboram mas sua atua-  
ção não é fruto do acaso, como se verá a seguir, tomando novamente co-  
mo exemplo o grupo familiar que está sendo focalizado. A Figura 7 ten-  
ta auxiliar na compreensão da articulação da rede.

A REDE EM AÇÃO: A  
CASA DE MARIA E  
MARTINHO

Apesar de Maria e Martinho haverem l-  
trapassado o tempo médio, em torno de  
5 anos, para construírem sua casa (Uni-  
dade B1) foi a primeira a ficar pronta. Em sua construção trabalharam  
Martinho e Maria, os filhos homens mais velhos e Zé (Unidade B15). Es-  
te foi o grupo construtor mais assíduo. Em geral, o trabalho daque-  
les que vão morar na casa era um dado constante, principalmente dos  
homens, mas sempre havia tarefas específicas para cada um, de acordo  
com o sexo e a idade. As mulheres levavam e traziam coisas, atuando  
como serventes. Algumas mulheres chegavam a assentar tijolos e ajuda-  
vam a fazer os alicerces, mas qualquer tarefa que "tivesse que subir"  
(em escadas) era por elas deixada de lado, porque os próprios mari-  
dos não gostavam. Estas tarefas faziam com que os homens ficassem  
"olhando" e por isso não eram adequadas a mulheres.

No caso da casa de Martinho, Zé foi a pessoa "de fora"  
que colaborou de forma mais constante para "fazer a casa". Outras  
pessoas também colaboraram, umas mais do que era esperado, outras me-  
nos, e o fato foi assim analisado por Maria:

Figura 7 - Articulação da Rede de Acordo com a Cooperação Exis-  
tente no Momento de "Fazer a Casa".



- Cooperação frequente
- - - - - Cooperação esporádica
- . - - - Não cooperação quando o contrário era esperado
- =△ Uniões efetuadas antes da mudança para Campinas
- △=○ Uniões efetuadas após a mudança para Campinas
- △=○ (com círculo ao redor) Unidades que chegaram "primeiro", propiciando a vinda de outras

"Quando nós vimos que dava prá fazer a casa pegamos e começamos [...] Tinha o material, uma parte, que ele [Martinho] já tinha comprado e tudo ... Tava tudo aí, era só criar coragem e começar [...] Foi nós mesmo que fizemos ela [...] O povo tudo daqui eles mesmo que faz cada um sua cada [...] Quem num sabe aprende [...] Quem que mais trabalhou nessa casa quando nós tava fazendo ela foi o Zé ... De tudo foi ele que foi que ajudou mais [...] Em dois [Zé e Martinho] fizeram essa casa quase sozinho [...] O Zé que veio e ofereceu prá vim trabalhar aqui ... Ele viu que nós ia de precisar, que o Martinho era sozinho, viu tudo como que era e falou que nós podia contar com ele, que o que desse ele fazia [...] O Martinho gosta muito dele ... Ele fala que o Zé num foi que nem muitos que fala que ajuda mas que na hora que tem que tá ali, cadê?, é só prosa ... O Zé não ... Ele é assim quieto, num é de falar muito mas cumpre mais do que muitos que fala [...] Ele ajudou fazer essa casa porque ele falou que ele viu do jeito que nós ajudamos eles no começo [...] O Zé disse que vinha aqui porque disse que era do dever dele [...] O Juarez já tava velho, meio doente, num podia mesmo ... O Zé falou que dinheiro prá pagar o que nós tinha feito ele num tinha mesmo, mas que ele tinha dois braços prá trabalhar e podia ajudar [...] O Juarez vinha mais prá ver, porque prá ele num dava ... Ele fazia umas coisinha e já ficava com dor [...] Então ele pegava e parava [...] Meus outros irmão [Pedro e João, Unidade B4] vinha, aí fazia uma coisinha, fazia outra [...] O João, cê conhece, ele é daquele jeito dele, meio mole, com franqueza ... Trabalhar ele trabalha, num quer dizer que não, mas é sossegado que só vendo ... Com ele num adianta ter muita pressa [...] O Pedro quando dava prá ele vim ele vinha mas ele num era de vim muito não ... Ele sempre foi meio folgado [...] Durante a semana num dava mesmo ... Num dava prá ninguém [...] Pros que trabalhava num dava jeito nenhum prá vim ... Era só de domingo mesmo que dava [...] Os solteiro que nem o João ou então que nem tinha o Pedro, o Neco, quando chegava

dia de domingo eles num queria nem saber ... Queria era sair cos colega, passear, fazer farra [...] Tinha domingo que num ficava ninguém aqui ... Ficava só eu, o Zé, o Martinho e daí vinha a Tonha, o Juarez, a Helena, vinha tudo prá cá ... Ficava tudo aqui trabalhando, conversando ... Até que era gostoso ..."

Zé, por sua vez, explicou que fez questão de ajudar Martinho e Maria a "fazerem" a casa pelas seguintes razões:

"A tia da Helena tava precisando de uma pessoa prá eles lá [...] Prá fazer aquele trabalho só tinha mais o que o marido dela [...] Vi que era uma coisa que eu podia fazer, que num ia me atrapalhar em nada, então ajudei [...] A pessoa precisa ter prática, só isso ... Fazer uma casa num é difícil ... É mais fácil que muita coisa aí ... Eu já tinha a prática do serviço, sabia tudo como era ... Num foi difícil ... Fui lá e ajudei [...] É que eles foram muito bom quando nós chegamos, minha sogra, nós tudo ..."

A CASA DE FRANCISCO  
E ZEFA  
A CASA DE MANÉ E ANA

Em ordem cronológica foram eles os próximos a construírem suas casas de alvenaria. Primeiro foi feita a "casa da frente", para ser ocupada por Francisco (Unidade B9), Armando e Augusto, em seguida a "de atrás", ocupada por Mané (Unidade 025) Ana e as crianças. Dividindo o serviço entre os três homens mais jovens foi possível levar a tarefa avante e só de vez em quando, "num domingo" em que não tivesse "nada para fazer" é que Zé ou Juarez apareciam por lá "para dar uma mão". Tal colaboração, porém, quase nunca foi necessária, pois os outros três davam bem conta do recado, assim como nunca teve o caráter específico de "emprestar dias" de trabalho nem de "pagar" nenhum favor, funcionando mais como uma visita de cortesia,

se assim se pode dizer.

Tais visitas eram muito comuns sempre que algum morador estava "fazendo" sua casa e os "colegas", ou então os parentes homens, apareciam para "dar uma espiada", uma "olhada", ou "só para ver", demonstrando dessa maneira, que não estavam se omitindo ou "fugindo do pesado", já que apareciam em ocasiões em que o serviço estava sendo executado, ainda que sua colaboração fosse supérflua no momento. Quando, por exemplo, a colaboração de alguém era esperada e não vinha, as pessoas costumavam dizer que fulano nem sequer havia "passado perto" quando a casa estava sendo feita. Para indicar a omissão e a má vontade de outros afirmavam, também, que fulano ou beltrano havia ficado "com medo" que fossem precisar dele para algum serviço e por isso não havia "aparecido nenhuma vez" enquanto a casa estava sendo feita.

Levados por essas circunstâncias é que Zé ou Juarez, nos fins de semana, quando não tinham "nada para fazer", davam "um pulo" até o local onde estavam trabalhando Armando, Augusto e Mané. Anos depois, quando Zé iniciou a construção de sua casa e Juarez da sua, Mané também iria aparecer para visitá-los, embora sua participação não fosse necessária na construção. Nessas ocasiões estabelecia-se invariavelmente, um clima onde predominava o "joking-relationship", onde quem não estava trabalhando fazia brincadeiras com quem estava, e vice-versa. Expressões como "vagabundo", "folgado", "rico", eram lançadas para quem estava "só olhando". "Pobre" (por ter que "pegar na pá", "trabalhar duro"), "ficando rico" (porque estava fazendo a casa) e variações em torno do tema, eram ditas para quem estava trabalhando.

A CASA DE PEDRO  
E JOÃO

Cerca de 1 ano depois que haviam chegado a Campinas, Pedro e João venderam sua parte do lote a Juarez e deram entrada em outro mais próximo do centro comercial do bairro, onde instalaram sua "barracquinha de verduras" (Unidade B4).

Quando ainda viviam no lote em comum com Juarez haviam construído para si um cômodo de tijolo, toscamente acabado, que lhes servia apenas como dormitório, pois as refeições eram feitas em companhia dos demais membros da família e preparadas por Antonia. Nessa época, além da parte que lhes cabia pelo pagamento da prestação do lote, davam ainda uma certa quantia em dinheiro a Antonia para pagar pela comida. "Pagavam pensão", segundo a expressão local, e é interessante notar que entregavam o dinheiro a Antonia e não a Juarez.

Quando foram para o novo lote construíram, em menos de 1 mês, um cômodo de tijolo que, eventualmente, foi ampliado para mais um. Segundo relatou Pedro:

"Foi mais eu sozinho que fiz essa casa aqui ... Eu só e o João um pouco [...] De vez em quando o Zé vinha aqui me ajudar [...] Vinha de vez em quando o Juarez, teve uns colega meu que veio também [...] Num instantinho ela ficou pronta ..." (\*)

Quando iniciei o trabalho de campo, Pedro e João já estavam com a casa pronta e o cômodo de tijolo situado no lote de Juarez, embora tivesse ficado sempre desocupado foi então alugado, durante 3 meses, para uma viúva com 2 filhos já homens. Ficou mais algum tempo desocupado e foi, em seguida, alugado para outra viúva, jovem ainda,

(\*) A família inteira contestava a colaboração desses "colegas" de Pedro dizendo que quem havia "dado duro" fora "um pouco" o Zé, mas "mais João" e o próprio Pedro. Os "colegas", segundo Antonia, "tal apareciam por lá" (na construção), e logo já saíam "prá beber".

com três filhos pequenos, durante cerca de 2 meses. Foi, depois disso, alugado para uns conhecidos de Juarez e Antonia que residiam em Paranapuã (\*). Alguns meses depois eles "voltaram" e o cômodo ficou novamente desocupado. Finalmente, antes que fosse "desmanchado", foi mais uma vez alugado, desta vez para a irmã de Juarez, Alzira (B7) e o marido Orestes (B8) que ali permaneceram cerca de 3 meses, quando ficou pronta a casa que encarregaram Zé de construir.

Foi depois disso que Pedro resolveu "desmanchar" o cômodo, e uma série de críticas e recriminações foram então lançadas contra ele, deixando João de lado. Isto se deu porque a decisão de Pedro coincidiu com o início da construção da casa de alvenaria de Juarez, que se encontrava, por sua vez, necessitando de material de construção. Aquela estava sendo uma época particularmente difícil para Juarez, pois o início da construção havia coincidido com a perda do emprego que tinha como faxineiro de um prédio, logo após um período em que estivera "parado" por doença. Antonia me contou que ao saber do "trato" que Pedro havia feito com um provável comprador do cômodo, ela e Juarez conversaram entre si e "falaram", um para o outro, que aquilo não era certo. Antonia "falou" então com João e depois com Pedro. Disse-me ela:

"Aproveitei um dia que João apareceu aqui e falei mesmo prá ele ... Falei mesmo ... Falei, porque depois fica falando que a gente fala por trás, né mesmo? ... Eu não, o que eu tenho de falar eu falo mesmo [...] O Pedro num tá certo... Ele pode pensar que tá certo, mas num tá não ... Esse cômodo daí é dele, foi ele que fez ele, mas num foi só ele sozinho, não ... É que o João, é assim bobo, num liga prá nada, mas o cômodo é dele também, né? ... E dos dois, ué[...]. A obrigação dele era falar co Juarez primeiro ... Num é só

---

(\*) O trabalho de campo já havia então terminado.

porque as coisa é da gente que a gente pega e vai fazendo tudo que nem a gente quer ... Cê num acha? [...] Quando ele falou que ia deixar os cômodo aí, que ia alugar eles, ninguém falou nada ... Se fosse outro já podia falar: saiu do lote ... Mas eu num ia de falar isso era co meu irmão ... Nem o Juarez falou nada, ele falou: ele é seu irmão, é meu cunhado, deixa o cômodo aí, deixa ele alugar que assim ajuda eles [...] Ficou aí quanto tempo? ... Mais de 3 ano, muito mais, ninguém num falou nada nunca ... Ele queria alugar ele alugava, se num queria num alugava ... Fazia o que ele queria [...]

É que o Juarez num é de falar, ele é desses que fica quieto [...] Ele falou: Se o Pedro tivesse falado comigo antes até eu podia comprar as telha dele, os tijolo ... Podia ver tudo que dava prá aproveitar e comprar prá por aqui na casa [...] Mas o Pedro num sei que que ele pensou, viu? ... Aho que pensou que o Juarez ia pedir prá ele dar de graça, num sei [...] Se ele achou que é assim que tem que fazer, que assim que tá certo, que que nós vai fazer, né? ... Nós tamos sossegado ... O que que tinha que ter feito prá ajudar ele nós fizemos ... Se ele na hora dele fazer uma coisa ele achou que num era que que pode fazer ... Deixa ele ... Também ninguém vai ficar chorando ..."

Posteriormente, sempre que Pedro aparecia em sua casa, Antonia quase não falava com ele e certa vez disse-lhe que não havia agido "direito", fazendo questão de insinuar que ninguém estava querendo pedir nada para ele. Pedro, por sua vez, dizia que não havia feito "por mal", apenas estava com um pouco de pressa do dinheiro e não quiz perder a oportunidade quando um comprador apareceu. Fazia questão, também, de dizer que não havia pensado nunca que Juarez fosse pedir alguma coisa. Juarez por seu lado, nunca abriu a boca para falar nada, nem Zé, que também havia reprovado a atitude de

Pedro (\*). Depois disso, porém, as relações entre Pedro e o resto da família, mesmo em relação a Maria e Martinho, esfriaram bastante, e apenas João era visto com mais frequência na casa de um ou outro parente. Antonia e Helena, durante algum tempo, chegaram mesmo a não adquirir verduras na "barraquinha" de Pedro, ou então faziam compras apenas quando era João que estava vendendo.

A CASA DE ZÉ  
E HELENA

A casa de Zé e Helena (Unidade B15) foi a próxima a ser construída. Após terem residido quase dois anos no mesmo lote junto com Juarez mudaram-se para um novo, e a parte que lhes cabia do antigo, equivalente a 1/3 do total, "ficou" para Juarez, sem necessidade de reembolso. Logo que Zé se viu em condições de iniciar a construção da casa, após o término do pagamento das prestações do lote e após haver adquirido o material necessário para construir pelo menos dois cômodos, ele pode contar com a colaboração de dois "colegas": Nestor (Unidade B14) e Valdir (Unidade V), este último sem nenhum laço de parentesco com o grupo de Zé. Um dos irmãos adolescentes de Helena também ajudou um pouco, assim como Neco (Unidade C17), que "apareceu" uma ou duas vezes. Nestor explicou assim as razões que o levaram a "ajudar" Zé:

"O Zé é uma pessoa que dá gosto trabalhar junto [...] Aqui em casa tudo que a gente puder fazer prá ajudar o Juarez, o Zé, eles lá, a gente faz ... Vizinho assim dá gosto [seu lote fazia divisa de fundo com o lote de Juarez, mas como usavam os fundos para entrar em casa a entrada situava-se praticamente, dentro do quintal do Juarez] [...] Elesaju

---

(\*) Quando os homens chegavam a "tirar satisfações" o assunto tornava-se muito mais sério e a situação tendia a se radicalizar. Isto não quer dizer que o que as mulheres diziam não era levado em consideração. Com elas, entretanto, o conflito tinha uma característica, e quando os homens se envolviam, tinha outra.

daram muito a gente ... Nada de mais, mas são coisa que a pessoa marca, num esquece, oê compreende num compreende? [...] Nas vezes que a Cida não passou bem, oê sabe, cos problema dela [referia-se a certos "ataques" que a filha adolescente sofria, mais comuns quando havia conflito entre ela e o pai, que a proibia de sair de casa e namorar um rapaz com quem afinal ela acabou "fugindo"] (\*), o pessoal do Juarez ajudou muito, se preocupou, ajudou sossegar Joana ... Sabe mãe como que é [...] Co meu emprego que tem que sair de noite, num tenho horário me chamam eu tenho que ir, e oê conhece isso aqui bem, num conhece? [referia-se ao bairro] ... Isso qui de noite oê já viu como é, é isolado de tudo [...] Minha confiança é que graças a Deus os vizinhos são tudo de primeira, como se diz [...] Se for preciso chamar uma pessoa, se acontecer alguma coisa, graças a Deus nós estamos bem cercados ... Tem o Juarez, os mocinhos, os filhos dele ..."

Ajudando Zé, Nestor estava indiretamente prestando um favor a Juarez, conforme suas palavras evidenciam claramente.

Já quanto ao auxílio de Valdir a Zé, dizia-se "se entendiam", "eram iguais", "mais iguais", do que se fossem irmãos. Ele era casado com Rute e o lote que ocupavam era pegado ao de Juarez. Haviam se mudado para o Jardim Londres cerca de 3 anos após a "chegada" de Juarez e seu grupo e em breve Rute havia se tornado "amiga da casa". Costumava dirigir-se a todos pelo primeiro nome, exceto Juarez, a quem chamava de "seu Juarez". Sua mãe havia morrido quando ainda muito pequena e desde então fora criada em orfanatos da Igreja Batista no Es

---

(\*) Este rapaz era negro, andava com um bando de rapazes que viviam sendo presos, e não tinha endereço certo, nem família. Sabia-se que a mãe morava numa área tipo "terreno da Prefeitura", perto do Jardim Novos Campos Elíseos, popularmente conhecida como "Morro dos Macacos" e famoso na imprensa policial da cidade por abrigar o que ela denomina "marginais" e "bandidos". Nestor só se referia ao namorado da filha pelo epíteto "o corvo"

tado do Rio. O pai e os irmãos viviam na Bahia, local onde ela também havia nascido, mas para onde nunca mais voltou. Aos 21 anos veio para Campinas, para residir com uma irmã da mãe. Essa tia morava num bairro periférico da cidade, tipo Jardim Londres, denominado Jardim do Lago. Neste mesmo bairro ele conheceu, namorou e acabou se casando com Valdir, também natural da Bahia, que havia vindo para Campinas para morar com uma irmã casada, enquanto os pais continuaram na Bahia. Valdir tinha outros irmãos espalhados pelos Estados do Rio, São Paulo e Bahia, mas dava-se "melhor" com a "irmã de Campinas" e "a do Rio". Valdir e Rute encontravam-se casados há cerca de 4 anos quando se mudaram para o Jardim Londres. Até então haviam residido no Jardim do Lago, numa casa alugada.

Quando iniciei meu trabalho de campo as relações entre Rute e o pessoal de Juarez estavam num ponto em que os laços entre eles já eram melhor definidos através de adjetivos retirados das categorias de parentesco. Antonia costumava dizer que Rute era "que nem filha" dela e Rute se dizia "tia" dos filhos de Helena. Rute vivia tomando coisas emprestadas de Antonia ou de Helena e não havia nada que ela fizesse "de diferente" que não levasse para as outras duas ver ou experimentar. Havia entre elas uma relação afetiva muito forte, expressa principalmente através de "joking-relationship", com muitas brincadeiras desrespeitosas e muita "gozação", como elas mesmas explicavam. Esta característica era também extensiva às relações entre ela e Zé, Juarez e seus filhos e, o que é bastante significativo, entre Valdir e as mulheres do grupo de Juarez.

Rute "se dava" com um número incrível de pessoas no bairro e tornou-se, na verdade, uma das minhas melhores colaboradoras, mas apesar disso suas relações mais intensas de amizade eram com Antonia e Helena, e suas respectivas famílias. Com as demais famílias

tratava-se, única e exclusivamente, de relações amistosas mantidas mais entre ela e as mulheres de casa e, em que pese a frequência com que pudessem se ver (mais durante a semana, ocasião em que os maridos estavam o dia todo fora), e favores que pudessem trocar (costura, cortes de cabelo, "fazer unha", etc.), o que não se notava era a mesma camaradagem entre Valdir e os maridos dessas mulheres, ou entre ele, Zé e Juarez. Na falta de um termo melhor pode-se dizer que o relacionamento de Valdir e Rute com Juarez e Antonia, e Zé e Helena (e por extensão com alguns dos demais membros do extenso grupo de parentesco desses), era mais totalizante, havendo reciprocidade não apenas entre as mulheres, mas também entre os homens. Em se tratando de pessoas que não eram ligadas por quaisquer laços de parentesco, este era um evento bastante significativo. Foi, portanto, em base a estes laços de amizade que Valdir prontificou-se a trabalhar na construção da casa de Zé.

Zé começou a "fazer" sua casa em 1971, e sua construção foi a que acompanhei mais de perto. Tinha cinco cômodos e, em 1975, quando escrevia este trabalho, ela ainda não havia ficado pronta, faltando a pintura externa, "arrumar" o quintal e a frente. O banheiro, porém, já contava com azulejos, bem como com pia, chuveiro e armário, que em si constituíam sólidos indícios de que estava em fase final de acabamento. Os demais quatro cômodos já se encontravam pintados por dentro, após haverem passado por sucessivas demolições e alterações sem nenhuma licença legal.

No caso de Zé, assim como em outros casos de moradias construídas por um sistema de cooperação semelhante, a ajuda de pessoas "de fora" (não residentes) não ultrapassava um certo limite de tempo ou dias, que era unidade básica do cálculo, e concentrava-se em tarefas bastante específicas. A ajuda era mencionada principalmente nos

instantes de "marcar" os riscos no chão, nivelar o solo (considerada a "pior parte" da construção), cavar os vãos para os alicerces, "fazer" os alicerces, levantar as paredes, pintar, colocar o madeiramento, instalar fios e canos e cobrir com telha ou lajota, conforme fosse o caso. No caso de cobertura feita de lajota, havia necessidade de maior conhecimento do assunto, e as pessoas procuravam "aprender" primeiro. Este aprendizado, evidentemente, nem sempre era adequado, constando algumas vezes de apenas "ver" como estava sendo feito em alguma obra, ou então em perguntar para algum "colega", vizinho ou parente que houvesse feito uso do processo, ou pedir explicações para o fornecedor. A cooperação por parte dos "de fora" variava, podendo, portanto, se dar tanto em relação a todas as tarefas, como concentrar-se mais em uma delas, dependendo da "especialidade" do ajudante. Zé foi ajudado por Nestor e Valdir para fazer a base da casa e na construção das paredes. Na parte referente à pintura Valdir foi quem mais ajudou e na instalação de canos e fios o encarregado foi Nestor. Demolições e modificações foram feitas por Zé, isoladamente, ou então em colaboração com Valdir, mas nem sempre. A partir de 1974, com a "chegada" dos parentes de Mato Grosso, Zé fez muitos serviços em colaboração com o cunhado Bastião (Unidade C13), havendo dispensa da ajuda dos outros.

A CASA DE NECO E LU

Em fins de 1972 Neco (Unidade C17) e

Lu casaram-se e foram morar em dois cô-

modos de tijolos construídos no lote de Juarez. Embora a questão não ficasse muito clara, grande parte das despesas com o material foi paga pelo próprio Juarez, uma vez que estava sub-entendido que tais cômodos fariam parte da casa que ele deveria construir futuramente. A

possibilidade de Neco e Lurdes saírem dali estava prevista para dentro de "uns dois anos", após terminarem de pagar as prestações do lote num bairro situado além do Londres, denominado Jardim Ieda (\*).

Durante o tempo que levou para "fazer" sua casa, Neco teve várias discussões com a família, principalmente com o pai e a mãe e "andou meio de cara feia" para a família da noiva, principalmente para os irmãos homens dela e o tio Nestor. Todos atribuíam tal atitude à "idéia" que Neco tinha de que "ninguém" o estava ajudando. Na verdade, não se pode negar que Neco encontrou certas dificuldades em conseguir ajuda e a que porventura teve não foi exatamente dada a ele, mas sim a Juarez e Antonia, indiretamente. Antonia certa vez desabafou:

"O Neco táí, trabalhando d: cara feia ... Que que vai fazer? ... Diz que tá cansado, tá cheio, que ninguém ajuda ele, que ele que tem que fazer tudo sozinho [...] Fica nervoso, ninguém pode chegar nem perto dele [...]"

As pessoas também ajuda quando pode, né? ... Quando elas num pode, num ajuda ... Ele fala agora, mas bem que quando era a vez dele [ajudar] ele também num falava que num podia?, que tinha as coisa dele prá ver? ... Agora também num pode se queixar, né? [...] Ele até que num pode falar muito não, porque já ajudaram bem ele aí [...] Os outro irmão ajudaram também [os irmãos mais novos de Neco] ... Ué, mas é que eles também são moço, tem as coisa deles prá ver [...] O Juarez doente desse jeito num pode ajudar muito mesmo [...] O Neco é assim mesmo, quem que num sabe? ... Prá ele as coisa num tão nunca do jeito que ele quer, ele tá sempre nervoso, reclamando, xingando ... Deixa ele [...] Mas com quem que ele tá mais bravo é co pessoal da Lu ... Ele fala que eles fica falando,

---

(\*) Acabaram, entretanto, saindo antes disso graças a um emprego de zelador que Neco arrumou num edifício situado no centro da cidade, em 1975.

pondo defeito, mas num quer saber de trabalhar [...] Só o "seu" Nestor que teve aí um dia co Zé ajudando cos cano [...] Mas o Neco também eu conheço, viu? ... Ele num é de brincadeira não ..."

Durante o período da construção da casa de Neco um grande mal estar pairou entre as famílias dele e de Lu, com as pessoas se evitando o mais possível. Helena e Zé, depois disso, sempre que o assunto da casa de Neco vinha a baila, faziam questão de acentuar os "5 dias" de trabalho efetuados por Zé, afirmando que isto era mais do que Neco havia "dado" para eles, ou para qualquer pessoa da família. Faziam absoluta questão de esclarecer, em conversa, que se não fosse "por Juarez e Antonia", para não "amolá-los", tal colaboração não teria sequer existido.

Em 1975, finalmente, quando Neco e Lu mudaram-se para o edifício onde ele havia conseguido um lugar de zelador, os dois cômodos em que viviam encontravam-se separados da moradia híbrida de Juarez e Antonia por alguns poucos metros e foi feito um "arranjo" que possibilitou a ligação entre as duas unidades, de forma que a casa de Juarez, a última vez que fui ao bairro, oferecia um aspecto original, pois encontrava-se provida de uma escadinha interna, um quarto pequeno sem ventilação e um minúsculo corredor em L que servia de elementos de ligação entre as duas moradias: a de Neco, com um quarto e cozinha em alvenaria, e a do próprio Juarez, com cozinha (em tábua), sala (alvenaria) dividida ao meio para fazer um quarto de fundo, e outro de lado (alvenaria). Sua moradia, evidentemente, era totalmente clandestina.

A CASA DE ORESTES  
E ALZIRA

A "chegada" de Orestes e Alzira (Unida  
de B8) embora ocorrendo após o térmi-

no do trabalho de campo é importante ser relatada porque evidencia uma forma de expressar laços de solidariedade distinta daquela que está sendo aqui registrada. Já foram descritas as condições da mudança desta família, bem como as razões que a conduziram até a cidade de Campinas e ao Jardim Londres, particularmente. Pois bem, uma vez na cidade, verificaram, em conversas com parentes, que teriam dinheiro suficiente para alugar "uma boa casa num bairro melhor", nas palavras de Juarez, mas optaram, segundo Orestes, pelo seguinte:

"Num ficar por aí gastando dinheiro a toa, que nem água [...] Era mais fácil vir morar aqui mesmo no Londres do que noutra lugar que num tivesse ninguém conhecido, onde ela ia de ficar sozinha [estava referindo-se a Alzira]... ... Aqui não ... Aqui tem o irmão dela, tem minha cunhada, tem a sobrinhada tudo, cê sabe [...] E a mãe dela tá aqui também [...] Ela vivia falando que a mãe tava velha [referia-se a Dona Aurora, A1] [...] Tamos morando aqui só por enquanto [no cômodo alugado por Pedro] [...] Eu tou construindo minha casa, logo que der, que a casa ficar pronta, nós já mudamos ... Vamos ver [...] Quem que tá lá fazendo ela é o Zé [...] Dei prá ele fazer [...] Tão lá trabalhando os dois [referia-se a Bastião, C13] [...] Logo ela já fica pronta e a gente sossega ..."

A escolha do Jardim Londres como local de moradia por parte de Orestes e Alzira foi considerada por todos uma decisão "certa", a "mais acertada", a "melhor", a "mais direita", e serviu para demonstrar que embora contassem com mais dinheiro, fossem "mais folgados", e, comparativamente falando, se encontrassem melhor de vida que os outros no momento da chegada, tal decisão provou que eles não foram

"cheios de coisa" ou "orgulhosos", já que optaram por ficar próximos da família.

Logo que chegaram anunciaram que alugariam uma casa "em qualquer lugar" enquanto estivessem procurando um lote para comprar, o qual pretendiam pagar "tudo duma vez". Anunciaram também que antes de se mudarem pretendiam "mandar fazer a casa" de alvenaria.

Como deveriam residir apenas provisoriamente neste "lugar qualquer", foi-lhes sugerido o cômodo de Pedro e João, no quintal de Juarez e que estava para ser "desmanchado". Enquanto estivessem ali poderiam "ver as coisas mais sossegados", isto é, procurar um lote, e ao mesmo tempo não estariam "sozinhos", já que ficariam "perto dos parentes". Quando já se encontravam residindo no local foi que concluíram que o mais fácil seria adquirir um lote ali mesmo. Além dos conselhos dos parentes, uma das razões que provavelmente mais contribuiu para fortalecer a idéia de permanecerem por perto foi a relativa demora que os filhos de Orestes e Alzira enfrentaram para achar emprego. O rapaz mais velho, 20 anos, "veio" na esperança de achar logo um "bom serviço numa fábrica", e a moça, um pouco mais nova, pensava em arrumar "qualquer coisa em alguma loja, alguma farmácia", ou então "numa fábrica. Tal não sucedeu de imediato e embora o rapaz haja conseguido, meses depois, entrar como operário não qualificado numa empresa estrangeira, a moça conseguiu apenas serviços em "casas de família", como empregada doméstica.

Orestes, em virtude da idade, logo descobriu que não era fácil achar emprego, e que muito provavelmente jamais voltaria a ser "patrão dele mesmo". Reconhecia, por isso, que as coisas haviam "piorado" para ele, mas estavam melhores para os filhos ("a cidade é melhor para os moço") e para a mulher ("tá perto dos parente dela"). Permanecer no bairro, portanto, não foi apenas uma questão de falta de

"orgulho" por parte desta família, mas também uma solução altamente racional do quadro que se lhe apresentou. A presença dos parentes, por menos que pudessem ajudar, seria um conforto e uma espécie de garantia.

Quanto a pagarem ao Zé para "fazer" a casa, esta foi outra medida que serviu em muito para estreitar os laços de solidariedade entre o grupo. O fato de transporem algumas etapas no processo de fixação, adquirindo um lote e construindo a casa logo em seguida, e disporem, além disso, de meios para a empreitada, fez com que ninguém se oferecesse para "fazer" a casa junto com eles. Por outro lado, já que iam mesmo pagar, e Zé estava desempregado, porque então não encarregá-lo da tarefa? Assim foi feito, e além de Zé conseguir emprego também foi possível empregar o cunhado Bastião, que se encontrava na época igualmente "parado". Da mesma forma que já ocorrera com o aluguel da moradia provisória, aqui nesta instância o grupo conseguiu, novamente, manter várias ações sob seu controle, inclusive a transferência de fundos, que não teve que ir para "estranhos".

Caso Orestes e Alzira houvessem "chegado" à cidade em condições opostas a que chegaram, isto é, em condições precárias, e tivessem procurado os parentes, teriam sem dúvida sido acolhidos, apesar das despesas que pudessem em dado momento significar para os outros. As coisas, porém, da forma como aconteceram, escaparam da forma pela qual as pessoas comumente chegavam ao Jardim Londres, mas foi uma excelente ocasião para que se verificasse a importância da coesão familiar ainda quando as condições não são assim tão ruins para quem chega. Quando os laços entre as pessoas eram acionados em virtude de dificuldades materiais e financeiras elas invariavelmente faziam menção da importância de ter "alguém" por perto nessas horas, mas

quando aparentemente inexistiam tais dificuldades e os laços eram assim mesmo enfatizados, como ocorreu entre Orestes e os que já estavam na cidade, as pessoas faziam questão de dizer, com satisfação, que não era "pelo dinheiro", ou "por precisar", que elas haviam se aproximado, mas sim porque realmente queriam "estar perto".

A CASA DE NESTOR E  
JOSEFA; A CASA DE  
NOQUINHA; A CASA  
DE MARIA E CIÇO; A  
CASA DE DONA CÂNDI  
DA

Não adiantaria repetir, detalhadamente, o modo pelo qual a casa de cada uma dessas pessoas foi feita, que seguiu um processo semelhante as outras que foram vistas <sup>(34)</sup>. Nestor (Unidade B14),

a mulher e os filhos, como foi relatado anteriormente, foram os primeiros dessa família que chegaram à cidade, mas foram Ciço e Maria (Unidade B12) que primeiro conseguiram fazer a casa. Isto foi possível porque Maria trabalhava fora e os cinco filhos já eram todos crescidos, cada um com uma ocupação. Nestor, pelo contrário, tinha "duas famílias" para "sustentar", segundo o que todos diziam, e de pouco valia o fato de Joana e os dois filhos mais velhos trabalharem. Quanto a Noquinha (Unidade B11) ela era viúva e só tinha "filhas mulher", sendo que apenas duas trabalhavam, e isto justificava bastante suas condições inadequadas de moradia perante os outros.

O trabalho "pesado", mais constante, durante a construção da casa de Ciço e Maria ficou a cargo dos filhos mais velhos. Nestor foi até a "obra" ajudá-los, colaborando principalmente nas tarefas de fazer o alicerce e na instalação de fios e canos. Certo domingo, Zé, marido de Helena, acompanhou-o. A ajuda de Zé, nesse caso, fazia parte das trocas entre Nestor e ele e não estava diretamente voltada para Ciço ou Maria, embora Lu, a filha do casal, já estivesse de casa-

mento marcado com Neco, cunhado de Zé. Em média, para construir os tipos de casas mais comuns no bairro eram suficientes cerca de 3 homens, e na construção da casa de Ciço este número satisfatório de pessoas era conseguido quando Ciço estava sóbrio e em condições de trabalhar. Apenas quando ele estava "daquele jeito" (bêbado) é que havia necessidade de reforço, que no caso era Nestor.

A próxima casa a ser completada foi a de Dona Cândida e se tratava, na verdade, de um cômodo, posteriormente ampliado e transformado numa casa de 4 cômodos. Ela foi construída por Nestor, Joana, o filho mais velho deles, e Noquinha. Zé também colaborou algumas poucas vezes. Apesar de se tratar de um cômodo apenas, o trabalho de fazê-lo consistiu numa árdua tarefa, pois o local em que se encontrava situado o lote era bastante inclinado e a operação de nivelamento levou muito tempo para se completar, tanto que a base teve que ser feita e refeita e as paredes tiveram que ser demolidas várias vezes. Nestor e Joana iniciaram as tarefas e poderiam haver dado conta do serviço sozinhos, já que no começo tratava-se apenas da construção de um cômodo, mas as complicações que surgiram acabaram por requerer o auxílio de outras pessoas.

As casas de Nestor e Noquinha permaneceram híbridas durante o tempo todo que durou o trabalho de campo e só no início de 1975 é que entraram em fase de acabamento. A moradia ocupada por Nestor e sua família havia sido feita por ele e Joana sozinhos, e sua parte construída de tijolos datava ainda da época em que Juarez e seu pessoal estavam se mudando para o lote vizinho, quando laços de vizinhança e casamento ainda não haviam se estabelecido. A construção era precária e dado o caráter provisório com que havia sido feita, até terem dinheiro para "uma coisa melhor", não havia nada que indicasse qualquer aproximação ao tipo de casa que Nestor pretendia ter, cons-

tando apenas de 3 cômodos dispostos em forma de L, com divisões internas de madeira. O próprio local em que estava erguida no lote era irregular, situando-se praticamente pegado ao barraco de Juarez. O local correto, onde devia erguer-se a casa "de verdade", fora sempre deixado "limpo", pronto para sua construção a qualquer instante. No dia que Nestor estivesse em condições de construir sua casa definitiva ele sabia que poderia contar com Zé para ajudá-lo, pois este vivia dizendo a todos que havia "prometido" ajudar Nestor quando fosse "o tempo".

Entretanto, enquanto isso não acontecia, Zé chegou a trabalhar "uns três dias" (leia-se três domingos) ajudando Nestor na casa que Noquinha estava construindo. Nestor era "o principal" nessa tarefa de construção, juntamente com o filho mais velho de Noquinha, casado e residente no Jardim Novos Campos Elíseos. O limite de três dias foi estabelecido pelo próprio Zé, que espontaneamente ofereceu-se para ajudar Noquinha. A razão dessa colaboração havia sido a atenção e as continuadas visitas que Noquinha havia sido feita à Dona Aurora, mãe de Juarez e em seguida a Antonia, em ocasiões em que estas "ficaram muito mal" (doentes). Além disso, o fato de Noquinha ser viúva e irmã de Nestor eram fatores que a colocavam em posição de ser ajudada. Como ela só contava com um filho homem em idade adulta e outra criança ainda, sendo os demais do sexo feminino, Zé ajudou dizendo que "tinha dó" delas.

## C O N C L U S Ã O

Concluir esta parte do trabalho também equivale a concluir todo ele, e confesso que esta tarefa me foi muito árdua, tanto assim que não me encontro totalmente satisfeita com ela. Em relação às últimas secções do trabalho (A CHEGADA e A CONSTRUÇÃO) praticamente inexistente conclusão, pois as pessoas do bairro continuam chegando, suas casas continuam sendo lentamente construídas, e as formas de enfrentamento diante das dificuldades continuam basicamente sendo aquelas frutos de articulações restritas a suas redes pessoais e informais de relação social.

Em relação ao trabalho como um todo esta conclusão serve bem para enumerar alguns pontos que deveriam ter sido melhor vistos e enfatizados e sobre os quais vim me dar conta apenas quando o escrevia ou depois que ele já se encontrava pronto. Eu gostaria de haver apresentado uma descrição bem mais acurada da população, amarrando melhor certos dados que são de extrema significância, tais como, as relações de trabalho que as pessoas mantinham no campo antes de virem para a cidade, as relações de trabalho na cidade e a forma pela qual as relações no trabalho e no bairro se desenvolviam, isto é, até que ponto as formas de associação se inter-penetravam ou não, e quais eram os elementos que permitiam a passagem de um domínio para outro. Em relação ao sistema de propriedade, mais particularmente em relação à propriedade do lote, gostaria de haver acompanhado caso por caso que envolvesse compra, venda, partilha ou troca, a fim de melhor entender as formas próprias de jurisprudência desenvolvidas entre a população.

Em relação às redes, propriamente ditas, uma infinidade de reparos podem ser feitos, sendo que o mais pertinente é aquele que aponta para um estudo de redes que ultrapasse a utilização delas como simples formas de abordagem de uma dada população, mas que aprofunde mais a questão de se tratar, ou não, de formas significativas de manifestação extrapolando limites de sobrevivência imediata do grupo. Seria necessário verificar exatamente em que domínios de atividade elas se manifestam, que laços se mantêm constantes uma vez variando os domínios, e quando há maior capacidade de aglutinação ou mobilização das redes, uma vez variando os domínios, ou, colocando a questão de forma ainda mais adequada, que fatores determinam que certos laços e indivíduos estejam presentes de forma significativa na articulação de redes situadas em domínios distintos, tais como no trabalho e no bairro, ou atividades que lhe sejam afins, como petições à Prefeitura, construção de casas, conflitos no trabalho, etc. A pergunta que tenho em mente é a seguinte: partindo do pressuposto que não são as características pessoais dos indivíduos que conduzem à sua participação ou não numa dada atividade que envolve a pré-existência de um sistema de solidariedade, até que ponto a inserção de indivíduos em redes desse tipo, ou até que ponto a presença de redes desse tipo, na falta de outras formas mais complexas (e completas) de associação, podem ser vistas como alternativas "espontâneas", porém significativas, para a obtenção de benefícios de um dado grupo. Conhecer e respeitar as formas de sobrevivência das camadas menos favorecidas e registrar os campos de que dá conta constitui-se, talvez, numa das tarefas mais importantes do cientista social em campo e, no caso do presente trabalho, muito particularmente, lamento que minha inabilidade tenha sido o maior obstáculo para que tal objetivo se concretizasse.

A preferência por este tipo de planta devia-se ao tamanho desigual dos quartos, sendo que, "um era para as crianças" (o menor), e as modificações mais frequentes, além do uso do banheiro, já discutido para outros casos, eram: a eliminação dos armários embutidos (previstos para os quartos maiores, nas 3 plantas), e, no caso do projeto PLÁ, que previa a localização da área de serviço e do banheiro na parte anterior da casa, uma transposição desses cômodos para os fundos, e inversão de portas e janelas, que acabavam por transformar o projeto PLÁ, em projeto P1C ou P1D.

e) Moradias construídas de acordo com os projetos de Construção de Habitação Econômica P5A, P5C, e P5D, de 50 m<sup>2</sup>, de 1 quarto, sala, cozinha e banheiro com área projetada para futura expansão (4 cômodos + 2 cômodos).

É válido, para cá, as mesmas observações feitas anteriormente sobre o uso do banheiro, além de modificações e inversões de portas e janelas, e ausência de armários embutidos.

Além disso, no caso da planta P5A, a área de serviço é projetada localizando-se na parte anterior-externa da casa, e o banheiro na parte anterior interna, o que contrariava o gosto dos moradores locais, que acabavam por construí-lo na parte posterior interna da casa. Assim, algumas conseguiram fazer com que a casa se aproximasse dos padrões das plantas P5C ou P5D, mas outros não. Isto porque, como ocorria com o projeto PLÁ, citado no item d, em que a área de serviço aparecia na frente, e o banheiro para os fundos, mas não aceitavam colocar o tanque "na frente". Isto, entretanto, não significava que iriam desmanchar a área de serviço, uma vez que esta ocorria uma aparência de "varinha de frente" (\*) (singular de área).

(\*) Arcazinha, singular de área.

## NOTAS

(23) É interessante notar que era nos momentos de conflito familiar seguido de discussões e brigas, principalmente, que muitos fatos viam à luz. Como se dizia no bairro, era "nessas horas" que as pessoas "jogavam na cara" uma das outras palavras e fatos que poderiam ofender. Maria, quando brigava com Ciço por causa da bebida, costumava "falar mal" da família dele para os vizinhos e conhecidos. O mesmo faziam seus filhos quando o pai "passava de conta". Nestor, em constante conflito com sua filha, também "ouvia das suas" e em seguida às discussões a moça costumava ir para a casa de alguma colega ou vizinha onde continuava com suas críticas ao pai e à sua família em geral. Neco, filho de Juarez, quando discutia com Lu, filha de Ciço e Maria, ia para a casa da mãe e "falava mal" da família da mulher e o mesmo fazia ela junto aos seus ou então junto a alguma vizinha "chegada". Na verdade, devo confessar que a maior parte de certas informações que obtive foram a partir desses conflitos, notadamente quando o assunto era referente a aspectos mais íntimos da família, isto é, motivações e opiniões a respeito de fatos que escapavam dos relatos sobre o passado ou sobre o dia-a-dia e a respeito dos quais nunca hesitaram em falar.

(24) A própria tomada de posição junto ao MDB, por exemplo, anteriormente citada, fundamentava-se a partir de frases feitas e tinha um caráter apenas eleitoreiro. Talvez não se possa negar a base populista dessa tendência, que se baseava mais na experiência de vida daquelas pessoas do que numa tomada de posição política consciente. Isto se manifestava através de alterações radicais sempre que simpatias pessoais por este ou aquele personagem político do outro partido entrasse em jogo. As mesmas considerações se aplicam quando as prefe-

rências eram por políticos da ARENA. A explicação que davam era que "político é tudo igual", se "está lá em cima" (no poder) não quer mais "saber" de quem "está em baixo" (povo) e nem "liga mais prá nada". Ainda a respeito dos partidos políticos vale dizer que ninguém tinha a mínima noção dos projetos específicos de cada um deles, limitando-se a repetir apenas que "era" do MDB ou da ARENA. Por mais significativo que possa parecer este alinhamento ele não deixava de ser frágil e descomprometido, já que as pessoas mostravam um total desconhecimento das reais circunstâncias que levaram à criação do bipartidarismo no país, sua atual articulação e as várias tendências contidas dentro de cada um deles.

(25) Nesse caso, mais do que o conceito de "network" (rede) conforme desenvolvido por Mitchell e Epstein, entre outros, estou levando em consideração o conceito de "action-set" desenvolvido por Mayer (1966), quando ele diz que um aspecto

of this action-set is that a wide variety of bases for linkage are involved. Included as criteria are kinship, political party, religious sect, and so on. (...) Thus, action-sets of this kind are formed of links derived from many social fields; but because they are purposive creations by an ego, this purpose gives all the links a common feature, without which the action-set could not be classed under the quasi-group rubric. (p.108).

"Quasi-groups", por sua vez, possuem, segundo a definição deste mesmo autor:

a degree of organization, but are nevertheless not groups. They can be called interactive quasi-groups, for they are based on an interacting set of people. The quasi groups differ fundamentally from the group and the association.

First, they are ego-centred, in the sense of depending for their very existence on a specific person as a central organizing focus; this is unlike a group, in which organization may be diffuse. Second, the actions of any member are relevant only in so far as they are interactions between him and ego's or ego's intermediary. The membership criteria do not include interaction with other quasi-group members in general (p. 98).

O conceito de "quasi-group" bem como o próprio conceito de "network", oferecem campo para uma ampla discussão a respeito de sua validade conceitual na medida em que possa haver uma tendência a substituir este conceito por aquele de "classe". Tal não é minha intenção. O que considero importante, todavia, é que a partir do conceito de classe, principalmente quando se trata de estudos realizados sobre a chamada "população marginal", "classe baixa", "proletariado", não é suficiente, principalmente para o cientista social que está em campo, tratar os indivíduos que estuda como se fossem indistintas "batatas" em um saco (a respeito deste interessante conceito ver Marx e Engels, 1950). Tal verificação, obviamente, não deve ser feita com o intuito de propiciar um tipo de análise que viria a privilegiar grupos e sub-grupos de pessoas numa sucessão indefinida e que acabaria por mascarar a condição estrutural, real, em que elas de fato se encontram. A grande vantagem de conceitos como estes desenvolvidos por Epstein é que permitem um tratamento satisfatório do dado empírico num primeiro momento, ou seja, propiciam informações sobre a população em um nível bem próximo dela durante a própria investigação. Melhor dizendo, creio que o valor de conceitos como estes, assim como o de todos aqueles ligados ao estudo de "social networks", está antes na abordagem que propiciam em campo do que na análise e explicação última dos fatos, quando então tem-se que apelar para conceitos

mais amplos do campo sociológico.

(<sup>26</sup>) A esse respeito é bastante pertinente a discussão feita por Mitchell (1959) a respeito de incidência e taxa, em sua discussão sobre migração:

"In logical terms economic factors appear to be a necessary condition (to labour migration) but they may not in themselves be a sufficient condition. In other words if the economic drives to labour migration are not present it is unlikely that it will occur, but if the economic conditions are present the actual migration may not occur until some event in the personal life of the individual precipitates events and triggers off his decision to go.

One of the advantages of separating out economic and personal factors in this way is that it enables to distinguish between the incidence and the rate of labour migration (Parsons, 1937). When we talk about the incidence of labour migration we refer to the set of unique circumstances which induces a particular migrant to leave his rural area, it implies therefore a complete appreciation of the conditions underlying the migration both economic and personal" (pags. 6/7).

Dois reparos podem ser feitos a estas afirmações de Mitchell. O primeiro é que onde se lê "to leave his rural area" (deixar sua área rural, de origem) pode ser também colocado, sem qualquer perda de sentido, "local para onde o migrante se dirige", no caso a cidade, ou então outra área rural. O segundo reparo, a respeito do qual quero fazer apenas uma menção bastante leve, é o nível em que os determinantes econômicos são aqui colocados, dando a impressão de estarem no mesmo nível dos pessoais, posição esta que o autor não explicita adequadamente no texto e que pode levar à crítica da visão um tanto quanto ingênua dos fatos, onde migração se colocaria como

variável dependente e os fatores econômicos, assim como os pessoais, como variáveis independentes, porém inter-relacionados.

(27) Vale a pena mencionar a respeito dos estereótipos em geral aplicados à classe baixa e excelente artigo de Rodman, H. "On Understanding Lower Class Behaviour" (1959).

(28) A estreita relação entre mãe/filha e irmã/irmã, foi observada em vários estudos feitos por antropólogos e sociólogos que trataram sobre família. Young and Willmott (1957) em seu trabalho realizado em East London analisam a importância desses laços, bem como registram a forma pela qual a expressão "Mum", forma coloquial de "Mother", é amplamente utilizada. Bott (1957), em seu trabalho clássico sobre papéis conjugais, ao discutir a natureza da "close-knit network" (rede estreita) do casal, também se refere à profundidade dos laços entre mãe e filha, particularmente no caso da família Newbolt (o casal em pior situação econômica) onde ela afirma o seguinte:

In Mrs. Newbolts case the relationship between herself and her mother was very close. Her mother lived nearby in the same local area, and Mrs. Newbolt visited her nearly every-day, taking her children with her. She and her mother and her mother's sisters also visited Mrs. Newbolt's maternal grandmother. These women and their children formed an important group, helping one another in household tasks and child care, and providing aid in crisis (...). Within the network of relatives, there was then a nucleus composed of the grandmother, her daughters, and her daughter's; the relationships of these women were sufficiently intense and distinctive to warrant the term 'organized group' in the sense defined above. Mrs. Newbolt's female relatives provided some of the domestic help and emotional support that the wives of other research families expected to get

from their husbands. Mrs. Newbolt was tremendously attached to her mother emotionally. She felt that a bad relationship between mother and daughter was unnatural, a complete catastrophe. She would have been shocked by the seemingly cold and objective terms in which some of the wives in other research families analysed their mother's characters. The close tie with the mother is not only a source of help in families like the Newbolts, but may also be a potential source of friction, for if her husband and her mother do not get along well, a young wife is likely to feel torn by conflicting loyalties. Mrs. Newbolt felt she was fortunate in that her husband and her mother liked each other. (pg. 60 e 70).

Clarke (1957) em seu estudo realizado na Jamaica, também apontou para a intensidade dos laços entre mãe e filhos, particularmente com as filhas, na fase adulta da vida. Em seguida, em termos de intensidade, vinham os laços entre "siblings".

Na mesma linha de discussão dessa autora estão os trabalhos de Smith, H. (1962) e Smith, R. (1956) realizados na Jamaica e Guiana Inglesa, respectivamente. Existem outros trabalhos que tratam desse mesmo assunto, ainda que não especificamente, mas faço menção proposital apenas daqueles considerados como clássicos no campo da Antropologia Social.

(<sup>29</sup>) Tive contato muito próximo com 2 casais de primos entre si, sendo que um já era marido e mulher e outro era constituído por 2 adolescentes que se diziam "namorados". (Depois de certo tempo este namoro terminou, mas não por qualquer imposição familiar). Ambos os casais envolviam primos paralelos e a forma como se conheceram foi idêntica nos dois casos. A família da moça já vivia em Campinas e o primo veio para cá arranjar serviço, sendo que o casado chegou a morar

algum tempo na mesma casa da mulher e o outro ficou morando na casa de uma tia em comum dos dois. Ambos os rapazes haviam tido um contato anterior muito pequeno com as respectivas primas, vindo a conhecê-las só quando noças. Ambas (38 anos, a casada, e a outra 15) disseram praticamente a mesma coisa respeito da escolha do par. Afirmou a casada:

"Ele era primo meu ... Tem gente que diz que num presta casar com primo ... Eu acho que num tem nada demais ... Que non o Paulo [o marido], eu num conhecia ele, num tinha nem lembrança direito de como ele era quase eu via ele ... Aí ele veio morar lá em casa, a gente conversava, se dava bem, eu falava prá ele as coisa ... Naquele tempo até eu tava de namoro com outro rapaz ... Eu brigava muito com esse, ele implicava comigo, tinha uma ciúmeira, uma implicância dos outro homem ... Aí nós brigamos, terminamos tudo ... O Paulo foi muito bacana comigo, ele que me aconselhou, que falou que casar com um homem assim não ia valer a pena [...] Só sei que foi assim, quando nós vimos nós já tava de namoro ... O Paulo falou que eu é que era a mulher prá ele, que ele me conhecia, que eu era direita ... Aí eu vi que eu também tava gostando dele ... Que num era só amizade que nós tinha [...] Por isso que eu falo, esse negócio de falar que porque é primo num pode casar, que que adianta? ... Diz que é por causa dos filho, do sangue ... Meus filho são tudo forte, nunca me deram trabalho, são sadio ... Se eu tivesse casado co outro é que podia tá aí sofrendo, com aquele gênio ruim que ele tinha, podia fazer sofrer os filho aí sim que eu queria ver ... O Paulo graças a Deus é um marido que eu num tenho queixa ... É aquela calma [...] Assim, da família falar quando nós casamos, num aconteceu muito ... Meu pai falou ... Meu pai falou: 'Olha filha, cê que sabe, diz que casamento com primo num é bom [...] Mas eles gostava do Paulo, via que ele era um rapaz trabalhador, que gostava de mim ..."

A namorada, por sua vez, disse:

"Tu tou namorando um primo meu mas só que ninguém sabe ... Se ficar sabendo já fica tudo mundo de olho gordo, já estraga ... Inda mais que ele é um moreninho espetacular [...] Minha mãe sabe, minhas primas [residentes na casa onde o rapaz se encontrava] também ... É outras colega minha que não sabe [...] Meu pai num quero nem saber ... Ele nem falou nada ainda ... Tou firme, fazendo de conta que num sei de nada [...] Meu pai é bravo, ele já vai querer começar falar, falar co meu primo, já viu ... Espanta [...] Quando esse primo apareceu [morava há 3 meses na casa da tia] eu e minhas primas já achamos ele bonito ... Aí eu falei, vamos ver quem que conquista ele, né?, quem conquistar é porque é a que ele gosta ... Tive sorte, fui eu que ele quiz conversar [...] Já vai fazer um mês agora que tamos de namoro ... Ele é muito bonzinho [...] Dole ser primo meu ninguém falou ... Minha mãe, minhas tia, tudo fala que casamento assim não dá certo ... Eu falei prá minha mãe: 'Ih!, quem que tá falando que eu vou casar com esse daí e não com outro?' ... Acho que elas tem medo de alguma coisa, num sei ... Mas eu num sou boba ..."

(30) Para os moradores do Jardim Londres não ter parentes residindo próximo ou na cidade era muito raro. Tomando como base as 93 famílias vistas na segunda parte do trabalho, havia apenas 19 que se encontravam por assim dizer "sozinhas" na cidade, ou seja, não contavam com nenhuma outra unidade na cidade com a qual estivessem ligadas por laços de parentesco, mesmo os de afinidade. Dessas 19, conforme se vê pela relação a seguir, 15 (70%) encontravam-se na cidade há menos de 3 anos, podendo, ainda, vir a estender em breve a sua rede através de casamentos ou da chegada de parentes do campo para a cidade.

Anos de Permanência na Cidade	Nº de Unidades	%
Menos de 12 meses	3	15
12 a 23 meses	7	38
24 a 35 meses	5	27
36 a 47 meses	1	5
48 a 59 meses	1	5
60 a 71 meses	0	0
72 a 83 meses	1	5
84 e mais meses (*)	1	5
TOTAL	19	100

(\*) Tratava-se de uma família que vivia há cerca de 15 anos no bairro, e todos os demais parentes "tinham sítio" e "viviam no sítio" (1 irmão do marido, 2 irmãs e 1 irmão da mulher).

(31) Permite-me, aqui, usar a expressão "problema urbano" segundo o definido por Castells (1972) em que o autor admite ser esta uma noção escamoteadora, que oculta atrás de si toda uma série de contradições situadas em outros níveis.

(32) No caso de Helena e Zé, assim como com outros casais mais jovens, composto de pessoas que haviam chegado à cidade adolescentes, era comum que a noção de herança já estivesse mais de acordo com o estabelecido no sistema legal. Quando Zé morresse ("acontecesse alguma coisa com Zé") entendiam que a casa ficaria para Helena, ainda que, coloquialmente, dissessem que a casa era "para os filhos". Certa vez, quando eu discutia que muito provavelmente metade da propriedade ficaria para Helena e metade para os filhos, e que para vender talvez fosse necessária a autorização do juiz, ambos, Zé e Helena, acharam que tal procedimento não era "certo", uma vez que só ia "dar trabalho".

Mas em todo caso viram algum fundamento na questão levando-se em conta que os filhos eram pequenos e seria "bom" que tivesse uma lei que ajudasse, porque a mãe "também podia faltar" e os filhos ficariam dos protegidos. O mesmo raciocínio, porém, aplicado para quando os filhos já fossem adultos e casados, provocou uma opinião discordante. Tanto Zé quanto Helena argumentaram que não era "direito" que o filho que não houvesse "ajudado o pai" tivesse os mesmos direitos daquele que ajudou. Esta forma de ver as coisas era comum no bairro e as únicas pessoas que discordavam eram em geral aquelas que tinham fama de "aproveitadoras", ou então pessoas que estavam muito mal de vida e que raciocinavam, ainda que hipoteticamente, que "se meu pai tem um pedaço de terra, nem que eu num more mais lá, na hora de vender a terra também é minha, é de quem tem sangue igual", conforme declarou um indivíduo que vivia brigando com os irmãos e cunhados por causa de dinheiro que ele tomava emprestado e não pagava, e da bebida que consumia em demasia.

(33) Algumas das pessoas mais velhas, aí por volta dos 50 anos, conheciam muito pouco a "cidade" (centro da cidade) e outras apenas sabiam ir a determinados lugares, tais como a agência local do IFFS e Prefeitura Municipal. Conheciam também as conexões de ônibus e ruas que porventura conduzissem às casas de parentes próximos em outros bairros, ou então que levassem à estação de trem ou de ônibus.

No caso dos indivíduos mais jovens, dado o tipo de divisão de trabalho no interior da casa, em que homens trabalhavam para sustentar a família e a mulher apenas para "ajudar" (no caso de trabalharem "fora"), a questão de "sair na cidade" ou "ir até a cidade" (centro) passava a ser uma tarefa complementar, feita por aquele cônjuge que tivesse mais disponibilidade, que era quase sempre a mulher.

Embora algumas compras fossem feitas apenas pelos homens, como por exemplo o material de construção, a maioria das outras incursões ao comércio, à Prefeitura "para ver negócio da água", ou "negócio do in<sup>o</sup> posto", visitas a parentes e conhecidos, idas ao IUPS para tirar guias de consulta, "ver escola para as crianças", etc., eram atividades essencialmente femininas, que a mulher desempenhava em geral acompanhada dos filhos. Tais circunstâncias faziam com que as mulheres se vissem possuidoras de um maior conhecimento a respeito de como se orientar no centro da cidade.

Os homens, mais habituados a ir em casa para o trabalho, demonstravam conhecer melhor as comunicações no interior dos bairros, que muitas vezes percorriam a pé, ou então dominavam melhor os aspectos periféricos da cidade, locais onde muitas vezes haviam trabalhado, ou então onde residia algum "colega de serviço".

(34) O grupo que está sendo estudado pode, talvez, dar a impressão de se constituir numa exceção, ou num exemplo de cooperação. Ideal é mais o caso, mas de forma alguma exceção, porque as pessoas do bairro podiam nem sempre estar inseridos numa rede de parentesco tão ampla quanto a dele mas na ausência de parentes era difícil que não houvesse "bons vizinhos", ou algum "colega" disposto a ajudar. Além disso, muitas unidades familiares se bastavam a si próprias no que se refere ao número de pessoas necessárias para construir a casa. Também como já foi dito, pessoas mais ou menos isoladas tendiam a se agregar a grupos familiares mais amplos, "aparentando-se" a ele. O mais comum, porém, é que depois de algum tempo na cidade, através de casamentos, laços de afinidade se estabelecessem, e embora nem sempre as pessoas se considerassem exatamente parentes elas passavam a se considerar como possuindo um número maior de conhecidos na cidade.

Zé e Mestre, por exemplo, se consideravam simplesmente "colegas" apesar de, do ponto de vista estrito das regras de parentesco, serem indivíduos ligados por laços de afinidade.

## BIBLIOGRAFIA

- BOTT, E.  
1957  
Family and Social Network. London: Tavistock Publications
- CARDOSO, M.M.; CANARGO, G.P.F. Sr; KONA-RICK, L.  
s/data  
Consideraciones sobre el Desarrollo de São Paulo: Cultura y Participación. In Imperialismo e Urbanización en America Latina. H. Castells, ed. Editorial Gustavo Gili S/A. Barcelona
- CASTELLS, H.  
1972  
Problemas de Investigación en Sociología Urbana. Siglo XXI Argentina Ed. S/A. Buenos Aires
- CLARKE, E.  
1966  
My Mother Who Fathered Me. London: George Allen and Unwin Ltd.
- DEPTO INTER-SINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS  
1974  
1975  
Informes Estatísticos. Dezembro. São Paulo  
Informes Estatísticos. Abril. São Paulo
- DUREAN, E.R.  
1973  
A Caminho da Cidade. Coleção Debates, Vol. 77. Editora Perspectiva. São Paulo
- EPSTEIN, A.L.  
1969  
The Network and Urban Social Organization. In Social Networks in Urban Situations. J. C. Mitchell, ed. Manchester: University Press
- FORTES, H.  
1966  
Introduction. In The Developmental Cycle in Domestic Group. J. Goody, ec. Cambridge: University Press

- GLUCKMAN, H.  
1964  
Closed Systems and Open Minds: The Limits of Naivety in Social Anthropology. Edinburgh: Oliver and Boyd
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
1972  
Diagnóstico da 5ª Região Administrativa. Secretaria da Economia e Planejamento. Coordenadoria de Ação Regional. São Paulo
- LEMOS, G.  
s/data  
A Casa Popular. Mimeografado. Trabalho executado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo sob a orientação do autor. FAU/USP. São Paulo
- MAGALHÃES, H.M.A.  
et al.  
s/data  
Um Projeto como Sistema de Relações: Uma Pré-Sintaxe Aberta à Improvisação e a Significações ainda não Constituídas. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte
- MARTINEZ-ALBER, V.  
1975  
As Mulheres do Caminhão de Turma. Revista Debate e Crítica nº 5. São Paulo
- MARK, K. e ENGELS, F.  
1950  
The 18 th. Brumaire of Louis Bonaparte. Selected Works, Vol. I. Foreign Languages Publishing House, Lawrence and Wishart. (Publicado pela primeira vez em 1950-1852).
- MAYER, A.G.  
1968  
The Significance of Quasi-Groups in the Study of Complex Societies. In The Social Anthropology of Complex Societies. M. Banton, ed. ASA Monographs, nº 4. London: Tavistock Publications
- MITCHELL, J.G.  
1959  
The Causes of Labour Migration. Bulletin of the Inter-African Labour Institute, Vol. XI
- 1968  
Theoretical Orientations in African Urban Studies. In The Social Anthropology of Complex Societies. M. Banton, ed. ASA Monographs, nº 4. London: Tavistock Publications

- MITCHELL, J.C.  
1969  
The Concept and Use of Social Networks. In Social Networks in Urban Situations. J.C. Mitchell, ed. Manchester: University Press
- PREFEITURA MUNICIPAL  
DE CAMPINAS e SIRETE  
S/A  
1970  
Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado: Volume II-D. Estudos Setoriais. Quadro 20. Campinas
- VIII RECENSEAMENTO  
GERAL DO BRASIL  
1970  
Tabulações Avançadas do Censo Demográfico: Resultados Preliminares. Rio de Janeiro: IBGE
- RODMAN, H.  
1959  
On Understanding Lower-Class Behaviour. Social and Economics Studies, nº 8, December.
- SIMIEL, G.  
1973  
A Metr pole e a Vila Mental. In O Fen meno Urbano. O.G. Velho, organizador. Textos Básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- SMITH, H.G.  
1962  
West Indian Family Structure. Seattle: University of Washington Press
- 1966  
Introduction. In My Mother Who Fathered Me. E. Clarke, author. London: George and Unwin Ltd.
- SMITH, R.E.  
1956  
The Negro Family in British Guiana. London: Routledge and Kegan Paul
- UNITED NATIONS  
1968  
Yearbook of National Accounts Statistics. New York
- YOUNG, M. e MOTT, P.  
1962  
Family and Kinship in East London. London: Penguin Books

A H E X O S

ANEXO I

Bairros que compõem a Zona 14:

1. Campos Elíseos (que dá nome à zona)
2. Jardim Euro-Continental
3. Jardim Anchieta
4. Jardim das Bandeiras
5. Vila Castello Branco (financiado pelo Sistema BNH)
6. Jardim Conceição
7. Jardim Fernandópolis
8. Jardim Garcia (financiado pelo Sistema BNH)
9. Jardim Indianópolis
10. Jardim Icarai
11. Jardim Ipiranga
12. Parque Ipiranga
13. Jardim Itacy
14. Jardim Itajá
15. Jardim do Lago
16. Jardim Londres (local da pesquisa)
17. Vila Mimosa
18. Jardim Mocim
19. Jardim Novos Campos Elíseos
20. Jardim Paulicéia
21. Vila Pompéia
22. Jardim Santa Amália
23. Jardim Stola

Pertencem ainda à Zona 14:

1. Trecho da Estrada de Ferro Sorocabana (FEPASA)
2. Trecho da Rodovia Anhanguera
3. Trecho de 2 marginais da Anhanguera, entre elas a J.B. Dunlop, que atravessa o Jardim Londres
4. Trevo da Bosh, importante cruzamento da Rodovia Anhanguera

ANEXO II

DADOS REFERENTES AO PLANO DIRETOR DE CAMPINAS, REALIZADO PELA SERETE S/A  
1969/70

## ZONA 14 (denominada Campos Elíseos)

ÍNDICE	Zona 14	Campinas
01 Área	1.708 ha	8.332 ha
02 Área urbanizada	847 ha	6.229 ha
03 Área urbana efetivamente ocupada	590 ha	5.866 ha
04 População	15.437 h	296.919 h
05 Densidade bruto global	9	36
06 Densidade bruta	18	54
07 Faixa de renda (média)	D	
08 Faixa de renda (moda)	D	
09 Densidade de saturação	80	
10 População de saturação	116.480 h	597.430 h
11 População de saturação m/popul.	101.043 h	300.511 h
12 Declividade 15%	279 ha	1.079 ha
13 Declividade	16,90%	13,0%
14 Preço médio do terreno	7,00 m <sup>2</sup>	42 m <sup>2</sup>
15 Atendimento de água	0,15	0,55
16 Atendimento de esgoto	0,00	0,46
17 Atendimento de pavimento	0,10	0,43
18 Atendimento de iluminação pública	0,20	0,59
19 Atendimento de telefone	0,00	0,48
20 Atendimento de correio	0,00	0,44
21 Atendimento (índice geral)	0,05	0,29
22 Custo de água	0,15	0,55

ÍNDICE	Zona 14	Campinas	
23	Custo de esgoto	0,00	0,89
24	Custo de pavimentação	0,60	0,89
25	Custo de iluminação	0,20	0,65
26	Custo (índice geral)	0,09	0,34
27	Investimento global (coeficiente)	162,20	2.818,47
28	Investimento global (moeda) Cr\$ 10 <sup>6</sup>	26,44	459,40
29	Investimento global/habitante (Cr\$)	1.710,00	1.530,00
30	Transporte público (viagens de ônibus por dia)	396,00	
31	Transporte público (índice geográfico)	2	
32	Transporte público (índice habitante)	25	
33	Transporte público (relativo %)	14	

#### Uso do Solo

34	Comércio e Serviços	1,91 ha	142,22 ha
35	Comércio e Serviços (m <sup>2</sup> /hab)	1,20	4,90
36	Comércio e Serviços (%)	0,10	1,80
37	Vazios	1.118 ha	2.352 ha
38	Vazios (m <sup>2</sup> /hab)	722	79,50
39	Vazios (%)	65,20	28,30
40	Indústria	1,88 ha	137,96 ha
41	Indústria (m <sup>2</sup> /hab)	1,22	4,60
42	Indústria (%)	0,10	1,70
43	Institucional	5,82 ha	364,47 ha
44	Institucional (m <sup>2</sup> /hab)	3,77	12,20
45	Institucional (%)	0,30	4,40
46	Livre verde	81,93 ha	535,65 ha
47	Livre verde (m <sup>2</sup> /hab)	53,07	16,20

	Zona 14	Campinas	
48	Livre verde (%)	4,76	5,71
49	Vias	444,00 ha	1.949,80 ha
50	Vias (m <sup>2</sup> /hab)	286,50	65,70
51	Vias (%)	26,00	23,70
52	Habituação	54,45 ha	2.825,92 ha
53	Habituação (m <sup>2</sup> /hab)	35,30	80,16
54	Habituação (%)	3,54	41,40
55	População economicamente ativa	8.160	97.151
56	População economicamente ativa (%)	8,34	100
57	Total de empregos (nº)	5.190	63.535
58	Total de empregos (%)	8,20	100
59	Total de empregos (n/hab.)	3,04	7,63
60	Total de empregos (n/hab.)	0,289	0,214

#### Empregos por Setor de Atividade

61	Indústria	4.105	17.045
62	Indústria (%)	24,10	100
63	Comércio (nº)	349	19.030
64	Comércio (%)	1,83	100
65	Serviços (nº)	72	17.357
66	Serviços (%)	0,42	100
67	Bancos (nº)	0,00	1.903
68	Bancos (%)	0,00	100
69	Emsino (nº)	471	5.685
70	Emsino (%)	8,24	100
71	Saúde (nº)	0,00	2.515
72	Saúde (%)	0,00	100

	Zona 14	Campinas	
73	Ensino primário (escolarizável (7 <sup>a</sup> -10 <sup>a</sup> ))	1.403	26.890
74	Ensino primário (nº matrículas)	4.699	26.978
75	Ensino primário (% de atendimento)	0,30	0,091
76	Ensino de 1º e 2º ciclo (escolarizável) (11 <sup>a</sup> -14 <sup>a</sup> ; 15 <sup>a</sup> -18 <sup>a</sup> )	2.638	50.782
77	Ensino de 1º e 2º ciclo (nº matrículas)	225	24.232
78	Ensino de 1º e 2º ciclo (% atendimento)	0,10	0,082

#### Observações:

A renda média mensal e a moda foram agrupadas nas seguintes classes:

- A — mais de Cr\$ 1.200,00
- B — de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1.200,00
- C — de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 800,00
- D — menos de Cr\$ 500,00

- Ítem 15 a 20: Os índices correspondem à relação entre área atendida e área total da zona, fazendo o atendimento total igual a 1.
- Ítem 21: Média aritmética dos índices de cada atendimento.
- Ítem 22 e 24: Os índices do custo correspondem aos índices de atendimento multiplicados pelos pesos 1,2 e 6, representando estes a participação, respectiva, dos custos de água, esgoto, pavimentação e iluminação pública, no custo total destes equipamentos por ha igual a Cr\$ 163.000,00
- Ítem 26: Média ponderada dos índices de custo.
- Ítem 27: Índice geral de custo multiplicado por área da zona.
- Ítem 28: Coeficiente de investimento global multiplicado por Cr\$ 163.000,00.
- Ítem 30 e 31: Ver explicação no capítulo sobre Sistema Viário e de Transporte.

ANEXO III

## O APROVEITAMENTO DO ESPAÇO

1. O Interior da Moradia

A promiscuidade no interior das moradias, mesmo nos barracos maiores, era um fato inevitável. Por mais que as mulheres tentassem mantê-las limpas, arrumando e varrendo, havia elementos que não estava em suas mãos combater e vencer, tais como a trazida pelo vento, que entrava pela moradia a dentro sem encontrar muitos obstáculos, os cheiros, os ruídos de fora, e a proliferação de insetos em virtude de poças d'água e amontoados de lixo e finalmente a dificuldade de conseguir água em virtude da inexistência de esgoto, ou de outra forma qualquer adequada para obtê-la em boa quantidade. Ficar "dentro de casa" não era, portanto, muito agradável, e as pessoas costumavam desempenhar várias tarefas fora dela, onde diziam ser "mais gostoso", "melhor", "mais fresco". Durante inúmeras visitas que realizei não me admirava de passar grande parte do tempo conversando "fora da casa" pois era onde as pessoas realmente ficavam quando não estavam desempenhando funções que tinham que ser especificamente feitas dentro dela, como dormir, fazer comida, comer (os adultos, porque as crianças comiam onde queriam), ou receber visitas de "mais cerimônia". Mesmo cozinhar, quando desempenhada em fogão de barro, ou tijolo, era uma função executada fora de casa, bem como a limpeza dos utensílios domésticos.

Dada a exiguidade do espaço, havia muita preocupação com o arranjo referente à forma de dormir, separando meninos de meninas, e os "grandes" dos "pequenos" e raras foram as moradias em que o problema deixou de mencionado.

As divisões internas dentro dos barracos ou das casas surgiam, portanto, como uma necessidade, quando havia pessoas de diferentes sexos, adultos, residindo juntos, aumentando ainda mais quando as crianças começavam a crescer. Quando eram pequenas, "nenês", podiam dormir na mesma casa com os pais, e à medida que iam crescendo podiam dormir juntos irmãos e irmãs, mas quando os meninos mais velhos começavam a ir à escola, lá por volta dos 7 anos, já estava na "hora de separar". Em alguns casos, evidentemente, tais aspirações eram difíceis de ser preenchidas, e se apelava então para fórmulas alternativas: crianças de um determinado sexo dormiam "na cabeceira" (da cama), enquanto que crianças de outro dormiam "nos pés", ou ainda, sendo necessário e inevitável que tivessem que dormir no mesmo quarto, crianças de um sexo dormiam "na cama", e as de outro "no chão".

Nunca ouvi nenhum caso de relações incestuosas ser comentado, nem nunca chegou ao meu conhecimento tentativas de abuso de pessoas mais velhas, homens, principalmente, contra crianças. O que os pais temiam, ou diziam temer, eram alguns "pensamentos" ou "idéias meio assim", "ruins", que poderiam partir notadamente dos meninos quando começassem a frequentar a escola. Temiam que a "curiosidade" os levassem a "mexer" ou "bulir" com as meninas, ou com os "mais pequenos", independente do sexo. A busca da privacidade e a prevenção antes que as "coisas acontecessem", era, bem ou mal, tentada pelo menos do ponto de vista ótico, através das divisões internas feitas de tabiques (madeira muito fina), a presença de um armário, ou simplesmente recorrendo-se a um pedaço de pano estendido e preso por arame ou prego. O fato da casa ser "de tijolo", vale dizer, não impedia que divisões internas feitas daqueles materiais fossem utilizadas, pois como foi discutido no texto, os tipos de casas construídas pelos moradores, em termos de capacidade, continuavam sendo exíguas para o nú

mero médio de pessoas que residia em cada uma delas (ver Figura 3.1), e soluções provisórias tinham que continuar sendo tomadas.

No começo do trabalho de campo, quando entrava na casa das pessoas, a impressão que eu tinha era que elas estavam em permanente estado de desordem e sujeira. Foi só depois de algum tempo que comecei a perceber uma certa regularidade nos arranjos, comum a quase todos os barracos e casas. As mulheres tendiam a fazer pouco de sua própria arrumação quando conversavam comigo, e diziam que "casa de pobre é assim bagunçada", "sempre suja", e que "não para limpa". Diziam "não ligar muito" para limpeza, pois se sentiam "sem coragem" para limpar um lugar que "vive" sempre sujo, e onde a limpeza "não aparecia".

Entretanto, não desistiam facilmente. Havia mulheres que carregavam latas e latas de água (\*) para casa para fazer a comida, limpar utensílios, molhar a terra para não "levantar poeira", ou então para lavar roupa. Criticavam as mulheres vizinhas ou da família que estendiam roupa "amarelada" ou "fedida" no varal, e chamavam-nas de "relaxadas" e "sujas".

## 2. Utilização da Área Externa

A área externa, ou seja, a área não construída do lote, recebia diversas denominações, sendo comum o emprego do termo "fora", dizendo-se coloquialmente "aí fora", "lá fora", "prá fora", etc. "Quintal" e "frente" também eram expressões ouvidas, mas implicavam em usos bem específicos do espaço, sendo quase sempre utilizados quando se tratava de casas de "tijolo", e não de barracos, já que o caráter destes não supunha a existência de tais elementos. As variações mais comuns do uso que se fazia do espaço "lá fora" eram:

(\*) Em geral eram lotes de 5 quilos.

ÁREA EXTERNA COM  
VEGETAÇÃO

A vegetação predominante era o que comumente se denomina "mato", e não passava de um prolongamento da vegetação que crescia fora dos limites do lote, na rua, ou em algum dos espaços vazios vizinhos, correspondentes a lotes sem moradias. Esta invasão era mais comum quando a propriedade não se encontrava cercada de muros, e como este era um dos últimos elementos que eram acrescentados à casa, é fácil entender porque a maior parte dos lotes vivia constantemente assolada pelo mato. As mulheres não faziam objeção a que uma parte "de fora" da casa ficasse coberta de verde, pois isso era bom para estender a roupa, o que não gostavam, porém, era que a vegetação chegasse muito "perto" ou que invadisse os caminhos que conduzissem "prá rua", "prá cozinha" (\*), "pro tanque", ou "pro poço", pois quando localizado nos limites do lote, o mato ainda podia ser controlado e tinha sua utilidade como cerca natural, mas quando "virava mataria" muito perto de casa tornava-se uma ameaça para as pessoas, principalmente as crianças, já que havia o perigo constante de aparecer escorpiões, aranhas, e até cobras.

Se a área onde hoje está o bairro algum dia possuiu árvores, estas foram todas cortadas durante o processo de loteamento, e só uma ou outra casa é que tinha um manoeiro, um limoeiro ou bananeira. Árvores de grande porte, ou floridas, encontravam-se totalmente ausentes.

Havia a presença de alguns arbustos pequenos, mas também em número insignificante, e quase sempre mantidos em virtude de seus poderes medicinais, como era, por exemplo, o caso da losna.

Uma outra categoria de "verde", nos quintais ou "fora" de casa, eram as "plantinhas" que algumas mulheres cuidavam em extremo cuidado, e que se encontravam plantadas na terra ou em latas. Algumas

---

(\*) Onde estava situada a fossa.

dessas "plantinhas" haviam sido apanhadas no meio do "mato" que havia por ali, outras haviam sido oferecidas por alguma vizinha, ou abatidas fora dali. As "plantinhas" favoritas eram as que tinham algum valor medicinal, como a artemisa (para cólicas menstruais, e durante o puerpério), ou a hortelã (para gripe, resfriado, dor de barriga de criança, "nervoso"); as que "davam sorte", como guiné e aruda; ou aquelas que as mulheres achavam "bonitas", como a avenca, a samambaia, "comigo ninguém-pode", etc.

ÁREA EXTERNA OCUPADA POR HORTA, JARDIM, OU POMAR  
Inexistiam pomares, havendo, como já foi dito, apenas uma ou outra árvore frutífera, esparsamente plantada. Hortas também eram raras, principalmente porque os lotes não eram cercados, e as pessoas queixavam-se de constantes roubos nas plantações. Em lotes murados era mais fácil encontrar algum canteirinho de couve, cheiro-verde, ou tomateiro, ou seja, "uma terrinha plantada", que era como diziam.

Jardim, na forma como era entendido no bairro, significava uma coleção de flores plantadas de forma mais ou menos organizada na "frente" da casa, "que nem em casa de rico". Por isso mesmo, evitavam o termo e costumavam dizer que pobre não tem essas coisas, e as mulheres referiam-se ao que tinham com "minhas florzinhas", "meu canteirinho", "minhas roseiras" ou jocosamente "jardim de pobre".

ÁREA EXTERNA OCUPADA PARA GALINTEIRO, CHIQUEIRO, OU OUTRO ANIMAL

Poucos moradores possuíam "criação", que era o termo que usavam para indicar a manutenção de animais, e isto se devia, assim como no caso das verduras, ao elevado número de roubos, principalmente ovos. Em geral, os "culpados" eram da "Castello Branco" ou do "terreno da Prefeitura",

mas raramente se atribuía o fato a alguém do bairro, e quando o faziam, mencionavam um vago "uns moleques". A impossibilidade de alimentar bem a "criação" era outro fator que impedia sua existência, como era o caso dos porcos cuja alimentação (lavagem) consistia de restos de comida misturada. Cachorros eram mais comuns que gatos, que existiam mas não eram de ninguém. As crianças gostavam muito de cães, e viviam "arrumando" cachorrinhos novos, que não raro morriam ainda pequenos.

#### ÁREA EXTERNA

Esta era a opção mais rara. Primeiro,

#### CIMENTADA

porque só era tomada quando a casa já

se encontrava na fase final da construção, e muito poucas se encontravam nesse estágio. Segundo, porque mesmo que esta fase houvesse sido atingida, as pessoas nem sempre optavam por cimentar toda a área já que muitos diziam gostar de "ter um cantairinho", "umas plantinhas", ou "uma terrinha pré mexer". As únicas partes do terreno que gostavam de cimentar eram a "frente", as passagens entre a casa e a cozinha, e a área próxima ao tanque, que gostavam de proteger com um "ranchinho" (em geral de madeira e coberto de telhas).

Estas eram as soluções reais mais comumente dadas às áreas externas dos lotes, apesar de que quase todos os moradores costumavam dizer que gostariam que fosse assim: terem sua casa (de tijolo, popular, 1 ou 2 quarto), "uns cômodos" no fundo (em geral 1 quartinho de tijolo ou um sólido barraco de tábuas) e "um jardimzinho" na "frente", com umas florzinhas, e "lá fora" no quintal, gostariam de ter "umas verduras", "criar uns franguinhos" ou "ter uma criação", todas essas coisas de fora que desse "pro gosto". Se tivessem isso não pediriam mais nada da vida ou "pré Deus", preocupando-se apenas em criar bem os filhos, e "cuidar da saúde", que "isso sim é que é riqueza do pobre".

### 3. Tipo de Planta e Principais Modificações

De acordo com cada tipo de planta, foram as seguintes as principais modificações que percebi serem efetuadas:

a) Moradias construídas de acordo com o projeto de Construção de Habitação Econômica Tipo P7A, de 25 m<sup>2</sup> (\*), que consta de cozinha, quarto e banheiro (3 cômodos). No bairro, estas moradias eram em geral construídas com o lado posterior encostado nos limites do fundo do lote, ou então nos seus limites laterais.

As principais variações em torno de sua construção eram: nem sempre o banheiro era feito, o que tornava maior o espaço reservado para o quarto ou cozinha. Estes, então, eram subdivididos por cortinas, móveis, ou tabiques, e "viravam" outros quartos. No caso de existir o cômodo originalmente destinado a banheiro, ele não era necessariamente usado para os fins previstos na planta, tornando-se mais um "quarto", a "casinha" continuava "lá fora", e os banhos, no caso, eram tomados nos cômodos reservados à cozinha, quartos, ou em algum "franchinho" fora de casa.

b) Moradias construídas de acordo com o projeto de Construção Econômica tipo P7, de 41 m<sup>2</sup>, que consta de cozinha, sala, quarto e banheiro (4 cômodos).

Como as de 25 m<sup>2</sup>, encontravam-se erguidas nos fundos ou num dos lados do lote. As variações mais comuns também se referiam ao banheiro, que ficava entre o quarto e a sala, e que era usado da mesma forma que os do caso anterior. Isto quer dizer que "lá fora", na parte externa da casa, ficava a "cozinha", de uns 2m<sup>2</sup>, e algum

(\*) Todas as especificações referem-se a plantas do Tipo de Habitação Econômica fornecidas pela Prefeitura Municipal, e agradeço ao Departamento de Urbanismo o acesso que tive a esses dados.

"ranchinho", que constituíam presenças parcos em quase todos os lotes do bairro.

c) Moradias construídas de acordo com o projeto de Construção Econômica tipo P2A, P2C, e P2B, que basicamente constam de 2 quartos, sala, cozinha, e banheiro, e ocupam  $49,85 \text{ m}^2$  de área (5 cômodos).

Novamente aqui, o banheiro não era usado para todas as finalidades projetadas, embora, raramente fosse usado como quarto. O mais comum era que servisse como local para as pessoas tomarem banho (sem que isso queira dizer que o chuveiro estivesse instalado), ou como um lugar para os moradores guardarem material de construção, ferramentas, ou outros objetos que não quizessem deixar "lá fora", ao alcance de ladrões. O uso distinto do banheiro nesse caso em relação às plantas anteriores, era em razão da casa ser maior, permitindo maior variação.

Foi entre as moradias desses tipos que constatei o maior número de demolições durante o processo de construção, bem como um maior número de modificações em relação à planta original. Nenhuma das plantas, por exemplo, trazia projetado o "abrigo", e no entanto era muito comum encontrá-lo sendo construído no final do processo de construção já que as pessoas diziam "gostar" desse elemento adicional de a casa. Em função dessas demolições e alterações havia, não raro, inversões na colocação de portas e janelas.

d) Moradias construídas de acordo com os projetos de Construção de Habitação Econômicas tipos P1A, P1C, e P1D, que constam de 2 quartos, um de  $3,10 \times 3,15 \text{ m}$  e outro de  $3,25 \times 2,00 \text{ m}$ , sala, cozinha e banheiro, ocupando uma área total de  $49,95 \text{ m}^2$  (5 cômodos).